

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MATHEUS SEVERO RAMOS

SIMBOLIZANDO O ESTÁDIO PELOS RITOS DO TORCER: O
CASO DA RELAÇÃO DA TORCIDA DO SANTA CRUZ F. C.
COM O ESTÁDIO DO ARRUDA

CURITIBA

2025

MATHEUS SEVERO RAMOS

SIMBOLIZANDO O ESTÁDIO PELOS RITOS DO TORCER: O CASO
DA RELAÇÃO DA TORCIDA DO SANTA CRUZ F. C. COM O
ESTÁDIO DO ARRUDA

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, curso de Doutorado, Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Geografia.

Orientação: Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho

CURITIBA

2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Ramos, Matheus Severo

Simbolizando o estádio pelos ritos do torcer: o caso da relação da torcida do Santa Cruz F. C. com o Estádio do Arruda. / Matheus Severo Ramos. – Curitiba, 2025.

1 recurso on-line : PDF.

Tese – (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências da Terra, Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho

1. Futebol - Torcedores. 2. Estádios. I. Universidade Federal do Paraná. II. Programa de Pós-Graduação em Geografia. III. Gil Filho, Sylvio Fausto. IV. Título.

Bibliotecária: Roseny Rivelini Morciani CRB-9/1585



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO GEOGRAFIA -
40001016035P1

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação GEOGRAFIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **MATHEUS SEVERO RAMOS**, intitulada: **Simbolizando o estádio pelos ritos do torcer: o caso da relação da torcida do Santa Cruz F. C. com o Estádio do Arruda.**, sob orientação do Prof. Dr. SYLVIO FAUSTO GIL FILHO, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 25 de Abril de 2025.

Assinatura Eletrônica

14/05/2025 12:54:46.0

SYLVIO FAUSTO GIL FILHO

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

27/05/2025 10:26:02.0

CAIO AUGUSTO AMORIM MACIEL

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO)

Assinatura Eletrônica

14/05/2025 11:35:30.0

MARCOS ALBERTO TORRES

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

03/06/2025 17:08:53.0

FERNANDO ROSSETO GALLEGU CAMPOS

Avaliador Externo (INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA)

Assinatura Eletrônica

14/05/2025 17:47:41.0

DAVID TAVARES BARBOSA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ)

Dedico esta tese, a todos que se emocionam pelo Santa Cruz, em especial, meu pai, Jair, e meu irmão, Gabriel. Esta conquista é nossa, tricolores!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à Universidade Federal do Paraná, e em especial ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, pela oportunidade concedida, de realizar um sonho. Este agradecimento se estende a seus funcionários, que sempre ajudaram na resolução de dúvidas e problemas. Em especial, neste sentido, agradeço ao meu orientador, o Professor Sylvio Fausto Gil Filho, por todo o suporte, as contribuições para a pesquisa, a paciência e compreensão. Por todas as orientações, e pela parceria no desenvolvimento desta tese, meus mais sinceros agradecimentos Professor Sylvio.

Além do meu orientador, gostaria de agradecer também, aos demais professores do PPGGEO com quem tive a oportunidade de ter aulas durante este doutorado, e que contribuíram para a conclusão desta pesquisa. É o caso dos Professores Francisco de Assis Mendonça, Adilar Antonio Cigolini, e o Professor Marcos Alberto Torres.

No contexto desta tese, também gostaria de agradecer aos professores David Tavares Barbosa e Fernando Rosseto Gallego Campos, pelas suas inestimáveis contribuições, interesse, e auxílio para o desenvolvimento desta tese. Sou muito grato por suas sinceras e dedicadas arguições.

Gostaria de agradecer também, aos meus amigos, que com o que parece simples, afeto, me fortaleceram diversas vezes durante o processo de desenvolvimento desta tese. Durante estes anos, senti o fortalecimento de amizades de longa data, como é o caso de Marina, João, Ana Luísa, Bruno Ulysses e Joanna, que estiveram do meu lado nos piores e nos melhores momentos desta jornada. Honestamente, eu não sei se esta tese seria possível sem vocês. Para Ana Luísa, Bruno e Joanna, um agradecimento especial, por compartilhar vários momentos de angústia, sofrimento e esperança pelo nosso querido Santa Cruz, nas arquibancadas do Arruda. Aproveito este espaço de agradecimento à minha rede de afeto, para agradecer minha companheira, Dandara, uma das pessoas que também mais me acolheu e meu deu forças, para conclusão desta tese. Muita gratidão por você, Dara!

Em uma tese que envolve o Santa Cruz, eu preciso realizar um agradecimento especial à minha família. Primeiro, a minha mãe, Maria das Graças. Mãe, obrigado por torcer por mim, por me apoiar, e nunca ter largado minha mão. Sobretudo, agradeço por sua fé, que sempre sinto que fortalece os meus caminhos. Sobre sua fé, inclusive,

agradeço por cada vez que fui ao Arruda para torcer pelo Santa, e ao passar pela porta, ouvia seu Boa Sorte, aquilo pra mim, era como uma benção para trazer a vitória, sobretudo nos jogos mais difíceis. Em seguida, agradeço ao meu pai, Jair, e meu irmão mais velho, Gabriel. Se não fosse por vocês dois, realmente esta tese nunca seria realizada, por um motivo simples, eu herdei dos dois, ao mesmo tempo, o amor pelo nosso Tricolor do Arruda. Desde a minha adolescência, nos jogos do Santa acompanhado por um, ou pelo outro, ou os três juntos, vivi momentos dos mais felizes, dos mais mágicos da minha vida. Espero que possamos ir, nós três juntos, para muitos e muitos jogos do nosso Santinha. Obrigado por esse amor herdado, pelas histórias que vivemos, as análises que fizemos de jogador A ou B, das projeções, das risadas, das frustrações, e das lágrimas, sobretudo, as de alegria pelo nosso Santa. Obrigado, família!

Para finalizar, quero realizar um agradecimento especial ao Santa Cruz, que pra mim, as vezes parece uma pessoa, um amigo, com certeza é uma entidade, eu sinto isso, e ao longo desta tese, tive certeza de que de fato é uma entidade. Aproveito para agradecer também, ao que pessoalmente entendo que é também é o Santa Cruz, sua torcida, seu estádio e seus atletas. Para torcida, muito obrigado pelas contribuições para esta pesquisa, por compartilhar este amor comigo, e por fazer nosso clube querido. Aos atletas, agradeço a todos que vi honrarem este clube ao longo dos anos, muito obrigado por se dedicarem ao nosso querido Santa! E ao Arruda, que pra mim, é uma segunda casa na vida, possivelmente o meu lugar favorito no mundo, obrigado por me acolher, mesmo nas vezes que os agentes que gerenciam você, não acolheram, por você sim, eu sempre me senti acolhido. Por fim, Santa Cruz, esse amigo que não tem corpo e rosto, pelo menos não da forma convencional, obrigado por todos os momentos felizes que você me proporcionou e irá me proporcionar ainda. Eu sinto muito pelos momentos difíceis, pra mim, enquanto seu torcedor, o pior sentimento com as derrotas, os rebaixamentos e demais frustrações, é o de impotência, gostaria de fazer mais por você, e por isso sinto muito. Mas como diz a música entoada no Arruda, Santa Cruz, minha paixão, nunca negarei que sou tricolor, sempre vou te amar, nunca vou te abandonar!

*O Santa Cruz nasceu, e viverá
eternamente!*

RESUMO

O futebol é um fenômeno sociocultural brasileiro, que provoca mobilizações pelas diversas regiões do país, dos campos de várzea, à estádios onde os jogos são acompanhados por dezenas de milhares de pessoas. Com relação aos estádios, percebemos durante os jogos de futebol, diversas e variadas manifestações nas arquibancadas, por parte dos torcedores, que modificam significativamente esses espaços. A partir destas manifestações de torcidas, os estádios podem ser compreendidos enquanto espaços simbólicos, uma vez que ganham contornos culturais e afetivos para quem os vivenciam, sobretudo, os fãs dos clubes de futebol, que ocupam esses espaços, motivados pelo simples desejo de estarem presentes nas partidas esportivas. Neste sentido, o estádio que seria um espaço *a priori* lúdico, onde jogos esportivos são realizados, passaria através das vivências ativas dos torcedores, a serem espaços com uma possível dimensão mítica, no sentido de mítico, pensado pelo filósofo Ernst Cassirer. Com base nisto, a partir do contexto da relação da torcida do Santa Cruz Futebol Clube, de Recife, Pernambuco, com o clube, e o estádio, conhecido popularmente como Estádio do Arruda, esta tese apresenta o seguinte objetivo: Compreender como o Estádio do Arruda se torna espaço simbólico mítico e lúdico. Esta pesquisa foi construída através do método fenomenológico, sendo executada através de revisão bibliográfica, entrevistas, e atividades de campo ao Estádio do Arruda em dias de jogos, para testemunhar através da prática de pesquisa participante, as vivências destes torcedores neste local. Além disso, através de entrevistas voltadas as percepções dos torcedores acerca do clube e do estádio, dados acerca da importância simbólica e emocional das vivências foram levantados. A partir destes procedimentos, foi possível concluir que de fato, o Estádio do Arruda é um espaço simbólico mítico e lúdico, onde uma vez vivenciado, de maneiras e intensidades diferentes, torcedores criam memórias, atribuem significados, sentem pertencimento com o estádio, e com o clube. Foi possível constatar também, a importância que os momentos que antecedem e sucedem os jogos, são fundamentais para o torcer. Durante os duelos, se percebeu que há uma relação de influência mútua construída entre torcedores na arquibancada, e jogadores no campo. Na relação entre clube e estádio, é possível perceber que os torcedores compreendem o Estádio do Arruda, enquanto local de culto ao clube, local de encontro com o clube, percebendo o clube enquanto uma entidade, e associando o estádio como uma parte dessa entidade. A partir deste estudo, se espera contribuir com a ciência geográfica, fomentando estudos com metodologias fenomenológicas, construções teóricas em diálogo com a filosofia de Ernst Cassirer, e fomento de estudos sobre a temática do futebol, e dos estádios. Além disso, se espera contribuir com a compreensão social e acadêmica para importância dos estádios enquanto espaços simbólicos de manifestações culturais brasileiras.

Palavras-Chave: Futebol; Espaço simbólico, Mítico, Lúdico; Torcidas.

ABSTRACT

Football is a Brazilian sociocultural phenomenon, which provokes mobilizations across different regions of the country, from floodplain fields to stadiums where games are watched by tens of thousands of people. Regarding stadiums, during football games, we noticed several and varied manifestations in the stands, on the part of fans, which significantly modify these spaces. Based on these fan demonstrations, stadiums can be understood as symbolic spaces, as they gain cultural and emotional contours for those who experience them, especially football club fans, who occupy these spaces, motivated by the simple desire to be present in sports matches. In this sense, the stadium, which would be, a priori, a playful space, where sports games are held, would become spaces with a possible mythical dimension, in the sense of mythical, thought by the philosopher Ernst Cassirer, through the active experiences of the fans. Based on this, from the context of the relationship between the fans of Santa Cruz Futebol Clube, from Recife, Pernambuco, with the club, and the stadium, popularly known as Estádio do Arruda, this thesis presents the following objective: Understanding how through experiences of Santa Cruz Futebol Clube fans, the Arruda Stadium becomes a symbolic space. This research was constructed using the phenomenological method, being carried out through bibliographical review, interviews, and field activities at the Arruda Stadium on game days, to witness, through the practice of participatory research, the experiences of these fans in this location. Furthermore, through interviews focused on fans' perceptions of the club and the stadium, data on the symbolic and emotional importance of the experiences were collected. From these procedures, it was possible to conclude that, in fact, the Arruda Stadium is a mythical and playful symbolic space, where once experienced, in different ways and intensities, fans create memories, attribute meanings, feel belonging with the stadium, and with the club. It was also possible to see how important the moments before and after the games are for fans. During the matches, it was clear that there is a relationship of mutual influence built between fans in the stands and players on the field. In the relationship between club and stadium, it is possible to see that fans understand the Arruda Stadium as a place of worship for the club, a meeting place with the club, perceiving the club as an entity, and associating the stadium as a part of that entity. From this study, it is expected to contribute to geographic science, promoting studies with phenomenological methodologies, theoretical constructions in dialogue with the philosophy of Ernst Cassirer, and promoting studies about football and stadiums. Furthermore, it is expected to contribute to social and academic understanding of the importance of stadiums as symbolic spaces for Brazilian cultural manifestations.

Keywords: Football; Symbolic space; Mythical; Playful; Fans

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** - Registro da infância no Estádio do Arruda ----- Página 21
- Figura 2** - Lema com referência cristã no estádio do Corinthians/SP ----- Página 23
- Figura 3** – Caixões na arquibancada, com as cores da equipe adversária, representando a morte esportiva do rival -----Página 55
- Figura 4:** Mascotes de Fortaleza/CE (o leão) e Ceará/CE (o vovô) utilizados para charge em matéria esportiva -----Página 63
- Figura 5:** Manifestação festiva em arena moderna ----- Página 72
- Figura 6:** Estádio de Laranjeiras ----- Página 79
- Figura 7:** Estádio Vasco da Gama ----- Página 80
- Figura 8:** Fosso do Estádio do Arruda ----- Página 81
- Figura 9:** Reinaldo comemorando gol com punho levantado ----- Página 84
- Figura 10:** Fluxograma do futebol de clubes brasileiros ----- Página 90
- Figura 11:** Torcida organizada do São Paulo/SP, do modelo das segunda e terceira ondas ----- Página 93
- Figura 12:** Faixas trançadas de Barra Brava do Rosário Central – ARG ----- Página 94
- Figura 13:** Torcedores comemorando aniversário do Santa Cruz em frente à igreja homônima ----- Página 99
- Figura 14:** Teófilo de Carvalho, o Lacraia ----- Página 100
- Figura 15:** Publicação do Santa Cruz enaltencendo sua autoproclamada história antirracista ----- Página 103
- Figura 16:** Capa da notícia do milésimo gol de Pelé contra o Santa Cruz, publicada pela Gazeta Esportiva ----- Página 106
- Figura 17:** Campo do Derby atualmente ----- Página 107
- Figura 18:** Sedes e campos utilizados pelo Santa Cruz na cidade do Recife --- Página 108

Figura 19: Mapa do Bairro do Arruda, com a sede do Santa Cruz realçada em verde ---- -----	Página 109
Figura 20: O Estádio do Arruda no limite entre zonas abastardas a esquerda e zonas periféricas a direita -----	Página 110
Figura 21: Torcida do Santa Cruz afirmando que o “ <i>morro vai descer</i> ” -----	Página 111
Figura 22: Foto do Estádio do Arruda em supermercado -----	Página 112
Figura 23: Edifício com nome de ex-presidente do Santa Cruz -----	Página 113
Figura 24: Campo do Arruda -----	Página 114
Figura 25: Convocação de ajuda a torcida coral -----	Página 115
Figura 26: Estádio do Arruda para Taça Independência de 1972 -----	Página 117
Figura 27: Seleção do Irã com uniforme do Santa Cruz -----	Página 118
Figura 28: Exemplo da necessidade de reparos no Estádio do Arruda -----	Página 119
Figura 29: Estrutura de ferro exposta nas arquibancadas do Estádio do Arruda ----- -----	Página 120
Figura 30: Time feminino do Santa Cruz de 1983 -----	Página 138
Figura 31: Evolução do passivo do Santa Cruz (2011-2021) -----	Página 140
Figura 32: Outdoor com campanha contra presidente do Santa Cruz -----	Página 142
Figura 33: Metrô do Recife na RMR, com Terminal Integrado de Afogados marcado em amarelo, e Estádio do Arruda indicado por seta -----	Página 154
Figura 34: Torcedores do Santa Cruz aguardando ônibus no Terminal de Afogados ----- -----	Página 155
Figura 35: Torcedores do Santa Cruz surfando em ônibus -----	Página 157
Figura 36: Deslocamentos andando em grupo de torcedores do Santa Cruz visto de ônibus, no caminho para o jogo entre Santa Cruz x Campinense/PB -----	Página 159
Figura 37: Caminhada de torcida organizada -----	Página 160

Figura 38: Ônibus adornado com bandeira -----	Página 161
Figura 39: Mapa dos pontos de espacialização observados no entorno do Estádio do Arruda -----	Página 163
Figura 40: Rua preenchida com carros estacionados em decorrência de jogo ----- -----	Página 164
Figura 41: Rua sem presença de carros estacionados em dia cotidiano -----	Página 165
Figura 42: Concentração de torcedores antes de partida entorno do comércio no encontro das avenidas Beberibe e Professor José dos Anjos -----	Página 167
Figura 43: concentração de torcedores em frente a estabelecimento comercial ----- -----	Página 168
Figura 44: Concentração de torcedores na loja oficial do Santa Cruz antes de partida --- -----	Página 170
Figura 45: Torcedores diante da sala de troféus do Santa Cruz ----- -----	Página 171
Figura 46: Concentração de torcedores em bar na sede do Santa Cruz -----	Página 172
Figura 47: Torcedores do Santa Cruz em concentração no salão da sede do clube ----- -----	Página 173
Figura 48: Torcida do Santa Cruz recebendo atletas na chegada ao Estádio do Arruda -- -----	Página 174
Figura 49: Aglomeração para acesso ao Estádio do Arruda no ponto 8 da Figura 39 ----- -----	Página 175
Figura 50: Fila de torcedores para acessar o Estádio do Arruda no Ponto 8 da Figura 39 -----	Página 176
Figura 51: Torcedores entrando no Estádio do Arruda com jogo em andamento ----- -----	Página 176

Figura 52: Concentração de torcedores dentro de loja de conveniência, após partida ---- -----	Página 178
Figura 53: Concentração de torcedores em posto de gasolina após partida --	Página 179
Figura 54: Torcedores do Santa Cruz comemoram título na piscina da sede do clube --- -----	Página 180
Figura 55: Fuga de torcedores decorrente de conflitos após o empate entre Santa Cruz x Potiguar no dia 16 de julho de 2023 -----	Página 181
Figura 56: Setores do Estádio do Arruda -----	Página 186
Figura 57: Atletas no local de aquecimento da perspectiva da arquibancada da barra do canal -----	Página 188
Figura 58: Inferno Coral presente na arquibancada do canal -----	Página 190
Figura 59: Manifestação pirotécnica da Inferno Coral antes durante a entrada em campo da equipe do Santa Cruz -----	Página 191
Figura 60: Bandeirão puxado pela Inferno Coral após gol do Santa Cruz ----	Página 192
Figura 61: Faixa com os dizeres “Respeitem o SCFC (Santa Cruz Futebol Clube)” em meio a torcida Inferno Coral -----	Página 194
Figura 62: Estádio do Arruda esvaziado em decorrência de protesto -----	Página 195
Figura 63: Rede de torcidas organizadas aliadas a Inferno Coral -----	Página 196
Figura 64: Relações e simpatias entre torcedores de Santa Cruz e Bahia -----	Página 198
Figura 65: Torcedores do Santa Cruz buscando acesso ao setor atrás da barra do canal - -----	Página 199
Figura 66: Jogadores comemorando gol em frente a Inferno Coral -----	Página 200
Figura 67: Faixa da torcida Portão 10 realocada na grade que separa a arquibancada do escudo e a arquibancada da barra do canal -----	Página 201

Figura 68: Símbolo da Inferno Coral -----	Página 202
Figura 69: Faixa com frase histórica de um dos fundadores do Santa Cruz --	Página 203
Figura 70: Policiais dispersando torcedores -----	Página 207
Figura 71: Torcedores fugindo do setor da barra do canal para a arquibancada do escudo após conflito com policiais -----	Página 208
Figura 72: Arquibancada do canal ocupada com bandeirões -----	Página 211
Figura 73: Diferença de público presente entre os setores da arquibancada do escudo (em primeiro plano), e arquibancada da Rua das Moças (em segundo plano) ----- -----	Página 213
Figura 74: Torcida do Sport/PE como visitante no Estádio do Arruda -----	Página 214
Figura 75: Disposição tática do jogo visível na arquibancada do escudo -----	Página 215
Figura 76: Bandeirão da torcida Império Coral sendo aberto -----	Página 218
Figura 77: Símbolo da Raça Coral -----	Página 219
Figura 78: Manifestação do Movimento Coralinas -----	Página 220
Figura 79: Símbolo da torcida Coral Reggae -----	Página 221
Figura 80: Torcida Portão 10 no Estádio do Arruda -----	Página 222
Figura 81: Torcida Portão 10 sinalizada por suas faixas verticais na perspectiva da arquibancada -----	Página 223
Figura 82: Manifestação da torcida Portão 10 contra LGBTFOBIA associada a identidade do Santa Cruz -----	Página 225
Figura 83: Faixa da torcida Império Coral sendo vistoriada antes de partida ----- -----	Página 226
Figura 84: Torcidas na arquibancada do escudo, e faixa da Raça Coral na arquibancada superior -----	Página 227

Figura 85: Bandeirão tradicionalmente levantado pela Inferno Coral na arquibancada do escudo -----	Página 228
Figura 86: Faixa com os dizeres “O acesso é obrigação” -----	Página 229
Figura 87: Torcida no entorno da bateria na arquibancada do escudo -----	Página 230
Figura 88: Coreografias do torcer -----	Página 231
Figura 89: Visão de jogo da arquibancada superior -----	Página 232
Figura 90: Bandeirões espalhados por todo o estádio -----	Página 233
Figura 91: Faixas da torcida Raça Coral na arquibancada superior -----	Página 234
Figura 92: Torcida Raça Coral junto com membros da Inferno Coral, próximos da faixa do grupo, na arquibancada superior -----	Página 235
Figura 93: Perspectiva das arquibancadas sociais sobre o campo -----	Página 236
Figura 94: Jogadores na saída para os vestiários, com torcedores assediando atletas nas arquibancadas sociais -----	Página 238
Figura 95: Torcedores no setor de cadeiras cativas -----	Página 239
Figura 96: Cadeiras de honra e camarotes do Estádio do Arruda -----	Página 240
Figura 97: Faixa contra presidente do Sana Cruz -----	Página 245
Figura 98: Mascote coral interagindo com torcida -----	Página 256
Figura 99: Manifestação da torcida do Santa Cruz com luzes -----	Página 257

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABR	Abril
AC	Acre
AGO	Agosto
AL	Alagoas
ALN	Antônio Luis Neto
AM	Amazonas
ANTIFA	Antifacista
BA	Bahia
BANDEPE	Banco do Estado de Pernambuco
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CE	Ceará
CND	Conselho Nacional de Desportos
CONMEBOL	Confederação Sul-americana de futebol
COVID-19	Doença por coronavírus 2019
DEZ	Dezembro
DF	Distrito Federal
FEV	Fevereiro
FIFA	Federação Internacional de Futebol
GO	Goias
JAN	Janeiro

JUL	Julho
JUN	Junho
LGBTFOBIA	Termo que se refere ao ódio, preconceito e discriminação contra pessoas da comunidade LGBTQIAPN+
LGBTQIAPN+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, transexuais, travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binários, e demais orientações sexuais e identidades de gênero
LSP	Liga Sportiva Pernambucana
MAI	Maio
MAR	Março
MG	Minas Gerais
MS	Mato Grosso do Sul
NOV	Novembro
PB	Paraíba
PE	Pernambuco
PE-15	Nome popular de terminal de ônibus, em referência à rodovia estadual
POR	Portugal
PR	Paraná
RJ	Rio de Janeiro
RMR	Região Metropolitana do Recife
RN	Rio Grande do Norte
RS	Rio Grande do Sul
SAF	Sociedade Anônima de Futebol
SC	Santa Catarina
SCFC	Santa Cruz Futebol Clube
SE	Sergipe
SP	São Paulo

TOIC

Grêmio Recreativo Torcida Organizada
Inferno Coral

UEFA

União das federações europeias de futebol

SUMÁRIO

Prólogo	21
Introdução.....	23
Capítulo 1: O pontapé inicial: reflexões teóricas acerca da forma simbólica do mito e do lúdico	29
1.1. A importância de Ernst Cassirer para outras formas de se pensar Geografia.....	29
1.2. As formas simbólicas.....	30
1.3. O pensamento mítico.....	33
1.4. O pensamento lúdico.....	36
1.5. Os valores do futebol.....	43
1.5.1. Valores míticos e lúdicos do futebol	46
1.5.2. Os tensionamentos do jogo	53
1.5.3. Valores dos clubes.....	62
1.5.4. O lúdico diante de valores político e econômicos	64
1.6. Pensando o estádio de futebol enquanto espaço de manifestações simbólicas	68
Capítulo 2: O desenvolvimento do futebol	75
2.1. Origens do futebol	75
2.2. A chegada e popularização do futebol no Brasil	78
2.3. Influências políticas na expansão da popularidade do futebol no Brasil	80
2.4. Influências econômicas e a estrutura atual do moderno futebol brasileiro	86
2.5. As gerações de torcidas	92
3.1. Origem do futebol em Pernambuco.....	96
3.2. Santa Cruz Futebol Clube: uma mítica origem simples	98
3.3. O Bairro do Arruda	108
3.4. O Estádio do Arruda.....	114
3.5. Percepções atuais sobre a estrutura do Estádio do Arruda	119
3.6. Vitórias, derrotas, ídolos, trajetórias: histórias do gramado do Arruda como elementos do <i>ser santacruzense</i>.....	124
3.6. As demais modalidades esportivas do Santa Cruz	137
3.7. A crise esportiva do Santa Cruz futebol Clube	139
3.8. O mito do Santa Cruz Futebol Clube	146
Capítulo 4: Espacialidades do torcer iniciando o círculo mágico	152
4.1. Os caminhos do jogo	153
4.2. Espacializações nos arredores do estádio.....	162
Capítulo 5: Espacialidades no torcer: o jogo das/nas arquibancadas	185
5.1. Atrás da Barra.....	187

5.1.1. Espacialidades da Torcida Organizada Inferno Coral	189
5.1.2. Barra da Rua das Moças	212
5.2. Arquibancada do Escudo.....	214
5.3. Arquibancada Superior	231
5.4. Arquibancadas Sociais.....	236
5.5. Cadeiras cativas/camarotes	238
5.6. O jogo entre campo e arquibancada.....	242
Considerações Finais.....	264
Referências Bibliográficas:.....	268
Apêndices:.....	284
Anexos:.....	306

Prólogo

Acredito que não seria possível iniciar a apresentação desta tese de outra forma, do que, senão, relatando um pouco do pesquisador. Isso porque, no caso desta pesquisa, o autor faz parte do tema estudado, e é a partir desta relação, que permeia minha vida, que se iniciou esta tese. Nasci e cresci, em um lar “dividido”, pois enquanto eu, meu pai e meu irmão somos tricolores, minha mãe é alvirrubra, torcedora do Náutico, embora não acompanhe o rival assiduamente. A minha relação com o Santa Cruz é hereditária, o pai do meu pai o levava ao Arruda, e depois, meu pai apresentou a mim e ao meu irmão, o Santa Cruz. Minhas primeiras memórias envolvendo o Santa Cruz envolvem um jogo, no qual não possuo certeza de qual foi, contra quem foi, quando foi, e em qual campeonato foi. Acredito que tenha sido próximo dos anos 2000, contra o Marília/SP, porque lembro de estar saindo, ao fim do jogo, e ouvir comentários sobre esta equipe, que me levam a acreditar que o Santa ganhou o jogo. Na minha infância, diferente da maioria das pessoas, não tinha muito interesse por futebol, embora tenha ido a alguns jogos (Figura 1).

Figura 1: Registro da infância no Estádio do Arruda.



Fonte: Acervo pessoal.

Na minha relação particular com o Santa Cruz, que se iniciou tardiamente, perdi bons momentos do clube, principalmente próximo à 2005. Na verdade, meu interesse pelo Santa e pelo futebol em geral, se iniciou entre 2008 e 2009, época em que o tricolor

pernambucano iniciou sua primeira grande crise esportiva, indo da Série C para a então nova Série D. Em 2009, após a eliminação ainda na primeira fase da Série D, chorei pela primeira vez pelo Santa Cruz, a segunda vez por causa de futebol, sendo a primeira, após a eliminação da Seleção Brasileira, na Copa do Mundo de 2006 diante da França. Em 2010, ao ver o clube voltando a vencer clássicos contra os rivais locais no Campeonato Pernambucano, e eliminando o Botafogo/RJ da Copa do Brasil, e iniciando uma disputa da Série D com motivação, meu coração foi arrebatado de vez pelo Santa Cruz. Daí em diante, estive presente no máximo que pude de partidas, muitas vezes estimulando meu pai e irmão a irem também, e durante esses anos, vi muitos momentos mágicos no Arruda. Os triunfos contra Treze/PB e São Paulo/SP, em 2011; contra o Betim/MG, em 2013; contra o Botafogo/RJ, em 2015; contra o Campinense/PB e Sport/PE, em 2016, foram todos momentos que guardo com carinho, e que consolidaram meu amor pelo Santa Cruz, mesmo que ao longo dessa jornada, tenham tido alguns reveses amargos, que fazem parte do esporte. No geral, eu considero que a trajetória esportiva do Santa Cruz, foi bem positiva durante minha adolescência e início de vida adulta, diferentemente do que foi na infância, e do que é atualmente, mas que nada abala o que sinto por esse clube.

Ao longo de minha vida, após despertar o interesse pelo futebol, algo que sempre me despertava uma curiosidade eram os estádios. Sempre senti algo diferente próximo destes espaços, não importa quais fossem, seja de um estádio com capacidade para 60 mil pessoas, como o Arruda, seja um estádio pequeno que comporte 4 mil pessoas. Eu não consigo explicar o que sinto com precisão, mas é um fascínio. Sempre senti que os estádios possuem uma aura, uma magia, e que quando os jogos ocorrem há algo ainda mais mágico, o que foi um ponto de partida para o desenvolvimento desta tese. Após uma dissertação de mestrado, em que pesquisei como através das vivências de jogadores de Pokémon GO, sobre o centro histórico do Recife (Ramos, 2019), era possível perceber uma relação entre a geografia e o lúdico, decidi aprofundar esta reflexão sobre uma dimensão lúdica ainda mais densa, o futebol. Foi dessa forma, que peças que estavam espalhadas ao longo de minha vida, se encaixaram, o interesse por futebol; pela magia dos estádios; pelo espaço urbano; pelas vivências geográficas; pelo lúdico, pela geografia, pelo Santa Cruz, e pelo meu ser, enquanto torcedor. Foi através das inquietações de uma realidade vivida, que se chegou à questão desta tese.

Introdução

O futebol é um fenômeno sociocultural brasileiro (CAMPOS, 2009): em toda parte do território nacional há pessoas jogando futebol em diversos tipos de terrenos, em praias, parques, escolas, ruas, matas, e muito mais. O futebol é algo que desperta debates e discussões, de quem gosta e de quem não gosta, porque sua dimensão, no Brasil, o faz alcançar, em algum momento, a vida de pessoas que não se interessam pelo mesmo. Desta forma, é evidente que o futebol já tenha sido tema de estudos de diversas áreas do conhecimento, como sociologia (NETTO e CAVALCANTE, 2020), antropologia (DAMO, 2020), economia (FERREIRA, 2020), política (GIGLIO, 2020), urbanismo, e sob o olhar da geografia (MASCARENHAS, 2020), inclusive. Embora todas as contribuições realizadas até este momento tenham contribuído de ricas maneiras para entender a complexidade social, cultural e econômica do futebol, é possível pensar que ainda muitas formas e olhares que podem ser aplicados a este fenômeno, que podem trazer fatos novos para as discussões sobre o mesmo.

Um exemplo de abordagem sobre o futebol que acreditamos ser pertinente é compreendê-lo enquanto uma dimensão mítica. Esta perspectiva parece ser bem compreendida na vivência das pessoas que acompanham o futebol, pois é comum observar menções do tipo “não é só futebol”, ou que mesmo, compararam a relação de torcida com clube, com uma religião, como é o caso do Corinthians/SP, que em seu estádio, expõem frases que são semelhantes a lemas cristãos (Figura 2).

Figura 2: Lema semelhante ao rogai por nós do cristianismo, no estádio do Corinthians/SP.



Fonte: Registrado pelo autor (DEZ. 2023)

Embora já tenha surgido discussões acadêmicas sobre a face mítica do futebol (ROSENFELD, 2013), não se percebe um olhar geográfico quanto a isso, sobre os estádios. Os estádios de futebol são espaços complexos, que possuem diversas dinâmicas econômicas, políticas, sociais, esportivas e culturais. Dentro destes espaços, há variados atores em ação: atletas, treinadores, garçons, árbitros de futebol, imprensa, polícia e torcedores. Dentre estes atores, apenas um segmento está naquele local por livre e única vontade, sem algum tipo de lucro, o torcedor, que vai aos estádios apenas pelo interesse em vivenciar a experiência do jogo de futebol.

Neste sentido, o torcedor é uma figura que acompanha o jogo porque possui algum tipo de interesse no lúdico da partida. No entanto, na maneira como muitas vezes se manifesta e se emociona com os jogos demonstra que o lúdico possui também uma dimensão especial, que acreditávamos, ser mítica. E sendo o estádio, o espaço mais propício para estas manifestações, possuiria o mesmo, também uma dimensão mítica somada a seu pressuposto lúdico. É neste sentido que esta pesquisa se direcionou, em compreender as vivências dos jogos de futebol para os torcedores, de modo a entender como esses espaços, visto muitas vezes como casas, templos, recebem de fato um simbolismo mítico, para além do pressuposto lúdico

Para análise empírica desta questão, foi escolhido o Santa Cruz Futebol Clube, de Recife, Pernambuco, e a relação de sua torcida com o clube e com o estádio, o Estádio José do Rêgo Maciel, mais conhecido como Estádio do Arruda. A motivação da escolha, se deu inicialmente, pelo fato do pesquisador ser torcedor do clube, e por conhecê-lo previamente, pôde identificar viabilidade de estudo sobre o mesmo. A escolha se justifica, sobretudo, devido a torcida do Santa Cruz, que constantemente aparece em pesquisas, estando entre as 20 maiores do país (NUNES, 2022), e possuindo grandes médias de público no estádio, em diversas competições que disputa (NETTO, 2024). Neste sentido, o clube demonstra, uma torcida com interesse de acompanhar o mesmo com frequência, o que o torna relevante para um estudo que possa posteriormente, ser aplicado em outras realidades. Desta forma, ao refletir sobre este clube, sobre o que seria lúdico, e o que seria esta dimensão mítica, chegou-se a uma inquietação: através das experiências dos torcedores do Santa Cruz, como o Estádio do Arruda se tornaria um espaço simbólico mítico e lúdico? Esta se torna então, a questão central deste trabalho.

Através desta reflexão, se compreende enquanto objetivo central desta pesquisa, a seguinte premissa: Compreender como o Estádio do Arruda se torna espaço simbólico

mítico e lúdico. Para alcançar este objetivo, a tese teve os seguintes objetivos específicos: 1) Entender como torcedores do Santa Cruz vivenciam os caminhos para o Estádio do Arruda e os arredores do estádio; 2) Averiguar as vivências dos torcedores do Santa Cruz dentre os diversos setores do Estádio do Arruda; 3) Analisar as percepções dos torcedores do Santa Cruz quanto ao clube e o Estádio do Arruda. Desta forma, compreendendo vivências e percepções, se espera uma aproximação da concepção simbólica do Estádio do Arruda para seus torcedores.

Ainda sobre o Santa Cruz, é necessário realizar algumas considerações iniciais, embora o contexto do clube seja mais aprofundado com o decorrer da tese. Fundado oficialmente em 3 de fevereiro de 1914, o Santa Cruz Futebol Clube, é conhecido pelas principais alcunhas de Santa; Santinha; tricolor; tricolor do Arruda; time do Arruda; cobra coral; coral; e time do povo. Enquanto os primeiros termos se devem a abreviações do nome do nome oficial, o termo tricolor advém das três cores que colorem seu escudo, o preto, o branco e o vermelho. Por estas cores se assemelharem as cores que possui uma cobra coral, o animal também se tornou um termo para se referir ao clube, e há casos de se referirem ao Santa Cruz enquanto time coral. Quanto à menção ao Arruda, se deve, em referência ao bairro do Arruda, onde se localiza a sede do clube, e seu estádio, o José do Rêgo Maciel. Quanto ao termo de time do povo, se deve pela construção histórica, social e cultural na cidade do Recife, de que o clube possui uma origem popular, periférica. Além disso, como será discutido ao longo da tese, a localização de sua sede, no bairro do Arruda, também corrobora para essa compreensão de time popular, uma vez que, o bairro se encontra em uma região periférica da capital pernambucana, diferentemente, das sedes dos dois arquirrivais históricos do clube tricolor, Náutico e Sport.

É importante esclarecer que, o que se entende como mítico no caso desta tese, é com base na concepção do pensamento mítico, oriundo da filosofia das formas simbólicas de Ernst Cassirer (2001). A escolha por este autor, mesmo diante de várias contribuições teóricas possíveis, se deu através de um contato mais profundo com sua obra, no início do curso de doutorado, através da disciplina Tópicos Especiais II – Espacialidades Simbólicas em Geografia, lecionada pelo Professor Sylvio Fausto Gil Filho. O professor inclusive, já apresentou reflexões que demonstram as possibilidades de pensar Cassirer na Geografia (GIL FILHO, 2012). Através do contato com os textos de Cassirer, foi possível visualizar manifestações do futebol. A contribuição de Cassirer, fica evidente por meio do pensamento mítico, que o autor apresenta em sua filosofia das formas

simbólicas. Além disso, como será mais bem abordado no primeiro capítulo desta tese, as possibilidades de compreensão de Cassirer sobre mítico foram identificadas como questões que dialogam com o entendimento de lúdico por Johan Huizinga (2000), que é tido como um dos principais nomes sobre ludicidade. De maneira prévia, podemos comentar que há, tanto no mítico (CASSIRER, 2007) quanto no lúdico (HUZINGA, 2000), uma predominância de vivências que são significadas a partir de manifestações mais sentimentais e emocionais, do que propriamente racionais. Compreendo então, que há no futebol, uma forte dimensão de manifestações sentimentais, conforme afirma Anatol Rosenfeld (2013), percebemos as possibilidades de diálogos entre autores e temas, isso se acentua ainda mais, quando verificamos que estes autores que trataram de temas diferentes, demonstrando visões próximas, comungam de bases teóricas, que de fato os aproximam, como será elaborado no primeiro capítulo desta tese. É desta forma, então, que se justifica a escolha sobre estes dois autores para fundamentar a pesquisa.

No que se refere a procedimentos metodológicos, é possível realizar uma interpretação Cassireriana (2001), em que se compreende a apresentação de uma perspectiva de pesquisa fenomenológica, de maneira que se buscou no desenvolvimento desta tese, seguir esta abordagem, por compreender que a mesma, poderia alcançar os resultados esperados. Afinal, a pesquisa fenomenológica está atrelada ao estudo dos seres humanos, de suas vivências, de seus sentimentos e de suas expressões (GIL, 2010). Neste sentido, seguindo esta abordagem, seria viável alcançar uma descrição fenomenológica das vivências dos torcedores do Santa Cruz no Estádio do Arruda, para alcançar o objetivo desta tese.

No que se refere aos procedimentos da pesquisa, a mesma foi dividida em procedimentos teóricos e procedimentos empíricos. No que se refere aos procedimentos teóricos, foi realizada revisão bibliográfica em bancos de teses, livros, dissertações e monografias, artigos, e fontes jornalísticas, sobre o fenômeno do futebol, envolvendo sua história e questões atuais. Assim, foi possível compreender com profundidade seus contextos dos mais globais aos locais, que envolvem o futebol pernambucano, e o Santa Cruz. Além disso, se buscou nestes mesmos bancos de informações, referenciais teóricos sobre o mítico, e o lúdico, com base nos autores citados anteriormente.

Com relação à parte empírica, seguindo ainda a perspectiva fenomenológica, o pesquisador buscou entrar em diálogo com torcedores do Santa Cruz, a fim de que, através de seus relatos, pudesse ter acesso às histórias dessas pessoas em respeito do tema desta

tese, e que agregassem ao que estava sendo tratado na pesquisa. Ao longo destas entrevistas, que foram realizadas de modo presencial, o pesquisador se dedicou a não interferir nos relatos dos torcedores, seguindo a lógica da abordagem fenomenológica (GIL, 2010). Com relação ao perfil dos entrevistados, a escolha dos voluntários ocorreu através das vivências dos jogos, onde se identificou torcedores com histórico de vivências dos jogos, e que se dispuseram a participar da entrevista. A pesquisa foi devidamente submetida ao Comitê de Ética, obtendo aprovação para realização, conforme informado na seção de anexos. A nível de quantitativo, entendendo que em uma pesquisa fenomenológica, se preza a qualidade ao invés de quantidade, pois foca-se nas histórias, nos relatos (*Ibidem*), não foi definido um número fixo, mas sim uma quantidade e diversidade de falas, que enriquecessem a construção teórica desta tese. Deste modo, foram realizadas 4 entrevistas, que durante o corpo do texto, serão encontrados como torcedor 1, torcedor 2, ou torcedora 1, por exemplo. Para maior compreensão do perfil dos torcedores entrevistados, uma tabela com maiores informações dos entrevistados foi disponibilizada na seção de anexos, ao final da tese.

Além deste procedimento, também foi utilizado o método de pesquisa participante, onde o pesquisador realiza as vivências junto aos atores em questão (SPRADLEY, 1980). Neste caso, o método foi aplicado nas partidas do Santa Cruz no Estádio do Arruda, com o intuito de visualizar e relatar com estes sujeitos ocupam os diferentes setores deste estádio. Na prática o período de atividades de campo aplicando este método se estendeu de março de 2022, até janeiro de 2025. Embora o projeto desta tese tenha se iniciado no primeiro semestre de 2021, devido a pandemia de COVID-19, que provocou fechamento de todos os estádios no Brasil, somente em 2022 foi possível iniciar os trabalhos empíricos. Além disso, devido a inconstância de partidas do Santa Cruz, entre nos anos de 2023 e 2024, foram necessários aproximadamente três anos de atividade de campo, para conseguir vivenciar um amplo quantitativo de partidas em todos os setores do estádio. Com relação as partidas vivenciadas, uma tabela com as informações acerca de todos os jogos acompanhados está disponibilizada na seção de anexos.

A partir destes procedimentos, o trabalho foi dividido em cinco capítulos. No primeiro capítulo, “**O pontapé inicial: reflexões teóricas acerca da forma simbólica do mito e do lúdico**”, buscou-se realizar a fundamentação teórica desta tese, discutindo os conceitos de pensamento mítico, lúdico, e assim, construir um entendimento teórico

sobre a dimensão mítica do futebol. No capítulo seguinte, “**O desenvolvimento do futebol**”, é realizada uma revisão histórica sobre o surgimento, popularização desse esporte, e algumas questões atuais, que colaboram para maior conhecimento do contexto do Santa Cruz. No terceiro capítulo, “**‘És o querido do povo’: Elementos do ser Santacruzense através da história do clube**”, foi feita uma compreensão histórica do início do futebol pernambucano, a origem do Santa Cruz. Além disso, é revisitado alguns momento da trajetória esportiva do clube, de modo a entender como o mito do Santa Cruz foi formado, uma vez, que é algo que é mobilizado por torcedores e clube nessa relação mútua. No capítulo seguinte, “**Espacialidades do Torcer iniciando o círculo mágico**”, é relatado e analisado como os torcedores do Santa Cruz vivenciam diversos espaços nos arredores do Estádio do Arruda antes do início das partidas. Por fim, no último capítulo, “**Espacialidades no torcer: o jogo das/nas arquibancadas**”, é realizado relatos sobre como os torcedores do Santa Cruz vivenciam o estádio do clube, averiguando todos os setores do estádio, e como se relacionam com o decorrer das partidas.

Seguindo o estabelecido acima, se espera que com esta pesquisa, contribuir ainda mais ao ambiente acadêmico geográfico, com a temática do futebol, ainda mais, com a abordagem proposta, associando os estádios à questão dos espaços simbólicos, do lúdico, e do pensamento mítico. Sobre o mítico, essa pesquisa agregará também, para maior fomento de estudos geográficos em associação as reflexões de Cassirer, e que, nesse sentido, podem agregar em maior diversidade de perspectivas nos estudos culturais geográficos.

É importante destacar também, que ao se atentar a temática do futebol com uma perspectiva geográfica incomum, está se expandindo os horizontes de conhecimento e percepção sobre esse fenômeno, fortemente vivenciado na sociedade brasileira. Dessa maneira, o modo como os estádios são percebidos e tratados, também poderão se repensados, uma vez que reflitamos melhor sobre suas importâncias na vida de diversas pessoas. E com isso, possamos repensar enquanto sociedade, mas também no ambiente acadêmico sobre a importância dos estádios enquanto espaços simbólicos de manifestações culturais brasileiras. Pois, assim, na medida que se realiza novas formas de reflexões sobre os fenômenos de nossa sociedade, conseguimos conhecer melhor nossa própria cultura, e a nós mesmos.

Capítulo 1: O pontapé inicial: reflexões teóricas acerca da forma simbólica do mito e do lúdico

Antes de iniciar as reflexões conceituais, é pertinente realizar uma breve reflexão sobre Ernst Cassirer, com o intuito de contextualizar com os caminhos teóricos que esta pesquisa seguirá. Afinal, Cassirer é o autor da obra *A filosofia das formas simbólicas* (CASSIRER, 2001), de onde a discussão sobre o mito se origina para este trabalho. Após então, refletir acerca de Cassirer e suas contribuições sobretudo para compreensão do pensamento mítico, o capítulo se concentrará em pensar o lúdico, buscando encontrar associações do mesmo com o mito, através de Johan Huizinga, historiador que, com seu livro *Homo Ludens* (HUIZINGA, 2000), trouxe grandes contribuições conceituais acerca do tema (MASCARENHAS, 1999; DAMO, 2020). Na sequência, se buscará trazer estes pensamentos para a questão do futebol, identificando o mesmo como algo com dimensões míticas e lúdicas. Para isso, é utilizado um arcabouço de autores com grandes contribuições sobre a compreensão do futebol, como John Bale, Gilmar Mascarenhas, Richard Giulianotti, Arlei Damo e Desmond Morris. Por fim, se integra, a essas questões, considerações espaciais, geográficas, para pensar como compreender espacialmente este fenômeno.

1.1. A importância de Ernst Cassirer para outras formas de se pensar Geografia

Anatol Rosenfeld (apud CASSIRER, 1992), filósofo germânico radicado no Brasil durante o século XX, apresenta um resumo pertinente sobre Ernst Cassirer, na introdução da versão brasileira de *Linguagem e Mito* de Cassirer. Segundo o historiador, embora Cassirer tenha feito parte da Escola de Marburg e seguindo a tradição vigente nessa escola, tenha produzido muitas contribuições para as ciências tidas como exatas, Cassirer sempre teve interesse em pesquisas histórico-culturais, com base em pensadores como Kant, Goethe e Leibniz. Porém, como afirma Rosenfeld (apud CASSIRER, 1992), Cassirer é creditado como neokantiano sobretudo devido à primeira fase de sua carreira, ultrapassando com o decorrer de sua trajetória, as doutrinas marburguenses, e adotando livres métodos fenomenológicos, sem negar as raízes kantianas.

Através desta trajetória, foi possível para Cassirer produzir, em 1923, *A filosofia das formas simbólicas*, que seria, segundo o próprio, uma fenomenologia do conhecimento (CASSIRER, 2001). Este conhecimento que Cassirer discute, na leitura de Rosenfeld (apud CASSIRER, 1992), não é apenas restrito ao entendimento científico e explicação teórica, mas também está presente em toda atividade do espírito na qual se

edifica um mundo. Sobre isto, se envolveriam as formas simbólicas, comentadas adiante, que contribuiriam para uma *enformação* em mundo, de maneira ativa, segundo Rosenfeld (apud CASSIRER, 1992).

A partir desta abordagem, que será mais detalhada no decorrer deste capítulo, Cassirer ficou conhecido como pioneiro da filosofia do conhecimento (CASSIRER, 1992). Contudo, apesar da relevância de sua obra, Cassirer ainda não é um filósofo com presença recorrente nas reflexões geográficas, mesmo tendo realizado pertinentes contribuições na sua busca pela compreensão dos mundos culturais. Nesta caminhada, acabou propondo um sistema natural das ciências do espírito (GIL FILHO, 2012), que como se espera tornar perceptível com este trabalho, pode estar presente com grandes contribuições para os debates geográficos.

1.2. As formas simbólicas

A proposição das formas simbólicas, feita por Ernst Cassirer (2001), foi construída como fruto de uma vida de reflexões em torno dos modos de manifestação do espírito. Essas reflexões que partem da figura do ser, com base em pensadores como Kant, foram concluindo que este ser e sua individualidade estão inseridos em um contexto maior de relações, onde há conexões universais. Contudo, estas conexões universais, e as culturas maiores nas quais estão inseridos os seres, poderiam ser entendidas, para Cassirer (2001), como dimensões que pressupõem um ato primordial do espírito. São possíveis de se pensar como exemplos dessas culturas maiores, os códigos éticos, as leis, dogmas religiosos, e demais superestruturas sociais, que condicionam e influenciam comportamentos individuais e da sociedade como um todo, mas que por mais que atuem de maneira influenciadora sobre às individualidades, enquanto superestruturas que são, também serão construídas, mantidas através das ações pessoais dos sujeitos. Ao longo da história, é possível verificar inúmeros casos em que comportamentos tidos como corretos ou inadequados foram revistos através de manifestações individuais, que depois foram potencializadas coletivamente. Nesse caso, por mais que um sujeito possa estar inserido em uma determinada cultura, que possui paradigmas influenciadores, moldadores de comportamentos do indivíduo, seria um fato seguindo a perspectiva de Cassirer (ano), que a existência e manutenção dessa cultura ocorreria através dos atos desse sujeito. Neste sentido, se percebe que para Cassirer (2007) há uma liberdade de pensamento do indivíduo, e essa liberdade, permite a construção de cultura.

Considerando que as ações individuais possuem a importância de criar e manter culturas, contextos universais, Cassirer (2001) afirmou que na observação do espírito em ação é que se poderia compreender a objetividade da relação desse sujeito com algo que concebeu (CASSIRER, 2001). Através, então, das observações destas relações espirituais entre sujeito e o algo concebido, Cassirer (2001) observou a existência de produtos culturais, de caminhos, direções nas quais o espírito se manifesta, o que seriam as chamadas formas simbólicas. Em outras palavras, as manifestações do ser, se relacionando com o que concebe, em uma dinâmica que proporciona produtos culturais, contextos universais, ocorreria seguindo estes caminhos chamados de formas simbólicas.

Estas direções nas quais o espírito se manifestaria seriam simbólicas, porque simbólicas seriam suas concepções. Afinal, para Cassirer (2001), a consciência individual é uma construção simbólica, pois os modos como compreendemos o mundo ocorrem pelo intermédio de lentes simbólicas, de representações que corroboram nossas compreensões de mundo. Desta forma, a realidade percebida pelos sujeitos seria também simbólica, e sendo essa realidade conformada pelas formas (GIL FILHO, 2012), elas também se tornam simbólicas. Ou seja, na medida em que o sujeito percebe o mundo por meio de intermediadores simbólicos, faz com que sua consciência seja simbólica. Consequentemente, suas ações, suas criações também serão simbólicas, bem como suas relações com um algo concebido simbolicamente. A existência de simbolismos em ações e criações, no mundo percebido e vivido das pessoas, é chamado por Cassirer de *pregnância simbólica* (CASSIRER, 2001).

Por fim, seriam as formas simbólicas os “modais”, ou “tipos” de simbolismos que permeiam estas relações entre sujeitos e uma realidade carregada de *pregnância simbólica* (CASSIRER, 2001). Segundo Anatol Rosenfeld (ano), no prólogo de uma das obras de Cassirer (1992), as formas simbólicas seriam modos de ver uma *enfocação mental sui generis*, com conexões, objetivações específicas. Para Cassirer (ano), as formas simbólicas seriam o mito, a religião, a linguagem, a arte e a ciência. Ou seja, o espírito se manifestaria e a realidade seria conformada seguindo estes caminhos. A seguir, serão apresentadas brevemente cada uma das formas simbólicas.

O pensamento mítico seria aquele envolvido na criação de mundos míticos, em torno de mitos, nos quais embora o ser humano tenha sido responsável pela criação, acaba os enxergando como algo externo e acima dos sujeitos, mesmo que esteja envolvendo as pessoas, e faça parte de suas vidas (GIL FILHO, 2012).

A religião, enquanto forma simbólica, tem origem mítica, mas se diferencia, por possuir um caráter moral (GIL FILHO, 2020). Afinal, há, nas religiões, ideais de moralidade, de bem e de mal, nas quais seus adeptos esperam praticar em seus modos de viver a vida. Além disso, a religião alcança uma dimensão universal, enquanto o mito, embora possua crenças e valores, esses não são consolidados, não possuem uma moralidade robusta como ocorre com as religiões, além de possuírem um alcance local (CASSIRER, 1992). Por outro lado, embora o mito por vezes se aproxime de uma dimensão religiosa, difere por não possuir um base de caráter moral, construído em dogmas sobre comportamentos, ser regido por uma esfera sentimental, que, em alguns casos, pode se tornar passional, até mesmo visceral, como podemos interpretar através das discussões de Cassirer (2001). Esta diferenciação é fundamental, uma vez que, ao longo desta tese, haverá momentos de aproximação argumentativa entre o mito e a religião, como por exemplo, através de termos como a aplicação de termos como sagrado, que nestas ocasiões, serão utilizados, sobre a lógica mítica.

A arte por sua vez, seria a forma simbólica associada às manifestações artísticas como manifestações do espírito. Já a ciência, seria a forma simbólica na qual as manifestações espirituais seguiriam um caminho muito mais voltado à lógica. Por fim, a linguagem seria a forma que envolve as representações, os signos, símbolos, e, por isso, é fundamental para as percepções individuais de mundo (GIL FILHO, 2012).

Neste sentido, se observa que não há apenas caminhos lógico-rationais, porque para Cassirer, através de pensadores como Platão e Kant, ficou claro que as ciências lógicas não conseguiriam abarcar a complexidade dos fenômenos, sobretudo, os espirituais (CASSIRER, 2001). A partir então, destas formas simbólicas, Cassirer acreditou que:

“(…) haveria de surgir um sistema filosófico do espírito, no qual cada forma particular receberia o seu sentido pelo lugar que nele ocupasse, no qual o seu conteúdo e significado seriam caracterizados pela riqueza e peculiaridade das suas relações e combinações com outras energias do espírito, e em última análise, com a totalidade das mesmas. (CASSIRER, 2001, p.26).”

Percebe-se, então, que cada forma simbólica age sobre a realidade a conformando de modos específicos em suas próprias esferas de ação e princípio formador (GIL FILHO, 2012). Contudo, embora estas formas tenham características diferentes, para Cassirer (2001), elas funcionariam em justaposição, ou seja, há articulações entre elas, como pode ser visto através da linguagem, que, por estar associada a símbolos e signos, carrega significados de outras formas simbólicas e possui uma capacidade ímpar de impulsionar as demais formas simbólicas em suas próprias perspectivas, esferas de ação (GIL FILHO, 2012).

1.3. O pensamento mítico

O pensamento mítico possui um elemento que o torna imprescindível de ser discutido, que é o fato desse pensamento fazer parte da origem das formas básicas da vida cultural (CASSIRER, 2004). Um exemplo disto está nas civilizações antigas, que construíram um conjunto de mitos, crenças, divindades e panteões. Nas diversas tentativas de compreensão do que seria o mito, muitos antropólogos, por exemplo, acreditaram que o mito era fruto de uma suposta ingenuidade dos povos antigos. Contudo, esta perspectiva resulta em uma problemática redução das civilizações antigas em povos primitivos. Muito embora, apesar da problematização que é possível fazer desta perspectiva atualmente, entre os séculos XIX e XX, ela esteve presente em grande parte das reflexões sobre o pensamento mítico, sempre o compreendendo como algo fantasioso, fora da realidade (CASSIRER, 2007).

É possível afirmar, que existiram diversas tentativas de compreensão do pensamento mítico através da filosofia e das ciências, seja por um caminho de interpretações de alegorias, ou como algo pertencente à história, com explicações sobre uma relação humana tida como *primitiva* com a natureza, em que povos que não possuíam conhecimentos científicos como os da sociedade atual compreendiam os fenômenos da natureza enquanto através de explicações mitológicas, como as figuras de deuses (CASSIRER, 2004). Cassirer (2007) afirma que também houve um movimento científico, sobretudo de campos como a psicologia e antropologia, de entender a crença humana sobre o mítico enquanto algo patológico. Contudo, independente de qual teoria sobre a origem do pensamento mítico esteja certa, se é que alguma realmente está, para Cassirer (1992), um ponto fundamental sobre o mito, que estas teorias comungariam, seria de que essa forma simbólica é uma massa de ideias, de representações, crenças e juízos teóricos (*Ibidem*). Neste sentido, talvez ao invés de se concentrar tanto em entender como se

originam os mitos, poderia haver um esforço em entender como funcionam, como estão presentes nas vidas das pessoas. Ou seja, Cassirer (1992), se interessava em saber como as formas simbólicas, dentre as quais está o mito, se justapõem, são interdependentes, se retroalimentam, têm forças próprias e têm certas autonomias.

Um caminho para a compreensão da presença do mito na vida das pessoas, pode estar em observações empíricas, afinal como Schelling, segundo Cassirer (2004), afirma, o mitológico não é algo apenas subjetivo, precisa para ser produzido, experienciado, vivido. Algumas pistas para entender a importância do mítico na vida das pessoas foram encontradas através de antropólogos e etnólogos que evidenciaram a importância dos ritos, as ações, as vivências carregadas de emoções (CASSIRER, 2007). Ao observar alguns esforços de pesquisadores sobre os ritos, Cassirer afirmou: “Tornou-se evidente que o rito é um elemento muito mais profundo e duradouro do que o mito na vida religiosa do homem.” (CASSIRER, 2007. p. 43). Sobre a importância dos ritos para a presença mítica na vida das pessoas, podemos acrescentar também o que afirma Robertson-Smith sobre os ritos no contexto da mitologia grega:

“O que um povo faz em relação aos seus deuses deve ser sempre considerado uma pista – e talvez a mais segura – para o que o povo pensa. A mais importante medida preliminar para se chegar a uma compreensão científica da religião grega é um exame minucioso do seu ritual.” (ROBERTSON-SMITH, 1889 apud CASSIRER, 2007. p. 44).

Os ritos efetivamente podem ser interpretados como maneiras de compreender o mito em questão, e um ponto que faz esses atos parecerem tão importantes na relação entre as pessoas e o mito, pode ser o papel de renovação que possuem. Afinal, em diversas culturas se observam ritos com funções de entrada e renovações em uma determinada crença. Nestes eventos, as pessoas agem sob pressão de seus desejos individuais mais íntimos, além da influência social das pessoas em seu entorno, em momento que com a carga emocional que possuem, resultam no despertar das divindades. Assim, a experiência do rito pode ser vista como uma descarga emocional que busca o contato com o divino, garante sentido de vida, alimentam a subjetividade individual, mas também, um pertencimento a uma comunidade e um local (CASSIRER, 2007).

Por estas condições, a experiência do rito e, conseqüentemente, a relação das pessoas com o mito são momentos especiais, em que ocorreria algum tipo de separação das experiências cotidianas, para uma experiência mítica, onde haveria a condensação divina, mítica (CASSIRER, 1992). E por mais que este mito seja uma criação humana, consegue assumir para os sujeitos uma posição de superioridade em suas vidas, nas quais de algum modo, se veem dependentes, pertencentes ao mito.

Assim, a forma simbólica do pensamento mítico pode ser compreendida como algo que objetiva os sentimentos, nos ritos. As emoções são expressas de maneira condensada, transformadas em ações, atos e ritos. Considerando que estes momentos tendem a acontecer em grupos que os intensificam, o pensamento e imaginação míticos são frutos de experiências do homem em sociedade. A imaginação mítica faz com que as imagens não sejam encaradas como simples símbolos, mas sim como parte da realidade, enquanto o pensamento e as emoções, não apenas sentidas, mas também intuídas, formam o mito fantástico (CASSIRER, 2007). A partir das questões expostas sobre o pensamento mítico, fica claro sua complexidade e o entendimento de que o mesmo pode ser relacionado a todas as coisas existentes, o que justifica, para Cassirer (2007), a não existência de limites de categorizações do pensamento mítico. E isto poderá ficar mais claro ao associarmos o pensamento mítico com uma dimensão futebolística.

Para o interesse desta tese, se tratando de espacialidades simbólicas, as formas simbólicas são importantes, pois são fundamentais no processo de criação de espaços simbólicos, com auras mágicas (CASSIRER, 2011). Afinal, o indivíduo ao perceber o mundo em sua especificidade, inclusive orgânica, garantindo pregnância simbólica, criando mundos, e culturas, o faz mediado pelas formas simbólicas (SILVA, 2019).

Nesse sentido, a maneira como as pessoas se relacionam com os espaços, sobretudo os que possuem uma importância especial para os indivíduos, é mediada por símbolos, significados superestruturais, que por sua vez são mantidos ou modificados gradativamente a cada interação pessoal com os espaços. Através da Geografia, encontramos estudos brasileiros, sobre Cassirer no âmbito da religião, que podem servir como referência, uma vez que, há semelhanças entre religião e mítico. Estes estudos geram uma perspectiva de investigação do mundo criado pelos homens para neles viverem, onde encontram seus sentidos, e de onde parte os sentidos para suas experiências cotidianas (FERNANDES e GIL FILHO, 2011).

Os espaços criados simbolicamente pelos homens através das formas simbólicas, com suas auras mágicas, nos estudos de geografia da religião, são lidos enquanto espaços sagrados, fundamentais para tornar o indivíduo em um ser religioso (FERNANDES e GIL FILHO, 2011). Na prática, estas espacialidades seriam compostas pelo físico, como as paisagens e locais; pelo simbólico, através de discursos e símbolos; e pelos pensamentos, presentes em escrituras, tradições orais, e sentimentos de caráter religioso, como a mística (*Ibidem*). Exemplos destas dinâmicas espaciais, são locais que através de vivências sagradas, como um milagre testemunhado por exemplo, ganharam nova conotação. A partir da experiência mágica extraordinária, elementos físicos desse espaço recebem significado mágico, e através da reprodução do testemunho ocorrido nessas vivências, por meio de escritos e discursos, há a construção da caracterização desse espaço enquanto simbólico e sagrado. É a partir de possibilidades de reflexões como essas elencadas, que se desenvolvem estudos geográficos sobre os fenômenos de espacialidades religiosas, se utilizando de interpretações da fenomenologia das Formas Simbólicas de Cassirer. Ao refletir sobre maneiras de pensar sobre conformação e pregnância simbólica, e as formas simbólicas, é possível pensar em contribuições para reflexões geográficas atentas a fenômenos religiosos, míticos, artísticos, e de outras naturezas, que ocorrem em uma dinâmica individual que é influenciada e influencia, em diálogo forte com o sentimental e emocional das pessoas.

Embora haja diferenças entre o mito e a religião, como discutido anteriormente, também há muitas semelhanças, que deverão ser consideradas posteriormente a fim de refletir geograficamente sobre o mítico, seguindo as possibilidades de reflexões geográficas sobre a religião apontadas acima. De toda forma, essa reflexão inicial sobre as espacialidades através destas perspectivas da geografia da religião cassireriana, indicam a possibilidade de pensar em espaços míticos-futebolísticos.

1.4. O pensamento lúdico

Por mais que, após as reflexões anteriormente expostas, possamos nos aproximar de um entendimento acerca do pensamento mítico, para realizar o exercício de compreender a existência de uma dimensão mítica futebolística, é preciso, antes, aprofundar o debate sobre o que seria o lúdico. Afinal, antes de afirmar que o futebol é um esporte, poderia ser entendido inicialmente como um jogo, uma atividade lúdica. Sendo assim, se torna possível pensar que uma reflexão acerca da ludicidade é fundamental na busca sobre os elementos essenciais que compõem o futebol.

A atividade lúdica é algo que, segundo o historiador Johan Huizinga (2000), antecede a própria humanidade e suas culturas, pois mesmo os animais, considerados irracionais, realizavam e realizam atividades que aparentam serem lúdicas. Por mais que a humanidade tenha crescido, evoluído, construído e sendo envolvida por diversas culturas, Huizinga (2000) afirma que o jogo antecedia a história humana, e no decorrer dessa história, os jogos fizeram, e ainda hoje fazem parte das culturas humanas. Historicamente, por exemplo, é possível afirmar que as maratonas da Grécia Antiga ou os duelos da Idade Média eram prática lúdicas presentes nas essências dessas culturas (*Ibidem*). Na atualidade, vemos a variação de jogos como a queimada ou queimado, o totó ou pebolim, que variam de região para região, de cultura em cultura, seja apenas no nome, ou também em suas regras.

Para Huizinga, o jogo é algo que não pode ser compreendido racionalmente, que transcende a humanidade, a partir do momento em que jogamos algo, seríamos seres irracionais (HUIZINGA, 2000). Contudo, isto não quer dizer que não há seriedade no jogo, a qual pode ser vista no comprometimento dos envolvidos com o desenrolar da atividade lúdica, com as regras que consolidariam o jogo (*Ibidem*). Durante a prática lúdica, haveria, para Huizinga (2000), uma sensação de liberdade, de abstração da realidade durante o evento lúdico. Esta abstração tornaria o espaço onde ocorre a prática lúdica um espaço mágico, sagrado, o chamado *círculo mágico*, onde os princípios da realidade não se aplicam, pois, esses espaços seguem suas próprias regras, se constituiriam em mundos temporários (*Ibidem*).

Pensando nestas questões, se observa fortes semelhanças entre o mítico e o lúdico, com base no que afirmaram sobre cada conceito, respectivamente, Cassirer (2001) e Huizinga (2000). Assim como o envolvimento com o mítico carrega uma forte característica emocional, de certa forma irracional, como foi apontado anteriormente, o lúdico comunga dessa característica. A abstração da realidade cotidiana, a criação de momentos e lugares mágicos durante as práticas lúdicas se aproxima do que Cassirer (2007) afirma ocorrer durante os ritos. Além disso, assim como é apontado por Cassirer sobre o mítico (*Ibidem*), a necessidade do pertencimento a comunidades, como algo que alimenta o envolvimento com a prática em questão, também estaria presente no lúdico, segundo Huizinga (2000).

Por outro lado, é importante diferenciar o círculo mágico pensado por Huizinga (2000), da aura mágica proposta por Cassirer (2007), pois o círculo mágico está atrelado

ao evento lúdico, se ativa quando um jogo começa, e desativa quando o jogo acaba. Cada partida de futebol, terá uma abstração da realidade própria, condizente com a importância do duelo. Por outro lado, a aura mágica seria permanente, compondo o simbolismo que o espaço mítico possui mesmo quando não está ocorrendo um rito (CASSIRER, 2011). Ou seja, no caso do Estádio do Arruda, por exemplo, se acredita que será possível evidenciar com o decorrer desta tese, que se trata de um espaço simbólico, com uma aura permanente, mas que, com o advento das partidas do Santa Cruz, ativa um círculo mágico, e, na decorrência de cada partida, teria uma atmosfera de jogo.

Discutindo mais sobre o lúdico, se observa na história humana uma grande presença deste elemento nas culturas, como é o caso das anteriormente citadas maratonas gregas e duelos medievais. Contudo, em muitos casos, o lúdico não estava presente nas culturas como mero divertimento, mas alcançava dimensões sagradas. Em sua obra *Homo Ludens*, Huizinga (2000) apresenta exemplos de culturas em que havia a presença de ritos míticos, em um real sentido de busca pelo divino, em práticas lúdicas. Um exemplo disto era o jogo mesoamericano conhecido como os Maias chamavam, de *Pok-ta-Pok*, chamado pelos espanhóis de *juego de pelota*, jogo de bola em português. Esta atividade lúdica consistia no duelo entre duas pessoas ou duas equipes de sete pessoas, com o objetivo de fazer uma bola passar pelo aro defendido pela equipe adversária (BECATTINI, 2022). O jogo que costumava servir de representação de batalhas mitológicas desses povos, geralmente resultava em sacrifícios de jogadores como oferenda aos deuses (*Ibidem*).

Além de uma aproximação em que o lúdico faz parte de rituais, também se pode observar conexões entre mítico e lúdico no modo como aqueles pertencentes a uma prática lúdica lidam com sujeitos que burlam as regras deste *círculo mágico*. Quem age desta forma pode ser expulso do jogo, pois suas tentativas de infringir as regras podem ser vistas como tentativas de destruir o próprio círculo mágico. Afinal, as regras são absolutas, um jogo que tem suas regras quebradas é comprometido, e, assim, perde seu valor (HUIZINGA, 2000). Neste ponto, a semelhança observada com o mítico é que as regras lúdicas podem ter um paralelo com os dogmas de uma crença, na medida que um sujeito que desrespeita tais dogmas, pode ser afastado de um ciclo religioso, por não ter correspondido às pressões sociais existentes no meio mítico.

Como afirmado ao discutir acerca do mítico, durante os momentos mágicos, os sentimentos e emoções são intensificados na convivência com um grupo. São nestes

momentos que a imaginação mítica é construída. Imaginação esta, tão importante para tornar os símbolos parte da realidade (CASSIRER, 2007). Observa-se que mesmo sendo fortalecido em momentos mágicos, o mito consegue alcançar a realidade, fazendo parte do cotidiano dos seus adeptos, em momentos como uma oração antes de sair de casa, por exemplo. Assim como ocorre a superação dos momentos míticos para o cotidiano abrangente, isso também ocorre com o lúdico. Huizinga (2000) afirma que por mais que o lúdico seja entendido como algo inicialmente alheio à realidade, posteriormente se torna complemento, acompanhamento dessa realidade, até poder ser parte integrante da vida. Quando isto ocorre, o jogo entraria em um domínio sagrado para o historiador (HUIZINGA, 2000). Na prática, isto pode ser visto em diversas situações, como por exemplo, a situação de um clube de futebol, que permeia os pensamentos de um sujeito durante uma semana que antecede uma partida importante.

Um outro aspecto inerente ao lúdico, segundo Huizinga (2000), seria o estético, que aplicado aos jogos, avaliaria as disputas em categorias de belo ou feio (HUIZINGA, 2000). Podemos ver isso no Brasil, onde, de fato, há uma tendência em discutir a beleza de um jogo de futebol, por exemplo. Neste sentido, é comum observar debates nas redes sociais, nas redes de televisão ou em conversas entre amigos, se um determinado time performa um jogo belo, em detrimento de outro time que realiza um jogo feio. A beleza das performances das equipes, muitas vezes faz das mesmas inesquecíveis, ganhando até mesmo contornos míticos. Um exemplo disto é a seleção brasileira tricampeã do mundo no México, em 1970. A equipe que é tida por muitos como a melhor equipe de futebol de todos os tempos, ganhando quase contornos divinos, sempre, ou quase sempre, recebe elogios a respeito de seu belo jogo.

Por outro lado, há alguns casos em que o jogo tido como feio, também é celebrado, principalmente quando há uma disparidade de qualidade técnica entre as equipes. Aquela mais desprovida de jogadores habilidosos, através de um jogo visto como brigado, com raça e força de vontade, se torna uma equipe celebrada. Discussões sobre o belo no lúdico parecem ser inconclusivas, visto às divergências de opiniões. Huizinga (2000) observou este resultado através de discussões de sua época, que o fizeram concluir que tentar compreender o lúdico apenas por questões estéticas não é suficiente. Isto talvez, porque não se consiga determinar um consenso por meio daqueles que vivem o lúdico, do que seria belo ou feio. De todo modo, esta questão parece ser algo importante para tornar objetos e pessoas lúdicas.

Com relação específica aos símbolos, que são apontados por Cassirer (2007), como objetos que transcendem um simbolismo momentâneo para ser algo que alcança a realidade cotidiana, é possível pensá-los também através do lúdico. Partindo do lúdico, não somente espaços ou objetos podem ganhar significados, as pessoas também podem. Em muitas práticas lúdicas, há uma necessidade pela representação de papéis (HUIZINGA, 2000). Porém, em alguns casos, após o jogo, o significado do papel se diluí, enquanto em outros casos, o sujeito, mesmo fora do momento lúdico, continua sendo visto como um indivíduo de forte simbolismo com base no papel que representou ou costuma representar em um jogo. Exemplos disto podem ser ex-atletas que mesmo muitos anos após seus feitos nos campos, quadras, piscinas, entre outros espaços esportivos, ainda são vistos com admiração, muitas vezes, super-humana.

Estas admirações estão quase sempre atreladas à êxitos. Sobre os êxitos, Huizinga afirma que é possível pensar que é exatamente esse elemento que na prática garante um status simbólico sobre os indivíduos. Segundo o autor, é inerente ao jogo uma tensão, por ser uma prática que envolve um objetivo a ser alcançado, através de uma disputa. O nível de tensão estaria associado ao poder de atração de um jogo, e justamente aqueles que alcançam o objetivo conseguem ter êxito, um prazer temporário que pode dar ao indivíduo, uma sensação de glória (HUIZINGA, 2000). Para Huizinga (2000), a vitória seria o objetivo do jogo, como afirma do seguinte modo:

“Jogamos ou competimos “por” alguma coisa. O objetivo pelo qual jogamos e competimos é antes de mais nada e principalmente a vitória, mas a vitória é acompanhada de diversas formas de aproveitá-la – como por exemplo a celebração do triunfo por um grupo, com grande poupa aplausos e ovações.” (HUIZINGA, 2000. p. 39).

Contudo, o Huizinga (2000) faz questão de diferenciar que o ganho no sentido lúdico não é o mesmo ganho do sentido econômico. Seria talvez, como algum tipo de ganho espiritual, enquanto o ganho econômico seria estritamente financeiro. Isto, seria um ponto de diferença entre estes dois tipos de ganho, que o historiador deixa claro ao diferenciá-los, explicando a essência lúdica: “E a essência do espírito lúdico é ousar, correr riscos, suportar a incerteza e a tensão. A tensão aumenta a importância do jogo, e esta intensificação permite ao jogador esquecer que está apenas jogando.” (HUZINGA, 2000. p. 39). Com estas palavras podemos, inclusive, entender um pouco do porquê o

lúdico é levado a sério por seus praticantes, mesmo sem necessariamente haver ganhos financeiros, a imersão aos sentimentos dos jogos, de suas tensões, pode levar os adeptos a encarar o lúdico com seriedade.

A questão do objetivo, da motivação, parece ser um forte ponto de divergência entre o mítico e o lúdico. Enquanto o mítico demonstra objetivar a consagração, a convergência do indivíduo com o divino (CASSIRER, 2007), o lúdico se concentraria no prazer da disputa e da vitória, do êxito em vencer (HUIZINGA, 2000). Através desta discussão, é possível ir percebendo que mítico e lúdico são diferentes, porque objetivam alvos diferentes. Contudo, com base no que Huizinga (2000) apresenta sobre jogos como forma de rituais em civilizações antigas, é possível perceber que há exemplos na história humana de misturas entre mítico e lúdico.

Além disso, ao tratar desta questão do êxito, é possível observar que há uma dimensão emocional, sentimental na *vitória lúdica*, enquanto objetivo do jogo, em que por meio do êxito, ou na busca pelo mesmo, é que ocorra a convergência entre indivíduo e o mítico. Ao realizar reflexões acerca da diferença entre a vitória e os ganhos lúdicos e econômicos, Huizinga constrói uma noção de lúdico, que posteriormente pôde ser vista como pura (DAMO, 2020). Para Huizinga (2000), o jogo seria uma atividade voluntária, com um fim em si mesmo, voltada ao prazer sentimental, emocional da vitória lúdica, oriunda da tensão entre vencer e perder uma disputa. Assim, as práticas que envolvem um lado financeiro foram lidas por Huizinga (2000) como práticas sem a essência lúdica, que é marcada pela tensão e busca pelo simples prazer de vencer, se sentir vencedor, agraciado pela vitória. Os jogos, segundo Huizinga (*Ibidem*), perderam características lúdicas com suas profissionalizações. Assim, este processo, que haveria ocorrido entre os séculos XVIII e XIX (MASCARENHAS, 1999), marcou uma possível ruptura do que se poderia chamar de pureza lúdica, seguindo a perspectiva de Huizinga.

Quando analisamos o período em que Huizinga realizou suas reflexões, no final da década de 30, é possível entender o porquê de produzir uma perspectiva, que atualmente pode ser tida como pura (DAMO, 2020). O esporte, e sobretudo o futebol, iniciava um processo de profissionalização com competições, como por exemplo, a Copa da Inglaterra, iniciada em 1871. O futebol, no período em que Huizinga escreveu sua obra, estava se profissionalizando, e perdendo aquilo que para Huizinga (2000) seria lúdico. Esta realidade do futebol era reflexo do que ocorria no esporte como um todo. E, o afastamento da disputa pelo puro prazer da vitória lúdica, em detrimento de competições

pelo lucro por status sociais, geraram as críticas do historiador. De toda forma, para a discussão maior que está sendo realizada nesta tese, as ideias de Huizinga (2000), continuam relevantes, para compreensão de uma cada vez mais complexa dimensão lúdica, que se envolve com questões sociais, econômicas, culturais e políticas.

Considerando atualmente, a perspectiva de Huizinga (2000), poderia ser tido como lúdico atualmente apenas jogos infantis ou disputas de esportes em contextos amadores. Contudo, mesmo no ambiente profissional, ainda é possível ver essências do que seria lúdico para o historiador. Se os atletas e dirigentes esportivos são atualmente apenas movidos por interesses financeiros, é uma afirmação difícil de aceitar ou refutar de maneira absoluta, com relação às torcidas – no futebol, por exemplo, – há uma aparente compreensão geral, de que tais grupos ainda se envolvem pautados na tensão pela vitória lúdica, que seria essencialmente lúdico. As torcidas fiéis apoiam os clubes nos momentos de vitórias e derrotas, demonstram práticas fortemente emocionais e sentimentais, em um contexto em que o econômico não aparenta ser motivação para o envolvimento dessas pessoas. Contudo, para discutir estas questões é preciso somar ao debate, algumas reflexões futebolísticas, algo que será feito mais adiante neste capítulo.

Para finalizar este primeiro movimento de associação entre mítico e lúdico, é preciso fazer uma última discussão sobre o jogo sagrado. Como afirmado anteriormente, para Huizinga (2000), o jogo poderia se tornar sagrado quando alcança uma forte presença dentre a vida cotidiana das pessoas. Sobre o “jogo sagrado”, ao refletir acerca de práticas de grupos tidos como primitivos, o historiador neerlandês afirma que essas pessoas não conheciam a distinção entre conceitos como real e imaginário. Isto também seria o caso de crianças modernas e poetas (HUIZINGA, 2000). Neste sentido, entendemos sagrado como uma dimensão lúdica, mas também mítica, que alcança um sentido maior na vida das pessoas, com presença permanente nestas vidas, diferente do sentido religioso, como compreendemos através de Cassirer, baseado nos aspectos morais e éticos (GIL FILHO, 2020).

Assim, as representações e simbolismos de seus jogos ganhavam conotações que envolviam o mítico, se tornavam sagrados, em um sentido mítico. Segundo Huizinga (2000), que inclusive cita Platão para convergir com sua ideia, as práticas míticas poderiam ser entendidas como lúdicas de teor sagrado. E estes jogos sagrados, seriam indispensáveis para o bem-estar das comunidades, se processariam fora e acima das necessidades cotidianas. Deste modo, quando, na atualidade, o indivíduo se sujeita aos

jogos com teor sagrado, ou seja, os jogos que integram seu cotidiano, esse indivíduo se aproximaria de um domínio comum a crianças e poetas (HUIZINGA, 2000).

Dessa forma, se atentando ao que caracteriza mítico e lúdico, sobretudo em uma dimensão afetiva e emocional, se percebe que por mais que haja diferenças no que se compreende como mítico e lúdico, há também sinais de aproximação. Neste sentido, um importante ponto, para além dos já citados, está o fato de que para Huizinga (2000), ao se reconhecer o jogo, se reconhece o espírito, que tratar do problema do jogo é função da cultura. Além disso, Huizinga (2000) admite que no mito se originam grandes forças instintivas da sociedade, como direito, comércio, arte e ciência, sendo essas duas, formas simbólicas para Cassirer (2001). Desta forma, por mais que possa haver pontos de diferenças entre lúdico e mítico, devido, a principalmente, às peculiaridades lúdicas mencionadas, como o prazer pela vitória, é certo afirmar que há mais possibilidades de convergências, que se esperam já serem perceptíveis até este ponto da leitura. Assim, se espera que as conexões entre mítico e lúdico possam se tornar ainda mais compreensíveis após envolvermos, nas reflexões, as dimensões futebolísticas.

1.5. Os valores do futebol

Mesmo antes de contextualizar historicamente o surgimento do futebol, é possível refletir acerca do que há de mítico e lúdico sobre o mesmo, através do que o torna um fenômeno mundial. No contexto nacional, é observável, ao longo da história do futebol brasileiro, que muitos dos jogadores que se destacam se originam das classes socioeconômicas menos privilegiadas. Então, quando esses jogadores conseguem se destacar, podem se tornar exemplos para segmentos da população que se identificam com seus estilos de vida, alimentando o imaginário e identidades coletivas (SOUZA, 2020). Ou seja, o futebol poderia ser visto, como ainda é, enquanto uma oportunidade de crescer socioeconomicamente para pessoas oriundas das camadas mais negligenciadas da sociedade. Isto, no começo do futebol profissional brasileiro, em um contexto de abolição da escravidão recente, poderia fazer do futebol algo libertador (ROSENFELD, 2013).

Neste sentido, se percebe que a transição do futebol amador para o profissional, ocorrido nas primeiras décadas do século XX, foi algo fundamental para a efetiva aproximação de muitas pessoas, pois, em um período amador, muitas pessoas que queriam se integrar ao futebol, sofriam com as incertezas quanto ao sustento próprio (ROSENFELD, 2013). Neste momento de chegada ao futebol brasileiro, é possível

pensar, segundo a lógica da essência lúdica de Huizinga, que a profissionalização do jogo retiraria a essência lúdica para quem experiencia jogando (HUZINGA, 2000). Contudo, esse processo de popularização pode ser problematizado, como ocorrerá mais adiante neste trabalho, parece assertivo afirmar que a profissionalização do futebol trouxe contribuições sociais, mesmo em uma sociedade que permanece desigual.

Estas reflexões colaboram para compreender não apenas a inserção de pessoas na prática do futebol, mas também, para entender o que leva as pessoas a assistirem aos jogos, de maneiras muitas vezes inexplicáveis sobre um ponto de vista estritamente racional. Para Anatol Rosenfeld (2013), a admiração aos jogadores brasileiros por parte da população, se devia, ao fato das pessoas se sentirem representadas pelos atletas, durante o desenvolvimento do futebol no Brasil durante o século XX (ROSENFELD, 2013). Este senso de representação, segundo Rosenfeld (2013), ocorreria por um reconhecimento nos jogadores, do que o autor afirmou ser um estilo mulato, elástico, flexível, do jeito brasileiro de ser, fazendo parte desse senso de representação, a lógica da democracia racional (*Ibidem*).

Atualmente, essa perspectiva apresentada para explicar a popularização do futebol no Brasil, pode ser questionada, sobretudo quando se pensa que houve um movimento de absorver o estilo de vida europeu por parte das elites sociais brasileiras da virada dos séculos XIX e XX, que contribuiu para introdução do futebol no país (MASCARENHAS, 2020). E embora as disputas que a princípio ocorriam entre clubes elitistas (ROSENFELD, 2013), tenham sido apropriadas por outros grupos sociais (MASCARENHAS, 2020), o futebol foi utilizado por atores políticos, por gerações, como uma ferramenta de controle e influência sobre a sociedade (MARTINS e REIS, 2020). Embora no próximo capítulo, se discuta mais a fundo a história do futebol, é importante realizar essa contextualização sobre sua origem, sem perder a noção, de que mais importante do que entender como surgiu o mito, é compreender a influência do mito na sociedade (CASSIRER, 2007). De todo modo, é pertinente averiguar as origens míticas, que explicam a introdução e sucesso do futebol no Brasil, sem desprezo, mesmo que tais origens não carreguem todas as verdades, pois essas origens míticas, são componentes importantes da dimensão mítica futebolística.

Como discutido anteriormente, há uma percepção sobre o elástico, o improvisado, o estético como elementos que compõem um senso de representação sobre o futebol

brasileiro, talvez por isto, que independente do período do futebol analisado, jogadores conhecidos por dribles, chutes e passes inesperados, com um estilo de jogo tido pela maioria como belo, foram idolatrados. Isto fica visível através dos casos de Pelé, Garrincha, Ronaldinho Gaúcho, ou até o argentino Lionel Messi, jogadores que foram vistos no Brasil, como dotados de qualidades “mágicas” e “encantadoras”. Em contrapartida, jogos que previamente se sabe que não terão performances vistosas, poderão ter públicos baixos, pelo desinteresse a um futebol “feio” (MORRIS, 1981).

Esta apreciação ao estético, elástico e flexível pode estar associada a uma forte presença no Brasil, de um futebol bricolado, que seria o jogo improvisado, de regras próprias (DAMO, 2020), comum de se ver em rodas de amigos, espaços como as ruas, praias, campos de terra batida, ou campos de várzea. Inclusive, a redução dos chamados campos de várzea – em detrimento das expansões urbanas e imobiliárias no país – é vista como um fenômeno que não apenas impacta as formas de lazer e sociabilidade nos espaços urbanos, mas também impactaria na qualidade dos novos jogadores brasileiros profissionais (SILVA, 2021). Isto porque se entende que os jogadores, quando ainda na infância e juventude, deixam de jogar futebol livremente, para treinar em campos, seguindo táticas que restringem suas liberdades, perdem as práticas e conseqüentemente, as habilidades elásticas e bricoladas, inerentes aos grandes craques históricos do *belo e mágico futebol brasileiro*. Por outro lado, ainda é possível encontrar grupos que se relacionam com o futebol através deste modo bricolado, pelo puro prazer da disputa, sem aspirações profissionais (CAMPOS, 2009). Assim, é possível pensar que a desassociação com característica bricoladas esteja ocorrendo sobretudo na dimensão profissional.

Além do jogo bricolado, Arlei Damo (2020) acredita que existem outras quatro matrizes ou circuitos do futebol, que seriam o comunitário, o escolar, o feminino e o espetacularizado – inerente ao futebol profissional masculino – que possui uma trajetória diferente do feminino, o que justificaria para o autor essa distinção, mesmo que a dimensão feminina receba cada vez mais carga espetacularizada. Dentre estes caminhos, esta pesquisa seguirá a matriz do futebol espetacularizado, em que se inserem os clubes profissionais, e os jogos com transmissões. Neste caso, em um contexto menos glamourizado do que são as partidas da elite do futebol europeu, ou mesmo brasileiro. Afinal, o Santa Cruz, se encontra no último nível do Campeonato Brasileiro, onde como poderemos explicar no próximo capítulo, as “condições espetaculares” são bem questionáveis. Contudo, ainda sim, a realidade do Santa Cruz poderá ser considerada

dentro desta matriz futebolística, uma vez que seus alcançam numerosos quantitativos de pessoas, e provoca grandes mobilizações urbanas, sociais e culturais.

1.5.1. Valores míticos e lúdicos do futebol

Dialogando com as características lúdicas, é possível perceber sinais de que a forma como o futebol foi encarado em diversas partes do mundo, incluindo o Brasil, alcançou um estágio de muita emoção. Para o zoologista, etólogo e pintor inglês Desmond Morris (MORRIS, 1981), o futebol para aqueles que fazem parte dessa cultura é inexplicável, é emocional, futebol é futebol (MORRIS, 1981). Neste ponto, de ser algo mais passional do que racional, se assemelharia ao que é afirmado sobre o mítico e o lúdico, por Cassirer e Huizinga,

Para Morris (1981), o futebol teria origens primitivas, assim como o mito para Cassirer (2007) e o lúdico para Huizinga (2000). No caso do futebol, a origem primitiva remonta a um período no qual o ser humano precisou desenvolver habilidades físicas, atléticas e intelectuais, criando estratégias, agindo cooperativamente, necessitando de condicionamento físico, concentração, imaginação, visão, pontaria apurada, motivação e bravura, para sobreviver na caça (MORRIS, 1981). Estas características de caça teriam sido herdadas pelo futebol, com algumas adaptações. Ao invés da presa ser um animal a ser abatido, o gol se tornou a presa no futebol. Para alcançar esta presa, as características necessárias à caça ainda eram pertinentes, com evidentes adaptações (*Ibidem*). Por ter esta característica adaptada, Morris (1981) entendeu que o futebol seria uma pseudocaça, e os jogadores seriam pseudo-guerreiros. Porém, como a presa no futebol não escapa, entendendo que o gol se localiza estaticamente nas extremidades do campo, o desafio ocorre devido ao time opositor que contribui para que seja uma caça recíproca, onde os dois times possuem dois papéis. O primeiro papel, seria defender seu gol, com as habilidades de presas, e o segundo papel, seria realizar o gol, com as habilidades de caçadores (*Ibidem*).

Contudo, é necessário realizar uma problematização acerca da argumentação de Morris (1981), que associa o futebol a algo primitivo. Como discutido anteriormente, a respeito do mítico e do lúdico, análises como as realizadas por Desmond Morris sobre o futebol, ou de Huizinga (2000) sobre o mítico, são problemáticas, pois carregam uma denotação de inferioridade a aqueles que seriam “primitivos”, nesse sentido, há uma demonstração do que parece ser uma manifestação de julgamento de culturas, como se as

culturas ocidentais modernas e contemporâneas fossem superiores às culturas de outros locais e tempos. Além disso, tratar o futebol como algo de origem primitivas, pode ser uma lógica reducionista, que esconde outras nuances que as origens e popularização desse esporte carrega. Sobre tais nuances, no capítulo seguinte será possível destacar isso de maneira mais ampla. De todo forma, é importante sempre ressaltar o que afirma Cassirer (1992), sobre a origem do mito, onde mais importante do que compreender a origem, seria entender seu impacto na vida das pessoas. Neste sentido, é possível perceber sim, que há muitas vezes nas lógicas de quem consome e vive o futebol, um sentimento de batalha, de caça, e por isso, realizando as necessárias ressalvas, a discussão apresentada por Desmond Morris (1981) se torna relevante.

Sobre esta caça, o gol é tido como algo raro de acontecer. Em uma partida, os jogadores gastam muito mais tempo passando a bola para companheiros, do que realizando gols (MORRIS, 1981). Por isso, quando um gol ocorre, as reações nas arquibancadas são tão eufóricas. Para o escritor Eduardo Galeano, de sua maneira poética, o gol é um milagre, é o orgasmo do futebol, solta o estádio da terra, e leva ao espaço (GALEANO, 1995).

Para Desmond Morris (1981), a maneira como o gol é tratado no futebol, justificaria o fato de aqueles que realizam muitos gols, se tornam algo além de meros heróis, viram figuras divinas, idolatradas, adoradas pelos devotos fiéis futebolistas (*Ibidem*). Esta idolatria poderia ocorrer para além da quantidade de gols realizados por um jogador, existindo também por meio de uma identificação do torcedor com o jogador. Mais adiante ao longo dessa tese, mais precisamente, no terceiro capítulo, será possível observar como ex-jogadores do Santa Cruz, a partir de seus feitos, se tornaram pessoas com carga simbólica mítica para os torcedores do clube, e conseqüentemente, contribuíram para alimentar histórias, compondo e mantendo a dimensão mítica do clube.

Esta identificação pode ocorrer quando um jogador conquista muitas vitórias, demonstrando também valores como amor à camisa do clube e a torcida, além de vontade de vencer, chamada muitas vezes de raça. Quando um atleta demonstra estes comportamentos, ele poderá ser um ídolo da torcida (TEIXEIRA, 2004). O ídolo é importante para um clube, pois além de escrever capítulos positivos e marcantes da história do time, ele consegue no tempo presente, marcar gerações, atrair novos torcedores para o clube (*Ibidem*).

Os ídolos do passado são vistos com nostalgia, de uma época em que haveria o “amor à camisa”, quando os jogadores eram entendidos como pessoas que jogavam porque amavam o clube e sua torcida, e não por dinheiro, até porque, a atividade de jogador não era tão lucrativa como se observa com atletas bem-sucedidos atualmente (TEIXEIRA, 2004). Desta forma, se o ídolo do tempo presente é importante por marcar novas gerações e atrair novos adeptos para um clube, o ídolo de outrora é importante pelo seu papel no imaginário, ele desperta memórias que enriquecem a história do clube, contribui para a identidade de uma torcida. Por isso, que ainda hoje, quando um jogador rejeita uma proposta mais lucrativa para permanecer em um clube, ele pode ser visto com prestígio pelos torcedores. De toda forma, a relação ídolo-torcida é complexa, pois um ídolo pode permanecer tempo demais em um clube, e suas habilidades esportivas decaírem, ou trocar um clube por um rival, o jogador pode perder alguma parte do prestígio que possuía. Por isso, jogadores ídolos não poderiam ser vistos como semideuses de uma torcida (*Ibidem*). A linha que define entre o se tornar ídolo e se tornar desprestigiado é tênue, um movimento em falso, como não desempenhar a performance esperada pela torcida em um jogo decisivo, ou criticar a própria torcida – por exemplo – pode ser o suficiente para o valorizado ser desprezado.

No entanto, pensando no que Toledo (2020), afirma sobre os ídolos serem “deuses vivos”, podendo ser amados, mas também, temidos ou odiados pelas multidões, é possível pensar que essas pessoas, para os torcedores de futebol, ídolos estariam acima das pessoas *comuns* em importância. Neste sentido, é perceptível que tal como pontuado por Huizinga (2000), mesmo após o jogo, alguns jogadores continuam sendo associados aos seus papéis no jogo, sendo de alguma forma, pessoas imbuídas de pregnância simbólica. Para o escritor Eduardo Galeano (1995), as habilidades seriam mais relevantes do que um condicionamento atlético para o ídolo, que essa figura era abençoada por divindades, nasce e cresce jogando, e em sua juventude faz estádios vibrarem. Porém, sua idolatria de fato é temporária, é uma “humana eternidade”, podendo ser maltratado e aposentado pela própria torcida.

É possível chegar à conclusão de que os ídolos do futebol são percebidos pelas pessoas que vivenciam o futebol, como indivíduos com algum simbolismo, mesmo que sua posição possa alternar entre prestígio e desprestígio, vivendo em uma gangorra simbólica. Diretores de futebol e técnicos são exemplos do que poderíamos chamar de gangorra simbólica, isso é, carregam simbolismos cuja essência, positiva ou negativa,

pode variar de maneira volátil. Essa realidade, é algo que faz os jogadores serem percebido em alguns momentos como heróis, e em outros momentos como vilões (MORRIS, 1981).

Nesta relação entre torcedores, clubes e ídolos, vai se desenvolvendo histórias, paixões e memórias, que podem ser materializadas em certos objetos. Para Desmond Morris (1981), estes objetos seriam desejados pelos torcedores, e quando obtidos, cuidados e preservados como relíquias. Não parece haver limites para o que pode se tornar uma relíquia, uma camisa antiga do clube, algum objeto com autógrafo do ídolo, fotografias com o ídolo, uma camisa ou chuteira utilizada por um ídolo em uma partida decisiva.

Os diretores de futebol podem ser compreendidos como amantes do futebol, para algumas pessoas, ou como incompetentes, responsáveis pelos problemas do clube, interessados apenas em prestígio e outros interesses pessoais (MORRIS, 1981). No caso dos treinadores, nos momentos de triunfo vai ser compreendido como uma pessoa com habilidades de hipnose, psiquiatria, magia, feitiçaria. Com estas habilidades, converteria um grupo de cínicos jogadores profissionais em um grupo de fanáticos, prontos para doar suas vidas pelo clube (*Ibidem*). Contudo, nos momentos de dificuldades do clube, o técnico é aquele que geralmente será *sacrificado*, com uma demissão, para acalmar os ânimos dos seguidores (*Ibidem*).

Assim como os jogadores, diretores e técnicos, o próprio jogo, os clubes e os estádios, também são vistos como pontos de foco de manifestações que podem ser interpretadas como míticas. Na medida que o futebol se profissionalizou e se popularizou, ele passou a ser algo pertencente às massas no Brasil, e no contexto de um povo, que historicamente misturou crenças e festividades, isso também seria visto no futebol, por parte dos torcedores, em seus modos de torcer. Anatol Rosenfeld (2013) observava neste contexto, um jeito de torcer que envolvia dança, festa, futebol e culto. Neste caso, o culto se aplicaria sobre o modo como o jogo é visto para torcida. Segundo Rosenfeld (2013), o jogo é visto como uma decisão divina, sobre qual seita (torcida), se receberão as bençãos, as honras, o poder, e o curso feliz das coisas. Sobre isto, é interessante observar um trecho dos escritos de Nelson Rodrigues:

“É verdade que a emoção do futebol é para ser mostrada e gritada. Não há nenhuma razão para

ocultá-la. Vai-se a um jogo justamente para soltar emoções, para libertá-las, sem esconder nada. E aí [...] O que há é o torcedor, o homem que ama um clube e se entrega a ele, vivendo o destino dele em um match. Só que esse destino do clube num match é o destino do torcedor no match. Não há como fugir dele.” (RODRIGUES apud TEIXEIRA, 2004. p. 105).

Escritores como Nelson Rodrigues e Eduardo Galeano, mesmo com posições bem distintas de mundo, contribuíram para que o futebol alcançasse uma dimensão mitológica. Em muitos dos textos de Nelson Rodrigues, o escritor ao falar de futebol, apresentava elementos míticos, transcendentais, através de figuras como o “Sobrenatural de Almeida”, para explicar as partidas, de uma maneira que ajudavam a população a entender os jogos como algo mágico (ZANIN, 2013). Suas crônicas de fato eram escritas com elementos de ficção, de drama, tragédia, redenção e catarse das massas, além de terem sido contemporâneas de uma era de ouro do futebol brasileiro, onde a Seleção venceu três mundiais em um período próximo de anos (1958, 1962, 1970), e a conquista de torneios mundiais por parte de clubes brasileiros, como o Santos/SP (SILVA, 1997; ZANIN, 2013). Isto tudo, associado ainda a escritos que buscavam, muitas vezes, partir do futebol para explicar a sociedade brasileira como um todo, entendendo que há no futebol uma maneira de entender a alma do seu povo, contribuiu para aproximar o esporte da sociedade brasileira, para fazer do futebol uma parte da identidade da sociedade brasileira (SOUZA, 2022). Por isso, Nelson Rodrigues é considerado um dos principais artifices de uma mitologia futebolística brasileira (SILVA, 1997). Durante o terceiro capítulo, será possível reforçar mais profundamente, essa discussão sobre como discursos e retóricas fantásticas, como as realizadas por Nelson Rodrigues, alimentam mitologias, ao analisarmos a história do Santa Cruz. Afinal, é possível observar na maneira como a história do clube é narrada, um movimento retórico, que associa o clube à uma origem popular, próxima às camadas mais pobres da sociedade recifense do início do século XX.

Já Eduardo Galeano, através de suas leituras e escritos do futebol, principalmente na América do Sul, e contemplando o Brasil em muitos textos, ajuda a compreender o que o futebol era para sociedade, incluindo a brasileira, de maneira mítica. No texto *As lágrimas não vêm do berço*, ao tratar do alcance que o fanatismo no futebol alcançava, desencadeando conflitos, Galeano exemplifica a dimensão que o futebol alcançou:

Em nosso tempo, o fanatismo do futebol invadiu o lugar que antes estava reservado somente ao fervor religioso, ao ardor patriótico, e à paixão política. Como acontece com a religião, com a pátria e com a política, muitos horrores são cometidos em nome do futebol, e muitas tensões explodem por seu intermédio. (GALEANO, P. 174, 1995).

Já no texto *A festa*, o escritor demonstra como o futebol possui impacto na rotina brasileira, mais uma vez, aproximando esse esporte de algo mítico:

Há povoados e vilarejos no Brasil que não têm igreja, mas não existe nenhum sem campo de futebol. O domingo é o dia em que os cardiologistas de todo o país trabalham mais. Num domingo normal, qualquer um pode morrer de emoção enquanto se celebra a missa da bola. Num domingo sem futebol, qualquer um morre de aborrecimento. (GALEANO, P. 184, 1995).

Assim, mesmo que Rodrigues e Galeano não carreguem em suas literaturas perspectivas acadêmicas sobre o tema discutido, entendemos que suas crônicas carreguem relatos que exemplificam as relações que as pessoas desenvolvem com o futebol em diversas realidades. Embora as crônicas carreguem elementos fantasiosos, elas são cabíveis para endossar a argumentação, através de interpretações possíveis, como a de Zanin (ano), através da obra de Nelson Rodrigues.

Continuando a discussão, no texto *A festa*, é possível perceber como o futebol permeia o cotidiano das pessoas, saindo de um espaço mágico, como Huizinga (2000), o futebol sai de um espaço de aura mágica, como se refere Cassirer (2007), para alcançar o cotidiano, e tornar esse cotidiano mágico, assim como ocorre com o ser religioso (FERNANDES e GIL FILHO, 2011). Ainda sobre o Brasil, o autor ainda afirma que o futebol local se construiu como o mais bonito do mundo, por ter sido adaptado ao povo brasileiro, a sua energia, suas músicas. Outro ponto que vale destacar neste ponto sobre Galeano, é que assim como Nelson Rodrigues, possuía um interesse em contar histórias folclóricas, e de superstição do povo brasileiro (GALEANO, 1995; RODRIGUES, 2013).

Através destas passagens destes escritores, vemos maneiras nas quais a compreensão de futebol foi sendo construída no Brasil de maneira que misture esporte, festa e culto. Para Rosenfeld (2013, p. 105), “O futebol é uma expressão simbólica de energias primitivas, até destruidoras: é sua representação organizada.”. Esta expressão simbólica, com impulsos primitivos, para o autor, em maneira purificada é “como uma expressão lúdico-simbólica de controle humano e conformação de energias irracionais.” (ROSENFELD, 2013, p. 106). Naturalmente, assim como quando tratamos da aproximação entre futebol e religião, esta aproximação do futebol com a guerra, pode ser lida entendendo o futebol como um fenômeno que absorve elementos de religião e guerra, simula aspectos religiosos e bélicos, compondo suas conformidades simbólicas, o tornando algo mítico, mas que se detém no mítico, por não possuir as essências destas esferas.

Ao refletirmos sobre as palavras de Rosenfeld (2013), é possível pensar que elas dialogam com o que discutimos acerca de Huizinga e Cassirer, a respeito do lúdico e do mítico, respectivamente. Rosenfeld (2013) cita Huizinga, e sua compreensão pura do lúdico frente a processos de profissionalização que permitiam a ascensão socioeconômica de pessoas. Já com relação a Cassirer, é inevitável não imaginar que quando Rosenfeld (2013) afirma que o futebol é expressão simbólica, lúdica, com impulsos passional, não esteja influenciado sobre a perspectiva mítica de Cassirer (2007), que também trata do rito como uma descarga emocional que busca o divino, e que possui origens primitivas. A conexão entre os discursos de Cassirer e Rosenfeld, podem ser acreditadas, tendo em consideração para além da convergência de ideias de suas afirmações, o fato de que Rosenfeld, escreveu o prólogo da versão brasileira de *Linguagem e mito* de Cassirer (1992), onde resume a trajetória acadêmica de Cassirer. Este fato parece atestar conhecimento profundo de Rosenfeld sobre a obra de Cassirer, e que pode ser visto na maneira como descreve a existência de misticismo no futebol.

Neste sentido, se percebe que o jogo de futebol realmente carrega alguma característica mítica, na medida em que é capaz de modificar o destino do torcedor que vai ao jogo, vivenciar essa disputa do destino junto ao clube, em busca da glória. Na verdade, através do jogo, o torcedor converge com a entidade adorada, no caso, o clube, os destinos de ambos são decididos em uma partida de futebol. Estas bênçãos, honras, alegrias, podem ser associadas com a graça, a bênção da vitória, objetivada na prática

lúdica (HUIZINGA, 2000). Quando a desejada vitória é alcançada é possível observar inclusive, celebrações em comunhão entre torcedores e atletas (MORRIS, 1981).

Para Desmond Morris (1981), o jogo possui aspectos parecidos ao de uma cerimônia religiosa, e por isso, algumas pessoas compreenderiam o estádio enquanto um santuário, o gramado como algo sagrado, os jogadores como semideuses, e os torcedores – mesmo com canções com letras obscenas – poderiam agir parecidos a corais performando hinos.

Na atualidade, é possível observar a constante presenças religiosas em partidas e no futebol como um todo. Historicamente, é comum ver manifestações religiosas de torcedores, mas também de jogadores, ao entrarem no estádio, pisar no gramado, mas sobretudo ao realizar um gol, e ao fim do jogo – para comemorar uma vitória. Isto ocorreria, pois como o futebol carrega um misticismo, pode ser entendido como coerente que as pessoas se utilizem de suas fés para que momentos tão importantes em suas vidas, como são os jogos, sejam abençoados pela boa sorte (ROSENFELD, 2013).

Em um contexto global, é possível ver manifestações no jogo, de crenças cristãs, muçulmanas (MAGRI, 2018), e associadas a umbanda e o candomblé (BARREIRA, 2021). Contudo, devido as misturas entre religião, política e negócios, é possível observar casos em que os gestores do futebol repreendem manifestações religiosas, para não criar algum desconforto (LIMA, 2020), sobretudo para parceiros econômicos dos eventos, que comunguem de crenças diferentes.

1.5.2. Os tensionamentos do jogo

Contudo, em um jogo, a vitória não é o único resultado possível, havendo as possibilidades de que a disputa do destino pode ocasionar em derrotas e grandes frustrações, onde o depósito emocional que o adepto aplica ao torcer pela vitória, não é correspondido (GIULIANOTTI, 2012). Por isso, o torcedor, ao se amarrar aos sentimentos, estaria sujeito a uma grande variável de emoções positivas e negativas. Desta montanha-russa de emoções vividas pelo jogo, estaria a origem do termo torcedor, através do verbo torcer, que envolve o contorcer, nesse sentido, o torcedor seria também um sofredor (TEIXEIRA, 2004). Segundo algumas versões remontam, a origem do termo poderia ter se originado durante jogos do Fluminense Football Club/RJ nas primeiras décadas do século XX. A origem, conforme os relatos, é que durante as partidas, as moças da alta sociedade que acompanhavam os jogos, nos momentos de tensão, torciam suas

luvas – retiradas devido ao calor do Rio de Janeiro – gerando o termo torcer, e aquelas e aqueles que praticam esse ato, de torcedores (FLUMINENSE, 2021).

Assim, se percebe uma semelhança entre o jogo e o rito, entendido por Cassirer (ano). Isto porque, no jogo, os torcedores têm seus destinos individuais moldados, através dos resultados das partidas, da decisão do curso feliz das coisas, como afirma Rosenfeld (2013), e que podemos compreender dentre outras formas, no impacto que o jogo reverbera no humor das pessoas, em seu cotidiano. De maneira semelhante, os ritos agregam sentido de vida aos participantes, como podemos compreender através de interpretações cassirerianas, permitindo entender os jogos enquanto ritos lúdicos que provocam impactos nas vidas cotidianas de quem os vivenciam.

Ao analisar a história do futebol mais detalhadamente no capítulo seguinte, será perceptível que há lacunas acerca das origens do futebol, assim como ocorre com os mitos. Assim, se para Cassirer (1992), é mais interessante compreender como funcionam os mitos, em relação as suas origens, através dos ritos, uma possibilidade de compreender esta funcionalidade no futebol, seria no caso da torcida, em sua relação da torcida com o jogo, no torcer.

É neste torcer, que estaria associado outras manifestações, além de símbolos, que envolveriam o rito do jogo. Um exemplo disto seriam as faixas e bandeiras, que além de fazerem parte de coreografias dos torcedores, também possuem a função de delimitar espaços nas arquibancadas, nos quais as diferentes torcidas organizadas ocupam tradicionalmente. Estes adereços também simbolizam comportamentos, na medida que diferentes torcidas organizadas possuem distintos modos de torcer. E, como são produzidos muitas vezes de maneira artesanal pelos torcedores, acabam tendo um grande valor afetivo para essas pessoas, chegando até mesmo, a possuir um valor sagrado (TEIXEIRA, 2004). Outra manifestação emblemática e corriqueira nas arquibancadas são os cânticos, que geralmente possuem teor positivo de valorização ao clube, força, vigor, homenagem a ídolo, e lembranças de jogos agradáveis de se recordar. Também há cânticos de teor negativo, que provocam rivais e seus ídolos – muitas vezes com características machistas e homofóbicas – além de críticas aos árbitros das partidas, e até mesmo à polícia (*Ibidem*).

A partida de futebol, com estas diversas formas de manifestações, com caráter de tensão, e forças antagônicas, pode ser pensada como um rito disjuntivo, pois equipes

jogam em pretensão de equilíbrio, para que uma vença e outra perca. Em um plano profundo, o jogo poderia até mesmo ser visto como um rito de simulação da morte (DAMO, 2020), visto que derrotas que eliminam um clube de um torneio são tidas pelas torcidas como a morte do clube. Em clássicos, ou jogos de forte rivalidade entre as equipes, por exemplo, se observa com alguma frequência na arquibancada, simulações de caixões com as cores do rival (Figura 3), que significaria que o torcedor teria a expectativa de ver seu clube matar esportivamente o rival (MORRIS, 1981), ou não apenas esportivamente, quando infelizmente, há contornos violentos envolvidos nestes ritos.

Figura 3: Caixões na arquibancada, com as cores da equipe adversária, representando a morte esportiva do rival.



Fonte: Cassucci, 2021.

No plano da sociabilidade, o jogo pode ser visto como espetáculo de flutuações de humor, com base em vitórias e derrotas (DAMO, 2020). Dentro de uma mesma partida, é possível observar situações em que o time está perdendo e o comportamento da torcida é de uma forma, mas com a virada e a vitória, os comportamentos mudam. Ou seja, não é apenas a cada partida, com triunfos e insucessos que o humor flutua, mas durante cada jogo, na medida que o placar da partida vai se alterando a favor e contra o humor também flutua. Esta flutuação de humor que o jogo de futebol causa na torcida pode ter influência nos diversos tipos de torcedores que acompanham o time, sendo algumas pessoas

naturalmente mais otimistas, outras pessimistas, aqueles que são barulhentos, os adeptos mais silenciosos, os bem-humorados, os violentos, dentre outras possibilidades de torcedores (MORRIS, 1981). Desmond Morris (1981) também afirma que o tempo de envolvimento com o clube, adquirido com os anos, também diferencia os torcedores, tendo em vista que torcedores mais velhos carregariam uma maior gama de memórias com o clube.

Torcer é visto por Rosenfeld (2013), como uma participação de coautoria, apaixonada, que busca colaborar, mas também criticar. As críticas, inclusive, viriam da noção que todos entendem do jogo e sabem jogar. Com base nisso, é possível pensar no jogo como um rito para cultuar clubes, e talvez atletas que sejam merecedores – com base em desempenhos marcantes. Além disso, também se buscaria a vitória, realizando também críticas e ofensas, se necessário. Com as vitórias, se espera que o valor simbólico do clube aumente, e o torcedor seja recompensado com a graça do triunfo e o prazer que isso lhe proporciona.

Nesta lógica, de que há misticismo no futebol, Rosenfeld (2013) afirma que é compreensível que torcedores e jogadores utilizem de ritos sobrenaturais, para atrair o divino para seu lado. Pois, afinal, em um rito onde o imponderável se faz presente como no caso do jogo de futebol, os sujeitos que vivenciam estas experiências emocionalmente, realmente podem buscar algum tipo de proteção sobrenatural. Sobre isto, Toledo (2020) afirma que o futebol e o sagrado são distintos, mas possuem proximidades, o sagrado seria *esportivizado*, marcas sagradas são incorporadas no futebol. No entanto, por ser o futebol algo pautado por hibridismos, polarizações e reversibilidades, há a possibilidade de que santificados sejam demonizados e o oposto também ocorra, revertendo assim, o valor de seu poder inúmeras vezes. Neste sentido, podemos pensar que a estrutura mítica pode se encontrar no jogo, uma vez que o jogo é jogado de maneira simbólica pelos atletas – em suas ações e pensamentos – o jogo é percebido e interpretado de maneira simbólica pelos árbitros e suas interpretações subjetivas das regras. A partida também é percebida simbolicamente, por todos que a acompanham, caso dos torcedores, que assim como os atletas, se envolvem com o jogo, o atribuindo, um sentido de decisão do destino, exemplificando assim, mais uma vez, as conexões entre mítico e lúdico, no futebol. Por isto, o futebol acaba sendo palco de muitas superstições, como a camisa da sorte, o local da sorte para assistir ao jogo, o chamado pé-frio, que é a pessoa que não deve acompanhar o jogo para não dá azar ao time, dentre outras superstições.

É evidente, que os sujeitos torcedores irão se relacionar com o estádio, o clube, o adversário, a própria torcida e o jogo em si, de maneiras diferentes. Para Giulianotti (2012), haveria diferentes tipos de identidades de torcedor: o fanático, o seguidor, o fã e o flâneur. Para o sociólogo, pode se observar nos fanáticos, um pertencimento clubista, onde o clube e seu estádio, fazem parte da identidade do indivíduo (*Ibidem*). O seguidor por sua vez, se apresenta como um simpatizante, podendo desenvolver essa relação por mais de um clube. O fanático por um determinado clube pode ser seguidor de outro, principalmente, se existir uma boa relação entre as torcidas de ambos os clubes, chegando a alguns casos, se tornar alianças. Estas alianças são muitas vezes decisivas para que uma pessoa seja seguidora de um clube (GIULIANOTTI, 2012). Já o fã, se dedica mais a clubes e jogadores por mediações mercadológicas, sendo essa, uma relação muito mais visível em clubes ricos. Há geralmente, lealdade por parte do fã, mas também vai haver um certo distanciamento (GIULIANOTTI, 2012). Com relação ao flâneur, é o sujeito que está mais interessado na festividade do que no jogo em si, compra camisas de um clube por um valor estético, em detrimento do simbólico (*Ibidem*).

Apesar das diferenças entre os perfis de torcedores, é possível que pensar que uma mesma pessoa, pode ser fanático, seguidor, fã, ou flâneur, por diferentes clubes. Em uma realidade onde se tem cada vez mais acesso a diferentes ligas de futebol, de estados e países diferentes. Muitas inclusive, pessoas que demonstram afetividade por clubes diferentes são chamadas no Brasil, de maneira pejorativa, de mistos (VASCONCELOS, 2011). Geralmente, essas provocações aos mistos, partem dos torcedores mais fanáticos, que se dedicam completamente em prol de um clube, e não reconheceriam como legítimo, um vínculo clubista que não é exclusivo.

Giulianotti (2012), afirma que o fanático possui relações afetivas com o estádio que frequenta e conhece. Apesar dessa afirmação, que pode sugerir que apenas o fanático nutre vínculos afetivos com o estádio, é possível imaginar que os demais perfis de torcedores também nutrem relações afetivas com o estádio. Enquanto o seguidor, ou o fã podem construir um entendimento de que o estádio do clube com o qual se relacionam é um espaço com aura mágica, o flâneur pode compreender o mesmo estádio, enquanto um local, onde esse indivíduo vivenciou uma experiência festiva marcante, mas talvez, sem a dimensão mítica que o seguidor e o fã carreguem.

O torcedor fanático, por sua vez, pode demonstrar um pertencimento profundo ao estádio, com sentimentos intensos e profundos, o estádio se torna como um espaço fundamental para suas subjetividades individuais. É afirmado por Giulianotti (2012) que o fanático se sente em casa no estádio, conhece esse espaço em detalhes. Vivenciar o estádio fortalece a identidade deste torcedor, e o que o clube pode fazer para recompensar seu investimento emocional, é a retribuição com vitórias, títulos, disposição para vencer – a chamada raça (GIULIANOTTI, 2012). Dentro da dimensão dos torcedores fanáticos, podem existir grupos organizados, figuras que assumem o papel de líderes (MORRIS, 1981).

Na vivência do estádio, das arquibancadas, o torcedor realiza uma experiência transcendental coletiva, que constrói a identidade da torcida do clube (GIULIANOTTI, 2012). Ou seja, as práticas nas arquibancadas, servem como algo de veneração própria, onde as vivências são fortemente realizadas com os corpos, marcadas nos mesmos, que unidos, formam o *corpus* da torcida (*Ibidem*). Este conceito de *corpus* da torcida, é algo que se apresenta com muita importância durante esta tese. Pois através das atividades empíricas, verificamos que as vivências nas arquibancadas através de manifestações como coreografias e cânticos, conseguem agregar a maioria das pessoas nos estádios, criando uma percepção de união das arquibancadas sobretudo nos momentos mais festivos, de celebração e de adoração ao clube. Estes momentos, podem contribuir para que o estádio ganhe características sagradas para torcida (TEIXEIRA, 2004).

No que se refere à relação principalmente do fanático com o rival, é possível pensar nesses sujeitos como uma outra face do fanático, de seu clube e de sua torcida. Inclusive, é possível que o sujeito pense nas origens míticas de seu clube, dependentes dos rivais (DAMO, 2020). Afinal, se o time que torço é grande, ele precisa de um rival igualmente grande, que se oponha a ele. Além disso, historicamente é comum observar que a história de um clube pode ser cultuada pelos seus torcedores, sempre em comparação com uma “história menor”, dos rivais, como é o caso inclusive do Santa Cruz, como ficará mais claro no terceiro capítulo. Neste aspecto histórico, Morris (1981) ressalta a importância que profissionais e veículos de imprensa possuem, ao produzir evidências documentais, consideradas importantes para valorização não apenas de um clube, mas todo o futebol.

Voltando à questão da rivalidade, sob uma perspectiva mítica, é possível pensar nos clubes como entidades míticas que naturalmente se opõem, e essa oposição em grande parte, os alimentam. Os torcedores podem enxergar os rivais, como os maiores profanos, hereges, que cultuam o clube que seria o errado, e odeiam o clube que seria o certo. Neste aspecto, o escritor Eduardo Galeano, em seu texto *Fervor da camisa*, apresenta uma consideração curiosa sobre a sensação da torcida perante o rival: “Para o torcedor fanático, o prazer não está na vitória do próprio time, mas na derrota do outro.” (GALEANO, 1995, p. 147). Contudo, é possível observar inúmeras situações em que as rivalidades culminam em conflitos, seja no futebol brasileiro, ou em um contexto global. É muito complexo explicar o porquê destes conflitos ocorrerem, pois estão associadas as próprias condições da sociedade (DAMO, 2020). Estas rivalidades podem ser muitas vezes tencionadas e instigadas por torcedores fanáticos (GIULIANOTTI, 2012). No entanto, é possível pensar que no âmbito de torcidas organizadas – que na maioria das vezes estão presentes em conflitos que envolvem rivalidades entre clubes – o escalonamento de tensões e conflitos possa ter sido algo gradativo. Afinal, a origem de grupos organizados de torcedores começa no Brasil tendo influência de outros países, como os Estados Unidos, mas também por influência da mídia local e do governo, que queriam ter mais controle das massas (HOLLANDA e CHAIN, 2020). Porém, com a evolução dos esportes, sendo cada vez mais competitivos, pode ter ocorrido acirramento de ânimos. Na medida em que os vínculos de pertencimentos a clubes aumentavam, surgiram situações de conflitos (REIS e MARTINS, 2020). Isto se agrava, ao observar que haveria um predomínio nestes coletivos de pessoas que fazem parte de grupos violentados, estigmatizados, criminalizados e desprezados pela sociedade (*Ibidem*).

Outro aspecto que pode estimular tensionamentos entre torcidas rivais, seria o fato de que algumas rivalidades foram alimentadas por divergências entre clubes e torcidas em um âmbito social-político, como é o caso de Vasco da Gama x Flamengo (população associada aos povos colonizadores com algum tipo de democracia racial x nova elite dos colonizados), e também é o caso das rivalidades entre os grandes clubes da cidade de São Paulo, Palmeiras, São Paulo e Corinthians (imigrantes italianos x classe média local x população mais humilde) (ROSENFELD, 2013). Evidentemente, os simbolismos sócio-políticos utilizados nas polarizações entre os rivais também ocorrem de maneira mítica, ou seja, discursos são retroalimentados, para valorização de um clube em detrimento do outro, como ocorre com o próprio Santa Cruz. Como será discutido a

partir do terceiro capítulo, o Santa Cruz, em comparação aos históricos rivais do Recife, é constantemente tratado pela própria diretoria e torcida como um clube de origem popular, diferente dos rivais que teriam origens elitistas. Contudo, seja para realidade do futebol recifense, fluminense ou paulistano, as associações entre clubes e segmentos econômicos ou étnicos da sociedade, precisam sempre de atenção. Afinal, dentro da realidade de cada clube, ainda mais nos tempos atuais, haverá grupos de origens heterogêneas. De todo modo, estas distinções são relevantes pelo sentido histórico-simbólico dos clubes. Sobre tais diferenciações Rosenfeld, realiza a seguinte afirmação:

Enquanto o Fluminense se gaba do fato de que seus fundadores “foram quase todos educados na Suíça e Inglaterra”, o Clube Corinthians de São Paulo (fundado em 1910) ressalta sua origem popular; “nasceu pobre, ao parecer que continuou pobre, misturou-se com as mais modéstias massas trabalhadoras [...] e desprezou a afetação do mundo grã-fino [...]” (ROSENFELD, 2013. p. 91)

Além de questões sociais e políticas, a religião também pode servir para intensificar rivalidades. Um exemplo disso, é a origem de rivalidades entre os escoceses Rangers e Celtic. Os dois clubes possuem forte rivalidade tensionada por questões políticas e religiosas. O Celtic foi fundado por católicos, com torcedores que predominantemente são dessa religião, favoráveis a saída da Escócia do Reino Unido, e posicionamento político mais próximo da esquerda. Por outro lado, o Rangers tem em sua torcida maioria protestante, conservadora, e a favor da permanência escocesa no Reino Unido. O aspecto religioso é tão forte nesta rivalidade que somente em 1989 – com quase cem anos de rivalidade – foi quebrada a tradição dos clubes de terem jogadores que comungassem de suas religiões – quando um jogador católico foi contratado pelo Rangers (PADIN, 2016).

Esta rivalidade, assim como as outras citadas, já proporcionaram muitos episódios de conflitos entre grupos de torcedores. Estes grupos de torcidas organizadas, apesar de todas estas questões conflituosas, conseguem ainda hoje, status de influência nos clubes, criando um cenário de troca de favores com dirigentes de clubes. Por exemplo, a torcida pode conseguir aparato do clube, como salas para guardar equipamentos (GERCHMAMM, 2016) e, em troca, no período de eleição de um novo presidente do

clube, membros da torcida organizada podem ser cabos eleitorais de quem os favorece. Neste sentido, assim como no caso da mercantilização do jogo, se observaria mais o que poderíamos interpretar como *dessacralização do lúdico*, seguindo a perspectiva de Huizinga (2000), pois afinal, o lúdico, na figura do torcedor que seria alguém com intensões exclusivamente sentimentais, passa a fazer parte de uma trama política.

A respeito destes torcedores que se envolvem em episódios violentos, muitas vezes é dito pela mídia e a sociedade em geral, que esses sujeitos não são torcedores, que seriam criminosos que se vestem de torcedores para disfarçar ou acobertar crimes (TEIXEIRA, 2004). Contudo, partindo da perspectiva destes sujeitos, o que se pode observar, é que esses indivíduos, muitas vezes de origens pobres, se percebem em circunstâncias nas quais a única coisa que podem fazer pelo clube, é entregar seus corpos para defendê-lo. Há, neste raciocínio, uma certa noção de sacrifício para cantar, animar as arquibancadas, ou para lutar em defesa do seu clube de coração (HOLLANDA, 2017). No entanto, é evidente que este dito amor incontrolável pelos clubes, visto pelos próprios torcedores como viciante, pode se tornar algo problemático (TEIXEIRA, 2014).

Considerando além dos aspectos de rivalidade, ou questões políticas, sociais, econômicas e religiosas citadas, os conflitos entre torcidas também podem existir pela maneira como o futebol foi conduzido. Para Morris (1981), o jogo não se trata de um time destruir o outro. Porém, os adversários são um obstáculo localizado entre o time e sua presa (o gol). Assim, não é abater a presa que dá significado ao jogo, mas sim fazê-lo mais que o adversário. Há então, no fim de partidas que não terminam empatadas, um vencedor e um derrotado. Por isso, o jogo possui simbolismos de batalha, e conseqüentemente, haveria tendências de compreender esses rivais com emoções violentas (MORRIS, 1981). O escritor Eduardo Galeano (1995) também observava o jogo como uma simulação de batalha, onde muitos termos bélicos eram (e ainda são), aplicados para falar de uma partida, é o caso de artilheiro, bombardeio, esquadrão ou flancos.

Estes comportamentos violentos, poderiam existir pois o jogo pode ser lido como algo terapêutico para algumas pessoas, que agem extravasando sentimentos reprimidos (MORRIS, 1981). Observando os relatos de Desmond Morris (1981), com base em suas vivências em campos de futebol por diversos países, é possível concluir que o torcedor por muito tempo foi tratado como uma pessoa que não era passível de punição,

independente das ações cometidas no estádio, seja arremessar objetos no gramado, ou ofender pessoas.

Como se observa neste tópico, há muitas diferenciações, tensionamentos, e diferenças na maneira como as pessoas se relacionam com o futebol. Pensando sobre este esporte, e sobre os trabalhos de diversos pesquisadores sobre o mesmo, Hasicic (2016) afirmou que não é possível ter um conceito uniforme sobre identidade. Entre estas tensões e diferenciações do que poderíamos chamar de identidade futebolística, Gil (2006), identificou cinco oposições fundamentais do futebol: a primeira se refere a oposição entre os iniciados do futebol e os não-iniciados, que se refere aqueles que não pertencem aos ritos do futebol, que não os compreendem; a segunda oposição é a respeito do *nós* x *eles*, referente às rivalidades esportivas; a terceira oposição se trata das hierarquizações de classe no futebol, que podemos perceber nas setorizações das arquibancadas, afim de compreender públicos com perfis socioeconômicos diferentes; a quarta oposição é na torcida, mais precisamente entre torcedores organizados e não-organizados; a última oposição fundamental do futebol seria entre campo e arquibancada, jogadores e torcedores. Estas distinções são interessantes, e podem colaborar com esta pesquisa, quando formos compreender empiricamente as vivências da torcida do Santa Cruz no Estádio do Arruda.

1.5.3. Valores dos clubes

Para além da torcida e do estádio, o clube é algo central nas relações discutidas. A identificação com o clube pode ocorrer por diversos motivos, seja pelo fato de a agremiação ser uma representação da comunidade local (CHARLESTON, 2009), seja por herdar de pais ou outras figuras familiares, ou mesmo por uma identificação com algum aspecto específico do clube (ANJOS, 2020).

A agremiação esportiva possui outros elementos próprios, como o escudo, camisa, mascotes, dentre outros aspectos. Na compreensão de Desmond Morris (1981), de que há no futebol relações dentro da dimensão de cada clube, como se fossem relações tribais, o escudo de um clube assumiria para torcida o papel de um objeto totêmico, que deve ser respeitado, protegido. A principal função do escudo seria intensificar as emoções dos futebolistas, fortalecer a lealdade, a identidade do clube, pertencimento dos adeptos, e intimidação aos rivais (*Ibidem*). A localização do escudo na camisa do clube é quase

sempre próxima ao coração, passando a mensagem de que o coração do homem pertence ao clube (*Ibidem*).

Em alguns casos, o escudo do clube pode ter um animal ilustrado. Este animal ilustrado no escudo acaba virando não apenas apelido, mas também o mascote do clube (MORRIS, 1981). Durante os jogos, alguns clubes possuem pessoas fantasiadas de mascote. A função destes mascotes nas partidas é animar e cativar a torcida, sobretudo as crianças, e estimular o torcer para o clube, sendo uma personificação da agremiação esportiva. O mascote do clube é muito utilizada na mídia, como apelido do clube, ou ilustrar com gravuras cômicas a realidade do clube (Figura 4). Neste sentido, o mascote também pode ser entendida como elemento da identidade do clube.

Figura 4: Mascotes de Fortaleza/CE (o leão) e Ceará/CE (o vovô) utilizados para charge em matéria esportiva.



Fonte: Lincoln, 2020.

Desmond Morris (1981) aponta que as comunidades do futebol têm suas próprias linguagens privadas, compostas de frases tradicionais, jargões técnicos, gírias, cânticos e *slogans*. Alguns termos e linguagens podem ser compreensíveis apenas para quem pertence a estas comunidades, e certas frases ou citações de personagens da história do clube, poderão ser encontradas em banners, placas, cartazes ou bandeiras da torcida no estádio. Morris (1981) afirma também que os grafites também podem ser formas de expressar as linguagens das comunidades do futebol, sendo muito comum também duelo de grafites entre torcedores de clubes rivais, onde o torcedor de um clube pode grafitar

uma mensagem em determinado momento, e um torcedor rival grafitar uma resposta. Nesta lógica, poderíamos, atualmente, incluir também as pixações.

Atualmente, é possível perceber que as cores, que estampam escudos e camisas, fazem parte da identidade de um clube. A cada nomenclatura como rubro-negro, alvinegro, dourado, alviverde, tricolor ou azulão entre outras, um ou mais clubes específicos vem à mente associados a esses padrões de cores. Então é possível sim, acreditar que as cores expressas em escudos, camisas e shorts, compõem a identidade de um clube. Nesta lógica, Morris (1981) afirma que as cores intimidam, mas podemos pensar isso também para camisa, escudo, mascote, torcida, estão representados juntos no corpo do jogador. Assim, a entrar em campo e um atleta se deparar com os rivais trajados com seus uniformes, pode haver uma intimidação, ao enfrentar determinada camisa, e tudo que a mesma representa.

1.5.4. O lúdico diante de valores político e econômicos

Contudo, no futebol atual que se manifesta com fortes influências econômicas, mesmos os escudos que poderiam ser tidos como símbolos sagrados para seus torcedores, podem aderir a mudanças por influências capitalistas. Este foi o caso do Real Madrid, da Espanha, que criou uma versão do seu escudo sem uma cruz, para atrair torcedores mulçumanos (UOL, 2014). Embora isto pareça uma atitude pensada no respeito religioso, há também um interesse financeiro, que motiva não apenas o Real Madrid, mas todo futebol de clubes espanhol a se aproximar de um mercado, como ocorre na realização de torneios de times espanhóis na Arábia Saudita (COELHO, 2023).

Apesar destas considerações levantarem a possibilidade de se concluir que não há no circuito do futebol espetacularizado atual (DAMO, 2020), uma ludicidade *pura*, se pode questionar esta perspectiva *pura* do lúdico através de uma característica do mesmo, já discutida, a sua capacidade de abstração da realidade, como afirma Huizinga (2000). A respeito destas abstrações da realidade, é preciso fazer algumas considerações acerca de seus limites. É possível entender que durante o jogo, há uma certa ruptura da realidade cotidiana, no entanto é preciso entender que esta abstração mágica, não é uma ruptura total da realidade. Isto porque, pensar desta forma, pode nos levar a acreditar que as atividades lúdicas se mantêm alheias a uma complexa trama de relações econômicas, políticas e sociais, quando na verdade, isso não ocorre. Na prática, mesmo que a ideia de um puritanismo lúdico queira manter os jogos distantes de agentes e fatores econômicos, políticos e sociais, não se pode afirmar que a recíproca é verdadeira. Historicamente,

como ficará mais evidente no próximo capítulo, é possível encontrar diversas situações em que o futebol, por exemplo, foi alvo de interesses políticos, com intenções de manipular segmentos da sociedade (HOLLANDA e CHAIN, 2020; REIS e MARTINS, 2020). Também podemos observar situações em que o futebol se torna alvo de interesse econômico (BALE, 1998).

O futebol é indissociável destas relações econômicas mesmo quando um clube vive um bom momento. Desmond Morris (1981) explica isso, ao afirmar que a vitória de um clube local, é muitas vezes entendida como a vitória da comunidade. Isto se explica, pois se um time avança em campeonatos e torneios, evidencia mais sua localidade nos noticiários, e pode atrair mais turistas para o local, que no caso seriam torcedores adversários e profissionais da mídia.

Pensando na perspectiva lúdica proposta por Huizinga (2000), é possível afirmar que o futebol profissionalizado é algo não-lúdico, devido a todas as interferências econômicas e políticas que sofre. Porém, se pensarmos nas brincadeiras infantis, será mesmo que não é possível encontrar demonstrações de influências econômicas, políticas e sociais sobre o círculo mágico, o espaço onde o jogo acontece? Ao observarmos a realidade atual, em que fontes de brincadeiras, como brinquedos e jogos são cada vez mais caros, em que os espaços nas ruas para brincadeiras são cada vez mais reduzidos, em que crianças de grupos socioeconômicos diferentes têm cada vez menos oportunidades de interagir, não parece ser possível negar que as questões econômicas, políticas e sociais interferem sim no lúdico. Isto, entretanto, não é algo atual, pois na medida que historicamente houve diversos episódios de segregações, de exclusões sociais, ficam evidentes que essas diferenças impactaram em experiências lúdicas.

Desta forma, é possível compreender que a interferência de elementos sociais, econômicos e políticos é um fato independente da profissionalização dos jogos, ocorrendo antes mesmo disso, pois quando as sociedades humanas passaram a se distinguir, com estratificações sociais, já era possível encontrar influências econômicas, políticas e sociais sobre o lúdico. Assim, ao invés de pensar que a presença destes elementos invalida o caráter lúdico, talvez seja mais pertinente, averiguar se os elementos lúdicos defendidos por Huizinga (2000), como o prazer pelo jogo, a emoção irracional, certa abstração da realidade cotidiana durante o decorrer do evento lúdico, e a busca pelas bençãos da incerta

vitória, ainda estão presentes no futebol, mesmo que integrados atualmente aos elementos sociais, econômicos e políticos.

Segundo Damo (2020), a perspectiva de Huizinga é compreensível pois foi produzida em um período que os jogos começavam a se modernizar, se profissionalizar, se mercantilizar. Assim, Huizinga seguiu uma tendência de muitos pensadores da época, de críticas a mercantilização na sociedade (DAMO, 2020). Contudo, as contribuições de Huizinga (2000) são pertinentes ainda hoje, porque conseguem colocar em palavras muito do que se sente e é envolvido durante um jogo. Em suma, o jogo de futebol é sim um momento de ruptura de uma rotina, há certa abstração da realidade externa ao mesmo, muito embora esta abstração não é completa, por uma série de motivos, econômicos, políticos e sociais.

Além destes fatores que interfeririam na perspectiva lúdica proposta por Johan Huizinga (2000), um outra justificativa para entender que a abstração da realidade pelo lúdico é parcial, se deve ao fato de que para muitas pessoas envolvidas com jogos, vivam suas rotinas com considerável presença do lúdico. Para pensar nisso, podemos utilizar o exemplo do futebol mais uma vez. Durante uma semana que antecede um jogo decisivo, torcedores podem vivenciar esses dias com expectativa, pensando diversas no clube e no duelo decisivo. Se o resultado deste duelo for positivo, a semana seguinte terá uma rotina possivelmente mais leve, os torcedores vitoriosos poderão provocar os derrotados, mesmo em ambientes onde não se espera tratar do lúdico, como no trabalho. Os derrotados tenderão a ter uma semana de rotina mais frustrada, pois se seu “depósito emocional” (GIULIANOTTI, 2012, p. XX), na partida decisiva foi muito grande, a frustração também será alta, impactando seu cotidiano, seja em conversas com outras pessoas, seja individualmente, em pensamentos e estado emocional. Afinal, o jogo é um rito onde o destino do torcedor é decidido junto ao clube (RODRIGUES, ano apud TEIXEIRA, 2004).

Neste contexto exemplificado, se percebe mais uma vez que o lúdico não é completamente abstrato a realidade, fazendo muitas vezes parte do cotidiano, justamente por estar enraizado nos indivíduos, fazendo parte não apenas dos pensamentos cotidianos, mas de vivências rotineiras como um todo. E, segundo Huizinga (2000), quando isto ocorre, é porque o jogo atingiu um domínio sagrado.

Além dos torcedores, se pensarmos que até aqueles que não são adeptos de uma cultura futebolística, esportiva, ou lúdica em geral, são afetados em suas rotinas e cotidianos pelos acontecimentos do futebol, fica mais evidente que esse esporte vai permear a realidade, mesmo que no rito do jogo haja um certo afastamento da realidade mundana para uma realidade mítica. Um dos impactos do futebol na sociedade em geral está nos estádios, que se tornam locais com simbolismo para o espaço urbano mais amplo que o compreende (FERREIRA, 2020), seja por uma perspectiva exclusivamente cultural, ou por uma perspectiva exclusivamente urbana (HOFIG e BRAGUETO, 2013).

Com base nas reflexões realizadas até este ponto, podemos sim então entender o futebol como algo composto por um emaranhado de relações esportivas, econômicas e políticas (NETTO e CAVALCANTE, 2020). Porém, para muitas pessoas, sobretudo os torcedores que vivenciam o futebol emocionalmente, e que colocam seus destinos a prova, junto com as equipes, o futebol consegue também ser feito por relações culturais, identitárias, lúdicas e míticas. É agregando todos estes elementos inclusive, que se poderia pensar em uma dimensão simbólica futebolística, enquanto uma dimensão composta por características míticas, lúdicas, atenta as questões identitárias, culturais, econômicas, sociais e políticas.

Se o futebol possui uma dimensão cultural, mítica e lúdica, essas dimensões precisam ser mais compreendidas, estudadas. Fora da geografia, isto parece ocorrer em alguma medida por sociólogos e antropólogos, como Richard Giulianotti, Arlei Damo, Bernardo Buarque de Hollanda, dentre outros autores. Embora suas contribuições não estejam diretamente relacionadas ao pensamento de Cassirer, elas ajudam a entender o futebol de maneira geral. Na geografia, Gilmar Mascarenhas realizou grandes contribuições para compreender a relação desse esporte com o espaço urbano (MASCARENHAS, 2009), e até mesmo aspectos identitários e simbólicos (MASCARENHAS, 2005). Já Bale, amparado na perspectiva humanista de autores como Tuan, também contribuiu para uma compreensão do estádio de futebol como espaço afetivo, o lugar (BALE, 1988). A partir dos esforços destes autores, é que foi e é possível pensar em geografias atentas ao futebol, aprofundando discussões, e trazendo mais perspectivas para este tema, como é o caso das ideias de Cassirer.

1.6. Pensando o estádio de futebol enquanto espaço de manifestações simbólicas

Estas reflexões lúdicas, futebolísticas, mas originalmente míticas, sobre o futebol, no caso deste trabalho, sobretudo o estádio de futebol, requerem um diálogo entre o entendimento espacial de Cassirer, e as espacialidades que ocorrem no estádio, que neste momento podemos entender como simbólicas. Como Cassirer (2007) afirma, é na ação dos ritos, que há a manifestação do divino, mas que nesse caso, poderíamos chamar também, de especial, de mágico, de mítico. Ou seja, o mítico é construído na ação do indivíduo, mas também participa do processo de construção individual dos sujeitos. Nesta relação que é construída no contato com as formas simbólicas, o indivíduo cria mundos, espaços com auras mágicas (CASSIRER, 2011).

Para Morris, no centro de cada torcida, reside o estádio, enquanto um espaço mágico, que mesmo em um dia sem jogo a ser realizado, o torcedor sentirá um estranho sentimento de empolgação crescente e antecipação, mesmo que o estádio esteja vazio, o torcedor conseguirá imaginar o barulho da multidão (MORRIS, 1981). Eduardo Galeano (1995), também fala sobre o estádio vazio, e sua capacidade de ecoar memórias de jogos que receberam, de cânticos que foram proferidos, de gritos e choros de jogos do passado, nos ajudando a perceber assim, o estádio enquanto um espaço histórico.

O estádio é um espaço que o torcedor conhece bem, há pesquisas que apontam que muitos torcedores podem não considerar o estádio enquanto uma casa, embora admitam identificação, pertencimento com esse espaço, admitem que se trata de um espaço especial, e que resistiriam a uma mudança de estádio do clube (CHARLESTON, 2009). Por outro lado, há também, pesquisas que apontam a possibilidade de existir sentidos de casa na relação de torcedores com estádios (HOLGADO e TONINI, 2012). Como afirmado anteriormente, para o sociólogo Richard Giulianotti (2012), o torcedor fanático cria uma relação de intimidade com o estádio, se sente em casa nesse local, enquanto o geógrafo britânico John Bale (1988), afirma que o estádio é um espaço afetivo para os torcedores. Para Desmond Morris (1981), o torcedor entende o estádio enquanto um lugar sagrado, e aqueles que não pertencem a comunidade de um clube, terão dificuldade em compreender o simbolismo desse lugar. No entanto, alguns não-iniciados, como afirma Gil (2006), também podem valorizar o estádio enquanto um espaço central em suas vidas, pelas funções que exercem devido ao jogo, sendo por exemplo, o caso de comerciantes ou policiais (HOLGADO e TANINI, 2012).

No texto *O torcedor*, Eduardo Galeano ao tratar da experiência do torcedor de ir ao estádio, revela de maneira poética, o significado do estádio:

Uma vez por semana, o torcedor foge de casa e vai ao estádio. Ondulam as bandeiras, soam as matracas, os foguetes, os tambores, chovem serpentinas e papel picado: a cidade desaparece, a rotina se esquece só existe o templo. Neste espaço sagrado, a única religião que não tem ateus exhibe suas divindades. Embora o torcedor possa contemplar o milagre, mais comodamente na tela da sua televisão, prefere cumprir a peregrinação até o lugar onde possa ver em carne e osso seus anjos lutando contra os demônios da rodada. (GALEANO, 1995, p. 18).

No âmbito desta tese, é possível compreender no estádio, nos arredores, e em determinados caminhos, enquanto espaços simbólicos. Sobretudo, o estádio é percebido enquanto um espaço mítico para os torcedores, um espaço cujo simbolismo existe, na medida que sujeitos estão em ação, indo acompanhar sua entidade adorada batalhando, enquanto se manifestam com foguetes, tambores e bandeiras, percebendo e criando uma aura para esses locais, mediados pelo mítico. Ou seja, se tratando de torcida, esta ação ocorre sobretudo enquanto torcem ou manifestam seus sentimentos para equipe que apoiam, seja nas ruas ou nas arquibancadas. Assim, o rito, a manifestação, com descargas emocionais, e que desperta o divino, é uma manifestação que envolve percepção, concepção e vivência, elementos fundamentais as espacialidades (SILVA, 2019). Desta forma, os ritos são expressões míticas, são também espacialidades, cabíveis de compreensões lógicas, mesmo que tenha o mito, uma fluidez de estrutura, sendo centrado em expressões (GIL FILHO, 2012). Compreendo na perspectiva do futebol, que o jogo pode ser um rito de manifestação do torcer, o mesmo pode ser tido, como espacialidades que apresentam informações elucidativas sobre o fenômeno estudado.

As espacialidades do torcer no estádio não começam no mesmo, afinal, o jogo começa muito antes de estar no estádio (SAYER, 2016). Na manhã de uma partida decisiva o torcedor acorda com um familiar mistura de ansiedade e empolgação, pois sabe que voltará para casa ao fim do dia, com glória ou frustração (MORRIS, 1981). Ao longo do caminho para o jogo, se encontrando com outros torcedores, há uma retroalimentação

de um sentimento de que a vitória será conquistada (*Ibidem*). No texto *O fanático*, Eduardo Galeano conta como o torcedor fanático vai ao estádio: “*O fanático chega ao estádio embrulhado na bandeira do time, a cara pintada com as cores da camisa adorada, cravado de objetos estridentes e contundentes, e no caminho, já vem fazendo muito barulho e armando muita confusão.*” (GALEANO, 1995, p. 20). Podemos pensar então, que o caminho para o estádio é um momento necessário de ser acompanhado, percebendo os deslocamentos de torcedores para o estádio, e depois disso, suas vivências nos arredores do templo futebolístico.

Dentre as principais espacialidades do torcer no estádio, se pode destacar a disposição no estádio de faixas e bandeiras a serem tremuladas e exibidas. Sobre estes artefatos, como afirmado anteriormente, podem possuir significados especiais para os torcedores por serem confeccionadas pelos mesmos (TEIXEIRA, 2004). Estas faixas carregam muitas vezes, mensagens, frase marcantes da história do clube (MORRIS, 1981). Através destes instrumentos, os torcedores conseguem mais visibilidade, e há um interesse de muitos se sentirem vistos, como fuga de rotinas insatisfatórias (*Ibidem*).

As manifestações sonoras, por meio de cânticos, utilização de instrumentos musicais, vaias e aplausos, também podem ser entendidas como fundamentais dentre as manifestações do torcer. Afinal, por mais que a disposição de faixas, e o tremular de bandeiras possam carregar caráter simbólico, os sons possuem importância ímpar nas espacialidades de torcedores no estádio, pois é através de cânticos e vaias que os torcedores terão mais chances de se fazerem presentes durante a partida, de influenciar os ânimos dos jogadores (MARRA, 2010).

Durante o andamento do jogo, os atletas não podem tirar os olhos da localização da bola e da disposição dos seus colegas de equipe e adversários, de modo que bandeiras, faixas e coreografias corpóreas podem ter menos impacto do andamento do jogo, em comparação com os cânticos que podem alcançar os corpos dos atletas sem desviar seus olhares dos eventos da partida. A importância do som parece ser de fato coerente, quando se constata durante uma partida, a tendência de atletas gesticularem para torcida sinalizando para que façam barulhos. Para Hasicic (2016), há uma compreensão da torcida sobre si mesma, de possuir um papel festivo, de fazer do estádio um espaço musical, que sem torcida, não há alma para um clube. Cantar, ou realizar coreografias com o corpo, são vistas também como demonstrações de resistência de uma torcida (GIL,

2006), são também sacrifícios por um clube (HOLLANDA, 2017). Em jogos com torcidas rivais numerosas, a arquibancada se torna um espaço de disputa sonora, há para o torcedor a necessidade de fazer mais barulho que a torcida rival (GIL, 2006).

Desta forma, é interessante pensar que os torcedores, durante a espacialidade do torcer nas arquibancadas, são símbolos manifestados de seus clubes, pois através da produção de sons, por meio de cantos, gritos e vaias, fazem parte do rito do jogo de futebol, o que permite pensar que esses sujeitos e os sons que criam são simbólicos.

O teor destas canções, como já afirmado, remontam a de valorização ao clube, ou ataques a rivais (TEIXEIRA, 2004). Porém, podemos afirmar de maneira mais detalhada, que há canções de críticas a performance da equipe; demonstração de confiança na equipe; encorajamento, louvor ao clube e a própria torcida; lealdade; orgulho; críticas a arbitragem; críticas aos policiais e provocações aos rivais (MORRIS, 1981). As letras das canções podem ser autorais dos torcedores, ou serem adaptadas de canções de outras torcidas (*Ibidem*).

Sendo assim, é importante se atentar as manifestações sonoras do estádio, arredores e até mesmo do caminho para o jogo, pois carregam grande elementos de como se espacializam as torcidas. Porém, para uma compreensão profunda das espacializações do torcer no estádio e arredores que tornam esse espaço simbólico, é preciso estar atento também à disposição dos adornos nas arquibancadas, por sua importância na apropriação dos espaços nas arquibancadas, além do comportamento de outros atores, como autoridades policiais e dirigentes do clube. Levar em consideração estes elementos, permitirá a compreensão de grande parte das espacialidades simbólicas que torcedores desenvolvem nos estádios. Além disto, para compreender estas espacialidades de maneira mais próxima o possível da essência, também parece ser fundamental observar como as formas de torcer na arquibancada são variadas, como influenciam o desempenho dos atletas em campo, como o que ocorre no campo afeta o torcer na arquibancada. Ou seja, acompanhar o diálogo entre campo e arquibancada durante o jogo, bem como as chamadas flutuações de humor, decorrentes de vitórias e derrotas (DAMO, 2020).

Todas estas espacialidades pensadas, possuem um caráter coletivo, alcançam o *corpus* da torcida, isso é, o coletivo de torcedores, como afirma Giulianotti (2012), e isso ocorre, porque o jogo e o estádio são, na perspectiva que estamos considerando,

respectivamente rito e templo, dois elementos que colocam o indivíduo diante de uma coletividade que o influencia. O rito, como afirmado por Cassirer, além de fazer as pessoas agirem sobre pressão de seus desejos individuais mais íntimos, também as influenciam em momentos que com a carga emocional que os ritos provocam, resultam no despertar das divindades (CASSIRER, 2007). O estádio se torna então, espaço de ações, onde identidades clubistas são estruturadas e manifestadas, por meio de espacialidades.

Considerando os destinos dos torcedores são definidos com os dos clubes durante o jogo (RODRIGUES, ano apud TEIXEIRA, 2004), é coerente pensar que assim como o clube que atua em prol de um destino favorável na partida, com os atletas jogando, a torcida também atua para alcançar a vitória e o bom rumo das coisas (ROSENFELD, 2013), criando atmosferas em estádios (SAYER, 2016), com suas manifestações. Este poder de criar atmosferas poderá ocorrer mesmo nos ambientes mais homogêneos, como seria o caso das arenas modernas (BALE, 1998) (Figura 5).

Figura 5: Manifestação festiva em arena moderna pela torcida do Fortaleza/CE.



Fonte: Mota e Carvalho, 2020.

Com isso, é possível afirmar que estruturas modernas podem não significar nada para vínculos emocionais, pois o estádio de futebol não precisa ser belo ao torcedor, a

beleza está ligada aos sentimentos pelo time e o esporte (HOFIG e BRAGUETO, 2013), e nas atmosferas, nas auras mágicas (CASSIRER, 2011). Por isso mesmo que estádios antigos, com alguma peculiaridade arquitetônica, podem ser apreciados como características únicas (BALE, 1998). Muito embora, em alguns casos, ajustes de acessibilidades serão demandados pelos torcedores, mesmo os mais fiéis, para que possam estar juntos de seu clube no rito do jogo de futebol (MORRIS, 1981).

Ainda sobre as atmosferas, inclusive, pode ser possível pensar que essas são atreladas a cada partida, a cada abstração da realidade, a cada círculo mágico. Jogos muito decisivos, ou com muitos torcedores terão possivelmente uma atmosfera mais intensa emocionalmente, já jogos com pouca relevância e público terão uma atmosfera menos intensa. Estas atmosferas talvez influenciem a percepção momentânea sobre a aura mágica do local, se confundindo com a mesma.

Por causa desta capacidade de criar atmosferas, inclusive, que há a ideia da *vantagem de jogar em casa*, que durante o ápice da pandemia de Covid-19 – com estádios vazios – foi bem menos efetiva (DAHIS e BARTHOLOMAY, 2021). Esta vantagem ocorreria, por alguns motivos como, a fadiga da viagem para a equipe visitante ou um poder de intimidação da torcida local associado, a uma certa territorialidade especial, que pode, inclusive, causar efeito reverso, em um jogo decisivo, onde o excesso de expectativa de uma torcida pode interferir nas ações dos atletas (BALE, 1988). Isto poderia justificar a mentalidade de alguns torcedores, de que o clube possui uma missão institucional de vencer seus jogos diante de sua torcida, em sua casa (MENDIONDO, 2017).

No que se refere ao âmbito lúdico das espacialidades objetivadas neste trabalho, através de resultados obtidos pelo pesquisador em estudos anteriores referentes ao seu mestrado, é possível pensar que as espacialidades lúdicas podem ser interpretadas em momentos e movimentos, lidos em dois tipos gerais de articulações, as concentrações e os deslocamentos (RAMOS, 2021). As concentrações seriam momentos, em que pessoas que participam da atividade lúdica estão agrupadas em um local específico, permanecendo praticamente imóveis em prol do jogo. Já os deslocamentos, seriam também em prol do funcionamento da atividade lúdica, consistidos em movimentações em torno de um percurso. Considerando, por exemplo, que o jogo, começa antes da chegada ao estádio por parte do torcedor (SAYER, 2016), se pode pensar na ida ao estádio como um deslocamento lúdico, que fomenta a ativação do círculo mágico. Por outro lado,

as manifestações na arquibancada, como cânticos, vaias, ou coreografias com braços e bandeiras, poderiam ser exemplos de concentrações lúdicas.

Evidentemente, cada atividade com teor lúdico poderá ter suas especificidades, mas, em linhas gerais, estas concentrações e deslocamentos são fundamentais para delimitar o círculo mágico e as espacialidades lúdicas (RAMOS, 2022). Além disso, as concentrações e deslocamentos, podem ser entendidos como importantes para a ativação e desativação do círculo mágico (RAMOS, 2021). Por mais que nesta pesquisa haja elementos que transcendem o lúdico, envolvendo o mítico, estas considerações sobre como abordar empiricamente atividades lúdicas podem se apresentar como importantes de se averiguar a fim de compreender as espacialidades simbólicas desenvolvidas pelos torcedores no estádio em decorrência de jogos de futebol.

A partir das considerações realizadas até aqui, é possível concluir este momento de reflexões teóricas, compreendendo que há uma real possibilidade de associações entre o pensamento mítico e o lúdico, capazes de nos permitir compreender o estádio de futebol enquanto um espaço simbólico, de maneira factível de ser interpretado pela Geografia. Porém, para tornar ainda mais evidente a ideia que se está levantando, do futebol como uma dimensão simbólica de características míticas e lúdicas, é pertinente contextualizar sobre as origens e desenvolvimento deste esporte.

Capítulo 2: O desenvolvimento do futebol

Antes de se tornar o fenômeno cultural global que é hoje, o futebol vivenciou uma trajetória de transformações e expansões, marcadas inclusive pela influência de atores políticos e econômicos. Ao discutir alguns pontos desta trajetória, será possível compreender como o futebol se tornou o fenômeno global que é atualmente, sem necessariamente perder uma dimensão mítica e lúdica. Assim, este capítulo busca contextualizar acerca das origens do futebol, sendo dividido em cinco partes, que compreendem da origem desse esporte até seu panorama atual. A partir destas reflexões, será possível compreender melhor a realidade esportiva na qual o Santa Cruz está inserido, o contexto social da construção do Estádio do Arruda, e as consequências destes panoramas à torcida do clube coral.

2.1. Origens do futebol

Segundo Huizinga (2000), é na segunda metade do século XVIII que o espírito lúdico passa a ser apropriado para realização de competições esportivas mais organizadas, voltadas a valorizar a atividade física, importante segundo os ideais iluministas do momento. Neste contexto, também foram apropriados para competições mais organizadas, jogos tradicionais de rua, como o *folk football* (MASCARENHAS, 1999).

As origens do futebol são cercadas de imprecisões históricas, com o local originário do jogo sendo apontados para diversos locais como China, França, dentre outros países. Contudo, por ter sido na Inglaterra da segunda metade do século XVIII, que muitos esportes com concepções mais próximas das atuais tiveram seus primeiros registros de práticas (MASCARENHAS, 1999), acaba sendo creditado a este país a origem, dentre outros esportes, do futebol, oriundo do chamado *folk football*. Este termo que poderia ser traduzido como futebol do povo, ou futebol popular, seria a nomenclatura atual dada a algum tipo de jogo praticado na Inglaterra medieval, como afirmaram Norbert Elias e Eric Dunning (2017). O entendimento sobre como funcionaria este jogo não aparenta estar completamente elucidado, porém é sabido que se tratava de jogo muito violento, que por diversas vezes teria sido combatido pelos governantes da época (ELIAS e DUNNING, 2017). O que se sabe, é que termos da época como *Handball*, *Football*, ou mesmo *Hurling*, indicavam que havia diferentes jogos, que possuíam suas distinções seja pelo formato da bola, ou seja pelo modo como se manusearia a bola, com a mão ou o pé, por exemplo. Além disso, através de relatos sobre o *Hurling* da época, Elias e Dunning (2017), demonstram que já havia neste período, uma noção de *goal*, que pode ter

originado, o gol enquanto pontuação da partida, mas também o local no campo onde se encontra a barra. Desta forma, o *football*, como o nome sugere seria um jogo em que o pé (no inglês *foot*) seria o modo como os indivíduos se relacionavam com a bola. Também há a possibilidade de a origem do nome do jogo vim de um tipo de bola (em inglês *ball*), para o pé (ELIAS e DUNMING, 2017).

A partir da segunda metade do século XVIII, e durante o século XIX, jogos como o *folk football* e outros passaram a ser adaptados para suas práticas nas escolas públicas inglesas de maneira intensa, influenciados por um momento de efervescência da educação física, onde até as elites praticavam esses esportes. Por ser o principal local de prática das então novas e efervescentes práticas esportivas, as escolas públicas se tornaram verdadeiros “laboratórios de invenção dos esportes modernos” (AUGUSTIN, 1995 apud MASCARENHAS, 1999. p. 3). Foi neste período que jogos como críquete, e o futebol e o rúgbi, como são conhecidos, foram concebidos (MASCARENHAS, 1999), contando inclusive, com a distinção entre futebol e rúgbi, que são entendidos atualmente, como esportes que em algum momento foram algo semelhante. Esta distinção, aliás, pode ser entendida como algo que seguiu a lógica que conduziria estes jogos a partir deste período, de maior detalhamento de regras oficiais e órgãos, associações e clubes responsáveis por cuidar dos jogos e promover competições. No caso, é creditado a jovens londrinos, em 1863, a fundação do *football association*, com regras distintas do futebol praticado na cidade de Rugby, onde era permitido o contato das mãos com a bola, e que também passou por um processo de institucionalização em 1848 na Universidade de Cambridge (DAMO, 2020).

É esta estrutura de regramentos detalhados e instituições zeladoras dos jogos que os fizeram serem entendidos pela literatura acadêmica como esportes modernos, em detrimento do que seria praticado anteriormente, em um contexto em que não havia uma estrutura de gestão esportiva (MASCARENHAS, 1999). É sobre este momento que Johan Huizinga (2000) se referenciava como a “decadência da essência lúdica”, pois a partir deste período muitos jogos, como o futebol, iriam avançar das práticas livres, voltadas ao prazer do lúdico, para algo regrado e, em seguida, profissional, mercantilizado. Como já discutido, para Arlei Damo (2020), a perspectiva de Huizinga era compreensível pois foi produzida em um período de transição do futebol amador para o futebol profissional, e seguia uma tendência de crítica cultural, embora não deixe de poder ser lida como essencialista. É neste período inclusive, em que as normatizações do jogo começaram a

se desenvolver, ocorrendo em um espírito amador, que era possível observar que o futebol era praticado entre pares de grupos socioeconômicos homogêneos, algo que demonstrava uma presença de características políticas (DAMO, 2020).

Segundo Desmond Morris (1981), após concluírem seus estudos em escolas e universidades, os jovens que tinham contato com os esportes, levaram o futebol para o ambiente das indústrias de suas famílias. A princípio, o futebol foi assimilado pelas indústrias, com times ligados a fabricas, e a prática desse esporte era estimulada a classe operária, sendo fomentada a presença do futebol nos horários livres dos trabalhadores industriais, e posteriormente, surgiram os clubes, as partidas começaram a ser disputadas em campos cercados por arquibancadas, sendo cobrado dinheiro para assistir aos jogos (MORRIS, 1981). Durante este período, era comum observar donos de fábricas contratando operários habilidosos para serem funcionários, e jogarem em suas equipes (*Ibidem*).

Embora muitos críticos aleguem que o futebol é fruto de interesses capitalistas por ter sido estimulado para obter lucro e preencher tempo livre das classes operárias, evitando que se politizassem nesses intervalos, Desmond Morris (1981) afirma que quando as condições financeiras desta população operária britânica melhoraram e novas opções de entretenimento surgiram, os estádios permaneceram cheios. Além disso, Morris (1981) afirma que mesmo em países historicamente comandados por governos comunistas, o futebol se tornou algo popular.

A partir destas considerações, podemos compreender que ocorreu sim um estímulo de atores externos, como o Estado e o setor privado, para fomento do futebol. No entanto, o discurso que afirma que o futebol é fruto destes interesses parece anular as origens popular do esporte nas ruas, como prática lúdica. Neste sentido, uma conclusão pertinente seria o fomento do futebol foi estimulado segundo interesses políticos e comerciais, sobre algo que possuía um interesse genuíno de um quantitativo significativo da população. De todo modo, a partir do imperialismo britânico entre os séculos XIX e XX, ocorreu uma difusão dos esportes praticados no Reino Unido pelo mundo, porém houve diferenças nessas difusões. Nas ex-colônias britânicas, como Austrália, por exemplo, a presença das elites britânicas facilitou a difusão de esportes praticados por estes grupos, como o rúgbi e o críquete (DAMO, 2020). Por outro lado, em países onde operários britânicos foram enviados para trabalhar nas construções de ferrovias e portos

– considerando a expertise industrial britânica no período – foi o futebol, praticado por esses operários, que se difundiu (DRUMMOND, 2020).

2.2. A chegada e popularização do futebol no Brasil

Dentre os países que passaram pelo processo de influência do imperialismo britânico no século XIX e XX, há o Brasil. Segundo o geógrafo Gilmar Mascarenhas (2020), a primeira dimensão simbólica que o futebol teve no Brasil, entre os séculos XIX e XX, foi pautada no mito da modernização civilizatória, praticada na Europa, e que no país, romperia com o passado colonial, mesmo que o jogo fosse praticado de maneira segregada. Ou seja, era como se o futebol fizesse parte do *way of life* britânico, que era uma referência aos modos que uma sociedade civilizada deveria se comportar (DAMO, 2020). O Brasil já demonstrava uma abertura ao lúdico antes mesmo da influência europeia, através de exemplos como cavalhada e a capoeira, e após influências europeias, sobretudo nas cidades industriais, o país viu o surgimento de práticas de esportes ditos como modernos, como o caso do ciclismo e as regatas (ROSENFELD, 2013).

Na prática, esta origem do futebol nacional é entendida como inicialmente fomentada entre clubes de origem britânica – associados a indústrias – ou escolas frequentadas pelas classes mais abastardas (MASCARENHAS, 2009). As primeiras disputas inclusive, ocorriam entre clubes elitistas (ROSENFELD, 2013). No que se refere aos espaços de práticas, o que se via neste período eram estádios com estruturas pequenas, de madeira, localizados em bairros nobres, muitas vezes próximos, ou ocupando velhos hipódromos e praças (MASCARENHAS, 2020). Um exemplo disto, que ainda pode ser visto atualmente, é o estádio de propriedade do Fluminense Football Club, Manoel Schwartz, conhecido como Estádio de Laranjeiras (Figura 6). O estádio, que inicialmente possuía arquibancadas de madeira, está localizado no bairro de Laranjeiras, conhecido por ser habitado por uma população de classe média e classe média alta. O estádio ainda é vizinho ao Palácio Guanabara – sede do governo do Estado do Rio de Janeiro.

Figura 6: Estádio de Laranjeiras.



Fonte: Blois e Oliveira, 2019.

É fato que para além da presença de operários britânicos, a volta de brasileiros que iam estudar na Inglaterra também pode ter influenciado a introdução do futebol no país, como é o caso de Charles Muller, tido por muitos como pioneiro do futebol no Brasil. Contudo, é inegável que a presença de operários britânicos, a influência do país europeu, e o processo de industrialização no Brasil, sem dúvidas foram fundamentais. Uma curiosidade interessante que ilustra isso é o fato de diversos clubes que existiram, ou ainda existem, possuírem nomes em referência a este contexto. Alguns exemplos disso, são os diversos clubes com nome de Ferroviário/CE ou Ferroviária/SP, Operário/MS, ou mesmo Operário Ferroviário/PR. Isto sem mencionar extensamente, os clubes cuja escrita de seus nomes advém da língua inglesa, como Sport Club do Recife/PE, Sport Club Corinthians Paulista/SP, Coritiba Foot Ball Club/PR, Club Athletico Paranaense/PR, Sport Club Internacional/RS, dentre outros.

Apesar da introdução e início da difusão do futebol no Brasil ter sido próxima das classes abastardas, isto não significava que o esporte não tinha porosidade nas classes mais periféricas. Já nos primeiros anos do século XIX, o futebol já era praticado em campos de várzea, em bairros operários na cidade de São Paulo (MASCARENHAS, 2009). Aos poucos, viu-se as ligas elitistas serem ocupadas por promissores jovens oriundos das periferias, das classes operárias (ROSENFELD, 2013). Em consequência deste cenário, não demorou para se iniciar uma segunda dimensão simbólica do futebol brasileiro, segundo Mascarenhas (2020), onde o esporte passou a se tornar algo mais popularizado, os estádios de até então, não eram mais compatíveis. A localização destes estádios em bairros nobres e populosos, restringiam as possibilidades de obras de

expansão. Além disso, as populações destes bairros eram contrárias a presença frequente, que os jogos atrairiam, pessoas tidas como populares, com o temor de desvirtuar características destes bairros (MASCARENHAS, 2020). Este movimento ocorrido entre os anos 20 e 40 do século XX (SILVA e CAMPOS, 2020), pode ser exemplificado no caso do estádio Vasco da Gama, pertencente ao clube homônimo, localizado no bairro de São Cristóvão, na cidade do Rio de Janeiro (Figura 7). Para Mascarenhas (2020), o estádio do Clube de Regatas Vasco da Gama, é um exemplo deste período em que estádios maiores foram construídos próximos dos bairros das populações operárias, exemplificando este primeiro momento de popularização do futebol brasileiro.

Figura 7: Estádio Vasco da Gama.

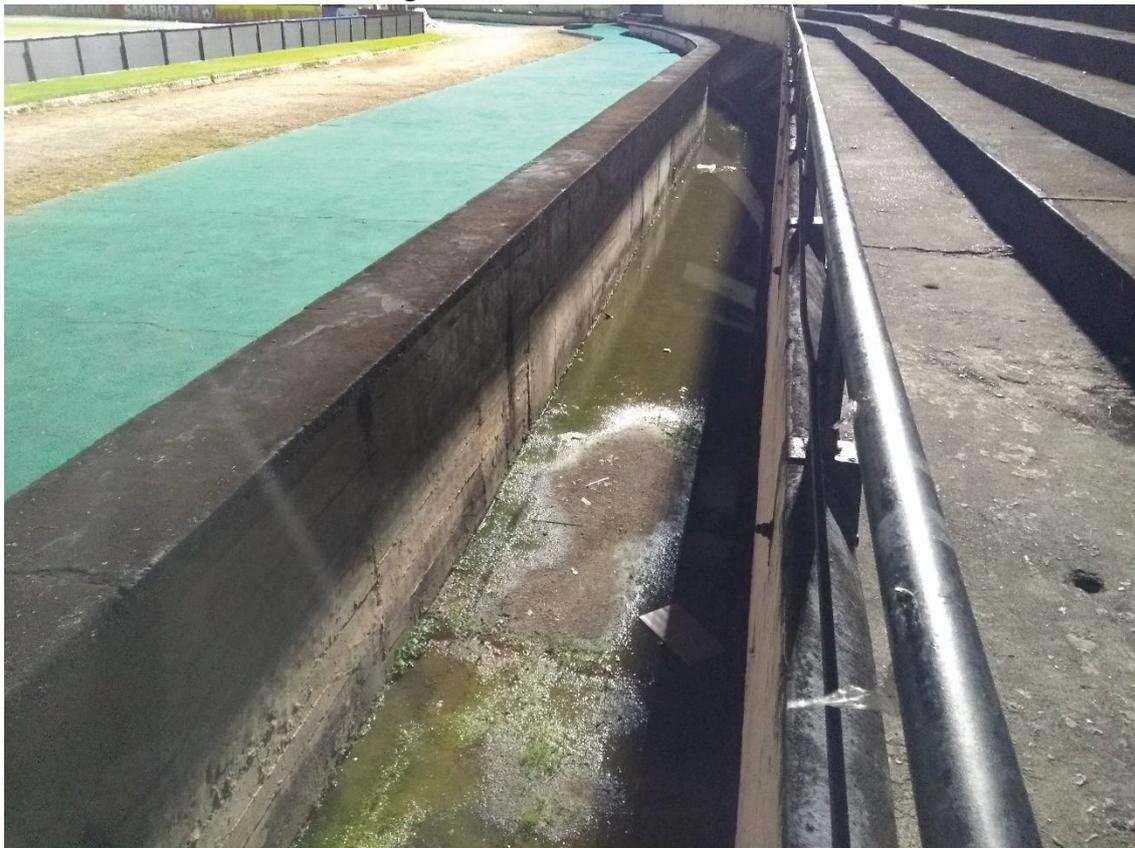


Fonte: Santos, 2020.

2.3. Influências políticas na expansão da popularidade do futebol no Brasil

Sobre este momento, em que o futebol foi percebido como algo que atraía quantitativos segmentos da população, alguns autores pontuam que houve uma forte presença política, por parte do Estado, na fomentação da popularidade do esporte. O que se discute sobre isso é de que havia durante grande parte do século XX, uma parlamentarização da sociedade, um momento de normatização, de regramentos, e, nesse contexto, o futebol foi visto como uma oportunidade de desencadear emoções de maneira controlada (REIS e MARTINS, 2020). Isto poderia ser visto, inclusive, em determinadas configurações paisagísticas dos estádios, como por exemplo, a implementação de grades e fossas – comuns até hoje – em estádios sul-americanos antigos, inclusive, no Estádio do Arruda, que é foco da pesquisa (Figura 8).

Figura 8: Fosso do Estádio do Arruda.



Fonte: Registrado pelo autor. JAN. 2023.

O objetivo destas estruturas, era dificultar a invasão ao campo, ou seja, disciplinar as torcidas (HOLLANDA, 2017). A fácil aceitação do futebol no Brasil é inclusive justificada por ser tido como algo que criava ambientes formadores de caráter, de verdadeiros homens (ROSENFELD, 2013). Neste contexto, o Estado e a mídia foram agentes ativos neste processo (GIGLIO, 2020). Um exemplo disto, foi visto no governo de Getúlio Vargas, no qual havia um controle do Estado de órgãos esportivos, veículos de imprensa, até mesmo das torcidas (HOLLANDA e CHAIN, 2020). No âmbito da gestão do jogo, o governo Vargas foi responsável por concluir as disputas de poder entre futebol amador e profissional, como também, entre futebol estadual e nacional. O futebol passou a ser algo profissionalizado, e a responsabilidade sobre clubes, campeonatos locais e o selecionado nacional foi dividida entre órgãos sobre o controle do governo (DRUMMOND, 2020). No que se refere às torcidas, havia, no governo Vargas, concursos de torcidas promovidos por Estado e imprensa, onde se valorizava disciplina, harmonia e originalidade. Estas torcidas eram compostas por jovens de classe média, sócios destas associações que eram os clubes (HOLLANDA e CHAIN, 2020). Este teria sido, inclusive, a primeira geração de torcidas organizadas no Brasil (PINHEIRO, 2021).

A possibilidade de brancos e negros representarem juntos o Brasil em uma Copa do Mundo, como ocorreu em 1938, também era algo que agradava o governo Vargas, pois a seleção conseguia ser um símbolo de sua ideia de democracia racial e harmonia nacional, algo promovido pelo governo da época de maneira populista (DRUMMOND, 2020). A realidade do futebol brasileiro desta época se inseria em algo maior, onde o futebol servia para demonstração de força e poder dos líderes da época (LIMA, 2021). Junto com o episódio da seleção brasileira que atuou na Copa do Mundo de 1938 como representante da ideia de democracia racial, e que mesmo com a derrota foi muito homenageada, podemos citar outras demonstrações de como o Estado Brasileiro se apropriou do futebol (*Ibidem*).

As intervenções governamentais deste período também impactaram a prática de futebol por parte de outros corpos. Também ao governo Vargas pode ser creditado a proibição da prática do futebol para as mulheres, em 1941, e que somente em 1983 foi regulamentado (LOPES, 2019). Isto ocorreu, porque o futebol foi construído sobre a lógica do “homem viril” (ANJOS, 2020), de modo que as mulheres e sua “natureza feminina”, não eram vistas como compatíveis com o futebol. Esta repressão ao futebol feminino não ocorreu apenas no Brasil, visto que o primeiro mundial de seleção da modalidade somente ocorreu em 1991 (SÁ, 2021). Esta lógica do homem viril também impactou todas as pessoas que não se adequassem no perfil cisheteronormativo, sendo então rejeitadas deste meio. Estas ações foram apoiadas por muitos Estados (SILVA, 2015). Infelizes legados destas ações restritivas ainda podem ser percebidos atualmente nos estádios brasileiros. No caso do futebol feminino, vemos uma disparidade em relação ao futebol masculino. Já no que se refere a pessoas LGBTQIAPN+, ainda são percebidas ofensas nos cânticos e gritos preconceituosos proferidos nos estádios (JUNIOR, 2019).

Este contexto ajuda a entender também o que leva Arlei Damo (2020) a compreender o futebol feminino como uma matriz a parte do futebol profissional masculino, pois as trajetórias entre essas modalidades são muito distintas, explicando as diferenças que possuem. Estas diferenças atualmente estão sendo combatidas com cada vez mais apoio ao futebol profissional feminino, se percebendo clubes onde os adeptos passam a torcer com grande presença nas arquibancadas, nos jogos dos times femininos. Exemplos disso são o Corinthians, no Brasil (GE, 2022a), e o Barcelona, na Espanha (LANCE, 2022). Por outro lado, em clubes mais periféricos, como é o caso do Santa Cruz, onde o futebol masculino, que já é tido como prioritário, não vai bem, o futebol feminino

é ainda mais precário, chegando ao ponto de desde o final de 2022 estar inativo (MOTA, 2022).

As influências militares também afetavam os corpos masculinos durante a ditadura. O maior exemplo disso foi a preparação da Seleção Brasileira para Copa de 1970. Por trás do jogo bonito desempenhado pelo time durante o mundial, que consagrou a equipe, como a maior equipe de futebol da história, para muitos, houve um elaborado planejamento científico e militar. Durante este processo, o técnico que dirigiria a seleção, João Saldanha, foi substituído por Mario Jorge Lobo Zagallo por motivos não transparentes, existindo alegações de que não era suficientemente competente ou que teria sido por motivações políticas, já que Saldanha era tido como comunista, e uma entrevista sua teria sido vista como uma crítica ao presidente Médici, na qual afirmou que não escalava ministros e Médici não escalava os jogadores (MARINHO e CORNELSEN, 2020).

Manifestações contrárias aos governos não eram muito comuns durante grande parte do século XX, muito, pelo temor a represálias, como foi o caso de Reinaldo, maior artilheiro do Atlético/MG. O atacante afirma ter sofrido perseguições tanto jogando no clube, como pela Seleção Brasileira, por, sobretudo, comemorar gols com punho erguido, tal qual o movimento dos Panteras Negras, o que era considerado afronta aos ditadores (PIRES, 2018) (Figura 9).

Figura 9: Reinaldo comemorando gol com punho levantado.



Fonte: Marques e Mattar, 2019.

No Santa Cruz, Luciano Veloso, segundo atleta com mais gols feitos com a camisa tricolor, afirmou que sua “vasta cabeleira” era uma forma de protesto contrário à ditadura militar, que no Nordeste não se discutia muito isso, mas que nos estados de Rio de Janeiro e São Paulo, havia um debate maior dos jogadores sobre a ditadura (SILVA, 2022). Uma referência nestes sentidos, foi a democracia corintiana. O movimento liderado por jogadores do Corinthians, como Sócrates, Casagrande e Zenon, se pautava no fim da ditadura, a volta do direito ao voto para presidente, além de uma gestão horizontal dentro do clube, envolvendo jogadores, dirigentes e outros funcionários (GE, 2020a).

Posteriormente, com maiores interferências de agentes financeiros, como grandes empresas multinacionais que patrocinam torneios, há um início de um futebol mais mercadológico, que era criticado por Eduardo Galeano em seu texto *Fim da pátria*, sobre o contexto da final da Copa do Mundo de 1994, realizada nos Estados Unidos, onde o futebol estaria se consolidando enquanto um espetáculo comercial:

O futebol profissional faz todo o possível para castrar essa energia de felicidade, mas ela sobrevive apesar de todos os pesares. É talvez por isso que o futebol não pode deixar de ser assombroso. Como diz meu amigo Ángel Ruocco, isso é o melhor que tem: sua obstinada capacidade de surpresa. Por mais que os tecnocratas o programem até o mínimo detalhe, por muito que os poderosos o manipulem, o futebol continua querendo ser a arte do imprevisto. Onde menos se espera salta o impossível, o anão dá uma lição ao gigante, e o negro mirrado e cambaio faz de bobo o atleta esculpido na Grécia. (GALEANO, P. 271, 1995).

Percebemos que o escritor aponta que mesmo que o futebol estaria passando por um processo de sufocamento dessa alegria, esse sentimento sobrevive, porque o futebol é um esporte imprevisível, em que mesmo com aparatos técnicos e aplicações científicas nas preparações dos atletas, o espírito lúdico pode sobreviver na imprevisibilidade dos resultados.

Durante este período de ditadura, as influências governamentais também ocorriam na construção de estádios. Isso ocorreu primeiro com Vargas, na Copa do Mundo de 1950, realizada no Brasil, onde diversos estádios foram construídos para sediar os jogos, inclusive o Maracanã, que na época, era tido como maior estádio do mundo – servindo assim – como ótimo exemplo da força do governo nacional. Estas obras além de carregar um teor populista, também se inseriam em um contexto de construção de grandiosos estádios visto entre as décadas de 50 e 80 (SILVA e CAMPOS, 2020), que vão da era Vargas, até a ditadura militar, que participou da construção de vários estádios em todas as regiões do país (LINHAS, 2021). As constantes influências do Estado, em diferentes momentos, corroboram a ideia de que o futebol tenha ganho uma característica de

elemento central na identidade brasileira, devido à valorização do mesmo pelo Estado e a mídia, que historicamente atrelaram as ideias de união e progresso ao futebol (SOUZA, 2020).

Muito por isso que o futebol por vezes recebe uma percepção de algo alienante, inclusive por segmentos acadêmicos, embora também haja o movimento de apresentar o futebol como um reflexo do Brasil (SPAGGIARI, 2020). Porém, apesar de polêmicas discussões sobre o tema, fica claro, como afirma Morris (1981), que há um interesse do povo no jogo, e se há apropriações políticas, essas ocorrem por sujeitos de diversos lados do espectro político. Por isso, Giglio (2020) acredita que pensamentos que reduziram o futebol a algo alienante por segmentos intelectuais da sociedade também podem ocorrer por ser o futebol algo visto como uma cultura de fora das elites, como o carnaval e outras culturas populares.

2.4. Influências econômicas e a estrutura atual do moderno futebol brasileiro

Atualmente, as experiências nas arquibancadas estão passando por um processo de transformação, que se iniciou no final do século XX. No ano de 1989, uma partida entre Nottingham Forest e Liverpool, válida pela semifinal da Taça da Inglaterra, terminou em uma tragédia, devido à superlotação do estádio, o que resultou no falecimento de 96 pessoas. Este evento, que ficou conhecido como tragédia de Hillsborough – nome do estádio do Nottingham Forest –, serviu para que o governo britânico, de Margareth Thatcher, iniciasse um novo momento no futebol local, mas que, aos poucos, impactaria todo o futebol pelo mundo. Esta reforma que o futebol britânico sofreu buscava um comportamento mais ordenado, sem o imponderável e os conflitos que torcedores britânicos costumavam causar (BALE, 1998). Nesta lógica, os estádios deveriam ser espaços para contemplação do jogo enquanto um espetáculo. Os torcedores deveriam permanecer a maior parte do tempo sentados. Grades e alambrados foram gradativamente sumindo dos estádios britânicos, porém, para evitar invasões de torcidas, ou outras manifestações desse tipo, os estádios passaram a ser espaços cada vez mais vigiados, controlados, com seguranças e câmeras (*Ibidem*).

O ordenamento dos estádios como parte da normatização do futebol, é um fenômeno, que se expandiu pela Europa, e pelo mundo. No Brasil, este processo ocorreu impulsionado por megaeventos esportivos, que impactaram não apenas os estádios – que tiveram que se adequar aos padrões internacionais dos órgãos responsáveis por tais

eventos – mas todo o espaço urbano das cidades que foram palcos desses eventos, que tiveram que se adequar para grandes quantidades de pessoas circulando durante os eventos. Os eventos em questão foram os Jogos Pan-Americanos no Rio de Janeiro em 2007, os Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro, em 2016, e principalmente a Copa das Confederações e a Copa do Mundo de Futebol em 2013 e 2014, organizadas pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) (MASCARENHAS, 2019).

Estes estádios que passaram por transformações foram chamados por alguns autores como pós-modernos (SILVA e CAMPOS, 2020). Outros os passam a chamar de arenas, diferenciando os mesmos dos estádios. Os estádios, anteriores a este momento, ou que ainda não se adequaram a estas mudanças, são vistos como espaços com função de abrigar jogos, possuem centralidades físicas e simbólicas, são espaços de sociabilidades específicas, memórias acumuladas, que são vividas coletivamente (FERREIRA, 2020). Por outro lado, as arenas poderiam ser vistas como algo projetado para o multiuso, onde a prioridade não é necessariamente o jogo. Exemplo disto, ocorreu com a Sociedade Esportiva Palmeiras, em 2019. Devido à realização de um show previamente marcado para sua arena, o Palmeiras teve que realizar um importante jogo em outro estádio (PLACAR, 2019). Neste caso, o Palmeiras perdeu o jogo e, nas piadas de torcidas rivais, o resultado foi vexatório por ter ocorrido fora da casa do clube devido a um show.

As arenas seriam diferentes dos estádios também, por questões arquitetônicas, sociais e culturais. Quando há os *naming rights*, contribuiriam para uma perda de identidade (FERREIRA, 2020). Em certos casos, é apontado inclusive, que as arenas são construídas visando mais a valorização imobiliária do entorno, do que por motivações lúdicas, futebolísticas (HOFIG e BRAGUETO, 2013). Além disso, devido ao alto controle e normatização de comportamentos, as arenas teriam uma grande capacidade de afastar os modos tradicionais de torcer (FERREIRA, 2020).

Na origem deste fenômeno, havia uma percepção de que se estava buscando tornar o jogo puro, sem elementos que o corrompessem, como seriam as torcidas descontroladas. Contudo, para o geógrafo britânico John Bale, a partir de Baudrillard, ao controlar, normatizar excessivamente as torcidas, ao mesmo tempo que aumentam as transmissões de jogos na televisão, se retiraria as emoções do jogo, e o mesmo seria esvaziado, como deixa claro nas seguintes palavras: “Em um estádio vazio, o mundo pode ver na TV a

forma pura do evento do qual toda paixão foi removida” (BAUDRILLARD, 1993 apud BALE, 1998. p. 5). Uma possível consequência deste fenômeno, são as reduções das capacidades de estádios por medidas de segurança. Contudo, para Richard Giulianotti (2012), renomado sociólogo acerca da temática do futebol, as reduções das capacidades dos estádios, contribuiriam para o aumento dos preços dos ingressos. Isto, alinhado a popularização recente do jogo pela burguesia, com crescentes vínculos de clubes e entidades futebolísticas com corporações comerciais, e o advento do *pay-per-view*¹, seriam quatro ingredientes chave do processo de mercantilização do futebol (*Ibidem*).

Historicamente, a tragédia de Hillsborough é apontada, segundo Pinheiro (2021) como o terceiro de quatro marcos temporais deste processo de mercantilização do futebol. O primeiro marco seria a formação da sociedade de consumo no pós-guerra europeu, quando o futebol passou a ser tratado contornos de negócio. O segundo marco seria ascensão do brasileiro João Havelange na presidência da Federação Internacional de Futebol (FIFA), uma vez que, após isso, a instituição máxima do esporte iniciou articulações com empresas globais e houve uma crescente tecnologia de transmissão via satélite de jogos. Por fim, após a tragédia no estádio inglês, e a mudança que começaram a ser implementadas nos estádios, o quarto marco seria a adesão de FIFA e União das Federações Europeias de Futebol (UEFA) aos conceitos de arenas como modelos para os eventos organizados por essas instituições (PINHEIRO, 2021).

No que se refere aos clubes, percebe-se que clubes tradicionais, mas que não seriam considerados grandes, dentro das realidades esportivas que estão inseridos, passam a ser explorados como palco para o *glamour* dos clubes e jogadores internacionais (GIULIANOTTI, 2012). Ou seja, mesmo que um clube tenha tradição considerável e fiéis torcedores, ele será condicionado a uma posição de coadjuvante nas competições, para que os clubes internacionais, que detêm jogadores famosos e o interesse midiático, brilhem, ao subjugar esportivamente os menores.

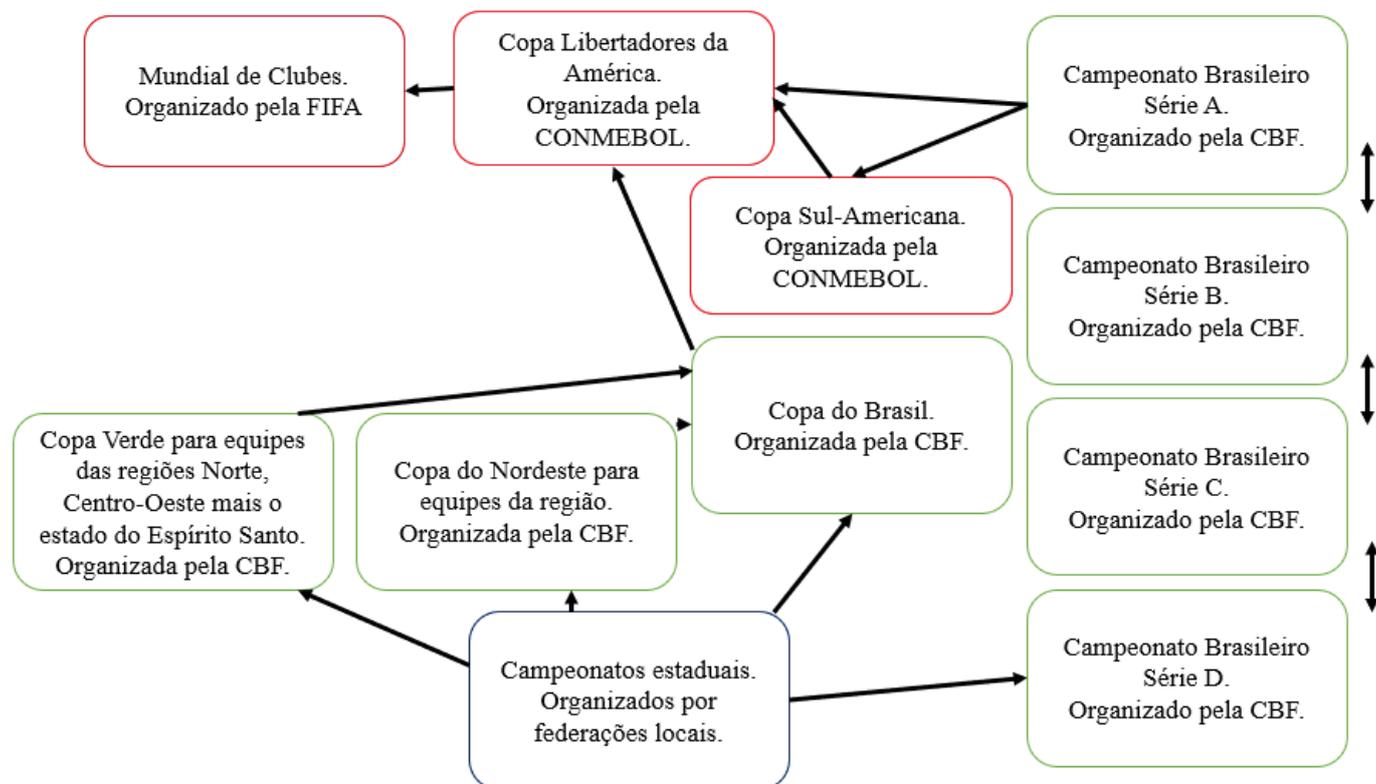
No Brasil, um primeiro movimento de criar um grupo hegemônico e glamourizado de clubes pode ter sido a criação do Clube dos 13, em 1987. Este grupo de treze equipes era composto inicialmente de doze, que seriam os chamados quatro grandes do Rio de

¹ O pay per view é um sistema de pagamento para assistir uma partida específica pela televisão, de maneira isolada. Assim, a experiência de assistir um jogo específico pela televisão, se torna também um produto.

Janeiro (Botafogo/RJ, Flamengo/RJ, Fluminense/RJ e Vasco da Gama/RJ); os quatro grandes de São Paulo (Corinthians/SP, Palmeiras/SP, Santos/SP e São Paulo/SP); os dois grandes de Minas Gerais (Atlético/MG e Cruzeiro/MG), os dois grandes do Rio Grande do Sul (Grêmio/RS e Internacional/RS). Porém, a pedido do presidente do Conselho Nacional de Desportos (CND), última instância esportiva governamental da época, foi adicionado um membro nordestino para possivelmente fazer o grupo aparentar ser mais democrático, o escolhido foi o Bahia/BA (NASCIMENTO, 2020). O objetivo do grupo era cuidar do campeonato brasileiro, em momento em que a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que até então era quem o fazia, demonstrava dificuldades. Este ano ficou marcado por disputas entre clubes, CBF e emissoras de televisão, todos atores interessados nos lucros que o futebol já proporcionava na época. Ao fim do mesmo ano, a CBF recuperou o poder de organização do futebol brasileiro.

A CBF rege o futebol nacional até a atualidade, organizando torneios nacionais, que são o Campeonato Brasileiro, dividido em quatro divisões, sendo a competição que mais preenche o calendário das equipes. Além disso, os clubes jogam em paralelo ao Campeonato Brasileiro, a Copa do Brasil e torneios regionais, tais quais a Copa do Nordeste e Copa Verde, que também são organizados pela instituição. Além disso, os clubes brasileiros também disputam torneios estaduais, organizados por federações locais de futebol. Para as equipes que não estão em nenhuma das quatro divisões nacional, os estaduais são a única disputa possível, além da Copa do Brasil, Copa do Nordeste (em caso de times nordestinos), e a Copa Verde (em caso de times das regiões Norte, Centro-Oeste mais o estado do Espírito Santo). Os melhores clubes no Campeonato Brasileiro também disputam em paralelo ao Campeonato Brasileiro, torneios sul-americanos – organizados pela Confederação Sul-americana de futebol (CONMEBOL), e eventualmente, um torneio mundial administrado pela Federação Internacional de Futebol (FIFA). Os torneios costumam se conectar uns aos outros em um sistema de promoção e descenso, como o fluxograma a seguir pode ilustrar (Figura 10).

Figura 10: Fluxograma do futebol de clubes brasileiros.



Fonte: Produzido pelo autor.

Embora não tenha conseguido o poder de administrar a organização do futebol nacional, o Clube dos 13 possuiu, até meados dos anos 2000, grande poder dentro do futebol brasileiro, sobretudo na divisão de cotas de transmissão dos jogos do Campeonato Brasileiro, que é uma das principais fontes de renda dos clubes até a atualidade. Durante estes anos de poder, foram incluídos ao grupo Coritiba/PR, Goiás/GO e Sport/PE, em 1993, e Athletico/PR, Guarani/SP, Portuguesa/SP e Vitória/BA, em 1999 (SOUZA, 2021).

Os critérios para inclusão de membros ao longo dos anos neste grupo nunca foram tão claros, mas o fato é que dos vinte membros em 2024, doze se encontravam na primeira divisão do futebol nacional, cinco na segunda divisão, e apenas um clube não conta com divisão nacional atualmente, a Portuguesa/SP. Além de estarem no topo da hierarquia futebolística nacional, membros deste grupo viveram uma mudança de paradigma após o surgimento do Clube dos 13, como foi o caso de Athletico/PR e Corinthians, que conquistaram campeonatos nacionais após a época discutida.

Historicamente, a maioria dos clubes brasileiros eram associativos, porém, para sobreviver nesta era extremamente capitalista do futebol e tentar ser competitivo frente aos clubes hegemônicos, muitos estão transitando para o modelo de Sociedade Anônima de Futebol (SAF). Com esta transição, os clubes deixam de ser associativos, para se tornarem empresas. Com isso, há uma substituição no perfil dos líderes dos clubes, deixando de ser presidentes eleitos por torcedores, mas que muitas vezes são compreendidos enquanto profissionalmente incapacitados para geri-los, e passam a ser geridos por grupos de empresários considerados em tese, capacitados. Uma vez que se tornam empresas, os clubes recebem investimentos de grupos privados, e teoricamente são administrados de maneira profissional, com pessoas formadas (CAPELO, 2022).

No Brasil, onde se observa uma diversidade de clubes tradicionais, que passam por problemas esportivos e de gestão, se transformar em empresa é visto como uma chance de voltar a ser competitivo, possuir elencos de jogadores qualificados, porém caros, e ter uma gestão tida como profissional. Por isso, mais de 24 clubes já adotaram a transição para empresas, incluindo alguns ex-membros do Clube dos 13, mas que perderam competitividade frente a rivais, como é o caso do Botafogo/RJ e Vasco da Gama/RJ (MATTOS, 2022). Contudo, o modelo já começa a se provar que não é garantia infalível de sucesso, como foi o caso do próprio Vasco da Gama ou o ocorrido com o tradicional Figueirense Futebol Clube de Florianópolis/SC. Após a chegada de uma empresa gestora, em 2017, as dívidas do clube foram agravadas, foi rebaixado à terceira divisão nacional e serviços básicos aos atletas foram interrompidos, como plano de saúde, falta de alimentação e transporte para os jogadores de base (WALZBURIECH e MARCHIORI, 2021).

Assim, quando se observa a distribuição geográfica dos clubes dentre as divisões do futebol nacional, se percebe além da influência do Clube dos 13, interferência também da distribuição de riquezas entre os estados da federação, visto que os estados e regiões historicamente mais ricos possuem mais clubes dentre as divisões, principalmente nas mais altas. Isto pode evidenciar a importância financeira para o sucesso esportivo. Evidenciamos estas questões, pois ajudam a entender em grande parte, o insucesso esportivo do Santa Cruz, visto o cenário adverso em que o clube se encontra. O Santa Cruz se localiza em uma região periférica do futebol nacional, não contou com o suporte do Clube dos 13, como os nordestinos Bahia/BA, Sport/PE e Vitória/BA, ou o Goiás/GO do Centro-Oeste. Além disso, o Santa Cruz não vivenciou, durante a existência deste

grupo, que durou duas décadas, uma rivalidade local em condições econômicas de igualdade, como o ocorrido entre os arquirrivais baianos (Bahia e Vitória), afinal o rival local do Santa Cruz, o Sport, era membro do Clube dos 13. Obviamente, isto não pode ser considerado a única causa dos insucessos do Santa Cruz, que tem grande responsabilidade sobre sua realidade, mas também não parece ser possível negar completamente a conjuntura financeira e política de desigualdade, que norteou as rivalidades e as disputas locais e regionais por anos.

Como se percebe, o futebol passou por um processo de mercantilização, alinhado a normatização e modernização dos estádios, e isso fez alguns autores entenderem que estaria havendo uma higienização no futebol (SAYER, 2016), e que estes estádios pós-modernos seriam ferramentas fundamentais para este processo, que impactaria no torcer com a troca de perfil dos torcedores, passando a ser prioritariamente consumidores (MASCARENHAS, 2015).

Porém, como discutido no capítulo anterior, apesar da possível capacidade destes estádios pós-modernos (SILVA e CAMPOS, 2020) de enfraquecerem as vivências dos torcedores nos estádios, para o geógrafo britânico John Bale (1998), as manifestações das torcidas podem tornar especiais esses espaços. Isto ocorre, devido as manifestações do torcer realizadas nas arquibancadas, que possuem a capacidade de criar atmosferas únicas nos estádios (SAYER, 2016). Com isso, entendemos que a presença da torcida possui um papel importante na experiência do jogo de futebol, evitando que o evento esportivo seja esvaziado de sentido e de emoções (BALE, 1998).

2.5. As gerações de torcidas

As torcidas são, inclusive, protagonistas no movimento contrário ao chamado futebol moderno, que sintetizaria em uma expressão, as transformações econômicas, culturais, sociais, arquitetônicas e organizacionais resultadas do processo de mercantilização do futebol (PINHEIRO, 2021). Os torcedores que se opõem ao futebol moderno agem assim, pois interpretam que, na atualidade, ocupar espaços nas arquibancadas está cada vez mais inacessível logística e financeiramente. Além disso, entendem que as relações de amor entre torcida-clube-jogador estão se esvaindo (ALABY, 2015). As torcidas que se opõem ao futebol moderno estariam inseridas na mais atual onda de torcidas organizadas, onde estão atreladas a pautas políticas – majoritariamente de esquerda – combatem preconceitos, criam grupos de torcidas

antifascistas, e buscam um futebol que não se submeta ao mercantilismo, mas que também não retorne a um passado construído com preconceitos, que, como pontuado anteriormente, ocorria no futebol (PINHEIRO, 2021).

Além desta onda atual de torcidas organizadas emergentes, haveria outros três momentos anteriores. O primeiro movimento de torcidas organizadas no Brasil, como já comentado antes, ocorreu por meio de concursos promovidos por mídia e governos durante as décadas de 1950 e 1970 (PINHEIRO, 2021). A segunda onda seria as torcidas jovens atreladas a grandes espetáculos de baile funk e sociabilidades conflituosas, e que são oriundas da década de 1980; já a terceira onda, seria fruto de fragmentações movidas por discordâncias e conflitos das torcidas jovens (*Ibidem*). Visualmente, as torcidas destas duas ondas, ao menos no Brasil, se caracterizam no estádio com longos bandeirões tremulados nas arquibancadas, e símbolos que demonstram força, buscam intimidar (Figura 11).

Figura 11: Torcida organizada do São Paulo/SP, do modelo das segunda e terceira ondas.



Fonte: Passareli, 2023.

As torcidas organizadas da quarta onda, que se opõem mais firmemente ao futebol moderno, se originam na Europa, na década de 1970, atreladas a produção de fanzines, movimentos punks, consolidando uma cultura contestatória (PINHEIRO, 2021). Nas suas práticas e discursos, é possível perceber torcidas que realizam o que Pinheiro (2021) classifica de insurreição clubista. Isto seria entendido como o ato do sujeito se engajar emocionalmente com o clube, ao politizar o torcer, desnaturalizar elementos preconceituosos do futebol e acionar memórias subversivas da história do clube, como

uma origem proletária, para referenciar uma postura inclusiva na atualidade, por parte de clube e torcida. Assim, o futebol moderno é visto não apenas como algo mercantilizado e elitista, mas também, como algo que rompe com tradições populares (*Ibidem*).

É possível observar que muitas destas torcidas organizadas que se posicionam contra o futebol moderno, pertencentes a quarta onda de torcidas organizadas no Brasil, se manifestam seguindo o modelo de Barra Brava. Este tipo de torcer é originalmente de países da América do Sul (ESPM, 2017) e se diferenciam das torcidas organizadas convencionais do Brasil por um estilo musical mais cadenciada, eventual presença de instrumentos musicais como trompete, pequenas bandeiras tremulando e trançados de faixas nas arquibancadas (SILVA, 2016) (Figura 12).

Figura 12: Faixas trançadas de Barra Brava do Rosário Central - ARG



Fonte: MATOS, 2014.

É creditado ao estado do Rio Grande do Sul o local de chegada destes grupos no país devido à proximidade do estado com Uruguai e Argentina, onde estes tipos de torcidas são hegemônicos nas realidades dos clubes. Posteriormente, foram se espalhando pelo Brasil, com uma diferença fundamental em comparação aos países vizinhos, pois fora do Brasil, estes grupos exercem a demonstração de força, de vigor, que muitas vezes culmina em conflitos, já no Brasil, sobretudo nas regiões onde este fenômeno é recente, como é o caso do Nordeste, a ideia parece ser manifestar apoio ao clube de forma pacífica (ESPM, 2017).

Desta forma, as torcidas organizadas contrárias ao futebol moderno, além de se posicionarem politicamente, buscam impactar também as arquibancadas, contribuindo para o fervor, para o que Morris (1981) afirma ser, uma festa sagrada de cânticos profanos. A existência destas torcidas da chamada quarta onda de torcedores (PINHEIRO, 2021), e sua oposição ao chamado futebol moderno, demonstra a existência de um dilema no futebol, identificado por Desmond Morris (1981), já na década de 1980, onde o futebol se encontra em um impasse entre ser um rito sagrado ou entretenimento social de consumo. Atualmente, parece que as duas possibilidades estão coexistindo, muito embora, com tensionamentos. Quando observarmos algumas vivências da torcida do Santa Cruz no Estádio do Arruda, relatadas no quinto capítulo, isto poderá ser mais evidenciado.

Contudo, quanto as gerações de torcidas, é importante ressaltar que em sua perspectiva, Pinheiro (2021), trata das torcidas organizadas, de maneira que esta discussão não abarca os comportamentos das torcidas em sua total abrangência. Afinal, há uma grande vastidão de torcedores que não se atrelam à grupos organizados. Além disso, como será percebido no quinto capítulo, o surgimento de uma nova geração de torcidas organizadas, não significa que grupos de gerações anteriores não permanecem. Na verdade, se observa a presença de grupos de torcidas organizadas de formatos distintos nas arquibancadas.

Com base nas contextualizações e reflexões realizadas neste capítulo, é possível entender que o futebol surgiu como algo comunitário, atrelado as festividades religiosas na Idade Média, podendo inclusive nos permitir pensar que em sua origem seria um exemplo de jogo lúdico com funcionalidade sagrada, como afirma Huizinga (2000). Posteriormente, evoluiu e alcançou uma dimensão profissional, foi estimulado a ser algo que envolvesse as massas, e com isso alcançou uma dimensão global. Atualmente, parece possuir dilemas no que se refere a modernização e controle, que atingem clubes e torcidas. Contudo, embora fortemente mercantilizado, ainda se observa um forte engajamento de pessoas com o intuito de manter uma dimensão sentimental, emocional, que permita entendermos o futebol ainda como algo lúdico e mítico. Após então compreender de maneira geral a história deste esporte, envolvendo questões políticas, econômicas e sociais, é possível iniciar uma visita à história do Santa Cruz Futebol Clube, elemento central desta pesquisa.

Capítulo 3: “És o querido do povo”: Elementos do ser *Santacruzense* através da história do clube

Embora a origem de um mito não seja necessariamente fundamental para compreendê-lo, se percebe que através da leitura de Cassirer (CASSIRER, 1992), ainda sim, pode trazer importantes elementos no exercício de entender como o mito está na vida das pessoas que o comungam. Afinal, as memórias e histórias muitas vezes são parte dos elementos que compõem os significados que pessoas podem dar aos estádios (FERREIRA, 2020). Neste caso, para entender parte do que são os torcedores do Santa Cruz e sua relação com o clube e o Estádio do Arruda é sim pertinente averiguar as origens do clube. Além das origens da instituição, se busca apresentar, neste capítulo, como surgiu o Estádio do Arruda, além dos principais episódios vivenciados nesse espaço para a torcida coral, para, assim, compreender melhor o que compõem a dimensão mítica do Santa Cruz. Para realizar esta proposta, iniciamos esta seção pontuando como o futebol começou em Pernambuco.

3.1. Origem do futebol em Pernambuco

Antes da chegada do futebol, oriundo da Inglaterra, à Pernambuco, ou pelo menos antes de se fazer presente na sociedade local, outros esportes já estavam sendo praticados em terras pernambucanas no final do século XIX, como por exemplo, o remo e o turfe. Porém estes esportes já não gozavam de grande interesse da sociedade local na virada dos séculos, segundo o historiador Givanildo Alves (1978). Isto favoreceu para que, em 1903, Guilherme de Aquino – jovem recém-chegado de estudos na Inglaterra – tentasse colocar em prática na sua terra natal esportes que conheceu na estadia no país europeu, tais quais o futebol, tênis, rúgbi e críquete. Contudo, a aceitação ao futebol apresentado por Aquino não veio fácil. Clubes tradicionais da cidade, vinculados a eventos sociais ou práticas de remo, como o Clube Internacional de Regatas (atual Clube Internacional do Recife) e o Clube Náutico Capibaribe, mais conhecido como Náutico, não demonstraram interesse inicialmente no futebol (ALVES, 1978). Aquino conseguiu apoio então, com alguns outros jovens da elite pernambucana, mais alguns britânicos, que trabalhavam em empresas vinculadas ao processo de industrialização vigente no Brasil e o mundo, em um período de forte influência britânica no globo (LIMA, 2013).

Em 1905, junto com amigos, Guilherme de Aquino funda o Sport Club do Recife, mais conhecido como Sport, que em seus primeiros anos realizava poucos jogos, contra

equipes de empresas britânicas, que se confundiam com eventos sociais das classes mais altas da sociedade local (ALVES, 1978). De maneira resumida, este é a versão mais conhecida da origem do futebol pernambucano, que tal qual haveria ocorrido em São Paulo, pela figura de Charles Muller – também estudante brasileiro recém-chegado da Inglaterra – tem na figura de Guilherme de Aquino o crédito de introdutor do futebol em Pernambuco.

Contudo, a introdução do futebol em Pernambuco através da figura de Aquino pode ser questionada, pois já na última década do século XIX, havia registros que indicam jogos de bolas em clubes sociais ingleses. Além disso, há um registro que consta a existência, em 1902 – um ano antes da volta de Aquino ao Recife – de uma agremiação chamada de Socorro Foot-Ball Club, que pelo nome, nos permite pensar que realizava práticas de futebol (LIMA, 2013). Outro fator que permite questionar a versão mais aceita, é que se Aquino somente conseguiu iniciar uma prática de futebol com apoio dos britânicos residentes em Recife, isto pode permitir pensar de que esses já conheciam o esporte oriundo de sua terra natal.

Percebe-se, então, que há uma carência de informações que permitam ter certeza de como os fatos se sucederam em relação ao início do futebol em Pernambuco. Deste modo, a versão mais difundida deste processo acaba tendo, de certa forma, um caráter de lenda e tradição, podendo ganhar contornos míticos principalmente para torcedores do Sport Club do Recife, fundado por Guilherme de Aquino, que podem se afirmar como herdeiros do legado de Aquino.

Seja como foi que se deu o desembarque do futebol em Pernambuco, é certo que não se pode desconsiderar a importância de Guilherme de Aquino para a difusão deste jogo. Afinal, o Sport recebeu apoio da sociedade da época, contando até mesmo com suporte dos veículos de imprensa, como o Jornal Pequeno, que publicou três dias depois da fundação do Sport, o seguinte texto: “Oxalá que o Sport Club do Recife progrida, pois vem preencher uma das maiores lacunas da nossa sociedade: falta absoluta de distração.” (ALVES, 1978. p. 17). Assim, a sociedade pernambucana do início do século XX começou a ter outra percepção do esporte bretão, alcançando até mesmo, grupos que haviam rejeitado inicialmente o futebol, como sócios do Clube Náutico Capibaribe, que até então se mantinha apenas nas práticas de esportes marítimos.

Em 1909, o Clube Náutico Capibaribe ingressa ao futebol, após membros do mesmo praticarem futebol com membros do Sport (ALVES, 1978). No entanto, Náutico e Sport realizavam, a princípio, jogos apenas entre si e com equipes britânicas. Apesar desta abordagem elitista e exclusivista, o futebol passou a se expandir pela cidade, na medida que o Recife se expandia, sobretudo para as camadas da população mais pobres. Isto porque, estas populações eram afastadas dos centros por medidas higienistas e criavam espaços de sociabilidade, onde campos de futebol improvisados faziam parte (LIMA, 2011).

O futebol foi abraçado por estas populações, pois se apresentava como única prática esportiva possível, afinal não necessitava de muitos instrumentos caros, como o remo e o turfe (LIMA, 2011). Na medida que o futebol foi sendo praticado por classes mais populares do Recife, ele foi praticado em ruas, praças, parques e largos. Estas práticas eram muitas vezes vistas com maus olhos pela sociedade da época, diferente dos jogos nos clubes, que eram percebidos como exercícios que contribuíam para o ordenamento físico dos indivíduos, com uma lógica muito próxima da que ocorria na origem britânica do futebol nas faculdades (MASCARENHAS, 1999). Esta pressão aos jovens que jogavam futebol nas ruas pode ter contribuído para a origem de muitos clubes periféricos no Recife da década de 20, pois as instituições formais, mesmo periféricas, recebiam melhor recepção (LIMA, 2013). É dentro deste contexto que se pode imaginar ter ocorrido a origem do Santa Cruz, como ficará mais evidente a seguir, quando se buscará apresentar elementos da história do clube e do Estádio do Arruda.

3.2. Santa Cruz Futebol Clube: uma mítica origem simples

Como apresentado, na virada das décadas de 1910 e 1920, o futebol em Pernambuco, sobretudo Recife, começava a ser praticado em espaços públicos e não apenas nos clubes vinculados as elites locais e grupos britânicos. Dentro do contexto de pessoas que praticavam futebol em espaços como praças e ruas, havia um grupo que se encontrava para jogar futebol à noite, no pátio em frente à Igreja de Santa Cruz, no Bairro da Boa Vista. Este grupo, em 3 de fevereiro de 1914, fundou o Santa Cruz Futebol Clube, em referência à igreja próxima do seu local de encontro (ALVES, 1978). Atualmente, é comum observar nos aniversários do Santa Cruz torcedores que se reúnem em frente a esta igreja para celebrar o clube (Figura 13).

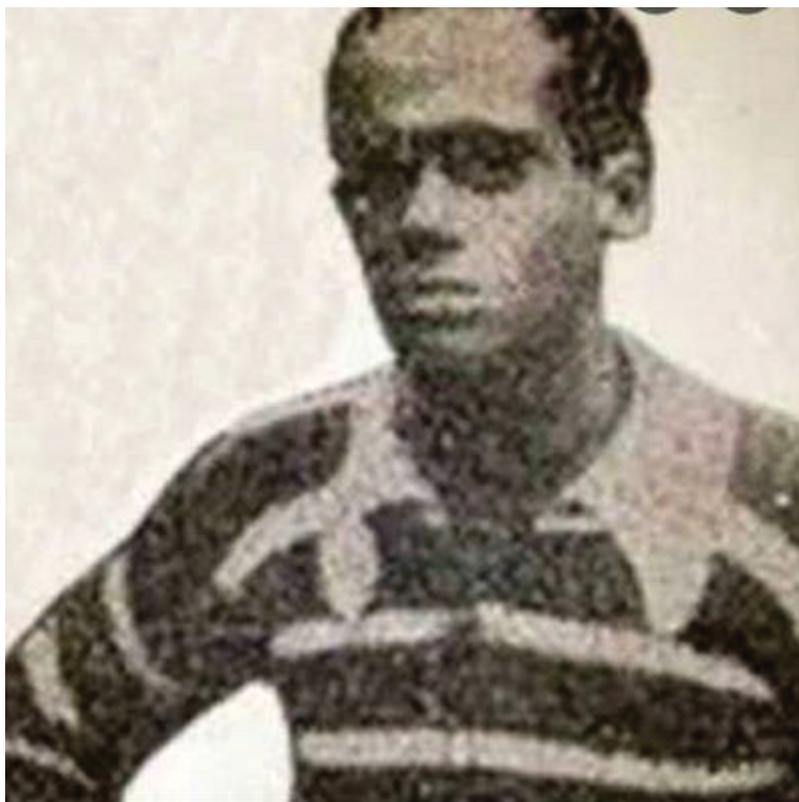
Figura 13: Torcedores comemorando aniversário do Santa Cruz em frente à igreja homônima.



Fonte: Santa Cruz (2023).

Segundo o site oficial do clube, os garotos que jogavam futebol no espaço público sofriam muitas vezes repressão policial por agirem de maneira desordeira para época. Assim, de modo ousado, o grupo fundou o clube (SANTA CRUZ, s.d. a). Dentre os onze jovens que fundaram o clube, havia um negro, Teófilo de Carvalho, mais conhecido como Lacaia (Figura 14), que, embora não esteve presente no dia exato da fundação do clube, e assim, não tenha assinado a ata oficial, é considerado um dos fundadores, e com grande importância como será visto a seguir.

Figura 14: Teófilo de Carvalho, o Lacaia



Fonte: Aragão (2023).

O Santa Cruz nasceu alvinegro, ou seja, um time de duas cores, preto e branco. É amplamente repercutido que a motivação para estas duas cores, seria por uma lógica de representar a união de povos brancos e pretos. Porém, um ano depois de sua fundação, ao se filiar na recente formada Liga Sportiva Pernambucana (LSP), teve que se submeter a um sorteio contra o Flamengo do Recife, para saber qual dos dois continuaria alvinegro e qual teria que mudar suas cores. O Santa Cruz perdeu o sorteio e teve que adicionar uma nova cor (ALVES, 1978). Sobre este processo, de inserção à nova liga, que resultou na mudança de cores, Alves afirma o seguinte:

“(…) quando o Santa Cruz filiou-se à Liga Sportiva Pernambucana, teve que alterar suas cores preta e branca de origem, isto porque o Flamengo, que também era alvinegro não quis abrir mão daquilo que considerava um direito inalienável. O Santa Cruz firmou-se também na mesma posição e o impasse foi resolvido através de um sorteio. O que perdesse. Mudaria suas

cores. O Santa Cruz perdeu e transformou-se em tricolor até hoje.”

Quem escolheu o vermelho foi Luiz Uchôa Barbalho, que por isso ficou sendo chamado de “germanófilo”, devido à semelhança do pavilhão tricolor com a bandeira da Alemanha.” (ALVES, 1978. p. 38).

Posteriormente, a adição da cor vermelha foi interpretada como uma representação dos povos indígenas, embora todo este aspecto étnico das cores do Santa Cruz esteja num âmbito mais mitológico do que concreto com evidências. De todo modo, após isto, Teófilo de Carvalho – o Lacaia – desenhou o escudo do clube, que por mais que tenha passado por modificações, ainda se mantém muito próximo do inicial, com a âncora sobreposta pelas iniciais do clube (ALBUQUERQUE, 2017). Além de ser jogador, dirigente, ter desenhado o primeiro escudo do clube, Lacaia também escrevia poesias sobre o time, inclusive a seguinte:

Eis aqui o tricolor

Que acabo de descrever

Jogador por jogador,

Ai que time,

Todos eles desdentados,

Uns gorduchos outros cortados

Na metade da altura

Tem também uma Lacaia

Quem pisar em sua raia

A ferrada está segura.

(ALBUQUERQUE, 2017).

Lacaia era um negro que se diferenciava socioeconomicamente da maioria, em uma sociedade distante apenas trinta anos do fim oficial da escravidão, era filho de médico e frequentava, junto a outros fundadores do clube, colégios da classe média

recifense da época (ALBUQUERQUE, 2017). Apesar disso, a representatividade de Laceria, negro com tamanha importância dentro de um clube de futebol, pode ter sido fundamental para que o Santa Cruz, logo nos primeiros anos de existência, atraísse a popularidade das camadas mais pobres da sociedade. Isto é algo mobilizado pelo clube, somado a outros dois fatores, como algo fundamental para o Santa Cruz ter, em seus primeiros anos de existência, um forte apelo dentre as classes mais pobres da sociedade local. Um segundo fator apontado é que os primeiros jogos da equipe ocorreram na Campina do Derby, localizado em uma área central da cidade, sendo um campo sem muros e arquibancadas, onde qualquer pessoa poderia ver os jogos do time tricolor. A presença de um jogador negro desde a fundação do clube, em detrimento dos arquirrivais locais, Náutico e Sport, é algo que é mobilizado pelo clube constantemente para reforçar este discurso de que sempre foi uma instituição antirracista, o que fica evidente em publicações realizadas no dia da consciência negra (Figura 15).

Figura 15: Publicação do Santa Cruz enaltecendo sua autoproclamada história antirracista.



Fonte: Santa Cruz. Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/DCK8zUOxJeE/>

Além da presença de um negro nas origens do clube e o fato dos primeiros jogos serem em campos sem muros, o terceiro motivo elencado para justificar o interesse inicial das populações periféricas pelo Santa Cruz seria a composição da equipe com jogadores com nomes simples, em detrimento de clubes, como os atuais rivais Náutico e Sport, que eram muitas vezes compostos majoritariamente por sobrenomes ingleses (SANTA CRUZ, online c).

Ao compararmos as escalações de partidas de Sport, Náutico e Santa Cruz, daquela época, podemos observar que de fato há diferenças. A escalação de Sport x Náutico no primeiro confronto entre as equipes em 24 de julho de 1909 foi composta da seguinte forma: **Sport**: Lhatan; Olivier e Mielar; Frank, Pickwood e Robson; Alberto Amorim, Marsh, Griffith, Chalmers e J. Amorim. **Náutico**: King; Montagne e Ávila; Ramage, Ivat e Cook; Silva, Grant, Maunsell, Thomas e João Maia. (ALVES, 1978). Neste jogo em especial, os times foram compostos predominantemente por jogadores britânicos. Porém em outros confrontos também havia a presença de estrangeiros ou jogadores contratados, como foi o caso no Campeonato Pernambucano de 1917. Na final contra o Santa Cruz, o Sport além de jogadores estrangeiros contava com dois atletas oriundo do Rio de Janeiro, Paulino e Werneck. Na época, houve muito protesto dos demais clubes, pois era um período amador, mas nada foi feito e o Santa Cruz foi derrotado por 3x1 com as seguintes escalações: **Sport**: Cavalcanti; Briant e Paulino; William, Teague e Salazar; Hogger, Werneck, Tobias, Batista e Zé Luis. Já o **Santa Cruz** jogou com: Ilo Just; Mangabeira e J. Silva; José de Castro, Carvalho e Manoel Pedro; Eurico, Pitota, Tiano, J. Sá e Anísio. Como se pode perceber, havia diferenças de padrões nas escalações dos rivais, enquanto o Sport trazia jogadores de outros estados e contava com jogadores britânicos para compor o time, o Santa Cruz se utilizava de jogadores locais, como Pitota. Alcindo Wanderley, o Pitota, é oriundo de Olinda, cidade vizinha ao Recife, e utilizou o apelido em seus primeiros anos de atleta para não ser descoberto pelo pai que não o permitia ser jogador (*Ibidem*).

Quando se observa estudos sobre os primeiros anos do futebol pernambucano, é possível perceber que os autores, ao relatarem os clubes vinculados às elites socioeconômicas da época, sempre se referenciam ao Náutico, Sport e o América Futebol Clube, tradicional clube da capital pernambucana, mas nunca citam, neste sentido, o Santa Cruz (ALVES, 1978; LIMA, 2013). Assim, a hipótese de que o clube tenha uma origem mais simples do que os rivais e contando com jogadores negros, como Lacaia, pode justificar o apelo entre camadas mais populares da sociedade que possuía, já em seus primeiros anos de existência, evidenciado por Alves ao tratar de como a torcida sentia a necessidade de o clube vencer um campeonato pernambucano:

“Depois de perseguir o título durante 15 anos, ao longo dos quais várias vezes vice-campeão, o Santa Cruz conseguiu finalmente, em

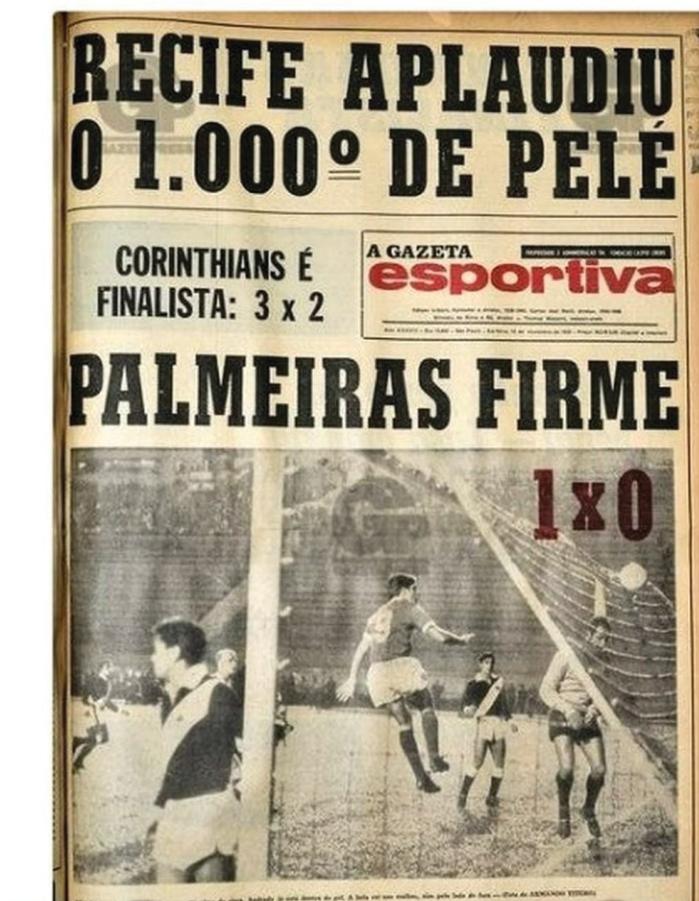
1931, conquistar um campeonato. Aliás, o primeiro de uma sequência de três consecutivos, enchendo de alegria sua enorme torcida já cansada de tanto esperar.” (ALVES, 1978.p. 159).

A espera iniciada no primeiro campeonato estadual em 1915, e que somente foi encerrada em 1931, foi marcada com outros feitos, que podem ter alimentado o afeto dos primeiros torcedores tricolores. Dentre estes feitos, se pode destacar a histórica virada contra o América/PE em 1917, quando, após estar perdendo por 5x1, faltando 15 minutos para o fim da partida, o Santa Cruz virou o placar para 7x5 (ALVES, 1978). Outra histórica vitória ocorreu dois anos depois, em 1919, quando o tricolor pernambucano venceu o Botafogo do Rio de Janeiro por 3x2, conseguindo, assim, a primeira vitória de uma equipe nordestina contra uma equipe do chamado Eixo Rio-São Paulo (*Ibidem*). Outra partida que também costuma ser citada por torcedores até os dias atuais foi a vitória diante da Seleção Brasileira recém-chegada da Copa do Mundo de 1934 e que contava com jogadores como Leônidas da Silva, pelo placar de 3x2, feito citado pelo clube em seu site oficial (SANTA CRUZ, online a). Contudo, aparentemente na época, o jogo não causou grandes reações por ter sido considerado que o árbitro favoreceu o time pernambucano com dois pênaltis, além de um gol que a seleção iria fazer mais foi interrompido por uma invasão de campo (ALVES, 1978). Tenha sido a arbitragem polêmica ou não, o fato é que feitos como estes, somados aos títulos estaduais que o clube começou a ganhar a partir da década de 1930, podem sim ter exercido influência na população da época a simpatizar com o clube tricolor, afinal os feitos em campo podem marcar gerações e criarem torcedores (TEIXEIRA, 2004).

Outro duelo do Santa Cruz que merece menção ocorreu na casa de seu rival Sport, a Ilha do Retiro, em 1969, época que o Estádio do Arruda ainda estava em obras. Para ser mais preciso, no dia 12 de novembro de 1969, o time tricolor foi derrotado por 4x0 pelo Santos de Pelé, em um confronto que pode ter ocorrido o verdadeiro milésimo gol do rei do futebol, uma semana antes do que se entende ter sido, no Estádio do Maracanã contra o Vasco da Gama. Esta informação foi afirmada por Thomaz Mazzoni, repórter da Gazeta Esportiva, que acompanhou a carreira do rei desde seus primeiros passos no Santos, tendo inclusive sido membro da delegação da Seleção Brasileira em copas. É creditado a Mazzoni a responsabilidade de ter sido a primeira pessoa a alertar sobre a proximidade

de Pelé marcar seu milésimo gol, ainda no início de 1969 (ANDRADE NETO, 2022). A credibilidade do jornalista e da empresa que trabalhava, nos permite pensar que de fato é possível que tenha sido o Santa Cruz a honrosa “vítima” do milésimo gol do rei do futebol (Figura 16).

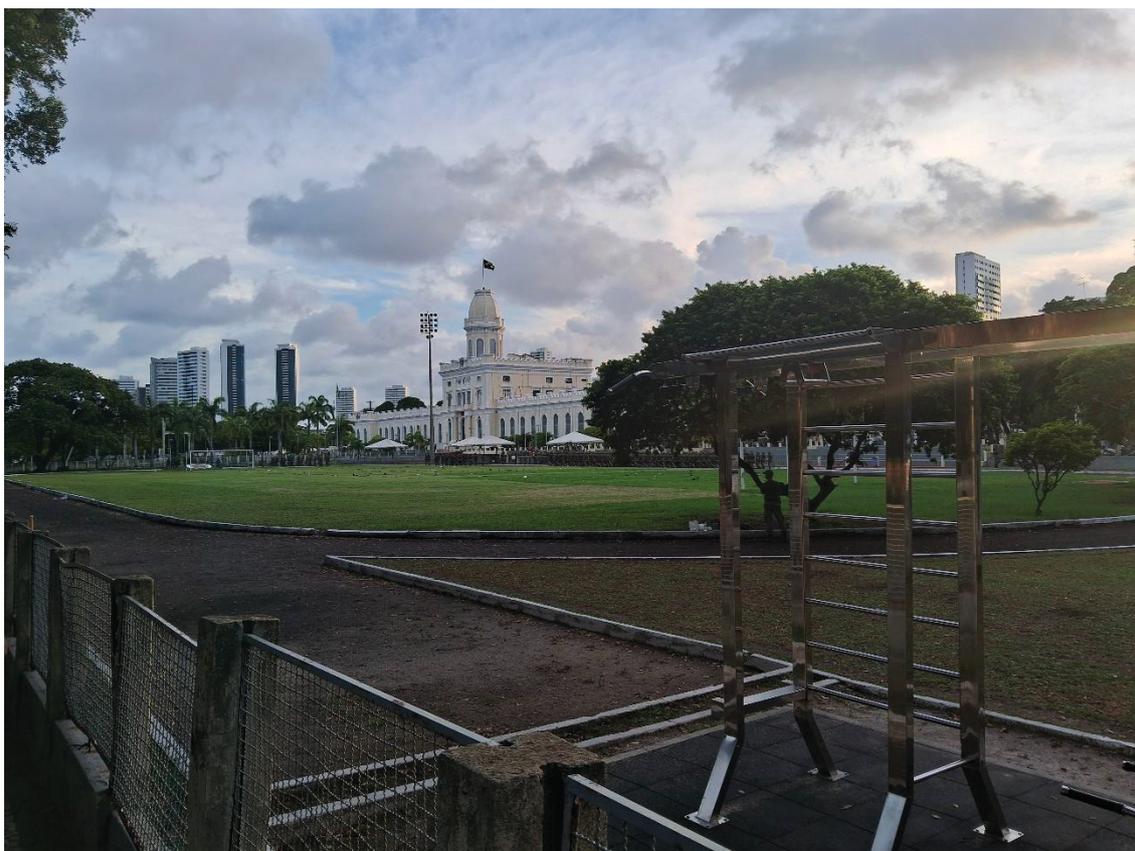
Figura 16: Capa da notícia do milésimo gol de Pelé contra o Santa Cruz, publicada pela Gazeta Esportiva.



Fonte: NETO, 2022;

Durante os seus primeiros anos de vida, o Santa Cruz realizou seus jogos em diversos campos da cidade, como a Campina do Derby (conhecida atualmente como Campo do Derby) (Figura 17), que tinha acesso gratuito, como também os murados campos da Jaqueira e da Liga, ou ainda o Campo da Avenida Malaquias, de propriedade do Sport, onde havia arquibancadas (COSME SANTOS, 2019).

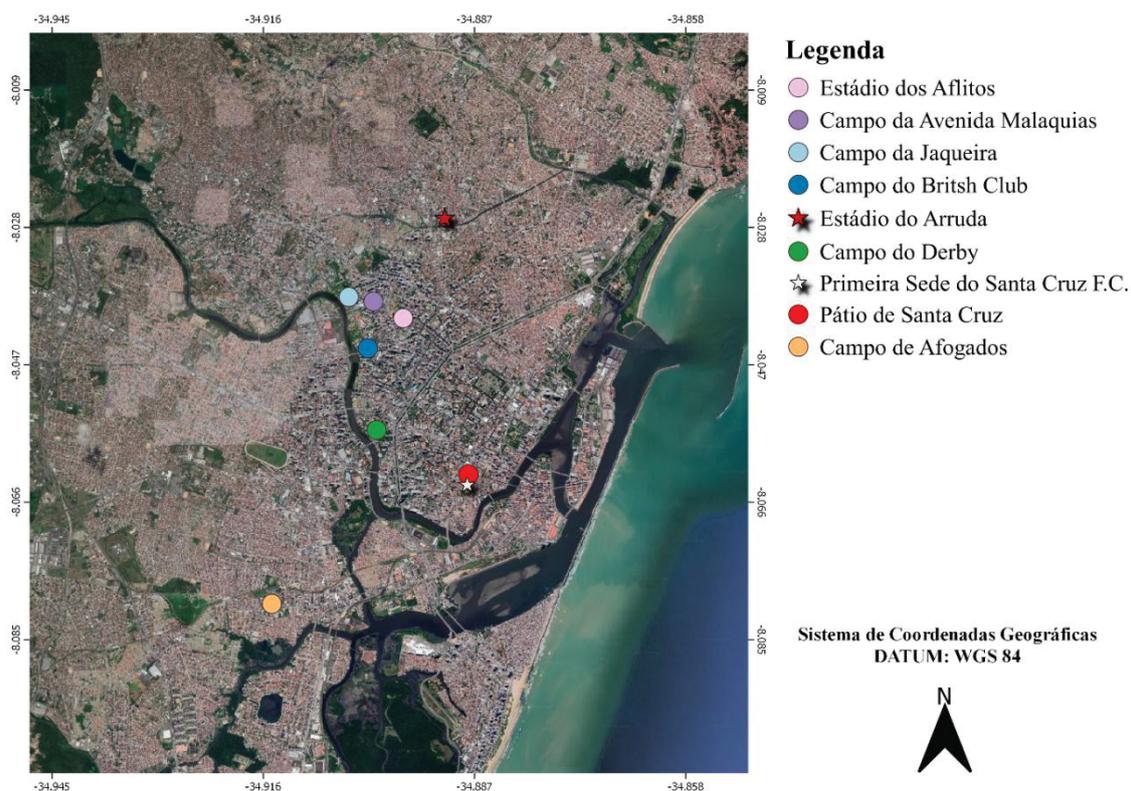
Figura 17: Campo do Derby atualmente



Fonte: Registrado pelo autor (FEV. 2024).

Em 1928, inaugurou sua primeira casa, o Campo de Afogados (ZIRPOLI, 2015), localizado no bairro de mesmo nome, na Zona Sudoeste do Recife, considerado um bairro suburbano. Ou seja, em seus primeiros anos, o Santa Cruz foi um clube andarilho, realizando jogos em diversas partes da cidade (Figura 18).

Figura 18: Sedes e campos utilizados pelo Santa Cruz na cidade do Recife.



Fonte: COSME SANTOS, 2019.

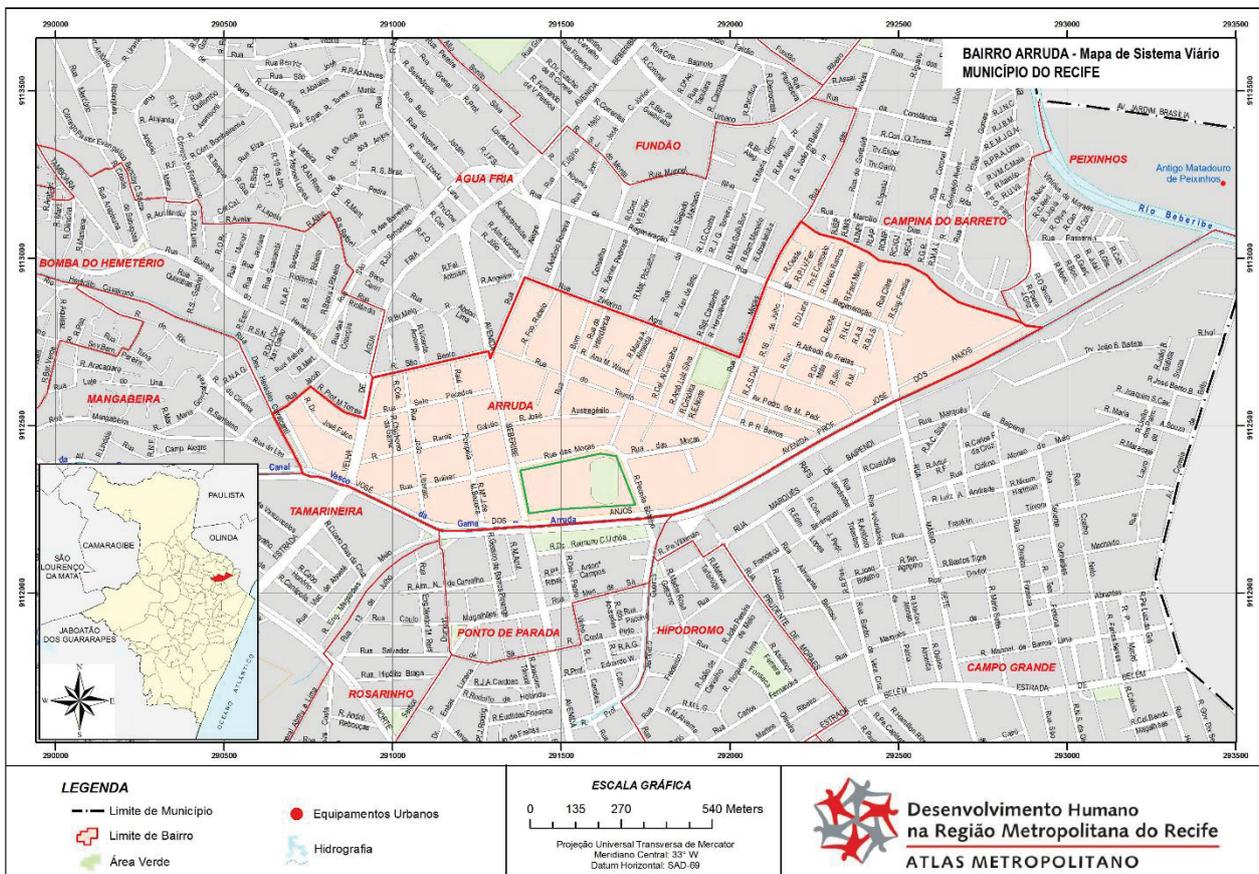
Segundo o site do clube, também realizou jogos em um campo no Bairro de Campo Grande, na Zona Norte e que também é considerado periférico, antes de se fixar no Arruda em 1943. Para o clube atualmente, a fase itinerante do Santa Cruz, percorrendo inclusive bairros periféricos da cidade do Recife – onde podemos incluir a atual sede no bairro do Arruda – contribuiu também para a aceitação e identificação da instituição, como um clube do povo (SANTA CRUZ, online c).

3.3. O Bairro do Arruda

Com a migração da cultura dos engenhos para as usinas, no final do século XIX, os arrabaldes nos entornos de rios como Capibaribe e Beberibe – que fluem pela atual Zona Norte do Recife – passaram por mudanças em suas configurações. Os engenhos, até então comuns de se ver, passavam a se tornar sítios e chácaras semiurbanas (HALLEY, 2005). Com o desenvolvimento de transportes urbanos, como os trens conhecidos como Maxambombas, os arrabaldes tornaram-se mais acessíveis para as classes menos favorecidas (*Ibidem*), que, foram sendo afastadas do centro do Recife, devido a ideias higienistas dos governantes da época.

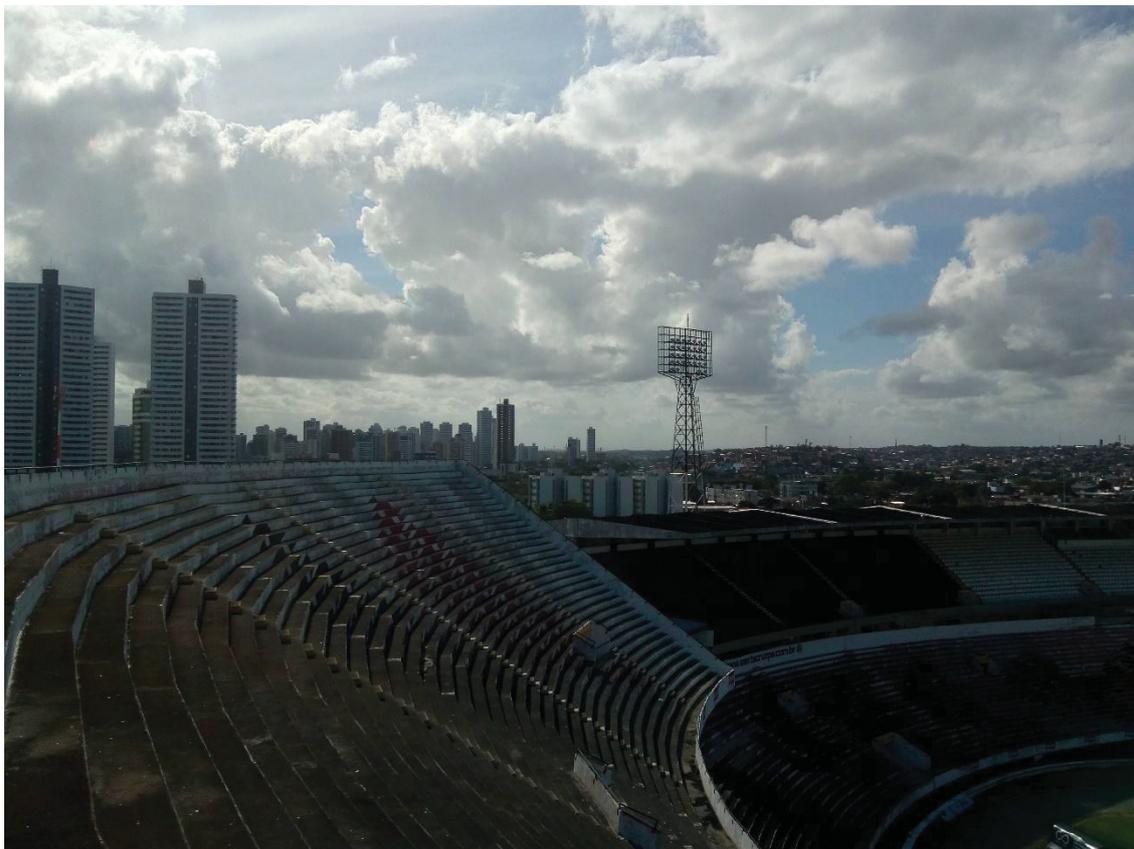
A partir destes movimentos de expansão urbana, os arrabaldes foram sendo aterrados e loteados, ruas e casas surgindo, gerando bairros, como seria o caso do Arruda, a princípio residencial, com casario que remonta ao início do século XX (HALLEY, 2005). O Arruda, até então conhecido como Estrada Nova, no que passou a ser cortado por uma linha de Maxambomba, despertou o interesse no comerciante português Manuel Inácio de Arruda, de abrir um comércio próximo ao percurso do trem. Na medida que o negócio do comerciante português, o Sr. Arruda – como ficou conhecido – crescia, a localidade acabou sendo chamada pelo seu sobrenome, Arruda (GONZAGA, 2020). Atualmente, o bairro do Arruda se localiza no limite entre bairros periféricos, como Campo Grande, Peixinhos, Campina do Barreto, Água Fria e Bomba do Hemetério, e bairros habitados por pessoas mais abastardas como Tamarineira e Rosarinho (Figura 19). Esta localização entre áreas distintas da cidade pode inclusive ser observada de dentro do estádio (Figura 20).

Figura 19: Mapa do Bairro do Arruda, com a sede do Santa Cruz realçada em verde.



Fonte: RECIFE c2023.

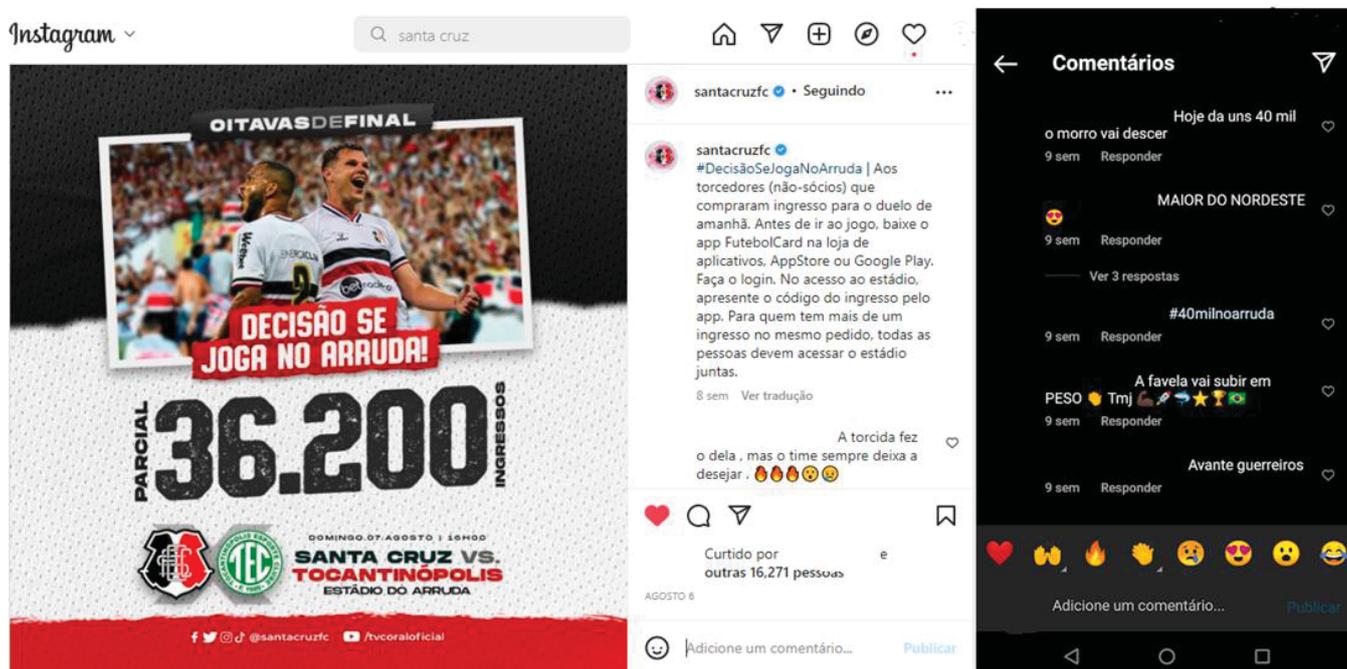
Figura 20: O Estádio do Arruda no limite entre zonas abastardas a esquerda e zonas periféricas a direita.



Fonte: Registrado pelo autor (NOV. 2017).

A proximidade do estádio de uma população mais periférica contribuí para composição da imagem do Santa Cruz como um clube popular. Este discurso inclusive é incorporado pelos próprios torcedores, que, em jogos mais importantes, costumam afirmar que “*o morro vai descer*”, em um sentido de dizer que seus torcedores sairão dos morros da cidade em massa para lotar as arquibancadas do estádio (Figura 21).

Figura 21: Torcida do Santa Cruz afirmando em comentários que o “morro vai descer”.



Fonte: Santa Cruz (2022).

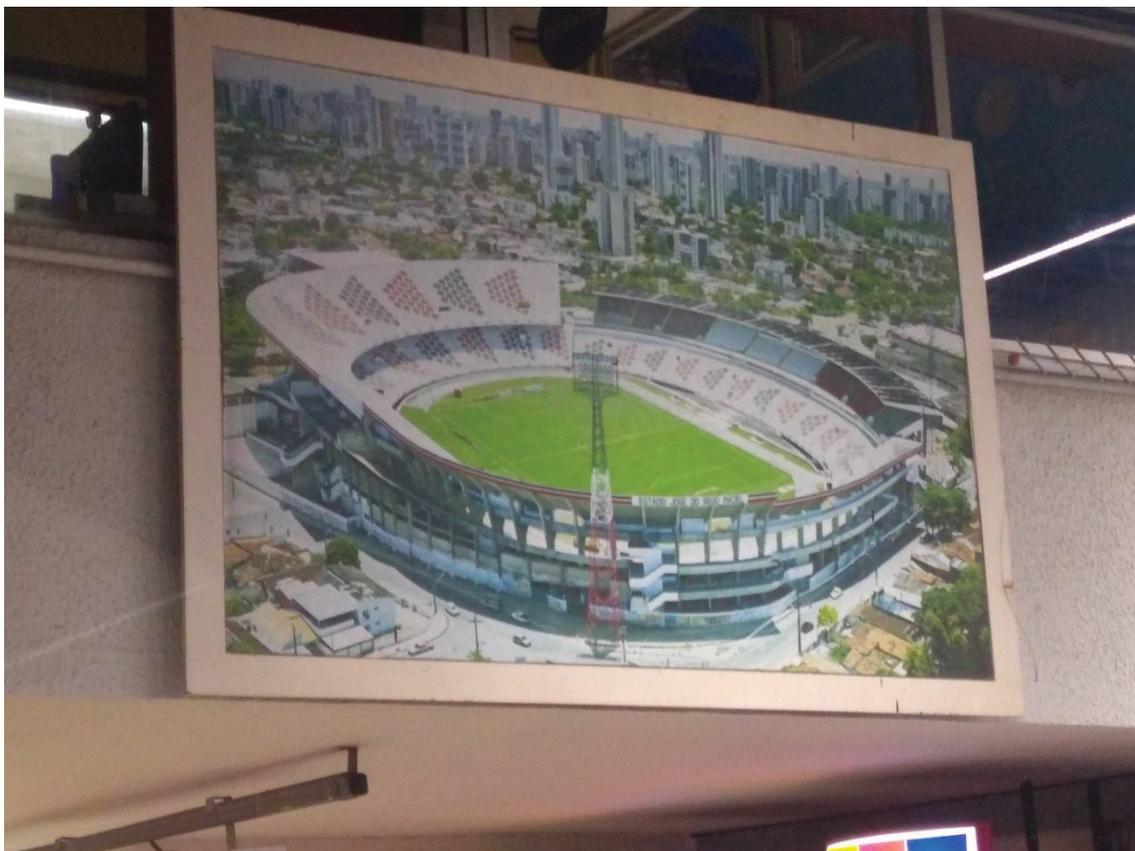
No que se refere ao cotidiano do bairro do Arruda, foram realizadas observações com o intuito de compreender as dinâmicas cotidianas fora dos dias de jogos. A partir destas atividades, se pode descrever o local como um bairro de perfil residencial nas suas ruas mais interioranas, com pouco movimento de pessoas e veículos. Por outro lado, sobretudo no decorrer da Avenida Beberibe, onde a entrada da sede do clube se localiza, se percebe movimento mais intenso de pessoas e veículos, e o bairro se caracteriza com um perfil mais comercial

Sobre a sede do Santa Cruz, é um espaço que sempre demonstra ter presença de visitantes. Estas visitas ocorrem por diversos motivos, como visita a loja oficial do clube, ou utilização da sede social, sobretudo a piscina por lazer, ou ainda por fins burocráticos – como a retirada da carteira de sócio do clube – que ocorre em espaço administrativo da sede. Na véspera de jogos, principalmente de grande importância, essas motivações de torcedores na sede do clube são ainda mais intensas, para adquirir ingressos na bilheteria, ou para se tornar sócio, motivados por uma boa campanha esportiva que o clube esteja fazendo.

De maneira geral, o Bairro do Arruda pode então ser entendido com um perfil residencial, excetuando a Avenida Beberibe, onde dentre estabelecimentos comerciais, se

encontra a sede, e o estádio do Santa Cruz. Assim, não é difícil imaginar que o maior símbolo do bairro, seja a casa tricolor, como é demonstrado em alguns espaços do bairro, como um supermercado que carrega a imagem do estádio (Figura 22), ou um edifício residencial nas proximidades que leva o nome de um ex-presidente do clube (Figura 23).

Figura 22: Foto do Estádio do Arruda em supermercado.



Fonte: Registrado pelo autor em JAN. de 2023.

Figura 23: Edifício com nome de ex-presidente do Santa Cruz Aristófanes de Andrade



Fonte: Registrado pelo autor. JAN. 2023.

O edifício em questão faz referência a Aristófanes de Andrade, ex-presidente do Santa Cruz, que foi uma figura política importante não apenas na história do clube, mas na cidade do Recife. Ele é creditado como um político que atuava nos bairros dos arredores do Arruda, como Água Fria e Beberibe, além de ter sido uma das pessoas que influenciaram o clube a se fixar no bairro do Arruda, e que também teria influenciado para que o canal que flui ao lado do estádio fosse deslocado, a fim da construção da casa tricolor (LYRA, 2020). Com base nestes dados, é possível afirmar que a presença do Santa Cruz e do Estádio José do Rego Maciel, foram importantes inclusive não apenas para o aspecto simbólico, mas também configuração urbanística do bairro do Arruda e adjacências.

Assim, após contextualizar a respeito do bairro do Arruda, de sua história, dinâmicas e relação com o Santa Cruz e seu estádio, é possível adentrar na história específica desta construção, o Estádio José do Rego Maciel, que é mais conhecido pelo nome do bairro em que se encontra, Arruda.

3.4. O Estádio do Arruda

Além da origem mais simples que os rivais, presença de negros desde o início do clube, primeiros jogos em campos abertos, deslocamento por bairros periféricos, e a localização atual em um bairro dessas mesmas condições, outro fator que corrobora para narrativa do Santa Cruz como clube popular é a história do Estádio José do Rêgo Maciel, que começa com a chegada do clube ao bairro do Arruda. Em 1943, com a falência do Centro Esportivo Tabajara, o seu campo na Rua das Moças, no bairro do Arruda, ficou disponível e o Santa Cruz se interessou pelo espaço. Porém como não possuía condições de comprá-lo, o arrendou por 12 anos até a compra definitiva e, assim, o Campo do Arruda se tornava a casa tricolor (COSME SANTOS, 2019) (Figura 24).

Figura 24: Campo do Arruda.



Fonte: Zirpoli, 2022.

Em 1954, o Santa Cruz inaugurou um estádio no Campo do Arruda. Com apoio do então prefeito recifense, José do Rêgo Maciel, que viabilizou empréstimo através do antigo Banco do Estado de Pernambuco (BANDEPE), o clube pôde construir um estádio com arquibancadas de madeira (COSTA, 2014). Em 1965, se iniciou as obras para a construção de um estádio de concreto, marcadas pela famosa, entre os torcedores do Santa Cruz, “campanha dos tijolos”. Este movimento consistiu na convocação do clube, para que sua torcida apoiasse o mesmo com doações de materiais de construção e tijolos para

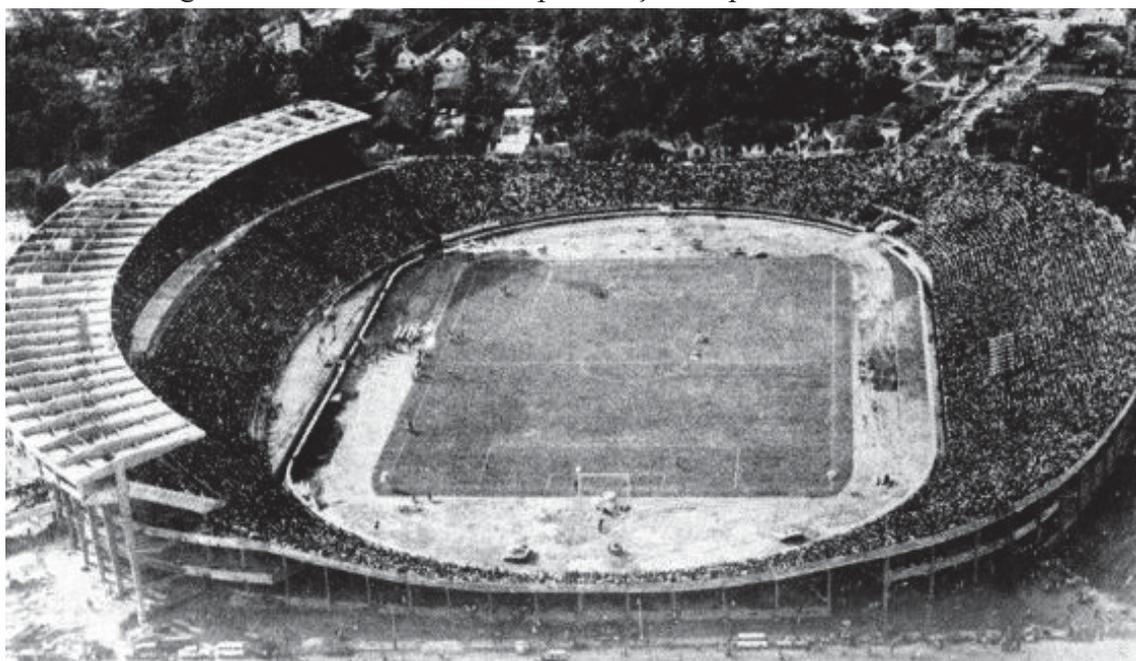
de arrefecer ânimos, e passar uma imagem de que o Brasil estava se consolidando como uma potência. Na Região Nordeste, por exemplo, havia muitos conflitos devido a problemas seculares da estrutura produtiva agrária. Dentro desta realidade, a construção de grandes estádios de futebol se tornava uma ótima ferramenta de propaganda dos governos militares ainda mais em um país onde o futebol já se encontrava fortemente enraizado na cultura (LIMA, 2021). A Seleção Brasileira, por exemplo, já havia vencido a Copa do Mundo FIFA por três ocasiões (1958, 1962 e 1970). Neste contexto, na proximidade do ano de 1972, quando o Brasil comemoraria 150 anos de sua independência, foi planejado uma competição que unisse a celebração desta data, a celebração da Seleção Brasileira que estava com alto prestígio, e contribuísse para o aumento no número de grandes estádios pelo país (*Ibidem*). Ou seja, como discutido no capítulo anterior, o Estado Brasileiro se encontrava em um regime ditatorial e populista e, nesse contexto, elaborou esta competição afim de utilizar o interesse do povo no futebol para arrefecer ânimos, e melhorar sua popularidade, presenteando estados, com construções e reformas de estádios.

A competição em questão foi a Taça Independência, também conhecida como Mini Copa de 1972, que contou com seleções da América, Ásia, Europa, e combinados das seleções norte-americanas e africanas. As cidades que sediaram o evento foram, Porto Alegre/RS, Curitiba/PR, São Paulo/SP, Rio de Janeiro/RJ, Belo Horizonte/MG, Campo Grande/MS, Manaus/AM, Fortaleza/CE, Natal/RN, Recife/PE, Maceió/AL e Salvador/BA (LIMA, 2021). No caso do Recife, os governantes da época queriam que a capital fosse uma das cidades-sede do evento com um grandioso estádio. Houve propostas dos três principais clubes da capital Náutico, Santa Cruz e Sport. No fim, em 1971, se optou pelo terreno do Santa Cruz no bairro do Arruda, devido ao fato do mesmo já estar passando por obras que o clube fazia para ter o seu estádio de concreto (COSTA, 2014).

Com novo empréstimo do BANDEPE, através do apoio do prefeito recifense da época, José do Rêgo Maciel – que posteriormente daria nome ao estádio – o chamado a época de Alçapão do Arruda foi inaugurado para a Mini Copa em 1972, com capacidade para 64 mil pessoas (COSME SANTOS, 2019) (Figura 26). Durante a construção do estádio, até o Rei do Futebol, Pelé, foi testemunha da assinatura de um contrato que liberou mais verba para a conclusão das obras, afirmando, inclusive, que a cidade do Recife merecia um estádio do porte que teria o Arruda. Segundo Pelé, “Há muito tempo o Recife merecia um grande estádio, mas esta ocasião é oportuna, uma vez que deste

estádio estava dependendo a realização aqui dos jogos da Minicopa” (COSTA, 2014). Dentro deste evento, o jogo entre Irlanda x Irã teve uma curiosidade, devido aos uniformes das duas equipes terem a mesma cor, o verde, houve um sorteio para saber quem a manteria e quem teria que utilizar um segundo uniforme. Derrotado no sorteio e sem uniforme reserva, a Seleção Iraniana foi a campo vestindo o uniforme do dono da casa, o Santa Cruz, em uma partida que foi encerrada com o placar de Irã 1x2 Irlanda (RODRIGUES, 2020) (Figura 27).

Figura 26: Estádio do Arruda para Taça Independência de 1972.



Fonte: Zirpoli, 2017.

Figura 27: Seleção do Irã com uniforme do Santa Cruz.



Fonte: Rodrigues, 2020.

Mais de dez anos após esta Mini Copa, em 1984, o Estádio do Arruda inaugurava nova ampliação, que o fez ter uma capacidade de 100 mil pessoas na época, era o chamado Colosso do Arruda, ou Mundão do Arruda, apelido que se mantém até a atualidade, mesmo com capacidade reduzida para 60.044 pessoas, devido aos mais novos modelos de segurança (COSME SANTOS, 2019). Além do estádio e toda sua estrutura, o terreno no bairro do Arruda conta também com alojamentos, quadras, um ginásio chamado de Arrudinha, loja oficial com produtos do clube, sala de troféus, além da sede social e administrativa do clube.

Considerando o período em que foi construído, e que suas reformas sempre tiveram um teor de manutenção e reparo, o Estádio do Arruda pode ser considerado um exemplo dos estádios brasileiros erguidos na segunda metade do século XX, grande, com fossas, como ilustrado na Figura 26, e com algo próximo a uma pista no entorno do campo.

Além da trajetória tricolor, o Estádio do Arruda também foi a principal casa da Seleção Brasileira no Recife, até a inauguração da Arena de Pernambuco em decorrência da Copa do Mundo ocorrida no Brasil em 2014. Pois afinal, mesmo com capacidade menor do que o Estádio do Arruda, a nova arena é mais moderna e pode receber com mais conforto os adeptos da Seleção. No Arruda, foram 10 jogos da seleção nacional, com oito

vitórias e dois empates. Dentro destes jogos, partidas importantes ocorreram, como o último jogo em que Zico fez gols pela Seleção; a estreia de Ronaldo Fenômeno na equipe nacional, além de ter sido o Arruda o palco da chamada “arrancada” para a conquista do quarto título mundial da Seleção (ANDRADE NETO, 2022).

3.5. Percepções atuais sobre a estrutura do Estádio do Arruda

A casa do Santa Cruz, por nunca ter passado por obras modernizantes que deram vida as arenas atuais a partir dos anos 1980 pode ser compreendido como um estádio antigo (BALE, 1998), contando inclusive com problemas estruturais, que são agravados pelos problemas financeiros do clube. Um exemplo disto foi que recentemente, com a adoção de novas medidas de segurança nos estádios, o Arruda contou com uma capacidade máxima temporária de 43 mil pessoas, que após as obras de reparo desejadas pelos órgãos de segurança, voltaria ao número de 60 mil pessoas (LEAL, 2024). Assim, é possível observar atualmente sinais de um estádio que precisa de reparos (Figura 28 e Figura 29).

Figura 28: Exemplo da necessidade de reparos no Estádio do Arruda.



Fonte: Registrado pelo autor. (mai. 2023).

Figura 29: Estrutura de ferro exposta nas arquibancadas do Estádio do Arruda.



Fonte: Registrado pelo autor (MAR. 2023).

Com relação à estrutura do Estádio do Arruda, os torcedores do Santa Cruz possuem muitas compreensões a respeito da mesma:

A estrutura é nojenta né, é péssima assim que você ver mijo que já tem dois anos de poça lá, você senta nas arquibancadas cheio de lodo, buraco, tinta cai descascando, uns tapumes véi feio na frente do lugar que é bem a sede assim. Então, é um ambiente muito degradado sabe? Um ambiente que em outro momento, e eu sei devido à estudos, foi um ambiente à frente do tempo, era uma tecnologia diferente, era algo como novo, era algo como um exemplo. (Torcedor 1, 33 anos).

A respeito da estrutura, uma torcedora comentou, se referindo inclusive a ferrugens expostas, como nas imagens acima ilustramos:

Eu avalio a estrutura precária, eu acho que foi se perdendo ao longo dos anos né? Houve um descuido, que eu não sei se é um descuido porque o patrimônio do Santa Cruz como um todo, ou se é um descuido pelo estádio mesmo, ser antigo e tudo mais. Eu consigo perceber ao longo do tempo essa diferença, o quanto o Arruda foi se precarizando né? Em termo de a gente vê muito ferro exposto na estrutura, a gente vê os banheiros né? Eu que sou mulher mesmo, a questão dos banheiros é péssima né? Tem alguns movimentos que tentam fazer isso de resgate mesmo, de uma dignidade ali pra você usar o espaço, mas é complicado. (Torcedora 1, 26 anos).

Outro torcedor relativiza este aspecto estrutural, compreendo como algo inerente a um estádio antigo, mas que apesar disso, o Estádio do Arruda teria suas qualidades:

Se comparar (o Estádio do Arruda) às arenas modernas, realmente ele fica atrás, não tem como ter parâmetro nesse sentido, mas em termos de acolhimento do torcedor, capacidade de torcida assistir o jogo, de visibilidade, tudo isso, você consegue entrar no estádio, sentar e assistir o jogo tranquilamente. Agora, as partes internas, carecem de melhores reformas pra ter um acolhimento mais confortável. É um estádio que se chama raiz, um estádio antigo, de estrutura antiga, que foi feito reformas em cima de reformas. (Torcedor 2, 32 anos).

Neste sentido, é interessante observar através da fala seguinte, que há compreensões diferentes sobre a estrutura do Estádio do Arruda, no que se diz respeito, aos diferentes corpos que ocupam o estádio, pois enquanto para um torcedor homem, o estádio parece um espaço acolhedor, para torcedora mulher, há problemas que homens podem não perceber, devido suas realidades distintas. Isto fica ainda mais evidente através da seguinte fala:

Agora, você não se sente acolhida pela instituição em si, quando o Arruda não oferece um banheiro digno. A dignidade não é muito, ela não é um luxo, simplesmente ter uma porta. O banheiro tá limpo, e ter uma porta, e que homens não entrem naquele espaço, por exemplo. Porque já teve casos, de as vezes homens entrarem no banheiro feminino. Então, eu acho que pra gente que é mulher, tem essa dificuldade muito grande, nesse quesito assim. (Torcedora 1, 26 anos).

A realidade do Estádio do Arruda, parece, em alguns casos, ser entrelaçada à situação esportiva do clube. É o caso de um torcedor, que ao tratar do estádio, se remete ao clube, com nostalgia:

O estádio do Arruda é um dos maiores estádio brasileiro né, que é um estádio fantástico, que o clube hoje, fica até difícil falar isso porque, a gente tem uma torcida que tem um estádio desses, que é um dos maiores, e voltando ao caso, a nossa diretoria deixar fazer com que o time se acabe desse jeito, não tem nenhum respeito com a torcida, e com o monumento que é o Arruda, conhecido como Estádio José do Rego Maciel, o Arrudão. Poucos estádios têm uma sede, um campo tão bom como o do Santa Cruz. Tanto campo de várzea aí, e o Santa Cruz com um monumento daquele, e a gente sem time, é simplesmente lamentável, é lamentável ter um estádio grandioso daquele, que onde recebemos Seleções Brasileiras, e foi onde teve o maior número de torcedores, e dali a seleção rumou pra uma Copa e trouxe o título, é muito triste ver hoje o Estádio do Arruda abandonado. (Torcedor 3, 61).

Na fala deste torcedor, se percebe um sentimento de grandiosidade com relação ao Estádio do Arruda, que de certa forma, o valoriza. Outra fala que também valoriza a casa coral, que merece destaque é:

Não acho que a condição do estádio afeta na torcida não, inclusive é até uma forma de separação, porque só vai pra o estádio ali, quem tá disposto a viver esse momento mesmo, é um ambiente sujo, é um ambiente não é bom, mas você tem o amor, você tem a paixão por aquele clube que faz você ultrapassar essas barreiras do nojo, do “ah, tá sujo”, e você vai. E aí, pessoas que não querem, que prezam muito pela questão higiênica, pela questão saudável, pelo ambiente saudável, não vai. Então, isso pra mim, divide, mas, não vai fazer falta certo? Porque quem frequenta já é acostumado já há muito tempo. (Torcedor 1, 33 anos).

Através destas falas, sobretudo esta última, se percebe que apesar de problemas estruturais contatados pelos torcedores, ainda possui um orgulho, compreende uma beleza subjetiva, uma beleza que como afirmam Hofig e Bragueto (2013), não está necessariamente nos aspectos visuais, mas sim, nos sentimentos que aqueles que vivenciam este espaço, possuem com o local. Percebe-se um orgulho dos torcedores pelo Estádio do Arruda, com ressalvas, que demonstram um afeto ao estádio e ao clube, pois mesmo que se tenha consciência das condições e necessidade de reparos, a torcida suaviza esta percepção, com declarações de orgulho.

Além disso, os contrastes entre falas masculinas e femininas, revelam também uma disparidade em percepções e receptividade que o Estádio do Arruda oferece. É possível observar nestas distintas compreensões, e sobre a realidade desigual de acessibilidade que o estádio oferece aos diferentes gêneros, uma herança da compreensão de que o futebol é um ambiente machista (TEIXEIRA, 2004). Apesar desta problemática, como a fala da torcedora revela, há movimentos que buscam transformar este cenário estrutural do Estádio do Arruda. Um torcedor inclusive, demonstra perspectivas futuras positivas sobre o estádio:

Hoje em dia, o estádio não é um exemplo, muitas vezes criticado como, passou do tempo, alguns líderes da federação já indicam que não deveria ter jogos no Arruda, devido à sua má estrutura. Mas eu acho que dá pra ter solução

sim, esses ambientes podiam ser reformados, até mesmo com a força da torcida, o clube já tentou, já teve torcedores, por conta própria, foi ajudar, só que a corrupção é tão grande, a estrutura lá, o poder que eles não cedem, eles têm medo de perder o poder, isso só em pessoas que querem fazer um benefício para o clube, mas devido ao poder ser tão forte da direção, eles deixam a desejar mesmo, a estrutura. (Torcedor 1, 33 anos).

Para além da demonstração de percepção crítica e afeto ao Estádio do Arruda, por parte dos torcedores, estas falas demonstram também, uma perspectiva pertinente para a dicotomia entre estádios antigos e arenas atuais, problematizada por alguns autores (HOFIG e BRAGUETO, 2013; FERREIRA, 2020; SILVA e CAMPOS, 2020). Afinal, o torcedor de fato, pode possuir apreço ao antigo, mas isto não o impede de desejar conforto e acessibilidade digna. Após estas considerações sobre a estrutura do Estádio do Arruda, é pertinente averiguar um pouco sobre sua história esportiva, que compõe o imaginário dos torcedores do Santa Cruz, e corroboram para as percepções gerais desta beleza emocional que este espaço possui para seus adeptos.

3.6. Vitórias, derrotas, ídolos, trajetórias: histórias do gramado do Arruda como elementos do *ser santacruzense*

Na história coral, foram realizados no Estádio do Arruda, considerando amistosos e partidas oficiais, aproximadamente 1.600 jogos, até o momento em que este texto foi escrito. O primeiro jogo foi uma vitória contra o extinto Íris/PE por 6x2, em 15 de junho de 1943 – ainda no Campo do Arruda –, e a partida mais recente foi um empate em 1x1 diante do histórico arquirrival Sport, em 9 de março de 2024. Nesta trajetória, foram aproximadamente 946 vitórias, sendo 390 empates, e 274 derrotas (ZIRPOLI, 2022). Estes dados, entretanto, são estimativas, tendo em vista jogos amistosos, ou jogos treinos, que podem ou não ser contabilizados. Com este quantitativo de jogos, é natural que tenham ocorridos episódios que marcam os torcedores que os vivenciaram, ou apenas ouvem as histórias de quem os vivenciou, sendo assim parece interessante trazer alguns destes episódios, que enriquecem a história do estádio.

Há mais de cinquenta anos como palco das partidas do Santa Cruz como mandante, o Estádio do Arruda já recebeu muitos jogos marcantes. Possivelmente cada

geração terá os seus favoritos, porém algumas partidas se tornaram eternas no imaginário santacruzense e merecem ser citadas para se compreender mais detalhes acerca da história desse clube. Um primeiro jogo marcante ocorreu em 7 de outubro de 1973, entre o Santa Cruz diante do Santos/SP, válido pela primeira fase do Campeonato Brasileiro. O confronto ante o Santos não era um jogo qualquer, pois além de Pelé, considerado por muitos o maior jogador de futebol de todos os tempos, Carlos Alberto, Edu e Clodoaldo – todos campeões mundiais com a Seleção Brasileira no México em 1970 – iriam performar no estádio coral com a camisa santista (SILVA, 2022). O Arruda estava lotado para assistir esta partida histórica e, por mais que Pelé tenha de fato feito gol naquela partida, os destaques do jogo foram o defensor Givanildo – que teria “parado” Pelé – e o atacante Ramon, que marcou dois gols na vitória do Santa Cruz por 3x2, tendo Luciano Veloso marcado o outro. A atuação de Ramon acabou chamando a atenção do próprio Pelé que pediu para sua equipe contratar o jogador coral. Porém o time pernambucano rejeitou a proposta e Ramon se consagrou como atleta que mais marcou gols naquele Campeonato Brasileiro, entre todos os clubes (SILVA, 2020). Contudo, o atacante tricolor teria desejado se transferir para a equipe paulista, pois além de poder jogar como companheiro de Pelé, acreditava que teria oportunidades na Seleção Brasileira (SILVA, 2022), demonstrando que havia uma facilidade maior de um jogador ser selecionado se jogasse em um clube da Região Sudeste. Sobre esta partida, um torcedor relata suas memórias sobre a mesma:

Costumava muito ir a jogos com meu pai, a gente sempre ia a jogos, só teve um jogo que tava doido pra ir e não consegui, que foi justamente Santa Cruz x Santos (SP), de Pelé, e o estádio tava lotado, o campo não era ainda o Arrudão que é hoje, ai eu fiquei de fora. Como era tão perto, eu voltei pra casa sozinho, andando, e meu pai conseguiu entrar, mas foi muito interessante esse momento. (Torcedor 3, 61 anos).

Também válido por Campeonato Brasileiro, mas agora no ano de 1975, outra partida ocorrida no Estádio do Arruda que ecoa entre as diferentes gerações tricolores foi o jogo pela semifinal do campeonato contra o Cruzeiro Esporte Clube, de Belo Horizonte/MG. Nesta partida, estava em jogo a vaga na final do campeonato nacional

daquele ano e o time coral, por ter tido melhor campanha na fase anterior, pôde jogar diante de sua torcida. O jogo se manteve equilibrado devido ao alto nível das duas equipes. No entanto, próximo ao fim da partida, quando o placar persistia no empate em 2x2, o time mineiro conseguiu fazer o terceiro gol, que lhe daria a vitória. Este jogo, que resultou na eliminação do campeonato, tão próximo de um título nunca conquistado pelo Santa Cruz, ficou ainda mais marcante para os torcedores pelo fato de um dos gols do Cruzeiro ser dito por muitos como “roubado”, por uma contestação de impedimento (ZIRPOLI, 2022). Sobre esta partida, um torcedor revela a importância da mesma e suas memórias sobre a mesma:

O que mais marcou, não lembro exatamente o ano [1975], foi Santa Cruz x Cruzeiro [MG], nós estávamos muito perto de chegar numa final de Brasileirão. Foi um jogo que foi muito marcante, porque “pra variar” “fomos garfados” naquele jogo, naquele momento. Mas foi um jogo muito bom contra o Cruzeiro. (Torcedor 3, 61 anos).

Apesar do revés, muitos torcedores guardam com carinho esta temporada. Afinal, a equipe contou com jogadores que marcaram seus nomes no futebol brasileiro de maneira geral, jogando por times mais poderosos e que no Santa Cruz também atuaram bem, levando a equipe a chegar tão perto do título nacional. Dentre estes nomes se destacam Ramon, Luiz Fumanchu, Givanildo e Levi Culpí. Sobre estes nomes, quem vivenciou essa época recorda com nostalgia este período quando reflete sobre o momento atual do clube:

É uma fase muito difícil, pra quem ver o time que o Santa Cruz foi, de revelar jogadores, como Givanildo que jogou na Seleção Brasileira, e outros como Nunes, e a gente, e fomos artilheiros do período da Série A, tínhamos o Ramon que foi uma referência, você ver aquela história todinha que o Santa Cruz passou, com tanto bons jogadores, tanta revelação boa, Ricardo Rocha, um dos últimos, Rivaldo que foi campeão pela Seleção Brasileira, e você ver o time de hoje em dia assim é lamentável né, é

lamentável, porque a gente saber que chegou no fim do poço, por questões administrativas e de desorganização. Muito ruim o cenário, para o futebol brasileiro, eu não resumo pra Pernambuco não, o futebol brasileiro, que é menos um time de uma camisa muito forte, e hoje tá nessa situação. (Torcedor 3, 61 anos).

Em fevereiro de 1999, outros dois jogos que ficaram marcados na história tricolor ocorreram no Estádio do Arruda, de modo que até mesmo recordações destas partidas se confundem no imaginário de muitos torcedores. Em comemoração aos 85 anos do clube na época, a gestão do momento, com apoio financeiro de patrocinadores, montou um elenco que causou grande expectativa na torcida, por contar com nomes conhecidos no futebol nacional. Dentre os destaques podem ser citados Alejandro Mancuso e Paulinho McLaren. Mancuso já havia atuado por clubes como Vélez Sarsfield da Argentina, onde foi campeão nacional, e no Flamengo/RJ, onde conquistou o campeonato estadual e a antiga Copa Ouro da CONMEBOL. Já Paulinho tinha uma trajetória que constava o Porto, de Portugal, onde foi campeão nacional, o Internacional de Porto Alegre/RS, onde foi campeão estadual, além do Cruzeiro de Belo Horizonte/MG, onde ganhou a Copa Ouro da CONMEBOL.

As duas partidas citadas no parágrafo anterior são marcadas como as estreias destes atletas ao Santa Cruz. A primeira partida foi um amistoso contra uma mescla entre a Seleção principal e de juniores de Honduras, realizada em 12 de fevereiro daquele ano. O duelo de caráter festivo terminou com vitória do Santa Cruz por 5x1. A segunda partida, ocorreu dia 21 do mesmo mês, válida pela quinta rodada do Campeonato Pernambucano, um clássico contra o Sport. Na época, o rival possuía um time considerado muito forte, tendo vencido os três últimos campeonatos estaduais. Assim, havia a expectativa de saber se a equipe coral, com seus novos reforços prestigiados, conseguiria se equiparar aos potentes rivais. Com mais de 70 mil pessoas nas arquibancadas, o Estádio do Arruda estava superlotado. Há relatos de que havia mais de 80 mil pessoas. Com isso, o jogo foi marcado para além do equilíbrio entre as equipes que empataram em 1x1, pela desorganização do evento. Sobre esta partida, um torcedor relata a importância que a mesma possui para si:

Meu primeiro jogo no Arruda, foi um clássico, Santa Cruz x Sport, a estreia de Mancuso, 1999. Eu nem prestei atenção no jogo, pra mim aquilo, eu era muito pequeno, eu tinha oito anos de idade, eu via o estádio como um coliseu. Era uma guerra entre as torcidas, eu sei que não é uma coisa bonita de se falar, mas eu via uma batalha de cânticos, de um lado, um mandava tomar no cu, o outro respondia, e era aquela batalha com cânticos, aquelas músicas, eu achei aquilo muito interessante, eu vi aquela guerra, e eu me vi como participante daquela guerra, daquela multidão. Acho que na época, era 50/50 a torcida dentro do estádio, era 50% do Santa, 50% do Sport, e isso fez, é, eu me senti praticante de um daqueles gladiadores, tá lá berrando, gritando pelo seu clube, então eu nem prestei muita atenção no jogo. Eu sei que o final foi 1x1, mas pra mim, aquele dia foi muito emocionante, eu me senti um participante daquela batalha. (Torcedor 1, 33 anos).

Através desta percepção sobre o jogo, do torcedor, se observa que dentro da dimensão do jogo de futebol, há de fato uma dimensão de batalha (MORRIS, 1981). No entanto, se trata de uma batalha de cânticos, como o torcedor afirma, o que agrega uma dimensão festiva à partida de futebol (ROSENFELD, 2013). Na fala do torcedor, se percebe que este evento possui muito mais uma dimensão emocional do que racional. Neste sentido, através desta fala e das possíveis compreensões da mesma, há uma corroboração para nossa compreensão, de que a partida de futebol é um evento de dimensões não apenas lúdicas, mas também festivas com caráter emocional, pouco racional, de dimensões míticas.

O grande time coral não ficou até o final daquele ano. Mancuso, por exemplo, permaneceu no Santa Cruz de fevereiro até setembro (GE, 2020b). Porém, ao fim daquele ano o clube conseguiria o acesso até a elite de futebol brasileiro, e, anos depois, estes dois jogos de fevereiro de 1999 ainda são lembrados pelos torcedores do Santa Cruz, como marcos de uma época em que o clube possuía equipes competitivas no cenário nacional.

O ano de 2005 foi especial para o Estádio do Arruda no que se refere a participação do clube no Campeonato Brasileiro da Série B. Isto porque o Santa Cruz não perdeu nenhuma partida em seu estádio durante este campeonato e a última partida foi a marca definitiva desta trajetória. Em duelo contra a Associação Portuguesa de Desportos, de São Paulo, o clube venceu de virada por 2x1 um duelo emocionante. Com este resultado, o clube voltava a elite do futebol brasileiro ficando atrás apenas do Grêmio de Porto Alegre/RS, na classificação final do torneio (GE, 2020c). O Santa Cruz contou com jogadores nesta temporada, que até hoje também são lembrados de maneira positiva, como Carlinhos Bala e Rosembrick. Durante a paralização do futebol no ápice da pandemia de Covid-19, em que partidas históricas da seleção e dos clubes foram reprisadas nas emissoras de televisão, foi o duelo diante da Portuguesa/SP no Estádio do Arruda, que foi reprisado em emissora local, por pedido da torcida tricolor (GE, 2020d).

Até este último episódio lembrado, é possível perceber que há na história do Santa Cruz Futebol Clube episódios que permitem seus torcedores terem orgulho de sua história. A primeira vitória de uma equipe nordestina diante de um clube do Sudeste, primeira vitória de um clube brasileiro frente a Seleção Brasileira e a quarta colocação nos campeonatos nacionais de 1960 e 1975, permitiam o clube ser conhecido como “*Terror do Nordeste*”. E até o início deste século, o clube conseguia de alguma forma respeitar esta alcunha. Porém, os anos de 2005 a 2007 podem ser lidos atualmente como um limiar na história de orgulho esportivo do Santa Cruz. Afinal até o ano de 2007, o clube sempre havia estado presente apenas nas duas primeiras divisões do futebol nacional.

Contudo, após más administrações, sempre caracterizadas por endividamentos do clube, salários de atletas atrasados e processos judiciais, o Santa Cruz terminou o Campeonato Brasileiro da Série B de 2007, rebaixado para a terceira divisão. E, no ano seguinte, acabou sendo rebaixado para a recém-criada Série D, a quarta divisão nacional, na qual amargou frustrações nos anos de 2009 e 2010. Estes anos ficaram sendo entendidos como o pior momento da história do clube. Porém, mesmo quando não havia jogos, devido à irregularidade do calendário esportivo nas divisões mais baixas do futebol nacional, os torcedores corais estiveram presentes. Exemplo disto foi quando torcedores acompanhavam nas arquibancadas a troca de gramado do Estádio do Arruda, comemorando o feito com aplausos e cantando o hino do clube (GE, 2008).

Em 2011, porém, a história parecia que mudaria. O clube conquistou o título estadual após seis anos, com três vitórias por 2x0 ante seu principal rival, o Sport, e com o jogo do título no Estádio do Arruda (GUSTAVO, 2011). No ano de 2011, o clube ainda conseguiu derrotar o São Paulo/SP no primeiro de dois jogos, válidos pela segunda fase da Copa do Brasil, realizado também no Estádio do Arruda, com mais de quarenta mil pessoas. No segundo duelo, a equipe paulista levou a melhor, porém o duelo ocorrido no Arruda também ficou marcado, pois o time paulista, que contava com jogadores de destaque mundial como Rogério Ceni, Rivaldo e Lucas Moura, havia sido vencido pelo clube pernambucano (GE, 2011). No final daquele ano, com mais uma partida com o Arruda lotado, o clube empatou em um dramático e memorável 0x0 diante do Treze Futebol Clube, de Campina Grande/PB, e ascendia para a terceira divisão (MEDEIROS, 2011). O clube encerrou sua bem-sucedida participação no torneio deste ano com a maior média de público entre todas as divisões do futebol brasileiro (GE, 2011).

Dois anos depois, em 2013, novo acesso – agora para segunda divisão – após mais uma partida dramática e memorável. Desta vez, vitória por 2x1 diante da equipe mineira do Betim Futebol Clube, atualmente Ipatinga Futebol Clube (ESPN, 2013). Ao fim deste torneio, o clube se sagraria campeão, sendo o seu primeiro título em nível nacional. Este jogo alcançou o *status* de memorável para vários torcedores corais, como o seguinte relato demonstra:

Pra mim, o principal [jogo que marcou], é Santa Cruz x Betim/MG. Pra mim, aquele jogo, eu chorei assim, eu chorei naquele jogo, porque eu achei que o Santa Cruz nunca mais ia voltar pra aquela situação. Então foi tipo, choro de alívio, felicidade, de tipo, nossa, voltamos, foi naquele jogo, o gol de Caça-Rato, e tal. E eu nunca tinha visto o Arruda tão cheio, então teve essa questão emocional também ligado ao ambiente mesmo, eu nunca vi o Arruda daquele jeito, e aquele ambiente me impactou muito assim, né? E aí, teve esse choro e tudo mais. (Torcedora 1, 26 anos).

Novamente após um intervalo de dois anos, em 2015, o clube conseguiu o acesso à primeira divisão do futebol brasileiro, ficando atrás apenas do Botafogo/RJ, na classificação final. Era a volta do clube a Série A do futebol nacional após dez anos. Sobre

este adversário em específico, o Botafogo, um confronto entre as duas equipes pelo Campeonato Brasileiro da Série B de 2015, também é recordado pela torcida com uma importância especial:

São diversos jogos que pra mim são importantes, eu passei um hiato muito grande também de jogos sem retornar ao Arruda, mas eu fui pra o acesso em 2015. Eu lembro bem um jogo também, o retorno de Grafite, o retorno de Grafite em 2015 ou 2014? 2015. O retorno de Grafite, Santa Cruz x Botafogo, foi 1x0, era o gol de Grafite. O jogo tava meio aguado, o jogo tava meio parado, e de repente, no final do segundo tempo, um cruzamento, eu tava, tinha muita gente, acho que tinha umas 50 mil pessoas, teve um cruzamento na área, e Grafite faz o gol de cabeça, aquele, eu sei que a torcida desceu, assim, correndo, parecendo o ano de 2005, quando tinha a avalanche do Grêmio, e a torcida desceu correndo, eu sei que eu caí por cima do vendedor de cerveja, e foi cerveja pra tudo que era lado, mas foi um momento muito interessante, eu não esqueço nunca desse dia, pra mim foi muito importante, o retorno de um ídolo, um dos meus maiores ídolos no clube. (Torcedor 1, 33 anos).

Uma torcedora inclusive, faz um comparativo interessante entre três ídolos seus da história do Santa Cruz que revela os diferentes valores que podem transformar pessoas, em ídolos:

Pra mim, é Grafite e Caça-Rato, tem três na verdade, que eu diria. Grafite, eu não lembro da primeira vinda de Grafite, eu só lembro dessa segunda vinda, mas pra mim, foi muito impactante, e muito marcante, porque um cara que quis voltar pro Santa Cruz, né? Um cara que foi ídolo, que teve uma carreira consolidada na Europa, então tipo, esse cara escolheu voltar para o Santa Cruz. Então, é tipo isso, a escolha que a gente faz, toda vez que a gente assiste um jogo, toda vez que a gente vai no Arruda, a gente

tá escolhendo dedicar nosso tempo, um pedaço da nossa vida, pra o Santa Cruz. E ele, profissionalmente, porque ele pode profissionalmente, escolheu isso também. Então, acho que me pegou muito essa questão da escolha, tipo, porra, ele escolheu voltar, sabe? Acho que isso tem um peso. Ele tinha um nome, tinha um prestígio, ele não precisaria voltar né? Ele taria muito bem, então ele teve essa escolha, e eu acho que essa escolha precisa ser celebrada, da mesma forma que a gente celebra as nossas escolhas de ir pros jogos, e estar naquele momento. Eu sinto que Grafite é um pouco torcedor assim, tipo, dos que jogadores que eu vi, que eu acompanhei, talvez ele seja um dos mais, assim, torcedores, né? Só por causa dessa escolha, acho que ela diz muito. O segundo é Caça-Rato, porque as várias felicidades, eu tive muitas felicidades com Caça-Rato, é isso, assim, tipo, eu não lembro muito de antes né? Então as minhas memórias mais recentes, e as mais, elas envolvem Caça-Rato. Esse jogo contra o Betim, foi muito marcante, então a partir dali ele ganhou um espaço especial no meu coração né? Por causa disso, e também, ele já fez várias atrocidades contra o Sport né? Tipo, várias finais na Ilha, eu lembro que ele causava, assim. E ele é um personagem engraçado, ele é um personagem cômico, tipo assim, pô tu levou um gol de Caça-Rato, tu foi humilhado por Caça-Rato, tipo, se Grafite tem essa questão desse glamour, tipo, Caça-Rato tem esse apelo mais popular assim, né? Então, Grafite tem esse aspecto mais refinado, e Caça-Rato pra mim, é um ídolo popular assim, né? Pronto, entre Grafite e Caça-Rato, Caça-Rato representa mais o que é o Santa, esse aspecto do povão, né? Apesar de Grafite talvez seja mais torcedor do que ele. E, um terceiro jogador que me impactou muito, foi João Paulo, né? Por que que ele me impactou? Eu acho

que eu só percebi que ele me impactou, depois que ele saiu. Primeiro, porque ele era bom, ele era muito bom né? E era uma posição que eu admiro, que é os jogadores que jogam no meio-campo, acho que tem que ter uma inteligência, e tem que ter um dinamismo, que beleza, as vezes é o atacante que faz mais gols, né? Tipo, o povo tem um encantamento muito grande por Gilberto, por Dênis Marques, porque eram eles a cara do gol. Mas tinha ali, uma construção toda, que na minha opinião passa pelo meio-campo, e que eu acho que João Paulo tinha isso sabe? E eu acho que ele tinha uma questão importante, que eu não via tanto em Grafite e em Caça-Rato dessa forma, que é a questão da raça né? Ele tinha uma raça, ele tinha uma entrega, que pô, Grafite podia ter, Caça-Rato podia ter, mas a de João Paulo era mais visceral, assim, tipo, tanto que tem uma foto icônica dele sangrando no jogo contra o Sport. Então, eu acho que são esses três assim. Eu não tenho ídolos históricos, até porque depois, foi a melhor fase que eu vi do Santa Cruz, então são esses caras, que tavam ali naquela fase. (Torcedora 1, 26 anos).

Através deste relato, se percebe como o processo de se tornar ídolo é complexo. Enquanto um atleta pode ser consagrado por performar um jogo que seria considerado belo (HUZINGA, 2000), outro receberá o consagrado devido sua raça (TEIXEIRA, 2004), a sua disposição *visceral*, conforme informado pela torcedora. Haverá também o caso de um atleta poder alcançar a idolatria devido a uma conexão com a identidade do clube, na percepção da torcida.

Seguindo sobre a cronologia do Santa Cruz, o ano de 2016 começou com sinais de que diferentemente da participação de 2006, que resultou em rebaixamento na última colocação, a nova empreitada coral na elite do futebol nacional seria positiva. Afinal, logo no início da temporada, o clube conquistou mais um título estadual diante do Sport, que também participaria do Campeonato Brasileiro da Série A daquele ano. Também no início de 2016, venceu seu primeiro título da Copa do Nordeste, em Campina Grande/PB, contra o Campinense Club, retomando o valor de sua alcunha de “*Terror do Nordeste*”.

(ZIRPOLI, 2016). Esta partida, também está marcada na memória dos torcedores corais, como é possível perceber através do seguinte relato:

Um outro jogo que pra mim, foi muito impactante, foi o 1x1 da Copa do Nordeste né? Do primeiro jogo contra o Campinense/PB, 1x1, aquele jogo foi diferente porque eu vi ele das cadeiras. Um amigo do meu pai, de painho, ele deu ingressos pra gente, eu, painho e minha irmã, e a gente viu das cadeiras, lá em cima. Então, é uma vivência diferente, mas foi muito marcante. Não foi como o jogo do Betim, que eu tava na arquibancada mesmo, mas foi muito marcante, porque a atmosfera também, era muito diferente, era muito especial. (Torcedora 1, 26 anos).

Sobre este título, embora a torcedora tenha afirmado que a partida tenha sido 1x1, na verdade ocorreu uma vitória de 2x1, conquistada nos últimos minutos do primeiro dos dois duelos finais contra a equipe paraibana, ocorreu na casa tricolor, marcando o estádio na conquista regional (LIRA, 2016).

Os títulos, acessos com o Estádio do Arruda lotado, jogadores marcantes, além de participação em competição internacional – a Copa Sul-Americana de 2016 – fizeram os anos de 2011 a 2016, parecerem um período de ressurgimento do Santa Cruz no cenário nacional. Contudo, mesmo com um elenco com qualidade considerável, composto por atletas que depois teriam chances em clubes nacionais e internacionais, a má administração financeira, dentre outros fatores, fizeram o clube repetir os seus piores anos históricos, com sucessivos rebaixamentos até, novamente, alcançar a última divisão nacional, o Campeonato Brasileiro da Série D, no final de 2021.

Se entendermos as partidas de futebol como ritos lúdicos, ao levarmos em conta que os ritos são mais profundos e duradouros do que os mitos (CASSIRER, 2007), se torna pertinente pontuar jogos históricos do Santa Cruz, visto que estes duelos podem ser eternizados nas memórias de quem os vivenciou. Assim, na medida em que histórias destas partidas vão sendo recontadas entre as gerações de torcedores, o passado do clube permanece vivo alimentando as identidades individuais santacruzenses, e fortalecendo o mito do Santa Cruz.

Um papel importante dentro desta construção memorial são os atletas, em que alguns como Grafitte e Flávio Caça-Rato foram mencionados nas falas acima. No entanto, jogadores de gerações diferentes são preservados nas transmissões familiares de conhecimento, se eternizando no imaginário tricolor, como a seguinte fala de um torcedor revela, ao comentar sobre os ídolos:

Rosembrick, né que também tinha um estilo clássico de jogar, Marcelo Ramos foi muito importante pra mim também, em 2005 eu acho? 2004? Não! 2006, 2007! E recente, 2011 né, os três títulos do Pernambucano que foram muito importantes onde teve ídolos locais como, o Renatinho, como o Flávio Caça-Rato, que esse cara, eu não gostava muito dele jogando né? Mas ele era um cara assim, quando entrava fazia um carnaval né. E se tivesse um gol dele, era festa, festa incrível. Dênis Marques e Gilberto também foram muito importantes, mas eu digo que o meu maior atual, meu maior ídolo é Grafite né, Grafite pra mim ainda acho que pegou a história, eu vi as duas passagens dele que foram muito importantes pra o clube, e sem falar em jogadores que eu não vi, mas eu ouvi as histórias do meu avô, do meu pai, Fumanchu, como é o nome dele, Washington nera? É... Ramon, o maior artilheiro, então são ídolos grandes. Nilson, o goleiro, que sempre foi uma posição que eu também gostei muito, desde pequeno eu tentava imitar Nilson, agarrando, Tiago Cardoso, importante, são esses meus ídolos. (Torcedor 1, 33 anos).

Nesta fala, é possível perceber que, para além dos atletas que presenciou, o torcedor também reserva em seu imaginário espaço para atletas de períodos que não vivenciou. Desta forma, constatamos mais uma vez que há um aspecto de familiaridade, de transmissão de conhecimentos, que é muito decisivo no processo de formação de torcedores (ANJOS, 2020). Isto fica ainda mais evidenciado através das seguintes falas:

Eu digo que foi por herança, a minha aceitação, a minha inclusão como tricolor, como

torcedor do Santa Cruz, foi por herança. Eu sou a terceira geração de tricolores, de dois lados da família, então meus avós eram muito presentes na minha vida quando criança, e eles eram muito efusivos com o clube na década de 90 né, período que nasci. O clube passava por um processo ainda médio, tinha um histórico recente de títulos, então ainda tinha uma gama muito forte de torcida. Meus avós foram participantes na construção do estádio do Arruda, na década de 60 e 70 né, a construção. Eles sentem muito orgulho de dizer que ajudaram com, levando material, indo pra jogos de tudo que era tipo. Meu avô dizia que ia pra jogo de basquete, ia pra jogo de juniores. Então, eu sentava próximo a eles e escutava as histórias, e isso foi me fazendo, me tornando, apaixonado pelo Santa Cruz Futebol Clube através das histórias dos meus avós principalmente, do meu pai, também muito importante, ouvi um pouco da história dele, mas principalmente dos meus avós. (Torcedor 1, 33 anos).

Por causa do meu pai. A minha família é bem dividida, tem uma parte que torce pro Sport, tem uma parte que torce pro Santa. O meu pai torce pro Santa, e ele sempre gostou de futebol, então, ele nunca teve preconceito de não me inserir porque eu sou mulher né? Pelo contrário, como eu na época eu era filha única ele sempre me puxou assim pra torcer pro Santa, sempre comprou uma camisa quando eu era pequena, eu lembro. Eu lembro também que sempre tinha bola de futebol na minha casa, então a gente sempre jogava futebol e tudo mais, e os momentos que a gente tinha era sempre assistindo futebol né? Então, o Santa entrou na minha vida dessa forma, então foi através do meu pai e sobrevivendo as zueiras dos meus primos, que eram do Sport. (Torcedora 1, 26 anos).

Me tornei torcedor do Santa Cruz, aquela coisa, de pai pra filho, e não só de pai pra filho. Como eu morava num bairro muito próximo ao Arruda, a comunidade da Bomba do Hemetério, que é muito próximo do bairro do Arruda, que é o bairro de Água Fria, aí eu comecei a gostar de se tricolor. É uma coisa que me chamava atenção também na época, eu como desenhista, eu achava muito interessante o escudo do Santa Cruz, que era diferenciado de muitos clubes brasileiros. E se botar todos os escudos brasileiros, vai ver que tem umas coisas muito próximas uma da outra, e o Santa Cruz é muito diferenciado, e isso é uma coisa que me chamou muita atenção, e fez com que eu também torcesse pelo Santa Cruz, também pelas três cores, que eu gosto das três cores, o vermelho, preto e branco realmente entrou no sangue, na raiz, por esse motivo que me tornei. (Torcedor 3, 61 anos).

Todas estas falas possuem em comum o aspecto hereditário, que é predominante para iniciação de torcedores (ANJOS, 2020). A hereditariedade inclusive é trabalhada quando o Torcedor 1 relata que sua família participou das obras de ampliação do Estádio do Arruda. É destacável também a importância de uma hereditariedade disposta a superar barreiras conservadoras históricas do futebol, como o ocorrido com a Torcedora 1. É interessante perceber também, que a localização do Estádio do Arruda, próxima a uma região periférica da cidade, mais uma vez é percebido como algo importante para conexão da torcida com o clube, como o Torcedor 3 afirma. Sobre a fala deste torcedor, é válido, ainda, ressaltar a influência que escudo e cores do clube exerceram sobre o mesmo, demonstrando a importância destes elementos para cultura de um clube (MORRIS, 1981).

3.6. As demais modalidades esportivas do Santa Cruz

Para além do futebol masculino, é interessante também pontuar outras modalidades esportivas que o Santa Cruz possui times. Além do futebol, o clube apresenta equipes em outras modalidades, como futsal, vôlei e handball (SANTA CRUZ, online d), além de parceria na composição de equipe de futebol americano (LANCE, 2023).

No que se refere ao futebol feminino, é preciso lembrar o contexto sobre o qual essa modalidade foi construída no país. Como discutido anteriormente no segundo capítulo, o futebol feminino no Brasil sofreu dificuldades com sua evolução, impostas por restrições jurídicas a sua prática, sendo regulamentado apenas em 1983 (LOPES, 2019). É difícil encontrar informações sobre a história desta modalidade, mas se sabe que, no ano em que o futebol feminino foi regulamentado no país, houve um time no Santa Cruz, porém não se encontra registros da história deste time (Figura 30).

Figura 30: Time feminino do Santa Cruz de 1983.



Fonte: Arquivo Coral (c2015).

Neste século, o Santa Cruz teve iniciativas de montar equipes femininas de futebol, mas sempre em parceria com outras organizações, nunca sendo uma equipe própria do clube, até o início de 2022 (ALVES, 2022). Contudo, como afirmado no segundo capítulo, no final do mesmo ano o clube desfez a equipe (MOTA, 2022), não participando assim, do campeonato estadual de 2022 (ZIRPOLI, 2022). O resultado desta má administração ao futebol feminino resulta em uma realidade na qual o Santa Cruz venceu apenas um campeonato pernambucano, torneio existente desde 1999. Esta conquista, realizada em 2019, ocorreu em parceria com o até então maior campeão da modalidade, a Associação Acadêmica e Desportiva Vitória das Tabocas, de Vitória de Santo Antão/PE (VENCESLAU, 2019). A dificuldade de administrar o futebol feminino pode ser tida como uma face de uma crise financeira que afeta o clube, que parece ser principalmente causada pelo futebol masculino.

3.7. A crise esportiva do Santa Cruz futebol Clube

Em um exercício de contextualizar o clube estudado neste trabalho, não se pode desconsiderar sua trajetória esportiva. Refletindo acerca dos dados históricos acima apresentados, é possível afirmar que o Santa Cruz viveu um auge esportivo nas décadas de 1960 e 1970, tendo chegado duas vezes neste período, muito próximo de ser campeão nacional.

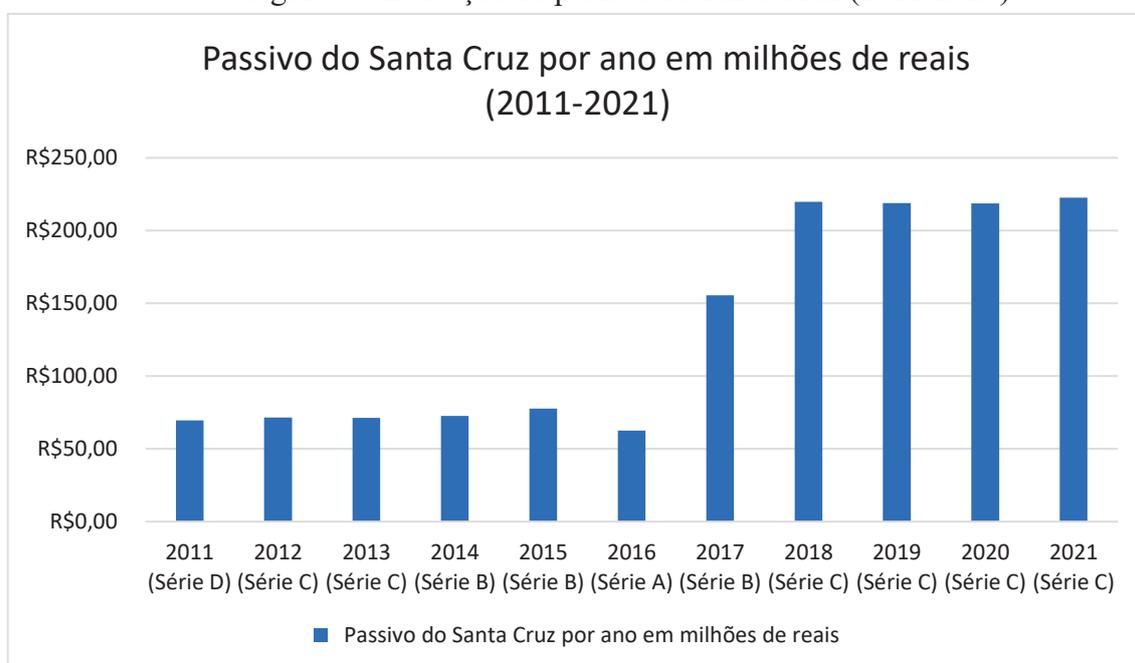
Na década de 1980, ainda aparentava relevância no futebol brasileiro, visto que foi um dos convidados para participar da polêmica Copa União de 1987, junto com Goiás/GO e Coritiba/PR, a fim de completar um torneio com 16 equipes considerando os treze clubes que compunham o chamado Clube dos 13 (BRUNO, 2020). Este grupo, como já discutido, contou com grande poderio financeiro para contratar atletas e estruturar os clubes, com aparelhos tecnológicos e centro de treinamentos, por exemplo. Na realidade pernambucana, a presença do Sport no Clube dos 13, em detrimento das ausências de Náutico e Santa Cruz, é considerada por muitos como um fator que teria provocado uma grande diferença de competição entre o Sport e os rivais, em um meio do futebol no qual acesso a recursos financeiros são decisivos. Após a inserção no grupo, o Sport conquistou a Copa do Brasil, em 2008. Em contrapartida, Náutico e Santa Cruz deixaram de ter momentos de protagonismo nacional como ocorridos nas décadas de 1960, 1970 e 1980. Durante a existência do Clube dos 13, houve tentativas de incluir os dois rivais estaduais do Sport no grupo, porém isto não ocorreu. Nas crenças populares do futebol pernambucano, há boatos de que o Santa Cruz quase ingressou no grupo em 2001, mas em votação sobre o tema entre os membros o resultado não teria sido unânime, por um voto contrário do rival Sport e, com isso, o ingresso tricolor ao grupo não ocorreu (ZIRPOLI, 2009).

Independente se estes fatos são verídicos ou não e embora tenham surgido especulações do ingresso do Santa Cruz ao seletivo grupo (ANDRADE, 2010), durante o auge do Clube dos 13, o Santa Cruz iniciou seu declínio esportivo, com inconstância entre a primeira e segunda divisão nacional entre os anos 1990 e 2000, e, após 2005, quedas sucessivas até alcançar a quarta e última divisão em 2008. Porém, como apresentado no tópico anterior, isto foi superado com novos acessos até a primeira divisão em 2015, mas posteriormente revisitado com retrocessos rebaixamentos até novamente alcançar a quarta divisão em 2021. Esta realidade de insucessos e instabilidade esportiva poderia

não ter existido caso o clube também tivesse ingressado no Clube dos 13, que pode ter contribuído, como sugerido por gestores do Santa Cruz (CARRAPITO, 2008), para os fracassos esportivos do clube. Nos parece pertinente discutir esta questão, pois há uma compreensão atual no futebol de que uma rivalidade equilibrada impulsiona ambos os rivais positivamente. Assim, o fato da rivalidade em Pernambuco ter sido em condições econômicas desiguais por pelo menos duas décadas, pode ser considerado algo que tenha contribuído, junto com a má administração do próprio Santa Cruz, para os insucessos tricolores.

A má administração do Santa Cruz pode ter ocorrido talvez na tentativa de ser competitivo diante de rivais que recebiam grandes aportes financeiros, alinhada a uma falta de habilidade de gestão profissional das pessoas que dirigiram o clube. Afinal, já nos anos 2000 o clube vivenciava crises, com poucos recursos financeiros, apostando na contratação de jogadores de renome no futebol nacional, mas que viviam o declínio de suas carreiras (CAVALCANTI, 2021). Contudo, esta abordagem não funcionou a longo prazo, de 2011 até 2021 o passivo acumulado do clube, isso é dívidas mais despesas, vivenciou um crescente, como o gráfico a seguir demonstra (Figura 31).

Figura 31: Evolução do passivo do Santa Cruz (2011-2021)



Fonte: ZIRPOLI, 2022 (adaptado)

O agravamento de dívidas do Santa Cruz parece ter ocorrido após a passagem do clube pela primeira divisão do futebol brasileiro em 2016. Isto pode ter corrido, pois

mesmo não contando com o poderio financeiro de outros adversários do topo da hierarquia nacional, o Santa Cruz parece ter escolhido uma abordagem errada para disputar o Campeonato Brasileiro da Série A, além da Copa do Brasil, Copa do Nordeste (que se sagrou campeão), e Copa Sul-Americana, desejando ser competitivo, mesmo que não possuísse recursos para isso, e consequentemente, se endividando. Nos anos seguintes, isto pode ter ocorrido em menor tendência para evitar rebaixamento à Série C, subir para Série B, e evitar rebaixamento à Série D. Já disputando a quarta divisão nacional em 2022, segundo auditores, o passivo do clube teria aumentado para o valor de duzentos e noventa e dois milhões de reais, embora este valor seja questionado pelo clube, acreditando que o passivo se encontra com valor abaixo dos duzentos milhões de reais (LUCCHESI, 2023).

Com isso, o clube demonstra atualmente, uma realidade frágil no que se refere a condições de preparação de atletas, que envolve inclusive dificuldades de pagar salários dos funcionários (COSTA, 2022). No decorrer desta trajetória de irresponsabilidade financeira, é comum observar componentes do clube responsabilizando antecessores pelos problemas (HOLANDA, 2022), enquanto cometem novos erros. Afinal, o Santa Cruz demonstra dificuldade nos últimos anos de competir atualmente frente equipes que também dispõem de poderio financeiro e que não possuem elencos de grande qualidade técnica.

Assim, há no Santa Cruz um ambiente de tensionamentos políticos que alcançam as arquibancadas. A partir de março de 2023, foi possível observar uma acentuação na insatisfação da torcida, boicotando partidas e realizando protestos. A insatisfação com a atual gestão se deve pelo fato de os torcedores acreditarem que a responsabilidade pela situação do clube é de pessoas que ocupam a atual gestão, pois já ocuparam cargos de gestão no clube entre 2011 e 2020. Além disso, há um entendimento na torcida, de que o poder de se tornar uma SAF está centralizado no presidente do Santa Cruz, que dificultaria este processo, entendido por muitos torcedores como uma solução para a crise do clube. Por mais que esta transição contrarie movimentos de aversão ao chamado futebol moderno, e a lógica da insurreição clubista (PINHEIRO, 2021), a realidade do clube provoca um sentimento predominante de que a SAF seria a melhor solução para o clube. Esta realidade de atritos no Santa Cruz pôde ser vista em *outdoors* pelo Recife, onde se expõem insatisfações e suspeitas políticas contra o então presidente do clube, Antônio Luis Neto, conhecido também como ALN (Figura 32).

Figura 32: Outdoor com campanha contra presidente do Santa Cruz



Fonte: Registrado pelo autor (JUN. 2023).

Podemos observar neste *outdoor*, uma exemplificação de dois aspectos interessantes discutidos na fundamentação teórica. O primeiro é a respeito do que afirma Desmond Morris (1981) a respeito das linguagens de cada torcida. Vemos na “#FORAALN”, uma expressão emitida por torcedores do Santa Cruz, que foi comum de se encontrar nas redes sociais durante a gestão do mesmo e também foi vista em partidas, como será comentado no capítulo seguinte. Além disso, o termo “clube do povo”, que também poderia ser “time do povo”, é uma expressão, que a partir deste capítulo, se percebe como algo recorrente no imaginário da torcida tricolor. Além de ser um termo próprio da comunidade de torcedores do Santa Cruz, esta expressão é utilizada também neste *outdoor*, como uma manifestação de insurreição clubista, da maneira que Pinheiro (2021) retrata, uma vez que a então origem popular, vinculada a um proletariado, é utilizada como reforço contra um ambiente de autoritarismo que na percepção destes torcedores está vigente no clube.

Apesar das críticas, suspeitas e protestos, os responsáveis pela recuperação judicial que o clube vivencia, afirmam que a presidência do clube detém poder apenas

para modelar e negociar propostas. Assim, qualquer validação de projeto de SAF seria votada pelos torcedores sócios do Santa Cruz, além disso, a recuperação judicial teria de ser aprovada pela justiça (SOUSA, 2023).

Em 2023, a crise do Santa Cruz alcançou novo estágio, após dois episódios. O primeiro foi não ter conquistado a vaga para o Campeonato Brasileiro da Série D de 2024, através do Campeonato Pernambucano de 2023, seguindo a lógica do fluxograma apresentado na Figura 10. Com isto, o Santa Cruz não disputaria Campeonato Brasileiro em 2024, caso não conseguisse acesso para a Série C ainda em 2023. O segundo episódio foi a eliminação ainda na primeira fase do Campeonato Brasileiro da Série D de 2023. Este segundo episódio fez com que as atividades esportivas do time principal fossem encerradas em julho de 2023, causando um impacto de quatro meses de inatividade. Além disso, por não ter conseguido o acesso, o clube ficou de fora de todas as divisões do campeonato brasileiro em 2024, somando ao todo nove meses de inatividade profissional. Estes fracassos esportivos, que impactam o futuro profissional do clube, intensificaram ainda mais as tensões políticas do clube.

Embora no final de 2023 tenha tido uma mudança na presidência do clube, com novo presidente eleito prometendo a conclusão da SAF em 2024, o mesmo não ocorreu. Apesar disso, o clube conseguiu garantir vagas para disputa da Copa do Nordeste e Campeonato Brasileiro da Série D em 2025. Sobre esta realidade do clube, de incertezas esportivas, e de ausência de jogos, é interessante observar como os torcedores do Santa Cruz, também a compreendem:

Uma merda né? Na verdade, a realidade do Santa Cruz, assim, eu achei que esse ano (2024), teria uma grande chance do Santa Cruz fechar, assim, ou começar o processo de fechar, porque a gente não ia jogar, só ia ter calendário até abril, e tal. E eu ainda achei que iam dar um jeito de botar o Santa Cruz [no Campeonato Brasileiro da Série D], por causa dessa grandiosidade né? Eu ainda fiquei com a esperança de que não, alguém ainda vai dar algum jeitinho de a gente jogar. Acabou que não deu, né? Que estamos aí sem jogos, mas eu achei que isso poderia ter prejudicado mais assim, no

sentido de um encaminhamento, pra um fechamento, pra uma situação mais fundo do poço. Mas, a diretoria montou uma equipe boa no começo do ano, que fez um Campeonato Pernambucano digno, um pouco assim, diante das condições, e tal. Então, a minha realidade agora, é um pouco de expectativa, assim, de ver como vai ser, de realmente tentar dar uma virada de chave, pra fazer essa reconstrução. Mas, ao mesmo tempo que vem essa expectativa, vem o flashback né? De tudo que já aconteceu, de que a gente já saiu dessa situação, e voltamos pra essa situação, mas eu acho que a agora, eu me sinto mais esperançosa. Primeiro, porque tá perto do Santa Cruz voltar a jogar né? E segundo que quanto mais rápido a gente entrar em campo, a gente começar os campeonatos, mais rápido a gente pode sair dessa situação né? Então, eu acredito que vai sair dessa situação, mas eu não acredito em uma escalada assim, feito o Santa Cruz já fez, Série D, Série C, Série B, Série A (referente aos anos de 2011 a 2016), não. Eu acho que a gente ainda vai amargurar um pouquinho na C, e futuramente voltar pra Série B, e aí enfim, aí fica a cargo da vida, do destino do Santa Cruz, da competência de quem vai tá lá, geralmente não é muito competente. (Torcedora 1, 26 anos).

[Na vida sem o Santa Cruz] Há um desapego geral com o esporte, deixo de acompanhar o futebol nacional, só os jogos importantes. Dá um desapego do futebol, você fica desligado do esporte. A vida sem o Santa Cruz é difícil, porque era uma rotina quando o clube tinha um calendário minimamente normal dentro do parâmetro do futebol brasileiro. Era um local onde sempre frequentávamos, eu com meus familiares, sempre frequentávamos, tava dentro da agenda da semana. Ou assistir junto dentro de casa, ou ir ao estádio. Então, acaba sendo um hiato nas agendas das nossas vidas, além de ser

um local de confraternização, de estreitamento de laços, (a realidade do clube) é uma coisa triste, não deixa de ser uma coisa triste, que deixa de ser uma união familiar, fora a residência, por conta do time que não tem mais jogos, não tem mais campeonatos pra disputar, enfim, já tá há três meses sem jogar, e vai ficar mais três meses sem jogar, só em janeiro (de 2024), até lá, é um completo hiato, sem a gente saber o futuro do time, é basicamente isso, é uma ausência, uma lacuna na vida da pessoa que não tem como ser preenchida, você tenta preencher com outras atividades não relacionadas ao futebol. (Torcedor 2, 32 anos).

É decadente. É uma situação que você não vê saída do buraco. Você que está um buraco, e você que este buraco está a muito tempo. E toda vez a gente diz, não dá pra descer mais esse buraco, e o buraco só aumenta. Eu não vejo saídas tão repentinas. Eu tenho esperanças que exista uma saída, mas básica assim, “a saída é isso, a saída é a SAF” pra mim não é algo tão simples, pra mim é algo que vai passar alguns anos de pessoas que tenham vontade, de pessoas que queiram subir o Santa Cruz. Porque se não tiver pessoas com vontade, pessoas com o objetivo maior, subir, tirar do buraco, só vai permanecer assim. E a gente sabe que hoje em dia, acho que todo mundo espera, é mais buraco ainda né. Eu tenho esperança em subir desse buraco, mas a gente sabe que existe possibilidade de cair mais, de descer mais esse buraco, porque as pessoas que tão no governo do clube não tem esse pensamento, o pensamento muito individualista de enriquecer. (Torcedor 1, 33 anos).

Através destas falas, se percebe um sentimento comum de incerteza quanto ao futuro do clube, e quanto as pessoas que comandam o clube. Neste ambiente de incerteza, mesmo a SAF, desejada por muitos torcedores, também passa a ser algo que para alguns

torcedores, como relatado, não é garantia de prosperidade ao Santa Cruz. Por fim, por meio de uma das falas, se nota que com a ausência de jogos do Santa Cruz, se cria um sentimento de vazio na vida e no cotidiano. Neste sentido, ao verificar o cotidiano do torcedor coral impactado, percebemos que o clube enquanto lúdico, alcançaria o sagrado, segundo Huizinga (2000), na medida em que impacta o cotidiano do torcedor.

3.8. O mito do Santa Cruz Futebol Clube

Ao final deste capítulo, é possível compreender alguns elementos do que é o Santa Cruz Futebol Clube. Um clube que possui uma origem com contornos míticos para sua torcida, em um sentido de ser uma instituição popular. Isto porque, sua origem, ao que tudo indica, foi nas ruas, suas primeiras atuações foram em campos abertos, não contava com jogadores das classes mais abastardas e, inclusive, era composto por um negro que possuía grande importância interna no clube, em um momento em que isso não era comum (ALVES, 1978).

O fato de o clube ter jogado em campos de bairros periféricos, sendo um desses sua sede definitiva desde meados do século XX, também corroboram a ideia de ser um clube popular. A respeito da sede definitiva, o Estádio do Arruda, observando sua evolução e a participação que torcedores tiveram nesse processo, pode ser compreendido mais facilmente enquanto a casa do Santa Cruz e sua torcida, visto que foi construído com participação dos torcedores, mesmo que também tenha sido fomentado por interesses populistas de governos federais e locais da época. Afinal, ainda hoje torcedores corais afirmam com orgulho que o estádio foi erguido com participação dos adeptos, através de um movimento visto como popular, pois contou com doações de materiais de construção e de mão-de-obra. Neste sentido, é possível pensar então que há no imaginário da torcida coral, a sensação de ter construído este estádio, possivelmente assim, intensificando o sentimento de conhecer o estádio no seu íntimo, algo comum ao torcedor fanático (GIULIANOTTI, 2012).

Compreender o que levou pessoas a fazerem isso é uma tarefa árdua. Talvez, entendendo que o estádio é a casa de um clube (GIULIANOTTI, 2012), os torcedores tricolores da época sentiam a necessidade do clube de possuir sua casa própria, um local fixo para acompanharem e torcerem para o Santa Cruz, um lugar para através das partidas, terem seus destinos individuais serem definidos junto ao do clube, como diria Nelson Rodrigues (TEIXEIRA, 2004). Para além da então necessidade de o clube ter uma casa,

entender o que fez os adeptos apoiarem o clube desta maneira é algo que merece uma reflexão mais profunda. Uma justificativa possível é a identificação que estas pessoas possuem com o Santa Cruz.

Se os espectadores podem se identificar com jogadores por enxergarem estilos de vida, o jeito de jogar, o jeito brasileiro de ser (ROSENFELD, 2013), essa identificação também poderia ocorrer com um clube. Afinal, o Santa Cruz possui uma origem mítica popular, formado nas ruas, com a inclusão de pessoas negras, de performance em campos abertos, que jogou em bairros periféricos, e se fixou em um, próximo aos morros da Zona Norte do Recife e, até mesmo, com uma narrativa em sua história, de que suas cores foram escolhidas para representar as etnias que formavam o povo brasileiro (o preto representando os negros, o branco dos povos europeus e o vermelho dos povos indígenas), mesmo quando isso não é preciso. Como discutido ao longo deste capítulo, há um esforço do próprio clube em estimular esse mito da origem popular, embora tenha em alguns episódios como a própria construção do Estádio do Arruda, se aproveitado de auxílio de um Estado populista.

Em outras palavras, o que se está tentando afirmar, é que mesmo que haja imprecisões na história do clube, miticamente, o Santa Cruz Futebol Clube é simbolizado, da sua origem até a atualidade, como um clube vinculado às populações mais pobres, mais sofridas da população brasileira, no contexto local. O próprio Santa Cruz inclusive, possui uma história que pode ser interpretada como sofrida para além de sua origem e os locais que jogou. Afinal, construiu sua casa com dificuldade, com apoio de sua torcida, por duas vezes chegou próximo de ser campeão brasileiro, mas não obteve êxito (1960 e 1975). O clube amargou diversos rebaixamentos, mesmo assim, a torcida em diversas ocasiões, sofreu junto com o clube destinos difíceis de se encarar esportivamente, enchendo as arquibancadas do Estádio do Arruda. Isto pode ser ilustrado inclusive, com a fala de uma torcedora sobre seu desejo de que o clube continue existindo:

Ah, eu acho que é isso, eu quero muito que o Santa Cruz continue existindo, porque é uma coisa que da mesma forma que meu pai passou pra mim, tipo, eu vou passar pros meus filhos, sabe? Não sei se eles vão gostar de futebol, se eles vão ser fanáticos por futebol, ou se eles vão se identificar com o Santa Cruz. Porque eu

acho que tem muito uma questão de personalidade e identificação. Se você for uma criança, um adolescente ou até um adulto jovem, que não se identifica com o perfil da torcida, ou com esse perfil, um pouco de sofrimento né? De sofredor, você não vai torcer pro Santa. Não adianta, pode ter pai, mãe, irmão, pode ter a família toda, que não vai gerar essa identificação que gera em mim. Mas acho que apresentar ao Santa Cruz, vai ser uma coisa prazerosa. (Torcedora 1, 26 anos).

Nesta fala, a torcedora indica que o sofrimento seria uma característica inerente ao ser torcedor do Santa Cruz, o que corrobora a compreensão de Teixeira (2004), de que o torcedor é um ser sofredor. Evidentemente, há episódios de orgulho para os *santacruzenses*, em derrotas honrosas com a da semifinal do Campeonato Brasileiro de 1975, já mencionada, mas também em vitórias, como a ocorrida contra o Botafogo/RJ em 1919 e contra a Seleção Brasileira em 1935, ou a conquista da Copa do Nordeste em 2016.

Estas histórias honrosas que construíram a alcunha de “terror do Nordeste”, podem inclusive ser o que garante um afago aos torcedores em um presente difícil e serve de inspiração para um futuro melhor. Além disso, a fidelidade da torcida, com grandes públicos no Estádio do Arruda mesmo nas baixas divisões do futebol nacional, também é um fator que pode afagar os adeptos do Santa Cruz. Ainda mais porque se trata da fidelidade de uma massa de fiéis, visto que o clube, mesmo amargando a última divisão nacional em 2022, foi pontuado como um dos vinte clubes com mais torcida no país (GE, 2022b). De certa forma, está junto ao clube nas piores divisões acaba sendo um motivo de orgulho para os torcedores, como as seguintes falas demonstram:

Então, eu tava pensando em alguns jogos, algum jogo triste, mas não tem assim, não consigo. Deve ter tido, mas eu abstraio, acho que as memórias positivas são as melhores. Um outro jogo também marcante, e impactante, foi aquele que a gente foi contra o Atlético Acreano/AC. Porque aquele jogo ali, foi tipo, uma prova de amor. Eu vejo como uma prova de amor, porque chovendo, numa segunda-feira, Recife se acabando, porque a gente sabe, quem mora em

Recife sabe, choveu, acabou. E eu que moro em Afogados, é um bairro que tipo, eu tava indo, e meio que não sabia se ia voltar, porque se continuasse aquela chuva, Afogados alaga, enfim, fica um caos. Então, pra mim, aquele jogo foi muito marcante, porque é tipo, um pouco o DNA da torcida do Santa né? Tipo, segunda-feira de noite, um jogo que não valia nada, tipo, era só mais um jogo, e a gente tava lá, embaixo de chuva, o jogo não aconteceu né? Um jogo feio, e a gente tava lá. Então, eu acho que teve esses jogos que são muito impactantes, porque foram marcantes. Muita gente vai dizer, que [um jogo marcante] foi esse do Betim/MG, ou muita gente pode dizer que foi o primeiro jogo do Campinense/PB, mas esse do Atlético Acreano/AC tem um lugar especial no meu coração, porque tipo, é a prova que tamo aqui pra tudo, assim, dos grandes aos pequenos jogos. (Torcedora 1, 26 anos).

A torcida do Santa Cruz é uma torcida que realmente é uma torcida fiel, porque pra um time que já vem há vários anos na Série D, e até aí nos últimos jogos botar mais torcedor que muitos times de Série A, Série B nem se fala, mas da Série A? A gente se igualar com algumas torcidas de Série A é uma coisa fantástica, muitos time gostaria de ter uma torcida feito essa, porque eu acredito que certos time se cair pra uma situação dessa do Santa Cruz, não faz o que a torcida do Santa Cruz faz, eles são muito fiéis, torcedores gostam do time, têm realmente uma paixão, ser tricolor pernambucano, porque o tricolor tem vários, mas o pernambucano é um negócio de muita raça, é de muita garra, povo que acredita mesmo nas três cores do Santa Cruz Futebol Clube. (Torcedor 3, 61 anos).

Em suma, é possível pensar no Santa Cruz como um clube miticamente do povo. Do povo, porque está próximo ao povo – na localização de sua sede – que é simples,

porque sofre para alcançar conquistas, tal qual o seu povo, os seus torcedores, aqueles que se identificam com o mesmo. E miticamente, pois mesmo com imprecisões, quanto à origem, o Santa Cruz é entendido enquanto um clube cujo destino é sempre traçado ao lado de seus torcedores, em maior ou menor quantidade, nas arquibancadas. Se estas pessoas vão às arquibancadas de diversos estádios, principalmente o Arruda, para torcer por este clube, o mesmo se torna mítico. Pois, afinal, se o jogo é um rito no qual se busca as bênçãos da vitória, o bom curso das coisas (ROSENFELD, 2013), quando um torcedor do Santa Cruz torce pelo clube, de alguma forma, essa pessoa está buscando as bênçãos da vitória não apenas para si, mas para o clube também. Entendendo o caráter mítico que há no jogo, é possível pensar que os torcedores, ao torcer no Estádio do Arruda para o Santa Cruz, estão adorando o clube em um caráter mítico-lúdico. Torcer não é algo irrelevante durante o intervalo de dias entre uma partida e outra, quando os torcedores pensam ou conversam sobre o Santa Cruz em suas rotinas, ou quando a ausência de jogos do Santa Cruz impacta a rotina, a vida das pessoas, é porque o jogo alcançou uma qualidade de sagrado, segundo Huizinga (2000). Neste caso, enquanto sagrado que é mítico, o Santa Cruz, enquanto clube, alcança uma qualidade de mítico-lúdico.

Tentando concluir algo sobre os questionamentos levantados no início desta seção, a torcida do Santa Cruz pode ter contribuído para construção do Estádio do Arruda, porque para além da necessidade de o clube ter uma casa, a torcida também possuía essa necessidade, precisava de um lugar somente seu para adorar o clube. E, se miticamente o Santa Cruz é um clube sofrido, popular, simples. Torcer pelo Santa Cruz pode estar associado a isto, a ser do povo, gostar de estar no meio do povo, a torcer para que o clube mesmo com sua simplicidade consiga “vencer na vida”, que no caso é a vida esportiva. Inclusive em uma das falas, foi possível perceber que há um apego a uma mitologia do clube de ser sofrido. Esta significação popular parece ser clara em uma realidade atual esportivamente difícil, mas sem abandono da torcida, que ao persistir, reforça em falas e ações, esta imagem de luta e sofrimento, para superação.

Na verdade, por vezes é possível ver torcedores que afirmam que o Santa Cruz não é um clube ou um time com torcida, mas sim uma torcida que tem um time. Esta afirmação pode ser interpretada como uma crítica, de que o clube não possui um time de qualidade, e que seus torcedores não possuem um time para torcer. Por outro lado, podemos interpretar esta afirmação entendendo que o protagonismo do clube não é de uma equipe de atletas renomados, mas sim do povo do clube nas arquibancadas. Com

isso, vemos que o povo e o clube estão atrelados historicamente, ao que tudo indica, mesmo que de maneira mítica, desde as origens do clube. Isso fica marcado em seus adeptos sempre que escutam o seguinte trecho do atual hino do clube, escrito pelo maior compositor de frevos pernambucanos e torcedor do Santa Cruz, Capiba, em 1958:

“Santa Cruz! Santa Cruz!

Junta mais essa vitória.

Santa Cruz! Santa Cruz!

Ao teu passado de glória.

És o querido do povo

O terror do Nordeste no gramado”

Tuas vitórias de hoje

Nos lembram vitórias do passado

Clube querido da multidão,

Tu és o supercampeão!

(SANTA CRUZ, online e).

Desta forma, o Santa Cruz pode ser compreendido como algo mítico-lúdico independente de sua posição na hierarquia do futebol. Assim, mesmo que viva uma realidade de incerteza, na qual o passado respeitado parece cada vez mais distante, enquanto houver torcedores lutando para “vencer na vida”, tendo seus destinos traçados junto ao clube, o Santa Cruz continuará sendo mítico e lúdico, assim como os seus jogos continuarão sendo ritos, e sua casa, o Estádio do Arruda, continuará sendo o espaço de consagração deste misticismo. Justificando, assim, que nos debrucemos enfim, sobre os ritos que tornam esse espaço simbólico.

Capítulo 4: Espacialidades do torcer iniciando o círculo mágico

Como exposto no capítulo anterior, o Estádio do Arruda possui uma relação histórica com a torcida do Santa Cruz de muita proximidade. Afinal, depois de vagar por diversas localidades da cidade do Recife, foi no Bairro do Arruda que o clube se fixou definitivamente, há mais de cinquenta anos. Nestas décadas de relação entre a torcida do Santa Cruz e o Estádio do Arruda, ocorreram diversos episódios marcantes, como a já citada participação ativa da torcida no erguimento do estádio. Contudo, se esta história é importante devido à relevância das memórias no processo de significação de espaços, as vivências do tempo presente podem ser entendidas como tão importantes quanto. Isto pode ser considerado ainda mais concreto, se considerarmos que as vivências dos estádios em jogos estão sendo analisadas como ritos míticos, que, por sua vez, são importantes para manutenção do mito, da comunidade em questão e do espaço simbólico de aura mágica.

Sendo assim, após compreender elementos da história do Santa Cruz e conseqüentemente de sua torcida, voltamos a atenção para as vivências nos dias de jogos, os ritos do torcer. Assim, este capítulo é construído sobretudo com base nas atividades de campo, em que se aplicou o método de observação participante (SPRADLEY, 1980), dentre o período de março de 2022 até setembro de 2023. Durante este processo, conforme essa metodologia é proposta, o pesquisador acompanhou as vivências dos sujeitos da pesquisa, no caso os torcedores, se propondo a participar das vivências, na busca de enquanto pesquisador que vivencia os movimentos estudados junto a um grupo de pessoas, consegue realizar observações e compreensões sobre os fenômenos estudados, de maneira mais próxima do que é vivido pelos grupos em questão. No caso desta tese, o pesquisador acompanhou os caminhos de torcedores até o Estádio do Arruda e suas espacializações nos arredores, e dentro dos estádios de junho de 2022 até o mesmo mês, no ano de 2024, seguindo o calendário esportivo do Santa Cruz durante esse período. Além dos conhecimentos adquiridos através destas observações, também se utilizou dos conhecimentos do pesquisador prévios a esta tese, referente as suas vivências enquanto torcedor do Santa Cruz. A partir destas memórias, há uma série de conhecimentos vividos que agregam nas escolhas do que observar durante os dias de jogos e de como interpretar o que é percebido.

No estádio, durante o jogo de futebol, a diversidade de torcedores cria o chamado *corpus* da torcida, como afirma Giulianotti (2012). Porém, até isso ocorrer, há um longo caminho, mesmo no contexto da partida, pois afinal, o jogo, para muitos torcedores, começa no caminho para o estádio, é preciso considerar então as vivências que ocorrem nos arredores do estádio, antes das partidas, e até mesmo no caminho dos torcedores do Santa Cruz até o Estádio do Arruda. Evidentemente, estas manifestações possuem muitas variáveis, como o caminho que escolhe para ir ao jogo, o dia e horário da partida, se a fase esportiva do clube é boa, se o duelo tem algum caráter especial, como um clássico ou um jogo decisivo, dentre outros fatores. Desta forma, o capítulo se estrutura para apresentar as espacialidades do torcer em caminhos que levam ao estádio, considerando ida e volta; em sequência é levantado o apreendido acerca das espacializações nos arredores do estádio.

4.1. Os caminhos do jogo

Durante o período em que foram realizadas as observações participantes, se percebeu a existência de uma série de rotas utilizadas para quem se dirige ao Estádio do Arruda, a partir das origens dos torcedores. A partir desta diversidade, foi escolhida uma rota para ser utilizada nesta pesquisa, com o intuito de ilustrar como ocorrem as vivências durante o caminho ao estádio. A rota em questão, foi a partir do Terminal Integrado de Afogados, entendido enquanto um local especialmente vivenciado em dias de jogos do Santa Cruz no Estádio do Arruda (COSME SANTOS, 2019). Isto ocorre porque neste local é possível que moradores de áreas contempladas pelo Metrô do Recife, nas Zonas Sul e Oeste da capital pernambucana, além de parte de municípios vizinhos, como Jaboatão dos Guararapes, Camaragibe ou Cabo de Santo Agostinho (Figura 33), possam acessar ônibus expressos e não-expressos e desembarcar nos arredores do Estádio do Arruda.

Figura 33: Metrô do Recife na RMR, com Terminal Integrado de Afogados marcado em amarelo, e Estádio do Arruda indicado por seta.



Fonte: Metrô do Recife.

Devido à configuração do transporte coletivo da Região Metropolitana do Recife (RMR), o Terminal Integrado de Afogados se torna um ponto de passagem quase obrigatório para torcedores do Santa Cruz que vão aos jogos utilizando o transporte coletivo e moram nas regiões citadas acima. Por isso, independente da importância da partida e da quantidade de público que vai ao jogo, na medida que a aglomeração de torcedores neste local aumenta na espera da partida os ônibus que levam ao Bairro do Arruda, o terminal sempre se torna um dos primeiros espaços a quilômetros de distância

do Estádio do Arruda, onde se observa situações de cânticos de numerosos torcedores. Assim, se percebeu, em muitos jogos, torcedores indo no metrô de maneira mais silenciosa, aparentando estarem conversando sobre outros assuntos. Porém quando chegam ao Terminal Integrado de Afogados e a aglomeração de torcedores aumenta (Figura 34), as manifestações do torcer aparecem com mais transparência, de modo que este momento parece ser quando a abstração ao lúdico começa a iniciar de maneira mais consolidada.

Figura 34: Torcedores do Santa Cruz aguardando ônibus no Terminal de Afogados.



Fonte: Registrado pelo autor. (maio, 2023).

As aglomerações neste terminal muitas vezes são com muito animosidade, principalmente em dias de partidas decisivas ou quando o horário da partida se aproxima, pois o terminal acaba sendo ocupado por grandes quantidades de torcedores, dos quais muitos estão associados ou se comportam como membros de torcidas organizadas. De maneira que a tensão com os policiais presentes no local em dias de jogos para ordenar o funcionamento do terminal pode resultar em conflitos, mesmo que de pequeno porte, como torcedores que querem acessar o próximo ônibus a partir, de modo a não chegar

atrasado no jogo ou tentam acessar o terminal sem pagar passagem e são detidos pelos agentes. Desta forma, da mesma maneira que o terminal pode ser um local de primeiras manifestações coletivas do ser santacruzense em dias de jogos, também pode ser um lugar de medo para torcedores que vão com as famílias para o jogo ou cidadãos que apenas estão utilizando o espaço no momento, no deslocamento para casa ou outro compromisso.

Após embarcarem no ônibus da linha PE-15/Afogados, que leva ao estádio, foi possível perceber, com as atividades de campo, que o veículo sempre se transforma em um espaço de vivências de torcedores tricolores, variando, porém, na forma como essas vivências ocorrem. Em jogos de menor importância ou com grande antecedência de tempo até o horário do duelo, os ônibus não ficam tão cheios e se percebeu que os torcedores costumam conversar entre si sobre assuntos do seu cotidiano ou questões do clube. Já quando os ônibus partem cheios de torcedores, sobretudo em duelos de grande relevância, o que provoca esses sujeitos a se sentirem mais agitados e emocionados, os veículos acabam se tornando espaços de torcer, tais quais as arquibancadas. Isto permite pensar que a abstração ao lúdico é variável dentro da ida ao estádio, pode ocorrer no terminal ou nos ônibus, ou mesmo somente após o desembarque próximo ao estádio.

Nas observações empíricas das manifestações efusivas do torcer nos ônibus, se percebeu situações em que torcedores cantam músicas sobre o Santa Cruz e sobre a maior torcida organizada do clube, a Inferno Coral. Além dos cânticos, os torcedores pulam e batem em assentos e na lataria do veículo tal qual uma bateria, provocando uma situação em que o ônibus se desloca balançando, tremendo, causando um efeito que chama a atenção dos transeuntes que se deslocam pela cidade sem interesse no jogo. Através das manifestações efusivas, na ida ao estádio, o torcedor inicia um processo de conexão com o rito do jogo do Santa Cruz no Estádio do Arruda.

Estas manifestações efusivas nos ônibus são muitas vezes estimuladas, apoiadas pelos torcedores que vão ao estádio de carro ou motocicleta. Uma vez que se aproximam dos ônibus, buzina, gesticulam com bandeiras do clube, aumentam o som do carro quando está reproduzindo músicas associadas ao clube.

Em alguns casos, porém, a animação, a emoção no ônibus são tão grandes que alguns torcedores infelizmente acabam cometendo delitos: principalmente, depredação

do ônibus e o acesso ao topo do mesmo para realizar a localmente chamada prática do surfe (Figura 35).

Figura 35: Torcedores do Santa Cruz surfando em ônibus.



Fonte: Paulo Henrique, 2013. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=xN7Iy2e6ys4>. Acessado em: 04 de outubro de 2024.

Em decorrência destes atos, os ônibus podem ser parados por policiais, que detêm os ocupantes dos ônibus, que ou são impedidos de irem ao jogo ou vão andando para o estádio. Por isso, foi possível testemunhar episódios de divergências entre os torcedores organizados sobre a realização do surfe. Enquanto alguns desejavam realizar tal ação transgressora, outros tentavam persuadi-los a não cometer tais atos, temendo repressão policial a todo o coletivo de torcedores presentes.

Em atividade de campo realizada em 21 de maio de 2023, mediante o jogo entre Santa Cruz x Campinense/PB, infelizmente foi observado que o caminho para o estádio também pode ser marcado por conflitos. Na ocasião, as violências ocorriam entre torcedores do Santa Cruz (associados ou simpatizantes da torcida organizada Inferno Coral) e a polícia, mas também com conflitos com torcedores organizados associadas ao

Campinense e ao Sport, arquirrival local do Santa Cruz. A participação de torcedores do Sport se justifica, pois, sua maior torcida organizada, a Torcida Jovem do Sport, possui uma aliança com a Torcida Facção Jovem do Campinense. Em contrapartida, a torcida organizada do Santa Cruz envolvida no conflito, Inferno Coral, possui aliança com a principal torcida organizada do arquirrival da cidade do Campinense – Campina Grande/PB – o Treze Futebol Clube.

Devido aos conflitos, foi possível observar trânsito congestionado, pois ruas e avenidas eram palco de brigas. Por causa do trânsito congestionado, somado a ameaça de conflitos, muitos torcedores desceram dos ônibus e foram ao estádio, em grupo, percorrendo aproximadamente quatro quilômetros andando. Neste momento era possível observar torcedores que se dirigiam ao estádio tricolor andando persuadindo os torcedores que se encontravam nos ônibus para se juntarem nesta caminhada. Esta situação é um exemplo pertinente de que o jogo não começa no estádio, a ida ao local da partida já é com espacializações do torcer. Para os torcedores organizados que realizam estes agrupamentos, há uma lógica de ter um sentido de proteção e demonstração de força, diante da possibilidade de confrontos (Figura 36).

Figura 36: Deslocamentos andando em grupo de torcedores do Santa Cruz visto de ônibus, no caminho para o jogo entre Santa Cruz x Campinense/PB.



Fonte: Registrado pelo autor. (maio, 2023).

Evidentemente, não se pode romantizar estas situações, como as confusões que fanáticos criam no caminho para o jogo, tal qual afirmava Galeano (1995). A partir de experiências como esta, se torna possível acreditar que mesmo que os torcedores coletivamente formem o *corpus* da torcida e que isso possa ser ainda mais possível no caso de membros de torcidas organizadas, que carregam pressupostos de união, ainda é possível se deparar com situações que evidenciam diversidade de ideias, de pessoas, de modos de agir e torcer dentro do *corpus* da torcida. Além disso, por este tipo de experiência, vemos o sacrifício dos corpos, uma vez que estas pessoas se reúnem e vão em grupo para o estádio, andando e dispostas a combater fisicamente adversários.

Esta prática de torcedores, sobretudo organizados, de irem andando ao estádio, é intitulada de arrastão. Os arrastões são comuns em clássicos, quando a torcida é visitante, podendo também, em menor escala, quando o clube joga diante de seu torcedor. Em outro episódio, ocorrido no dia 24 de julho de 2022, a respeito da partida entre Santa Cruz x Retrô/PE, também foi testemunhado pelo pesquisador, um arrastão, mesmo sendo um

jogo contra um adversário sem rivalidade, o que permite pensar que os arrastões também podem ser entendidos como uma manifestação de torcer, mesmo que remeta a um contexto de batalha, que pode romper o lúdico e se tornar algo violento. Para estas pessoas, é possível que o conflito faça parte do lúdico e também do mítico, sendo o jogo um evento onde sacrifícios do corpo para o combate físico seja algo intrínseco (TEIXEIRA, 2004) (Figura 37).

Figura 37: Caminhada de torcida organizada



Fonte: TOIC ZS 1992, 2017. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=peMzCCi_YIM. Acessado em: 04 de outubro de 2024.

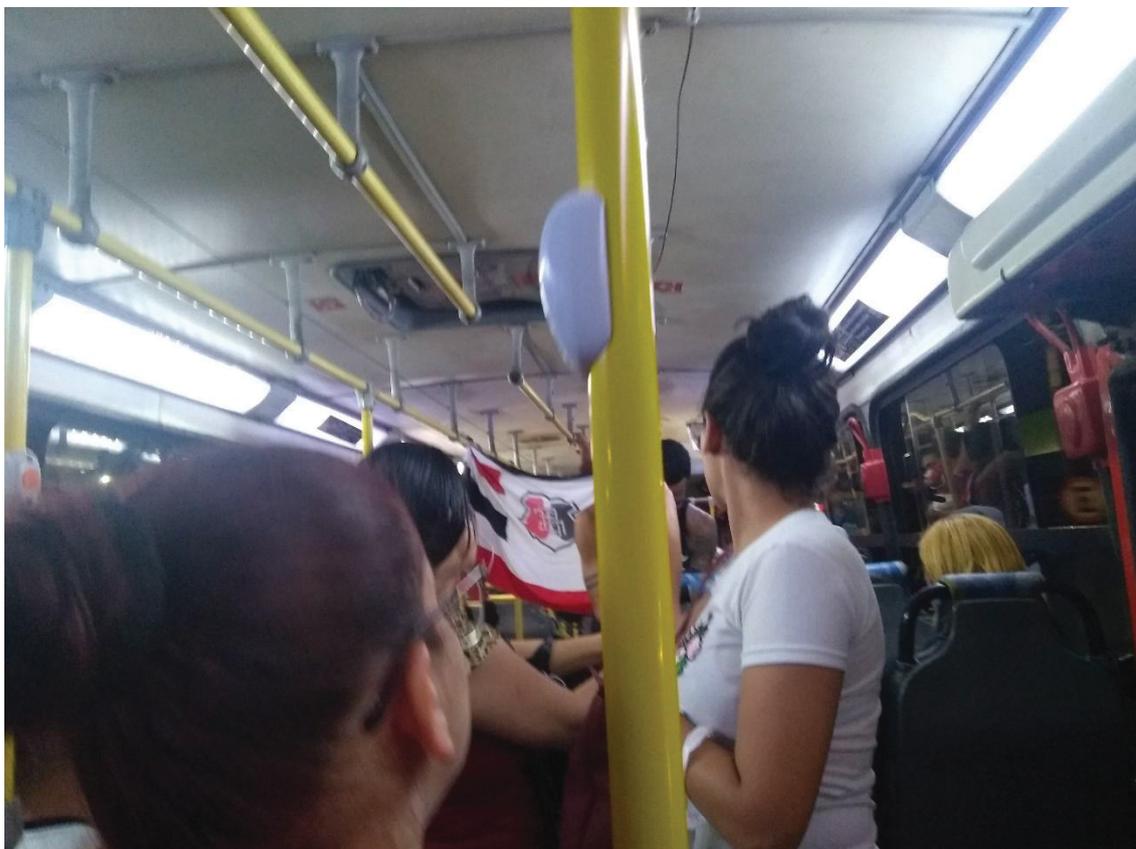
Os arrastões se apresentam como fenômeno complexos de serem interpretados. Na perspectiva dos envolvidos, estas manifestações podem ser compreendidas enquanto demonstrações de força, que se atrelam aos manifestos do torcer. Para estes sujeitos, está havendo um sacrifício de seus corpos em prol da defesa física e moral do *corpus* da torcida tricolor, bem como, do próprio clube. Esta lógica, idealizada pelos membros da torcida organizada Inferno Coral, reflete um pensamento comum às torcidas organizadas no Brasil, segundo Teixeira (2004), mas que podemos atribuir mais precisamente às torcidas organizadas da terceira onda de grupos organizados de torcedores no Brasil, conforme pontua Pinheiro (2021).

Sobre os torcedores que se deslocam para o Estádio do Arruda de carro, se observou outras formas de iniciação a abstração do jogo. Os comportamentos são variados, podendo ser observadas conversas sobre o cotidiano ou sobre o clube, com o som da cobertura esportiva do jogo por parte de emissoras de rádio ou mesmo com músicas sobre o Santa Cruz, ou outros ritmos musicais convencionais da cultura pernambucana, como o brega. O acesso às redes sociais, em busca de assuntos do clube,

como a escalação dos jogadores que irão atuar na partida, também é algo que se observou ocorrer nestes momentos.

No que se refere à volta do estádio após as partidas, se observou, ao longo das atividades de campo, que o resultado do jogo influencia bastante nas manifestações do torcer realizadas. Quando o resultado não agrada, a volta tende a ser mais silenciosa, com conversas críticas ao que não agradou os torcedores, com um ambiente mais melancólico. Em caso de resultado positivo, o clima é festivo, há cânticos e carros buzinando. Porém, assim como o início da ida ao estádio pode ser mais silencioso, na volta, quanto mais distante e a presença de outros torcedores diminui, a empolgação, a abstração lúdica vai naturalmente se esvaindo. Muito embora, mesmo ao chegar em casa após a partida, pode levar horas para a *atmosfera do jogo* se esvaír por completo. Um outro aspecto curioso sobre a volta para casa após os jogos é que no caso de resultados satisfatórios, o transporte coletivo ainda poderá ser utilizado, como é muitas vezes na ida, como uma arquibancada, sendo até mesmo adornado com bandeiras (Figura 38).

Figura 38: Ônibus adornado com bandeira



Fonte: Registrado pelo autor em JUL. 2022.

No caso dos ônibus, se observou também que a volta do estádio pode ter certa animosidade entre torcedores e motoristas de ônibus, uma vez que alguns torcedores tentam entrar no ônibus sem pagar passagem, o que faz com que alguns motoristas tentem passar pelas paradas de ônibus que atendem torcedores sem parar os veículos. Isto somado às animosidades e certos delitos que também podem ser vistos na ida ao estádio, podem ser compreendidos com relação ao que foi discutido no primeiro e segundo capítulos, a respeito do aspecto violento que o torcer pode alcançar. O torcer, por vezes, é conflituoso, os maiores grupos de torcidas organizadas da qual faz parte o grupo de torcedores do Santa Cruz, no qual os indivíduos que realizam atos conflituosos se identificam, advém de uma geração que se dispõem aos conflitos (PINHEIRO, 2021). Muitas vezes, o torcer acaba alcançando uma dimensão conflituosa, de violência e até criminalidade, quando torcedores depredam ônibus ou tentam ingressar nos veículos sem pagar passagem.

Estes momentos de idas e vindas ao Estádio do Arruda podem ser lidos sim como importantes para configuração do mesmo como um lugar simbólico. Afinal, quando os torcedores realizam ações com cânticos, pulos ou ordenamentos com bandeiras, nos caminhos de ida ou volta do estádio, é possível pensar que estas pessoas já estão se abstraindo ao círculo mágico, entrando no espírito da partida. Na ida, é o momento de ir imergindo na chamada atmosfera do estádio, já na volta, essa atmosfera vai se desprendendo do indivíduo gradativamente. Isto porque as ações citadas que são realizadas pelos torcedores, são ações de torcer, como foi conceitualizado no segundo capítulo. Isto significa que as idas e vindas ao estádio enquanto deslocamentos iniciais e finais, respectivamente, são os momentos em que o círculo mágico do Estádio do Arruda é ativado e desativado. Através destes deslocamentos, em formas de manifestações do torcer, os torcedores estão se relacionando simbolicamente com o clube, e o estádio, que como será visto adiante, é o local onde esta relação se demonstra quase sempre ao máximo, onde não há quase nenhuma restrição para a face torcedora da identidade destas pessoas se manifestar.

4.2. Espacializações nos arredores do estádio

Nos arredores do Estádio do Arruda, é possível observar uma diversidade de formas de espacialização antes e após as partidas por parte não apenas dos torcedores, mas de outros atores, como comerciantes e policiais, cujas ações causam influência nos modos de espacialização dos torcedores. Os pontos analisados foram escolhidos através

da constatação de observações empíricas de locais nos quais concentravam torcedores por diversos motivos, seja de confraternização, seja de serviços, como lojas e estacionamento. Para tornar mais compreensível as análises a respeito destas espacializações, elas serão realizadas de maneira segmentada com base na imagem a seguir (Figura 39).

Figura 39: Mapa dos pontos de espacialização observados no entorno do Estádio do Arruda



Fonte: Google Earth.

O ponto 1 da figura acima é um dos principais pontos de embarque e desembarque de torcedores que vão ao Estádio do Arruda utilizando o transporte coletivo, localizado na Avenida Norte, atrelados a terminais, como Afogados, PE-15 e Macaxeira. A partir deste ponto, alguns torcedores se deslocam em direção ao estádio pela Avenida Professor José dos Anjos, mais conhecida pelos torcedores como Avenida do Canal. Contudo, a maioria dos torcedores se dirige ao estádio pela Rua Bolívar, onde se encontra a sede da torcida organizada Inferno Coral, marcada na imagem pelo ponto 3.

Antes de aprofundar mais sobre as espacialidades realizadas no ponto 3, comentamos a respeito do ponto 2, localizado na Rua Almirante Noronha de Carvalho. Este ponto é um exemplo sempre expressivo de como é a experiência de ir aos jogos do Santa Cruz em veículos próprios, sobretudo os carros. Isto porque, o local, devido à proximidade do estádio e a ser uma rua de fluxo pouco intenso, acaba sendo um ponto concorrido de estacionamento para carros (Figura 40), cuja segurança é garantida por comerciantes informais, os chamados flanelinhas.

Figura 40: Rua preenchida com carros estacionados em decorrência de jogo.



Fonte: Registrado pelo autor, JAN, 2023.

No que se refere ao torcedor, ao chegar em seu carro neste local, como em outros pontos de estacionamento, passará por uma intensificação da imersão a atmosfera do jogo. Isto porque, por mais que ao longo do caminho o processo de imersão ou abstração ao círculo mágico ocorra em interações com outros carros por meio de buzinas, e reprodução de músicas, ao chegar neste local o torcedor começa a ter contato próximo com a comunidade na qual faz parte, de torcedores do Santa Cruz. Mesmo a uma distância maior do ponto de estacionamento discutido, já é possível sons da torcida antes mesmo de observá-la de fato. Considerando o papel dos sons no jogo de futebol, é possível afirmar que ao ter contato com a sonoridade da torcida, é inevitável não sentir uma intensificação da abstração para partida. É interessante destacar sobre esta questão, que a utilização deste espaço como estacionamento não é algo que se observa em dias nos quais não há jogos do Santa Cruz (Figura 41), sendo uma espacialidade proporcionada pelo advento da

partida de futebol, em uma demonstração de que o jogo é capaz de reconfigurar o espaço urbano que o cerca.

Figura 41: Rua sem presença de carros estacionados em dia cotidiano.



Fonte: Registrado pelo autor. JAN, 2023.

Voltando ao ponto 3 da Figura 39, localizado na Rua Bolívar, por ser a sede da mais numerosa torcida organizada do clube, o mesmo por diversas vezes se torna um local de confraternização dos membros desta organizada ou simpatizantes. Estas confraternizações são marcadas geralmente pelo consumo de bebidas e comidas, ao som de músicas cotidianas ou relacionadas ao clube.

Durante jogos em que as atividades de campo foram realizadas durante o ano de 2022, não se observou concentrações festivas prévias aos jogos neste local devido à utilização de um espaço dentro da sede do clube para isso. Por ser a sede da torcida organizada, é neste local onde estão mantidos materiais do grupo, e, por isso, em todos os dias de jogos, além de concentrações festivas anteriores as partidas, há movimentações neste espaço com o deslocamento de materiais que serão utilizados no estádio.

Em determinada ocasião acompanhada pelo pesquisador, uma pessoa que utilizava a camisa de outro clube, no caso, o Corinthians/SP, em frente à sede da Inferno Coral foi recepcionada de maneira constrangedora, com olhares e comentários de desaprovação. O principal motivo da reprovação não parece ter sido o fato do indivíduo está utilizando a camisa de outro clube, mas sim por se tratar de um arquirrival histórico, de outro clube cuja maior torcida organizada possui aliança com a Inferno Coral, o Palmeiras/SP. Este episódio demonstra que a sede desta torcida organizada é compreendida pelos indivíduos que a frequenta enquanto espaço de condutas de tradições rígidas, que podem causar desconforto a quem não as segue.

O ponto 4 destacado na Figura 39, se trata da esquina entre as avenidas Professor José dos Anjos e Beberibe. Devido à proximidade em relação ao estádio, este local se torna um dos espaços onde em dias de jogos do Santa Cruz, o indivíduo torcedor se torna definitivamente mais um na multidão de adeptos do Santa Cruz no entorno do Estádio do Arruda. Afinal, com a proximidade do estádio, e a presença de estabelecimentos comerciais e muitos comerciantes informais vendendo alimentos e bebidas, o local se torna um dos principais pontos de concentração de torcedores antes e após os jogos, principalmente em caso de vitórias importantes, como um título, onde os torcedores tendem a querer ficar próximos da casa do clube de coração o máximo de tempo possível. As concentrações tendem a ser realizadas com consumo de alimentos e bebidas, ao som de músicas do clube ou do cotidiano. Apesar do caráter de união que este local possui, é possível perceber com mais atenção que há segmentações dentro da torcida. Existem torcedores que se concentram no entorno dos comerciantes informais, cuja maioria se dispõem próximo do canal da Avenida Professor José dos Anjos (Figura 42), há também torcedores que se concentram com os carros estacionados no posto e torcedores que se concentram dentro e fora da loja de conveniência que conta com uma franquias de *fast-food*.

Figura 42: Concentração de torcedores antes de partida entorno do comércio no encontro das avenidas Beberibe e Professor José dos Anjos.



Fonte: Registrado pelo autor. JAN. 2023.

A utilização de espaços privados para concentração de torcedores do Santa Cruz antes dos jogos também pode ser encontrada no ponto 5 da figura 39. Este local, que se trata de uma franquía de uma rede de supermercado, é utilizado para torcedores que desejam comprar alimentos ou bebidas não encontrados com os comerciantes informais. Além disso, por ter uma densidade de torcedores menores que em outros pontos dos arredores do estádio, costuma também ser utilizado como ponto de referência para grupos de torcedores que se encontram para assistir aos jogos juntos (Figura 43).

Figura 43: Concentração de torcedores em frente a estabelecimento comercial.



Fonte: Registrado pelo autor (JUL. 2023).

Sobre as vivências neste ponto, um torcedor revela como ocorrem, desde seu percurso ao Estádio do Arruda, até a maneira como ocupa os entornos do estádio antes das partidas:

Eu costumo ir de ônibus, costumo ir sozinho mesmo de ônibus, e encontro amigos próximos ao entorno né, ao entorno do estádio. Eu costumo ficar principalmente no supermercado, o Bompreço. Aí eu compro algumas coisas lá dentro no supermercado, umas cervejas, alguns salgadinhos, a gente consome antes de entrar. Lá dentro, consumo pouco, água, alguma coisa assim. (Torcedor 1, 33 anos).

Neste sentido, se percebe mais uma vez, o que apresenta Sayer (2016), sobre o fato das partidas de futebol se iniciarem muito antes do começo, de fato, dos jogos. Nestas vivências, nestes momentos de confraternização, que se tornam tradições vernaculares, os torcedores já estão desenvolvendo ritos introdutórios para partida, através de

concentrações iniciais, que, como tais, possuem essa capacidade de imergir as pessoas na grande experiência lúdica que será vivida (RAMOS, 2019), neste caso, os jogos. No caso da fala do torcedor apresentada acima, isso fica exemplificado a respeito do ponto 5 da figura 39. No entanto, pode ser pensado para as demais concentrações relatadas.

É na sede do clube que se encontra a bilheteria do Estádio do Arruda, o que leva muitos torcedores a irem a este espaço comprar os ingressos dos jogos. Por isso é comum encontrar cambistas nos arredores das bilheterias, que em casos em que a fila para ser atendido na bilheteria é grande e a proximidade da hora do jogo aumenta, se torna uma opção tentadora, porém arriscada para muitos torcedores. É interessante pontuar que os cambistas não se encontram apenas na sede do clube. Também é possível encontrá-los no caminho entre a sede da torcida organizada Inferno Coral para o estádio, na Rua Bolívar, próximo à Avenida Beberibe. Há costumeira presença de cambistas no ponto 4 da Figura 39, no encontro das avenidas Professor José dos Anjos e Beberibe.

Além das dinâmicas que envolvem a aquisição dos ingressos por parte dos torcedores, a sede do Santa Cruz também é palco de vivências que envolvem o culto ao clube. Cinco pontos da sede do clube foram percebidos, através das observações participantes, como relevantes no sentido do culto ao clube: a loja oficial do clube, a sala de troféus, o salão do clube, um bar dentro da sede, e o portão para os vestiários dos jogadores do Santa Cruz. Na loja oficial do clube se observa a presença de muitos torcedores que desejam adquirir algum produto do clube ou apenas observar eventuais novos artigos do clube (Figura 44).

Figura 44: Concentração de torcedores na loja oficial do Santa Cruz antes de partida.



Fonte: registrado pelo autor, JAN. 2023.

A sala de troféus não pode ser acessada, porém através das janelas que a cercam, é possível o torcedor observar os principais troféus do Santa Cruz (Figura 45). Devido à carga histórica que a sala de troféus possui, este local sempre se torna um espaço de nostalgia para os torcedores, onde é comum perceber conversas a respeito das conquistas dos títulos. No contexto atual, de um clube com desempenhos esportivos não-correspondentes à expectativa da torcida coral, visitar a sala de troféus do Estádio do Arruda pode ser considerada uma experiência melancólica, mas também esperançosa. Afinal, neste local o passado de conquistas destoa do presente frustrante, mas também alimenta esperanças de que os dias de vitórias retornem ao clube e seus adeptos, pois uma vez que os torcedores têm seus destinos definidos junto ao time de coração, nas partidas, o retorno de bons desempenhos e conquistas do Santa Cruz significaria o retorno de bom curso das coisas para os torcedores tricolores.

Figura 45: Torcedores diante da sala de troféus do Santa Cruz



Fonte: Registrado pelo autor (JUL. 2023).

No bar dentro da sede, é possível encontrar torcedores se alimentando e consumindo bebidas alcoólicas, enquanto esperam o horário da partida. Diferente de outros espaços pontuados para concentrações antes dos jogos, o ambiente neste local não será tão festivo, com músicas e danças, por exemplo. Além disso, há uma maior presença de torcedores de idades mais avançadas neste local, do que nos demais espaços de concentrações prévias as partidas (Figura 46).

Figura 46: Concentração de torcedores em bar na sede do Santa Cruz.



Fonte: Registrado pelo autor (JUN. 2023).

A respeito do salão da sede do Santa Cruz, esse espaço é utilizado de diversas formas para eventos organizados pelo clube, como as eleições de novos presidentes. Durante as observações participantes realizadas no ano de 2022, este local foi utilizado para concentrações festivas nas vésperas de duelos decisivos. O clube convidou inclusive artistas locais que possuem identificação com o Santa Cruz e com a torcida organizada Inferno Coral para realizarem apresentações antes dos jogos. Isto resultou em concentrações, que contavam com a presença de muitos torcedores identificados com a torcida organizada em questão. Com isso, o local se transformava em uma espécie de arquibancada, com cânticos, pulos e mastros com bandeirões balançando (Figura 47). A exposição dos bandeirões em mastros nestas festividades, se tornava algo até especial, visto que estavam proibidos dentro dos estádios em jogos, assim como as baterias, no estado de Pernambuco.

Figura 47: Torcedores do Santa Cruz em concentração no salão da sede do clube



Fonte: registrado pelo autor. (JUL 2022).

Neste tipo de manifestação, se observa que há uma relação de aparato do clube, com torcedores organizados. Isto evidencia que há, no Santa Cruz, uma trama de relações políticas que se apresenta como algo aparentemente inevitável dentro do futebol.

Manifestações festivas do torcer também são observadas, principalmente nos jogos mais decisivos, no portão de acesso aos vestiários dos jogadores no Estádio do Arruda, localizado no ponto 7 da Figura 39, na Rua das Moças. Estas espacialidades se iniciam eventualmente no ponto 4 da Figura 39, quando já há uma grande presença de torcedores, e o jogo possui um caráter mais decisivo, se prolongando até o ponto 7, onde está o acesso dos atletas ao vestiário. Estas ações de torcedores organizados ocorrem devido à ideia de dar um último incentivo aos jogadores antes das partidas, tentando fazer com que os atletas sintam a vibração, a energia da torcida. Por isso os torcedores atuam nestes momentos com cânticos, bandeiras tremulando, e utilizações de artefatos pirotécnicos, com a premissa de criar uma atmosfera de jogo e fazer com que os jogadores a sintam (Figura 48).

Figura 48: Torcida do Santa Cruz recebendo atletas na chegada ao Estádio do Arruda.



Fonte: TV Coral (2016).

Em partidas mais decisivas, nas quais o estádio comportará mais de trinta, quarenta mil pessoas, o ponto 7 da Figura 39, na Rua das Moças, também se torna um ponto de concentração de torcedores para consumirem alimentos e bebidas, e conversarem a respeito do clube. A ocupação desta rua para concentrações de torcedores parece mais evidente em jogos de maior público, devido à possível necessidade que surge de mais espaços para se espacializar antes das partidas. Contudo, em duelos diante de rivais com torcedores numerosos e que se sabe que vão ao jogo – sobretudo clássicos contra os rivais locais –, geralmente são postas barreiras que impedem os torcedores de se deslocarem por toda extensão da rua, devido ao fato de que na mesma se localiza o portão para a arquibancada destinada aos rivais.

O ponto 7 da Figura 39 é utilizado para além dos propósitos descritos acima, como portão de acesso para a arquibancada destinada exclusivamente a sócios do Santa Cruz, também conhecida como sociais. Além deste local, no ponto 8 e na Rua Petronila Botelho também se localizam portões de acesso às arquibancadas do Estádio do Arruda para torcida coral. No ponto 8 da Figura 39, localizado na Avenida Professor José dos Anjos, se encontram os portões, para os setores mais populares do estádio, além de servir de caminho para quem se dirige ao portão localizado na Avenida Petronila Botelho, partindo de pontos de concentração festiva da torcida citados anteriormente, como o ponto 4 ou 5

da Figura 39. Desta forma, o ponto 8 da Figura 39 é um local pelo qual passam quase sempre a maioria dos adeptos antes de ingressar as arquibancadas do Arruda, por isso, por vezes, bloqueios policiais são realizados para tentar gerenciar da melhor forma os acessos do público. Em decorrência do mal planejamento destas operações, somado a inconvenientes que torcedores podem realizar e mal gerenciamento das catracas de acesso, foi possível constatar situações de tumulto, onde se viu inclusive episódios de ações truculentas da polícia, de maneira desproporcional às atitudes de torcedores, longas filas de acesso aos portões do estádio, e muitas pessoas acessando as arquibancadas com o jogo já em andamento (Figuras 49, 50 e 51).

Figura 49: Aglomeração para acesso ao Estádio do Arruda na Avenida Professor José dos Anjos.



Fonte: Registrado pelo autor (ABR. 2022).

Figura 50: Final da fila de torcedores para acessar o Estádio do Arruda iniciada no Ponto 8 da Figura 39.



Fonte: Registrado pelo autor (MAR. 2022).

Figura 51: Torcedores entrando no Estádio do Arruda com jogo em andamento.



Fonte: Registrado pelo autor (MAI 2023).

Sobre estes momentos de hostilidade e truculência, é pertinente observar o comentário de uma torcedora:

E, eu acho que, como torcedora mesmo, tem muito, a polícia maltrata muito. Aquela entrada do Arruda, nos últimos tempos, a polícia tem maltratado demais, assim, os torcedores no geral, e acaba sobrando muito, pras mulheres e crianças né? Principalmente, porque é spray de pimenta pra lá, é cacete pra cá, então, também tem essa conjuntura do Estado de Pernambuco, que busca afastar a torcida do estádio. A verdade é essa, que não querem mais o torcedor dentro do estádio. (Torcedora 1, 26 anos).

Como se observa com as imagens, o próprio pesquisador, em partidas diferentes, observou problemas para os torcedores acessarem o estádio. Em duas ocasiões, somente foi possível adentrar as arquibancadas do Estádio do Arruda próximo ao final do primeiro tempo, assistido basicamente apenas o segundo tempo, mesmo chegando na fila de acesso ao estádio com considerável tempo de antecedência. Para os torcedores, vivenciar estas experiências é algo negativo. Afinal, no rito do jogo de futebol, o torcedor quer estar ao lado do clube, o apoiando, e tendo o seu destino decidido junto ao seu time de coração. Por isso estas vivências foram percebidas principalmente carregadas de um teor de desconforto, onde torcedores gritam para que o processo de entrada ao estádio seja acelerado e policiais gritam orientando o posicionamento dos torcedores na fila de maneira muitas vezes ameaçadora. Neste sentido, é possível pensar que a vivência dos torcedores aos arredores do Estádio do Arruda, e neste caso, no acesso ao mesmo, são marcadas pelas normatizações dos estádios, que, alinhado com o que a torcedora afirma, para alguns autores, seria um processo de higienização dos estádios (SAYER, 2016), com o intuito de trocar o perfil dos torcedores para um perfil predominantemente consumidor (MASCARENHAS, 2015).

Enquanto aguardavam o acesso às arquibancadas, muitos torcedores já acompanhavam o jogo por celulares e rádios, pessoas até então desconhecidas compartilhavam celulares que tivessem imagens do jogo, e a cada frisson das arquibancadas, do lado de dentro do estádio, que sugerissem o andamento de um lance decisivo, como um gol ou quase gol, geravam grande apreensão dos torcedores do lado

de fora. Estas observações nos permitem afirmar que o torcer, contorcer pela partida já ocorria nas ruas em frente ao estádio.

Com referência às concentrações finais, que ocorrem após as partidas, foi observado que os pontos 4 e 5 da Figura 39 podem ser descritos como os principais locais de interesse, devido às possibilidades de consumir comidas e bebidas e por ser um espaço relativamente amplo para pessoas se reunirem. Estas concentrações que antecedem a volta para casa ocorrem sobre muitas variáveis, como se percebeu com os trabalhos de campo. Uma primeira variável de destaque é o resultado da partida. Se a equipe venceu um jogo, os torcedores tendem a ocupar estes espaços por mais tempo, para celebrar a vitória, com a comunidade de adeptos. Estes momentos são marcados pelo consumo de comidas e bebidas, ao som de músicas (Figuras 52 e 53).

Figura 52: Concentração de torcedores dentro de loja de conveniência, após partida



Fonte: registrado pelo autor (JAN. 2023).

Figura 53: Concentração de torcedores em posto de gasolina após partida.



Fonte: registrado pelo autor (JAN. 2023).

Sobre estes momentos, é interessante observar o relato de um torcedor:

Quando (o jogo) termina, a gente consome algo ali próximo, no entorno, próximo ao posto, aproveitar um pouco a música né, um brega, uma festa, e é isso (Torcedor 1, 33 anos).

Percebe-se que após o evento principal que reúne essas pessoas, o jogo, ainda ocorrem contrações finais, momentos de confraternização entre essas pessoas que possuem em comum o apreço ao Santa Cruz, e que se utilizam deste momento de concentrações finais, seguindo o entendimento de tais momentos, como eventos menores de confraternização, celebração, e de gradativamente, encerrando o evento lúdico (RAMOS, 2019).

No caso de revés, ainda é possível observar concentrações de torcedores nestes pontos, porém tendem a ser menos prolongadas e menos barulhentas. Outra variável que impacta as concentrações finais é o horário da partida. No caso de uma partida ser encerrada em um horário considerado tarde, muitos torcedores vão tender a voltar imediatamente para suas residências ou não se prolongar excessivamente. Outras duas variáveis que estão relacionadas são o modo como vai ocorrer o deslocamento e a distância da residência em referência ao estádio. No caso de torcedores que utilizam o

transporte coletivo, sobretudo o Metrô do Recife, que funciona até as 23:00, demorar muito para retornar para casa após as partidas pode causar muitos transtornos. Esta lógica também se aplica aos torcedores que moram muito distante do Estádio do Arruda, sobretudo os que utilizam transporte coletivo. Afinal, alguns deslocamentos entre o estádio e a residência via transporte coletivo podem levar duas horas ou mais, tornando muito inconveniente ficar muito tempo em concentrações após os jogos. Estas questões levantadas sobre as concentrações finais ajudam a entender que as mesmas não ocorrem com a mesma intensidade das iniciais, nos pontos 4 e 5 da Figura 39. Uma possível grande exceção ao exposto, com base nas experiências do pesquisador anteriormente a pesquisa, enquanto torcedor do Santa Cruz, é no caso de títulos. Nestas situações especiais, os torcedores podem permanecer no entorno do estádio por uma grande quantidade de tempo, mesmo com os inconvenientes de logística para volta ao lar pontuado, e ocupar espaços que não são costumeiramente de serem preenchidos por torcedores, como é o caso da sede do clube. Nestas ocasiões, já se tem como uma tradição, torcedores tricolores invadirem a piscina da sede social do clube e se banharem (Figura 54).

Figura 54: Torcedores do Santa Cruz comemoram título na piscina da sede do clube.



Fonte: Barbosa (2016).

As espacialidades após os jogos, nos arredores do Estádio do Arruda, também podem ser conflituosas, principalmente se ocorrer algum resultado catastrófico, na perspectiva esportiva. Durante as atividades de campo realizadas para o desenvolvimento desta pesquisa, foi testemunhado uma ocasião em que houve episódios violentos no entorno do cruzamento entre as Avenidas Professor José dos Anjos e Beberibe, que abarcam os pontos 4, 5 e 8 da Figura 39. O fato ocorreu após o empate em 1x1 frente à equipe do Potiguar, válido pelo Campeonato Brasileiro da Série D de 2023, ocorrido no dia 16 de julho. Como este empate praticamente eliminou a equipe do Santa Cruz do campeonato, além de impedir que, em 2024, o clube participasse novamente desse campeonato, além de impedir que, em 2024, o clube participasse novamente desse campeonato. Afinal, por não ter terminado o Campeonato Pernambucano, que é o que garante vaga na Série D seguindo a lógica do fluxograma ilustrado pela Figura 10, a principal chance de garantir participação em Campeonato Brasileiro no ano de 2024, era acendendo à Série C, algo inviabilizado em uma eliminação após o jogo em questão, que foi o que ocorreu. Com este contexto ameaçador para o futuro esportivo do clube, algumas pessoas praticaram violências, como depredações, o que resultou em conflitos com policiais, transformando estes espaços, costumeiramente festivos, em espaços de conflitos e fuga dos torcedores (Figura 55).

Figura 55: Fuga de torcedores decorrente de conflitos após o empate entre Santa Cruz x Potiguar no dia 16 de julho de 2023.



Fonte: G1, 2023.

Com base no exposto a respeito das espacializações de torcedores nos arredores do Estádio do Arruda, fica claro que as mesmas, assim como em outras atividades lúdicas, ocorrem em dois grandes tipos de ações, as concentrações e os deslocamentos (RAMOS, 2021). Desde as manifestações de torcer em ônibus, nos deslocamentos de idas e vindas para o estádio, até as manifestações concentradas em pontos específicos nos arredores da sede do Santa Cruz, se percebe que há processos de ativação e desativação do círculo mágico, que acontecem gradativamente, e sobre certas variáveis, que influenciam apenas na intensidade desse círculo mágico, mas não comprometem a sua existência propriamente dita.

Ainda sobre estas vivências que ocorrem antes e após as partidas, levando em consideração o que ocorre dentro do Estádio do Arruda, um torcedor revela uma percepção sobre todos esses ritos, que ilustra bastante sobre o que esta tese busca evidenciar:

A percepção da torcida é uma festa né, eu vi uma vez, tem uma youtuber do Rio de Janeiro, Samanta, ela veio aqui pra Pernambuco, pra Recife, ela disse que jogo do Santa Cruz é como um carnaval fora de época, que é uma festa né? Um momento de conagração entre todos, dança, algo meio bagunçado, só que faz sentido na cabeça de quem tá no meio... É, faz um certo sentido. Então músicas, carros de som, é uma caixinha, onde for, tá lá se fazendo sucesso, sempre muito regrado a bregas, à funk, bregafunk, forró, piseiro, um negócio assim, muita cerveja, muito espetinho, muito caldinho, é essa mistura. E a percepção é sempre de festa. Claro, existem momentos em que o clube tá numa situação mais delicada, que parece ser ambiente até de desespero em alguns momentos, mas quando o clube tá em uma situação melhor, é festa o tempo todo, e se terminar o jogo com a vitória, é garantida a festa. (Torcedor 1, 33 anos).

Neste sentido, se percebe que o evento do jogo de futebol se configura sim em um ritual que envolve também um aspecto festivo, como afirmava Anatol Rosenfeld (2013).

Nesta festa, o torcedor utiliza uma palavra muito destacável: *congraçamento*. Ou seja, o torcedor percebe que, pelo jogo, há um agregamento de diversas naturezas dentro do jogo, o que corrobora a compreensão de Rosenfeld (2013). Além disso, percebe-se que a partida alcança uma dimensão especial, como ocorreria no envolvimento com o mítico através dos ritos (CASSIRER, 2007)

A fala do torcedor exemplifica também o que Arlei Damo (2020) informa sobre as flutuações de humor, que ocorrem com o decorrer das partidas, uma vez que o adepto do Santa Cruz garante que em momentos adversos, o ambiente não é festivo, podendo até mesmo ser negativo. Este ambiente negativo, como comentado anteriormente, foi observado pelo torcedor através das vivências ilustradas em algumas imagens (Figuras 36 e 55).

A abstração da realidade até, pelo menos, a entrada no estádio é facilmente percebida como parcial, visto a participação de diversos atores não-lúdicos, como comerciantes e policiais. Na parcialidade que há nestas abstrações, é possível compreender que os torcedores e estes atores não-lúdicos se influenciam mutuamente. Pois os estabelecimentos comerciais, os comerciantes informais, policiais, mas também motoristas de ônibus, que com medo evitam parar próximo do estádio após os jogos, ocupam seus respectivos espaços e agem influenciados pela presença da torcida. Por sua vez, os torcedores se concentram em determinados espaços agindo de certas maneiras como influência de comerciantes e policiais, por exemplo. Assim, é possível constatar que há uma magnitude na atividade lúdica, esportiva, mítica, dos jogos do Santa Cruz, enquanto eventos capazes de atrair diversos atores e reconfigurar o bairro do Arruda e arredores, com uma ruptura do cotidiano do bairro, algo previsto por Huizinga (2000), para o lúdico, e por Cassirer (2007), pelo mítico. Através de excesso de carros estacionados em ruas, presença de comerciantes informais, ruas fechadas para o trânsito de carros, e paradas de ônibus com um funcionamento não habitual.

Por meio das considerações realizadas neste capítulo, é possível compreender a existência de primeiras evidências da dimensão simbólica do Estádio do Arruda, por meio dos deslocamentos dos adeptos em direção ao estádio e voltando do mesmo, em dias de jogos do Santa Cruz. Nestes movimentos que ocorrem a quilômetros de distância do estádio torcedores ativam o círculo mágico desse espaço em seus deslocamentos com destino ao mesmo e, na volta para casa, desativam gradativamente este círculo. Com base

nas percepções feitas sobre estas dinâmicas, é possível afirmar que os deslocamentos de ida e vinda para o estádio possuem importante papel para iniciação do torcer nos jogos, enquanto ritos míticos, futebolísticos, que preenchem o Estádio do Arruda como um espaço simbólico. Foi possível perceber, uma diversidade de espacialidades, que envolvem momentos de cânticos e vibrações durante os deslocamentos e concentrações; momentos de manifestação de força em prol da defesa física e moral do *corpus* da torcida, e do clube; momentos de valorização do passado do clube; momentos de consumo comercial; e momentos de conflitos e truculência.

Além do aspecto simbólico, que é mítico, lúdico, em suma, futebolístico, também foi possível compreender a magnitude que um jogo do Santa Cruz causa no espaço urbano do Recife. Após estas reflexões, é possível se detalhar a respeito das espacialidades do torcer dentro do Estádio do Arruda, enquanto um espaço simbólico, um círculo mágico, sobre as circunstâncias dos ritos míticos-lúdicos-futebolísticos que são os jogos do Santa Cruz.

Capítulo 5: Espacialidades no torcer: o jogo das/nas arquibancadas

Após compreendermos como os deslocamentos em direção ao Estádio do Arruda, e voltando do mesmo, bem como as concentrações nos arredores do estádio podem ser percebidos como movimentos e momentos de iniciação ao círculo mágico do jogo, é possível nos aprofundarmos nas experiências que ocorrem nas arquibancadas. Por mais que haja um movimento de unificação dos torcedores para formar o *corpus* da torcida (GIULIANOTTI, 2012), ainda é possível observar *micro-corpus* nas arquibancadas, que merecem ser considerados. Isto ocorre, pois mesmo que, quando nos referimos à torcida do Santa Cruz, possamos falar de um grupo identitário que compartilha muitos elementos semelhantes dentre os indivíduos, há uma heterogeneidade, diversidade entre estas pessoas. Estas diferenças existem devido a estilos de torcer ou ideologias sobre o torcer, mas também ocorrem por influências socioeconômicas, através da diferenciação de setores do Estádio do Arruda, onde vemos as oposições de hierarquizações do futebol, segundo Gil (2006).

Desta forma, para discutir mais profundamente como as espacialidades do torcer se manifestam nas arquibancadas do Estádio do Arruda, este capítulo foi estruturado discutindo cada setor de arquibancadas, considerando grupos que costumam ocupá-lo, bem como de que maneira estes espaços são vivenciados, para, na sequência, se discutir as espacialidades em diálogo com o jogo de futebol em andamento. Assim, para iniciarmos este exercício, é pertinente observar a Figura 56.

Figura 56: Setores do Estádio do Arruda.



Fonte: Google Earth.

Inicialmente, podemos diferenciar o estádio em três grandes áreas: (1) arquibancada inferior, que abarca as arquibancadas localizadas atrás das barras (em verde claro e preto), e o setor do escudo (em branco); (2) a arquibancada superior (em vermelho e verde escuro); e (3) os setores para sócios, conselheiros do clube e outras figuras políticas do clube, que são as sociais (azul escuro), as cadeiras cativas (amarelo) e os camarotes (azul claro). Para aprofundar mais sobre cada área, e as arquibancadas que compõem, vamos comentá-las individualmente. Os setores do Estádio do Arruda possuem médias diferentes de preços de seus ingressos, como a tabela a seguir, exemplifica (tabela 1), o que contribuí para as escolhas dos torcedores sobre qual setor irão ocupar. No caso desta tabela em específico, a mesma foi realizada através de uma média das informações divulgadas pelo clube acerca de seus jogos, no ano de 2024.

Tabela 1: Média de preços dos setores do Estádio do Arruda, no ano de 2024.

Setores do Estádio do Arruda	Valor médio de ingresso inteiro em Reais
Arquibancada da Barra do Canal	37,14
Arquibancada do Escudo	42,85
Arquibancada Superior	20
Sociais	21,42
Cadeiras	85,71
Visitante	45

Fonte: Realizado pelo autor.

5.1. Atrás da Barra

Normalmente, a arquibancada superior possui os ingressos de valores mais acessíveis, porém a mesma não é utilizada em jogos de menor público, somente quando o clube tem a expectativa de um público maior, acima de trinta mil pessoas. Desta forma, os setores da arquibancada inferior são mais frequentados durante uma temporada por aqueles que buscam ingressos mais baratos. Uma outra variação na segmentação desta área, e que é válido se destacar, é a respeito do que chamamos de arquibancada inferior híbrida. Intitulamos este local, que está marcado em verde claro na Figura 56, desta maneira, pois sua utilização varia de acordo com os torcedores da equipe adversária. Em caso de presença de muitos adeptos da equipe rival contra o Santa Cruz, é este espaço que é reservado para este grupo. Caso o número de torcedores adversários seja pequeno, os mesmos são destinados a um pequeno espaço reservado na extremidade norte do setor representado em amarelo, na Figura 56, as cadeiras cativas. Nestas situações ou quando não há adeptos rivais, os setores em verde são destinados aos torcedores tricolores. Devido a esta variação, é que chamamos, para melhor identificação, de setores híbridos.

Tanto a arquibancada marcada em verde claro, quanto a marcada em preto na Figura 56, são, muitas vezes, chamados de arquibancadas atrás da barra, sendo a primeira referenciada como a arquibancada da barra da Rua das Moças (rua que se localiza por trás deste setor), e a destacada em preto, como arquibancada da barra do canal, em referência ao corpo hídrico presente na Avenida Professor José dos Anjos. Os ingressos para acessar estes setores são costumeiramente os mais baratos dentre todos os espaços do estádio, sendo superados apenas pela arquibancada superior quando é disponibilizada, como informado na tabela 1.

A arquibancada da barra do canal é comumente conhecida pela torcida do Santa Cruz por ser o local de concentração da Torcida Inferno Coral. Porém antes de aprofundar sobre este grupo de torcedores, é válido pontuar algumas interações interessantes que ocorrem neste setor. Atrás da barra do canal, próximo ao setor das sociais, se observou práticas próprias em relação a outros setores. Quando os atletas corais vão aquecer, sobretudo na segunda etapa, há torcedores que ficam tentando chamar a atenção de atletas, especialmente se há algum jogador mais relevante dentre os atletas que iniciam a partida no banco de reservas. Estas manifestações são realizadas principalmente por crianças. Isto pode ocorrer devido à proximidade entre os atletas e os torcedores que se localizam neste setor durante o aquecimento. Ainda sobre o aquecimento, é curioso perceber que muitas vezes os jogadores também agem como torcedores, deixando de realizar o exercício físico de aquecer, e se concentrando em acompanhar a partida e gesticulando como se tentassem orientar o time, tal qual o torcedor (Figura 57).

Figura 57: Atletas no local de aquecimento da perspectiva da arquibancada da barra do canal.



Fonte: Registrado pelo autor. (MAI, 2023).

Por outro lado, é neste setor que se encontra o acesso aos vestiários do rival. Com isso, torcedores corais podem realizar gritos provocativos ou ofensivos, se alguém do grupo rival for expulso, ou simplesmente no momento de chegada e saída da equipe adversária no gramado.

5.1.1. Espacialidades da Torcida Organizada Inferno Coral

Apesar de teoricamente serem semelhantes e terem a mesma visão do campo a sua disposição, as duas arquibancadas localizadas atrás das barras são ocupadas de maneiras bem diferentes pelos tricolores. A arquibancada da barra do canal (destacada em preto na Figura 56), é onde historicamente se localiza o Grêmio Recreativo Torcida Organizada Inferno Coral (TOIC), sendo espaço tacitamente pertencente ao grupo tal qual um território de fato. O grupo, que existe desde 1992, é a torcida organizada do Santa Cruz mais numerosa nas arquibancadas do Estádio do Arruda (COSME SANTOS, 2018), contando com mais de 70 mil seguidores no Instagram, enquanto demais torcidas organizadas como Portão 10 e Raça Coral possuem mais de 20 mil seguidores. Por isso e também pela força do torcer que demonstra, com canções entoados em grandes cores e coreografias realizadas por numerosos braços, consegue constantemente ter suas performances repetidas por torcedores em outros setores do estádio, sendo uma força protagonista para convergência da massa de adeptos do Santa Cruz na criação do *corpus* da torcida coral. Suas indumentárias, seja camisas, faixas e bandeiras, envolvem o predomínio da cor branca, com elementos em preto e vermelho.

Teoricamente, a Inferno Coral, como era conhecida, estava proibida de frequentar os estádios de Pernambuco, tal qual as principais torcidas organizadas dos rivais Náutico e Sport, Fanático e Torcida Jovem do Sport, desde 2013, quando, além da proibição, esses grupos foram considerados extintos judicialmente (JC, 2021). Na prática, porém, os grupos permanecem ocupando as arquibancadas pernambucanas, sem, entretanto, símbolos que os identifiquem, como roupas, faixas e bandeiras, e sem instrumentos musicais, objetos que foram proibidos independente da torcida organizada de qualquer clube desde a retomada dos públicos nos estádios pernambucanos após o ápice da pandemia de COVID-19 (BEZERRA, 2022). Apesar disso, na multidão de torcedores do Santa Cruz no Estádio do Arruda, durante o período da pesquisa, foi fácil identificar os membros da Inferno Coral, como uma massa de pessoas vestindo predominantemente branco, seja com uniformes brancos do clube ou com camisas semelhantes ao uniforme

original da TOIC, mas sem identificações do grupo. O branco é cor dos uniformes originais do grupo que ainda são eventualmente visíveis do lado de fora do estádio (Figura 58).

Figura 58: Inferno Coral presente na arquibancada do canal.



Fonte: registrado pelo autor JAN. 2023.

Em dezembro de 2023, foi fundado um novo grupo de torcedores organizados, intitulado Explosão Inferno Coral, que surge como uma maneira de haver uma legitimidade à Inferno Coral perante as autoridades. Isso pode ser afirmado, pois, na prática, a antiga Inferno Coral não é mais vista nas arquibancadas e em outros tipos de manifestações, como na internet, enquanto o *novo* grupo ocupa esses espaços, e ainda, a sede do *antigo* grupo. Nas vivências no estádio, não se percebeu diferenças sensíveis entre as manifestações deste grupo e do seu antecessor. No entanto, por questões de registro, é pertinente pontuar este processo.

A Inferno Coral, enquanto torcida organizada, possui subdivisões baseadas em bairros ou regiões da cidade. Isto funciona na organização dos membros para irem e retornarem do estádio para suas localidades de moradia, de maneira agrupada, além de

outras questões políticas da própria Inferno Coral. No estádio, mais precisamente no espaço costumeiramente ocupado pelo grupo, a arquibancada do canal, foi possível presenciar alguns momentos, onde os indivíduos dessa torcida organizada, de cada região da cidade entoavam o local de residência: “*Zona Sul e Zona Oeste e Zona Norte*”. Ficou perceptível nas experiências empíricas, que a Zona Norte é a entoada com um maior coro, sinalizando que dentro do grupo da Inferno Coral, a maioria seja dessa área da cidade, que é onde se localiza o bairro do Arruda e a maioria das comunidades de morros do Recife, que compõem o imaginário do “*morro vai descer*” para ir aos jogos do Santa Cruz.

Dentre as performances elaboradas pela Inferno Coral, estão canções que manifestam amor ao clube, à torcida de maneira geral, mas à própria TOIC, aos ídolos, e canções provocativas aos rivais. Antes do início das partidas, costumam fazer muito barulho na entrada da equipe e, em certas ocasiões, puxam bandeirões e realizam outros tipos de manifestações (Figura 59).

Figura 59: Manifestação pirotécnica da Inferno Coral antes durante a entrada em campo da equipe do Santa Cruz.



Fonte: Reproduzido pelo autor. AGO. 2022.

Também, nestes minutos que antecedem os duelos em campo, é comum entoarem os nomes de atletas atuais da equipe para incentivá-los. Estes coros começam com referência ao goleiro do Santa Cruz, com a frase “*ão ão ão, meu goleiro é paredão*”, e na seguida vão mencionando nominalmente outros atletas do time. Durante as partidas, costumam sempre começar cantando a fim de que a equipe tenha um bom começo de jogo e possa alcançar o primeiro gol rapidamente. Na medida que o time corresponde aos incentivos e mantém uma pressão ao adversário criando chances de gol sucessivas, o grupo organizado tende a cantar mais alto, influenciando os demais setores do estádio tricolor, e as arquibancadas pulsam. Se o gol ocorre, o setor da Inferno Coral fica em estado festa, com cânticos e coreografias com braços, e bandeirões também podem ser puxados (Figura 60).

Figura 60: Bandeirão puxado pela Inferno Coral após gol do Santa Cruz.



Fonte: registrado pelo autor, ABR, 2022.

A partir de manifestações, como os cânticos, é possível perceber a importância do som e dos cânticos, enquanto manifestações do torcer, que envolvem todo o estádio, alterando o ânimo do local (MARRA, 2010). Outro tipo manifestação do torcer que

também é destacável são as utilizações de elementos como faixas, bandeiras e objetos pirotécnicos. Através destes tipos de ações, a torcida organizada Inferno Coral consegue se tornar um elemento importante dentro do estádio. Os membros desta torcida organizada possuem essa compreensão de serem importantes e, como será possível perceber durante esta discussão, valorizam a si mesmos e atuam também demonstrando sinais de um tipo de posse sobre o Estádio do Arruda. A partir deste tipo de atitude, podemos caracterizar o grupo em questão, como fanáticos, segundo a perspectiva elaborada por Giulianotti (2012).

Quando o jogo não está com um resultado desejado, seja em momento de empate no placar, em que o time não está atuando com a intensidade desejada no ataque, e com fragilidade na defesa, seja quando de fato está perdendo, a quebra de expectativa do time para com os torcedores costuma gerar dois tipos de reações na Inferno Coral. No caso de o Santa Cruz sofrer um gol que o coloca em desvantagem no placar, a organizada, nos primeiros minutos seguintes, busca cantar para não deixar a equipe desanimar, ou como se diz no futebol, “sentir o gol”, mas sim estimular a equipe a conseguir o empate. Porém, em certas circunstâncias, quando o placar adverso persiste por muito tempo, o grupo pode entoar coros ameaçadores para pressionar o elenco, como “ô ô ô ô, se não jogar a porrada vai comer ô ô ô ô”, ou ainda “ei você aí, se não quer jogar, pede pra sair.” Em uma das atividades de campo, foi possível testemunhar faixas de protesto, afirmando “Respeitem o SCFC” sendo puxada no meio da torcida (Figura 61).

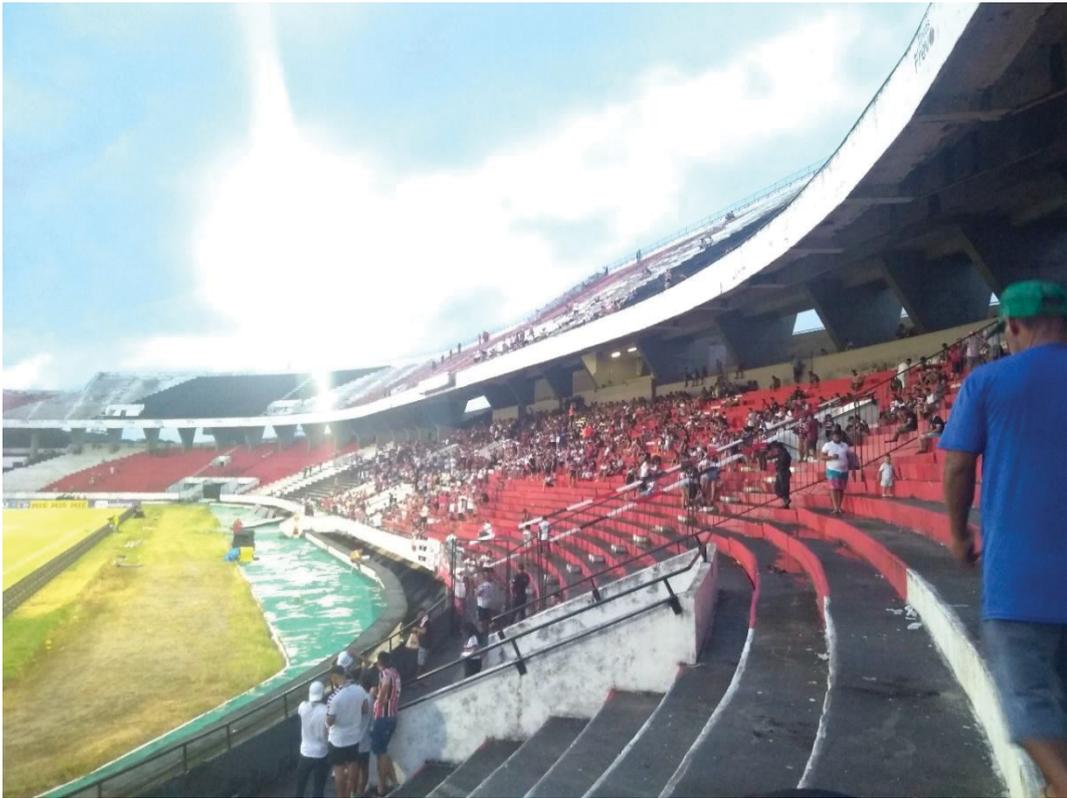
Figura 61: Faixa com os dizeres “Respeitem o SCFC (Santa Cruz Futebol Clube)” em meio a torcida Inferno Coral.



Fonte: Registrado pelo autor (JAN. 2023).

Nesta ocasião, foi possível observar o funcionário que se veste como mascote do clube pedindo para que a faixa fosse abaixada. Durante o mês de março de 2023, após uma sequência de maus resultados em partidas do Santa Cruz, foi realizado um movimento de público zero em jogos na casa coral, como forma de protesto sobre a situação do clube, e pedindo que o Santa Cruz se torne uma SAF. A TOIC, assim como outras torcidas organizadas, e muitos torcedores comuns aderiu ao movimento, que gerou um Estádio do Arruda esvaziado em algumas partidas. (Figura. 62).

Figura 62: Estádio do Arruda esvaziado em decorrência de protesto



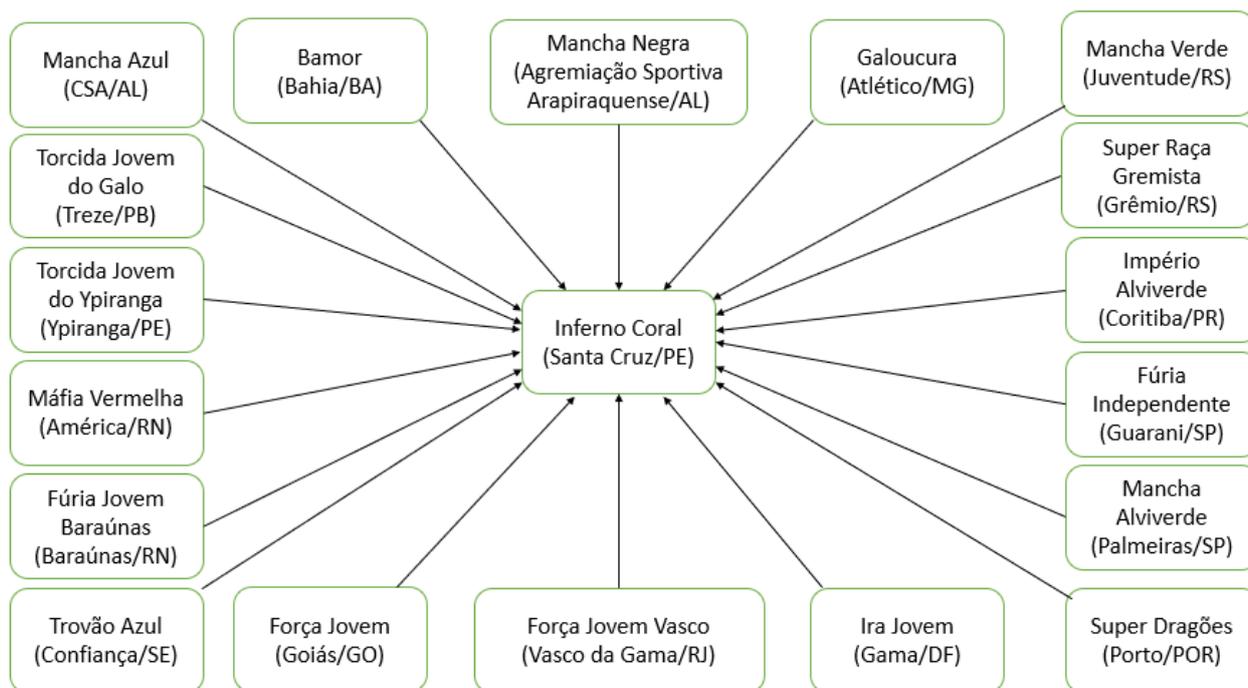
Fonte: Registrado pelo autor. Mar. 2023

No local onde a Inferno Coral costuma ocupar, foi percebido a presença de algumas pessoas que tentaram puxar canções, realizaram coreografias com braços semelhantes aos da Inferno Coral – sendo possivelmente simpatizantes ou mesmo poucos membros do grupo – e fizeram, ainda, coro a músicas entoadas em outros setores. Estes episódios, assim como a disponibilização da sede por parte da diretoria do Santa Cruz para festas protagonizadas pela Inferno Coral, conforme citado anteriormente, demonstram que o grupo possui um poder dentro do Santa Cruz, manifestando isso em atos dentro e fora do Estádio do Arruda e da sede do clube. Já ocorreram episódios em que o grupo realizou protestos nas instalações do clube contra o desempenho da equipe, tendo a oportunidade de confrontarem atletas (FIALHO, 2022).

Fora do estádio, são pessoas vinculadas ao grupo que costumam realizar práticas como os surfê no ônibus e os arrastões, que ocorrem principalmente em jogos na casa dos arquirrivais, acompanhados da polícia, para evitar que conflitos atinjam torcedores não-organizados. Quando a partida ocorre na casa de um arquirrival, na qual se tem uma relação de animosidade com as torcidas organizadas destes clubes, a Inferno Coral pode ir em um grupo numeroso como uma demonstração de força. Em alguns casos, em duelos

fora de Pernambuco, pode contar com o apoio de torcidas organizadas de equipes locais na arquibancada, as chamadas aliadas. Isto ocorre, sobretudo, se o duelo do Santa Cruz é contra um rival local de sua aliada. Do mesmo modo, as maiores torcidas organizadas dos rivais locais do Santa Cruz, Náutico e Sport, costumam possuir aliadas em outros estados, criando uma grande trama de tensão entre redes de torcidas organizadas, que pode ser exemplificada com o episódio dos confrontos no dia da partida entre Santa Cruz x Campinense/PB, ou com o episódio do constrangimento ao indivíduo utilizando camisa do Corinthians, comentados no capítulo anterior. Então, por exemplo, se o Santa Cruz realiza um jogo em Belo Horizonte/MG, contra a equipe do Cruzeiro Esporte Clube, haverá símbolos ou mesmo membros da mais numerosa torcida organizada do Sport, uma vez que esse clube é arquirrival histórico do Santa Cruz no contexto pernambucano. Por outro lado, na arquibancada de visitante, destinada ao Santa Cruz, poderá ser ocupada também por membros da principal organizada do Clube Atlético Mineiro, rival local do Cruzeiro. Esta trama de aliadas é complexa e varia em cada clube, mas com base em postagens da Inferno Coral em suas redes sociais, foi possível realizar a imagem a seguir, na qual é possível visualizar como esta trama de alianças funciona partindo da perspectiva da Inferno Coral (Figura 63).

Figura 63: Rede de torcidas organizadas aliadas a Inferno Coral.



Fonte: Produzido pelo autor.

Nas arquibancadas do Estádio do Arruda, foi possível presenciar momentos em que uma canção que cita as torcidas organizadas de outros clubes, enaltecendo esta aliança, alcançavam outros setores do estádio, sendo o trecho que cita as aliadas um dos mais entoados, no seguinte trecho: “...*Eu te roubei com a Galoucura, Máfia Vermelha e a Mancha Rei...*”, em referência as torcidas organizadas Galoucura do Atlético/MG; Máfia Vermelha do América/RN; e Mancha Azul do CSA/AL. Em outra canção, muitas vezes entoada nas arquibancadas do Arruda, há referências a outras torcidas: “*Juntou com a Bamor, o Nordeste é tricolor, a Máfia vem chegando com vermelho do terror. Se quer apanhar mexa com a Mancha Azul. Só tem caceteiro na Trovão de Aracaju*”. Nesta canção além da Máfia Vermelha e Mancha Azul, também são citadas as torcidas Bamor do Bahia/BA; e Trovão Azul, do Confiança/SE.

O fato de canções como esta serem entoadas por pessoas que não fazem parte da Inferno Coral evidencia certa identificação de torcedores do Santa Cruz com a maneira de torcer deste grupo, mas também acaba criando relações de simpatia com demais clubes cujas torcidas organizadas compõem a rede na qual a TOIC está inserida. Um exemplo disto é a polaridade Santa Cruz/PE e Bahia/BA X Sport/PE e Vitória/BA. O Santa Cruz assim como o Bahia é tricolor embora com cores diferentes (preto, branco e vermelho para o pernambucano, e azul branco e vermelho para o baiano), por outro lado, seus maiores rivais são rubro-negros (cores predominantes vermelho e preto), além de possuírem o mesmo mascote, o leão. Isto parece fazer com que tricolores e rubro-negros enxerguem nos seus relativos do outro estado semelhanças favoráveis e que remetem a rivais, criando simpatias e rivalidades interestaduais (Figura 64).

Figura 64: Relações e simpatias entre torcedores de Santa Cruz e Bahia.



Fonte: Inferno Coral, 2023.

Estas simpatias interestaduais podem gerar em membros da Inferno Coral e em outros torcedores do Santa Cruz uma relação de ser seguidor, no sentido proposto por Giulianotti (2012), ou seja, utilizando o exemplo do Bahia, ilustrado acima, o torcedor do Santa Cruz acaba nutrindo simpatia os demais clubes cujas torcidas organizadas componham a rede na qual a TOIC faz parte, podendo até mesmo acompanhar as partidas desses clubes em suas realidades esportivas. Com a existência destas alianças, que são enaltecidas nas arquibancadas do Arruda, se cria a sensação de que a Inferno Coral se comporta como um grupo que pode proteger demais torcedores tricolores e combater torcedores organizados rivais, em jogos longe do Estádio do Arruda. Neste sentido, é possível afirmar que mesmo em jogos do Santa Cruz, outros clubes podem ser referenciados de maneira positiva nas arquibancadas da casa coral, pelo fato de torcedores desses clubes terem boas relações com torcedores do Santa Cruz.

Com base nestas reflexões, se percebe que a Inferno Coral possui um poder político e festivo nas arquibancadas muito grande dentro do Santa Cruz e, com isso, acaba despertando o fascínio de muitos torcedores que não são membros da Inferno Coral, mas gostam de estar junto deste grupo, tornando o setor que o grupo ocupa no Estádio do Arruda sempre efervescente. Além disso, foi possível acompanhar, em alguns jogos, pessoas que mesmo comprando ingresso para o setor da arquibancada do escudo,

buscavam tentar ingressar no setor onde a TOIC se posiciona, na tentativa de estar mais próximo de um local de vibrações intensas nas arquibancadas (Figura 65).

Figura 65: Torcedores do Santa Cruz buscando acesso ao setor atrás da barra do canal.



Fonte: Registrado pelo autor (JUL. 2022).

Através destes relatos, se percebe que as espacialidades do torcer são capazes de transcender as setorizações instituídas pelo clube. É possível afirmar que há de fato um senso de *corpus* da torcida que abrange a maior parte dos corpos que ocupam e vivenciam as arquibancadas do estádio, atraídos pelo rito do jogo, que mistura celebração, festa e culto (ROSENFELD, 2013). Neste sentido, há uma atração dos demais torcedores para Inferno Coral pelas práticas do grupo de vivenciarem o estádio de maneira festiva se justifica, com um vasto repertório de canções e coreografias que são performadas ao longo dos jogos. As canções, como será explicado nas páginas seguintes, possuem teor de paixão, amor, fidelidade ao clube, mas também de vigor e força para conflitos. Além disso, por meio de canções, como “*quem ficar parado vai levar um tá ligado*”, o grupo pratica suas espacialidades no sentido de condicionar os torcedores a se manifestarem durante as partidas. Quando as canções do grupo alcançam o coletivo de torcedores nos diversos setores do estádio, isso é, o *corpus* da torcida, esta torcida organizada pode puxar cânticos de exaltação para a torcida do Santa Cruz, como “*ai ai ai, que torcida do cara!*”.

A força da Inferno Coral também é sentida pelos jogadores, que, muitas vezes, ao realizarem um gol nesta barra, vão até a frente desta arquibancada para comemorar. Após uma vitória importante, os jogadores costumam comemorar o resultado vitorioso da partida neste local (Figura 66).

Figura 66: Jogadores comemorando gol em frente a Inferno Coral.



Fonte: Registrado pelo autor. JUN. 2022.

Evidentemente que estas ações dos jogadores podem ser realizadas por saber do poder que a Inferno Coral possui dentro da dimensão do Santa Cruz, de modo que comemorar gols próximo deste grupo pode torná-los mais bem aceitos no clube e evitar temidas rejeições. Como se percebe, a TOIC exerce relações de poder inclusive em sua presença na arquibancada. Para além da ocupação das arquibancadas, uma outra importante forma de espacialização da Inferno Coral é por meio de seus adornos, sobretudo as faixas. As faixas deste grupo, como dos demais grupos de torcidas organizadas do Santa Cruz, costumam ser dispostas sobre o guarda-corpo da arquibancada no setor que o grupo se situa. Porém, em alguns casos, as faixas da Inferno Coral se estendem para além do setor que o grupo ocupa, alcançando os espaços de outras torcidas organizadas. Nestas situações, os demais grupos, reposicionam suas faixas, compreendendo o poder da Inferno (Figura 67).

Figura 67: Faixa da torcida Portão 10 realocada na grade que separa a arquibancada do escudo e a arquibancada da barra do canal.



Fonte: registrado pelo autor (JAN, 2023).

Na imagem acima, é possível ver que a faixa de uma torcida que costuma se posicionar próximo do limite entre a arquibancada do escudo e arquibancada da barra do canal, foi realocada. Faixas deste grupo costumam ser posicionadas no guarda-corpo do estádio, porém possivelmente isso não ocorreu no jogo em que esta imagem foi registrada, devido à dimensão do adereço da TOIC extrapolar a área que o grupo ocupa. Em outra atividade de campo realizada, foi possível testemunhar um momento em que a torcida organizada Raça Coral teve que realocar sua faixa, devido ao tamanho da faixa que a Inferno Coral estava colocando. Esta relação das faixas demonstra a existência de uma relação de poder entre os grupos de torcidas organizadas do Santa Cruz, que estabelece uma maior autoridade à Inferno Coral.

Ainda sobre esta questão, há um outro episódio que ilustra a relação da Inferno Coral com as demais torcidas e é interessante ser pontuado. Durante a pandemia de Covid-19, as torcidas não eram permitidas nos estádios. Contudo, a membros de torcidas organizadas era permitido o acesso antes dos jogos para adornar o Estádio do Arruda,

com faixas e bandeiras. Porém nas vésperas de um jogo, em abril de 2021, a torcida Coral Pride, que se posiciona como uma torcida LGBTQIAPN+, teria tido uma faixa atacada pela Inferno Coral, motivada possivelmente por preconceito, mas que posteriormente foi recuperada com apoio de demais torcidas organizadas (CORALANTIFA, 2021). Afinal o grupo demonstra que tem como um de seus valores, a virilidade, a força, sendo isso visível em seus símbolos (Figura 68).

Figura 68: Símbolo da Inferno Coral.



Fonte: TOIC, c2023.

Assim, mesmo que haja uma lógica de respeito entre as torcidas organizadas, isso não parece contemplar pessoas que não seguem a lógica de que o futebol é um meio de “homens viris”, tratando pessoas que não se adequem a isto como indivíduos não pertencentes ao futebol. Além disso, o episódio comentado no parágrafo anterior também revela mais uma vez que existe uma diversidade de torcedores dentro da torcida de um clube. Em resposta a este episódio, demais grupos de torcidas organizadas teriam conseguido recuperar a faixa tomada e publicaram notas de repúdio, muito embora, outras ações de repreensão à Inferno Coral não tenham sido realizadas.

Embora o grupo tenha demonstrações de força e poder que possam ser questionáveis, também demonstra conhecimento da história do clube, manifestado por exemplo, no bandeirão da Figura 60, onde se observa versões antigas do escudo do Santa Cruz, além de faixa (Figura 69), com dizeres de um dos fundadores do clube, Alexandre de Carvalho, que em um momento de incerteza sobre a continuidade do clube, teria afirmado que “o Santa Cruz nasceu e viverá eternamente.” (ALBUQUERQUE, 2020). Neste tipo de ação, vemos um exemplo do que Morris (1981) afirma a respeito da

existência de expressões próprias da comunidade de um clube e que podem ser estampadas em faixas nas arquibancadas.

Figura 69: Faixa com frase histórica de um dos fundadores do Santa Cruz.



Fonte: Registrado pelo autor. (JUL. 2023).

A frase ilustrada na faixa apresentada na figura acima frequentemente é evocada por torcedores corais. Demonstra-se ser ainda mais uma manifestação de resistência, quando pensamos no momento esportivo do Santa Cruz. Além disso, por mais que caracterizar o grupo Inferno Coral enquanto politizado seja algo subjetivo, é possível perceber na evocação dessa frase, um resgate ao passado do clube, as suas origens que miticamente são enquadradas enquanto populares, aproximando então esta espacialidade da disposição da faixa, de um movimento de insurreição clubista (PINHEIRO, 2021). Neste caso, poderíamos compreender como uma insurreição parcial, que resgata uma expressão própria da comunidade tricolor, que demonstra a natureza mítica de desprivilegio financeiro e resistência perante as dificuldades que o Santa Cruz possuiaria e, assim, se aproximaria da ideia de insurreição clubista. No entanto, esta insurreição por parte da Inferno Coral seria parcial, pois o grupo falha em demonstrações de superações de preconceitos, como comentado anteriormente.

Voltando a pensar em especializações do torcer, outras formas realizadas pela Inferno Coral são as canções. Através das observações participantes, foram percebidas situações em que cânticos que ganhavam coro por todo estádio, originados de outros setores, não eram cantados no setor em que se encontra a Inferno Coral, embora fosse possível ver membros reagindo ao som destas canções. Por outro lado, as canções entoadas pelo grupo são amplamente conhecidas pela maioria dos torcedores do Santa Cruz e, em diversos momentos, são cantadas por todo o estádio. Através desta diferença de reações quanto aos cânticos, além das relações com demais torcidas organizadas, comentado anteriormente, é possível constatar que os membros da Inferno Coral possuem uma compreensão própria de torcedores legítimos, enquanto demais torcedores não teriam essa legitimidade.

Sobre o aspecto comentado ainda na figura anterior, da faixa com dizeres de uma figura histórica do clube reafirmando a fidelidade pelo mesmo, vemos declarações de fidelidade em muitas canções entoadas pela TOIC e que alcançam todo o estádio. Um exemplo disto está na seguinte canção:

O meu Santa é foda

É tradição não é moda

Você diz que acabou

Eu digo nada mudou

Através desta canção, muito popular nas arquibancadas, se percebe para além da exaltação ao próprio clube, uma comparação com sentido de superioridade aos demais rivais locais e provocações sobre o momento esportivo do clube. Estas canções costumam ser entoadas em ritmos acelerados, sendo compostas com base no ritmo funk, com algumas das músicas sendo inspiradas em outras canções. Algumas das canções, como a exemplificada anteriormente, e a seguir, possuem um teor de declaração de amor e fidelidade ao clube:

Pá pá pá pá pá pá pá

Pá pá pá pá pá pá pá

Pá pá pá

Pá pá pá pá

Pá pá pá pá pá pá pá...

...Santa meu eterno amor,

Nunca negarei que sou tricolor

Sempre vou te amar

Nunca vou te abandonar...

Santa Cruz minha paixão

Cantarei por ti a nossa tradição

Sempre vou te amar

Nunca vou te abandonar.

Esta canção foi inspirada na melodia da abertura do programa *Esporte Espetacular*, da Rede Globo de televisão. Também se observa inspirações em outras canções para uma música cantada pela Inferno Coral com o objetivo de incentivar o time:

Domingo, eu vou pro Arrudão,

Vou torcer pro time que sou fã,

Vou levar foguetes e bandeiras

Não vai se brincadeira ele vai ser campeão...

Esta canção parece ser inspirada em cânticos de torcidas cariocas com relação ao Estádio do Maracanã, onde cantam: “*Domingo, eu vou ao Maracanã...*”, sendo uma exemplificação de que torcidas de um clube podem adaptar canções de adeptos de outros clubes. Acompanhando jogos próximo ao grupo, foi possível perceber que há algumas pessoas específicas, que possuem prestígio no grupo para indicar as canções que serão entoadas, são os puxadores. O puxador geralmente inicia com gritos obscenos para romper o silêncio, como “*no cu do mudo*”, que seria uma brincadeira local do Recife, que estimula um grupo de pessoas a gritar em conjunto. Na sequência, o puxador começa a entoar o início da canção e os demais seguem.

Uma das canções entoadas pela Inferno Coral mais conhecidas enaltece o grupo, além de provocar as torcidas organizadas dos rivais e os estádios desses clubes, em contextos violentos:

Parece mentira, mas é realidade
Vermelho, preto e branco dominando a cidade
E lá no Arrudão a gente impõe moral
O bonde que comanda é a Inferno Coral
A tal da alemãozada não deu nem pra sair
Mostramos pra mundiça quem é que manda aqui
E a Fanático sofreu a noite inteira
Levou rojão de spray e também bomba caseira
É é é muita gente
Ninguém quer combater
Sou Inferno Coral
Santa Cruz até morrer
Balança os Aflitos
Destrói o chiqueirão
Inferno é Inferno e não há comparação.

Quando o grupo canta esta última canção em que cita o nome Inferno Coral, acaba podendo ser alvo de ações policiais, mesmo durante a partida, no meio da arquibancada, afinal, teoricamente o grupo está proibido de frequentar os estádios pernambucanos. Inicialmente, os policiais se infiltram no meio do grupo e depois reagem tentando dispersar os torcedores, ocasionando uma situação de correria, onde acidentes podem ocorrer (Figura 70). Posteriormente, os torcedores acabam reocupando este espaço durante a partida.

Figura 70: Policiais dispersando torcedores.



Fonte: registrado pelo autor (JAN. 2023).

A normatização dos estádios (MASCARENHAS, 2019; FERRERIA, 2020), discutida no segundo capítulo, é percebida, então, como algo que ocorre não apenas em modernas arenas, mas também estádios oriundos de um período histórico anterior, como o Arruda. No que tange à torcida coral, todos sentem a presença desta normatização, mesmo antes da entrada ao estádio, como discutido no capítulo anterior. Porém, isso parece ser uma realidade ainda mais sentida pela Inferno Coral, pois, ao longo das partidas acompanhadas, se observou que policiais costumam se deslocar no entorno deste grupo ou pelo meio deste grupo, além de se posicionarem acima dos mesmos na arquibancada e filmá-los em alguns momentos durante jogos, criando desconforto nestes torcedores. Desta maneira, se manifestar, inclusive com o nome do grupo, pode ser interpretado como uma forma de marcar presença, de reafirmar que está na arquibancada para apoiar o Santa Cruz e tentar demonstrar que pertencem a essa arquibancada e a mesma pertence a esses torcedores, mesmo que sejam atacados pelos policiais. Na decorrência disto, episódios perigosos para integridade física das pessoas podem ocorrer (Figura 71).

Figura 71: Torcedores fugindo do setor da barra do canal para a arquibancada do escudo após conflito com policiais.



Fonte: Registrado pelo autor (MAI. 2023).

Sem entrar no mérito da validade das normatizações aplicadas, é inegável que normatizações que afetam formas de torcer tradicionais ocorrem no Estádio do Arruda. Estes tipos de episódios também evidenciam o tensionamento do dilema do futebol, pontuado por Morris (1981), de ser o futebol um rito sagrado, com profanidades, ou ser um entretenimento social. Assim, independente de problematizações possíveis de serem feitas, é compreensível que a Inferno Coral como um grupo que se posiciona como defensor do clube e da própria, com membros que, assim como ocorre em outras torcidas organizadas pelo país (TEIXEIRA, 2004), sacrificam voz, corpo e até a vida pelo seu amor ao clube, em conflitos.

Também é possível enxergar em alguns comportamentos deste grupo uma noção de posse sobre o Estádio do Arruda. Assim, certos grupos como policiais, torcedores rivais ou torcedores do próprio clube, mas que não se adequam ao histórico perfil perpetuado no futebol de cis-heteronormatividade, são considerados indesejados. Evidentemente há alguns comportamentos e noções do grupo que devem ser

problematizados, sobretudo no que se refere a conflitos e preconceitos, porém criminalizar todo um coletivo, sem considerar que há indivíduos que tem como prioridade a festa na arquibancada parece também algo problemático, ainda mais considerando que influências sociais que costumam violentar, criminalizar de maneira simplista, e estigmatizar ocorrem sobre grupos como a TOIC (REIS e MARTINS, 2020). A respeito desta realidade conflituosa que abarca a torcida organizada Inferno Coral, é interessante observar o seguinte relato de um torcedor que já vivenciou a experiência de acompanhar este grupo de torcedores:

Foi coisa de adolescente, era coisa assim, pra mostrar que “ah o cara é homem e tal”, porque sofria muito bullying e tal na escola, e aí, tinha isso, de mostrar a virilidade, mostrar a força. E todos os adolescentes tavam vivendo essa fase também, era escola pública, na periferia, e aí tava todo mundo vivendo essa fase de torcida organizada. Bem, finalizou, foi pouco tempo, eu tinha quinze anos, quando eu levei uma pedrada na boca. E aí, finalizou. Parei de andar com quem eu tava andando, e parei de frequentar alguns lugares que eu tava frequentando. Já visitei de novo, a sede da torcida. Já fiquei no lugar da organizada, mas nada como era na fase de adolescente. Porque na fase de adolescente, era pura adrenalina, sabe? Não era nem tanto por ideologia, era só pela adrenalina do fazer, do cometer uns atos, de mostrar o meu amor da forma mais violenta possível. Porque era para mostrar que era homem, que era viril. Mas, hoje eu tenho uma outra visão sobre torcida organizada, que eu não tinha quando adolescente né? Eu vejo que torcida organizada vai muito além, muito muito além, de só violência. Mas quando adolescente, era pura violência, era adrenalina, o êxtase. (Torcedor 1, 33 anos).

Evidentemente, este relato não consegue abarcar toda a complexidade que envolve as torcidas organizadas, embora consiga contribuir para compreender mais sobre a realidade das pessoas que vivenciam estes grupos e sua relação com o Santa Cruz

também. Percebe-se que há uma influência dos contextos sociais na introdução das pessoas a estes grupos de torcida (REIS e MARTINS, 2020), como o próprio torcedor afirma. A violência, de fato, faz parte da realidade destes grupos, podendo os envolver em episódios que coloquem suas próprias vidas em risco. No entanto, o torcedor organizado demonstra um comportamento de sacrifício do corpo pelo clube (TEIXEIRA, 2004), pelo amor, conforme o próprio torcedor se refere na fala acima. É este amor, esta crença de que se está agindo de forma violenta como uma manifestação de amor, que nos permite pensar que as pessoas que são envolvidas com episódios conflituosos também são torcedores do Santa Cruz, também amam o clube, os atos de violência e a adrenalina que geram podem ser compreendidos, sem juízo de valor, como manifestações de sentimentos inerentes às partidas de futebol (MORRIS, 1981). Obviamente, estas ações violentas são problemáticas, causam infortúnios não apenas para aqueles que as provocam, mas podem alcançar todas as pessoas ao redor.

Contudo, o discurso comum de se encontrar nas mídias, que membros de torcidas organizadas não são torcedores dos clubes, são bandidos travestidos de torcedores, também é problemático. Este discurso não considera que estas pessoas agem dessa forma por amor, pela adrenalina da disputa, como algo lúdico, como uma batalha lúdica (HUIZINGA, 2000), que busca também demonstrar a virilidade masculina (TEIXEIRA, 2004), conforme o torcedor afirma. No entanto, por meio da fala acima, se percebe que torcidas organizadas são muito mais do que violência, e isto deve ser considerado, incluindo as festividades que proporcionam, os cânticos, os adereços e coreografias (*Ibidem*), que anima todo o estádio (MARRA, 2010). Os torcedores organizados também amam ao clube, mesmo que seja um amor considerado por alguns doentio, é possível que o melhor caminho para tratar este sentimento seja por meio de outras formas, como o diálogo, em detrimento de simples repressão igualmente violenta, por parte do Estado, como a Figura 70 ilustra. Por outro lado, não se pode desconsiderar que através do artifício de fazerem parte do futebol, estes indivíduos conseguem realizar atos violentos que em outros contextos sociais, fora do futebol, não seriam aceitos.

De toda forma, se percebe, na Inferno Coral, um grupo com complexas espacialidades no Estádio do Arruda, manifestando para além de flutuações de humor com vitórias e derrotas, variações também sobre sentimentos para com o Estádio do Arruda de amor e vínculo, variando com posse e poder. Neste conjunto de manifestações, mesmo considerando todas as problematizações possíveis de se fazer acerca do grupo, é

inegável que os mesmos construíram uma tradicionalidade no modo de torcer. Esta tradição atrai jogadores para comemorar gols com o grupo, atrai também demais torcedores para acompanharem as partidas próximos ao grupo. Sendo assim, a Inferno Coral, é inegavelmente um elemento importante quando se trata de Santa Cruz e vivências de sua torcida no Estádio do Arruda.

Contudo, como será discutido mais adiante, após a permissão para a volta de instrumentos musicais nos estádios de Pernambuco, em maio de 2023, a Inferno Coral realizou uma histórica migração de setores, saindo da arquibancada do canal, para a arquibancada do escudo. Com isso, a arquibancada do canal passou a ser um setor mais calmo, ocupado por torcedores não-organizados, seguindo, nos momentos de euforia coletiva, as manifestações oriundas principalmente da arquibancada do escudo. No entanto, em julho do mesmo ano, o grupo voltou para o setor que tradicionalmente ocupa, junto com instrumentos musicais e bandeirões (Figura 72).

Figura 72: Arquibancada do canal ocupada com bandeirões.



Fonte: Registrado pelo autor (JUL. 2023).

5.1.2. Barra da Rua das Moças

A arquibancada inferior híbrida, marcada em verde claro na Figura 56, também chamada de arquibancada da barra da Rua das Moças, em referência a rua que dá acesso a esse setor, se localiza no extremo oposto do estádio onde se posiciona a Inferno Coral. Assim, tal qual arquitetonicamente, este setor é dinamicamente oposto à arquibancada da barra do canal, sendo muitas vezes um local mais pacato para assistir à partida. Mesmo em jogos onde outros setores da arquibancada inferior estão praticamente cheios, com o público em pé durante toda partida, foi possível observar pessoas acompanhando o jogo de maneira mais acomodada, vendo a partida sentadas, por exemplo. Este setor não costuma ser ocupado por torcidas organizadas, embora possa haver exceções, sendo então espaço de interações predominantes de torcedores não-organizados, que poderíamos compreender enquanto aqueles que não fazem parte de nenhum grupo de torcida organizada. Estes sujeitos ocupam as arquibancadas geralmente acompanhados em grupos de amigos ou familiares, e assistem às partidas fazendo coro às canções que são puxadas por torcidas organizadas, ou por próprios torcedores não-organizados; comentando entre si o andamento da partida e a atuação da equipe. Na Figura 73, é possível observar a diferença de público entre a arquibancada do escudo e a barra da Rua das Moças, mesmo o setor do escudo tendo ingressos mais caros.

Figura 73: Diferença de público presente entre os setores da arquibancada do escudo (em primeiro plano), e arquibancada da Rua das Moças (em segundo plano).



Fonte: Registrado pelo autor (JUN, 2023).

É também neste setor do estádio coral que torcidas visitantes numerosas ocupam para apoiar seus times. Quando isto ocorre, este espaço se torna protagonista dentro das dinâmicas das arquibancadas, sendo um local onde cânticos de apoio ao time rival e provocações ao Santa Cruz são realizadas (Figura 74). Isto impulsiona torcedores dos demais setores do estádio a abafarem os cânticos, que, por serem contrários ao Santa Cruz, podem ser vistos, dentro da perspectiva da pesquisa, como profanos. O abafar dos rivais pode se dar sobre simples vaias, cantos provocativos e ofensas ao time rival e sua torcida. Torcedores próximos às divisas deste setor e adeptos tricolores localizados nas divisas de setores destinados aos corais podem ficar gesticulando entre si provocações durante todo o jogo, independente do placar. Algumas vezes, pode haver pessoas que tendem a se dirigir ao setor com torcedores rivais afim de conflitos, por isso os torcedores rivais são sempre acompanhados por policiais.

Figura 74: Torcida do Sport/PE como visitante no Estádio do Arruda.



Fonte: Rádio Jornal (2016).

5.2. Arquibancada do Escudo

Entre as duas arquibancadas inferiores atrás das barras, se localiza a chamada arquibancada do escudo. Este setor é chamado assim, pois em frente ao meio do local se localiza uma imagem do escudo do Santa Cruz entre a arquibancada e o gramado. De maneira geral, a arquibancada do escudo é um setor que historicamente costuma ser ocupado por um público diverso de torcedores, desde aqueles que gostam de assistir ao jogo de maneira mais pacata aos que gostam de cantar durante toda a partida. Sua localização é coberta parcialmente pela arquibancada superior, além de permitir uma visão central do jogo, ideal para os torcedores que gostam de realizar análises táticas durante a partida (Figura 75).

Figura 75: Disposição tática do jogo visível na arquibancada do escudo.



Fonte: Registrado pelo autor (JAN. 2023).

A percepção do jogo, no que se refere a perspectiva de observação da partida é algo apreciado por muitos torcedores, como a fala de um torcedor exemplifica: “Normalmente eu fico na arquibancada inferior, ou próximo do campo, ou então no local mais distante da arquibancada inferior, que eu consigo ter uma visão panorâmica do gramado.” (Torcedor 2, 32 anos). Este setor também é ocupado por muitos torcedores não-organizados, que se destacam por puxar eventuais coros, assistir às partidas comentando entre si o andamento do duelo e a performance do time tricolor, e proferir gritos para que atletas e árbitros escutem. Embora, *a priori*, os torcedores não-organizados não pareçam ter o protagonismo que torcidas organizadas possuem, foi possível perceber nas atividades de campo, que é preciso a participação destes torcedores para que as canções e coreografias iniciadas nas torcidas organizadas alcancem todo o estádio. Estes torcedores são basicamente pessoas que vão com a família ou amigos, grupos com médias de 5, 10 pessoas, mas também em trios ou duplas. É difícil constatar alguém que aparenta estar sozinho, talvez porque na arquibancada, apoiando o clube, ninguém esteja completamente sozinho. Durante o jogo, relações com pessoas até então desconhecidas

são forjadas – mesmo que sejam momentâneas – e logo aquelas pessoas podem conversar entre si, analisando o jogo, discutindo estratégias do treinador, criticando a performance de jogadores e equipe, concordando e discordando. Estas experiências de diálogos e relações espontâneas que ocorrem durante o jogo foram vivenciadas pelo pesquisador em algumas partidas.

De maneira geral, as manifestações destes torcedores parecem ser de cunho mais individual, alcançam as pessoas próximas com conversas e discussões sobre o jogo. Além disso, atuam através de xingamentos ou incentivos ao árbitro, jogadores, gandulas, e técnicos, que eventualmente alcançam o campo. Alguns torcedores ocupam as arquibancadas e assistem aos jogos amparados por tecnologias, como rádios para ouvir informações e comentários da partida feitos por jornalistas esportivos, ou redes sociais, que são muito utilizadas para provocar imediatamente amigos torcedores de clubes rivais, após o Santa Cruz realizar um gol, por exemplo.

Parece então ser desta forma que os torcedores não-organizados se especializam na arquibancada, com gritos individuais que se espera alcançar as pessoas no campo; conversação com torcedores que se conheceu naquele instante; e combustível para que os gritos que vêm de grupos organizados ganhem força, pois ficou claro que sem esses torcedores, os gritos de torcedores organizados não alcançam o *corpus* da torcida (GIULIANOTTI, 2012), nas arquibancadas do Estádio do Arruda.

Apesar de demonstrarem mais ações não sincronizadas, individuais, os torcedores não-organizados conseguem sim puxar cânticos que sejam entoados por todo o estádio. Quando isso ocorre, inclusive, pode ser através de canções mais antigas, que não são tão puxadas por grupos organizados atualmente. Muitas vezes, esses torcedores, inclusive, desconhecem algumas canções de torcidas organizadas ou só conhecem os refrões. Com base nisto, é possível chegar à conclusão de que puxar gritos e canções que alcançam a predominância do estádio, é um ato que não é tão comum para torcedores que não fazem parte de torcidas organizadas. Isto se deve em grande parte, devido ao modo como se especializam, que aparenta ser focado em ver o jogo e se deixar influenciar pela arquibancada, e sobretudo grupos organizados.

De maneira geral, o que pode fazer às manifestações em forma de cânticos e coreografias alcançarem uma predominância nas arquibancadas é a sinergia compartilhada. Ou seja, se um torcedor puxa uma canção ou grito no momento que outros

entendem ser pertinente e estão na mesma sinergia que o grito puxado, poderão endossá-lo. Porém, sem uma massa considerável de pessoas em que há uma prática de torcer sincronizado com outros, guiados muitas vezes pela figura do puxador, fica mais difícil de que seus gritos sejam encorpados, gerando situações em que demais torcedores observam um indivíduo cantando, gritando ou vaiando, mas não endossam sua reação. Não há realmente uma lógica sobre o que faz as manifestações de torcedores não-organizados alcançarem ou não o *corpus* da torcida. Isto é algo que aparenta depender da comunhão de sentimentos sobre o momento da partida.

De toda forma, é evidente que estes torcedores não-organizados são a maioria da torcida, que, uma vez majoritariamente unidos, se tornam fundamentais para o *corpus* da torcida. Mesmo as torcidas organizadas dependem que haja adesão dos torcedores não-organizados em suas manifestações, para que as mesmas ganhem grande magnitude no estádio, na partida.

Porém, assim como a arquibancada da barra do canal ocupada tradicionalmente pela Inferno Coral, a arquibancada do escudo também possui grupos organizados que ocupam costumeiramente locais específicos deste setor. Contudo, estes grupos são compostos por um número de membros consideravelmente menores do que a Inferno Coral. Podemos exemplificar dentre estes grupos, o Portão 10, Raça Coral, Coral Reggae, e Movimento Coralinas.

A maioria destes grupos podem ser caracterizados como agrupamentos de pessoas que se conhecem e desejam se identificar como um grupo diferenciado de torcedores do Santa Cruz por terem, para além do clube, outros gostos e pautas em comum, como é o caso do Movimento Coralinas, com o feminismo, ou o Coral ANTIFA, enquanto movimento de torcedores corais contra o fascismo. Estes grupos podem ainda surgir por divergências com outros grupos de torcidas (COSME SANTOS, 2019). Dentro deste amplo grupo de torcidas que costuma se posicionar na arquibancada do escudo, há grupos com mais ou menos semelhanças com a Inferno Coral. Nisto podemos ver grupos tal qual a TOIC, que adornam o estádio, realizam certas coreografias e vão aos jogos uniformizados (Figura 76).

Figura 76: Bandeirão da torcida Império Coral sendo aberto.



Fonte: Registrado pelo autor (AGO. 2022).

Sobre a importância dos adornos, foi possível vivenciar uma ocasião em que um torcedor colocou uma pequena bandeira do clube por cima de uma faixa da Raça Coral e, com isso, foi interpelado por um membro da torcida organizada para que retirasse a bandeira de cima da faixa para que esse símbolo do grupo aparecesse na transmissão da televisão. Neste sentido, se percebe mais uma norma cultural dos estádios (HOLGADO e TONINI, 2012), na qual as faixas dispostas por torcidas organizadas não devem ser sobrepostas. Através das atividades de campo, se percebeu que as faixas possuem o poder de delimitar não apenas os espaços de ocupação das torcidas organizadas nos estádios (TEIXEIRA, 2004), mas são instrumentos para dar visibilidade à torcida, são instrumentos de poder. Este poder que mesmo algumas torcidas organizadas menores almejam demonstrar é sentido também nas características visuais que possuem, espelhando força, vigor, assim como ocorre com a Inferno Coral (Figura 77).

Figura 77: Símbolo da Raça Coral.



Fonte: Cosme Santos, 2019.

Contudo, grupos, como a Raça Coral e a Império Coral, que possuem símbolos que demonstram força e vigor, tal qual a Inferno Coral, diferem desse grupo no aspecto dos conflitos, nos quais não possuem históricos de envolvimento. Apesar disso, há uma certa coesão entre estes grupos e a Inferno Coral, seja no respeito com o grupo mais numeroso, seja na adesão conjunta entre estes grupos em determinadas ocasiões. Exemplo disto ocorreu em março de 2023, quando os grupos citados participaram dos protestos de público zero nos jogos do Santa Cruz. As ausências destes grupos, assim como da Inferno Coral, foram sentidas. Afinal, estas torcidas organizadas menores em número de membros, também contribuem para uma atmosfera vibrante no estádio. A participação destas torcidas em forma de torcer ocorre realizando coreografias, puxando canções – que ganham considerável coro das arquibancadas. Desta forma, a ausência destes grupos de torcedores, também causa impacto à atmosfera de jogo no Estádio do Arruda.

Durante as partidas, foi possível observar que, para além das manifestações com bandeirões em momentos de gol, a reprodução de canções com instrumentos ou eventuais cânticos puxados, que alcançam o *corpus* da torcida, os torcedores pertencentes a estas organizadas demonstram também atos de confraternização entre si. Ou seja, durante a partida, é possível observar estas pessoas conversando sobre fatos da vida não relacionados ao Santa Cruz e o andamento do jogo, em um clima amistoso, apresentando a existência de vínculos afetivos, de amizade, entre os membros destas organizadas.

Estas organizadas demonstram em suas indumentárias, como já comentado, símbolos de força, vigor e masculinidade. Porém, na arquibancada do escudo também se encontram torcidas organizadas de menor porte, no que se refere ao número de membros em comparação a Inferno Coral, que demonstram em seus símbolos e adornos, o interesse de passar mensagens de paz, ou mesmo de posicionamento político (Figura 78 e 79).

Figura 78: Manifestação do Movimento Coralinas.



Fonte: Movimento Coralinas, 2023.

Figura 79: Símbolo da torcida Coral Reggae



Fonte: Coral Reggae.

Sobre a torcida Movimento Coralinas, sua presença nos jogos do Santa Cruz no Estádio do Arruda, se torna pertinente para um ambiente mais acolhedor, tendo em vista o histórico machista que os estádios possuem (TEIXEIRA, 2004). Isto se torna perceptível no comentário de uma torcedora:

A minha experiência é mais com o Arruda, então não tenho tanto um parâmetro de comparação. Mas falando do Arruda em si, não é muito acolhedor pra mulher né? Eu não digo nem por existir um machismo tão grande na arquibancada, com certeza tem né? A gente escuta alguns comentários aqui, alguns comentários ali, mas acho que isso com o tempo vem diminuindo né? Quando eu era menor, eu ia muito com meu pai, querendo ou não, era uma proteção masculina, só que com o tempo, enquanto adulta, eu passei a ir só, e aí, eu, a gente escuta um comentário machista aqui e ali, mas não é tão direcionado né? Eu, particularmente, nunca sofri assédio, e acho que esse número de assédio tem diminuído, porque isso tem sido conscientizado na torcida né? Alguns movimentos feministas do Santa Cruz têm batido muito nessa tecla, contra o assédio dentro do Arruda, então acho que isso é importante. (Torcedora 1, 26 anos).

No que se refere as vivências torcendo, como já afirmado, também podem partir destes grupos, como de torcedores sem vínculos com torcidas organizadas, os gritos de

guerra, como o icônico “*Tri, tricolor, tri tri tri tri tricolor*” e outros cânticos para apoiar a equipe. Isto pode ocorrer muitas vezes quando o estádio de maneira geral, incluindo a Inferno Coral, está mais silencioso, seja porque o desenvolvimento da partida está tenso para os torcedores, seja por se tratar de um jogo com pouco público, por horário ou pouca relevância da partida. Há ocasiões em que as manifestações cantadas por estes grupos podem destoar das que ocorrem pela Inferno Coral, na arquibancada da barra do canal. Também há situações em que estes grupos colaboram para o que é cantado pela Inferno Coral ganhe coro no estádio.

Dentre os grupos que ocupam a arquibancada do escudo, a Torcida Portão 10 (Figura 80), que faz referência a um dos portões de entrada para o setor, chama atenção pois se manifesta seguindo o perfil de Barra Bravas comentado no segundo capítulo. A inspiração para acolher este estilo no país se deve pelo fato de que as Barra Bravas costumam apoiar o time cantando durante toda a partida, sem críticas, vaias ou ameaças aos seus jogadores, independente do desempenho da equipe, pelo menos durante a partida, concentrando-se apenas no chamado alento, isto é, no apoio ao time. Este modo de torcer realizado por Barra Bravas pode ser percebido na torcida Portão 10 (Figura 81), que costuma cantar quase que incessantemente durante os jogos, mesmo com placares adversos, quando um empate ou virada parecem improváveis pela proximidade do fim da partida.

Figura 80: Torcida Portão 10 no Estádio do Arruda.



Fonte: Portão 10 (2022).

Figura 81: Torcida Portão 10 sinalizada por suas faixas verticais na perspectiva da arquibancada.



Fonte: Registrado pelo autor (JUN. 2023).

Sobre as canções performadas por esse grupo, por seguirem esta lógica de Barra Brava, são diferentes das que são puxadas pela Inferno Coral ou outros torcedores. Isto não os impede de cantar um coro que alcança todo o estádio, como os que são iniciado pela Inferno Coral, porém possuem músicas próprias, que possuem um estilo rítmico que mescla reggae, cumbia e brega, rock e maracatu. As letras possuem um teor voltado ao amor pelo Santa Cruz e à vontade de ver a equipe jogar com raça, como a letra a seguir sugere:

Estou contigo mais querido

Tu és o meu tricolor

Tu és a minha história

És delírio, raça e amor

Clube querido do povo

Tu és paixão popular

Vamos ô meu Santa

Vamos ô meu Santa

Vamos vamos meu Santa.

Muitas vezes o grupo causa um estranhamento para torcedores não-organizados, ou pertencentes às demais organizadas, que não compreendem as músicas e o modo de torcer. Quando a torcida Portão 10 canta músicas conhecidas, podem ser o grupo que puxa uma canção entoada pela maioria das arquibancadas, principalmente quando a Inferno Coral não está tão efusiva. Em caso de a TOIC puxar uma canção que se espalha nas arquibancadas, o grupo parece aderir sem resistências, havendo uma relação de respeito entre as torcidas.

Além do lado festivo, a torcida Portão 10 costuma se posicionar sobre questões políticas, dentro da esfera do Santa Cruz futebol clube, mas também, em discussões gerais, como combate à violência contra mulheres e homofobia. Neste âmbito, essa torcida costuma estar associada nas manifestações com outros grupos, como Movimento Coralinas, Coral ANTIFA, Coral Pride e Coletivo Quilombo do Arruda (Figura 82). É interessante pontuar sobre estes grupos, que é recorrente em seus posicionamentos o exercício de associar suas pautas a identidade do Santa Cruz como um clube do povo.

Figura 82: Manifestação da torcida Portão 10 contra LGBTFOBIA associada a identidade do Santa Cruz.



Fonte: Portão 10, 2022.

Percebemos, então, que a torcida Portão 10 se encaixa bem no perfil das torcidas contrárias ao futebol moderno, oriundas da quarta onda de torcidas organizadas no Brasil, realizando a chamada insurreição clubista (PNHEIRO, 2021). Afinal, a torcida Portão 10 utiliza memórias subversivas da história mítica do Santa Cruz, de ser um clube de origem mais popular, com presença de negros desde sua origem, para criar uma narrativa de que o clube deve se manter aberto a todas as pessoas, e com isso desnaturalizar preconceitos que estão enraizados no meio do futebol. Efetivamente, a lógica da torcida Portão 10 demonstra surtir efeito, uma vez que em muitos momentos das partidas, é possível observar que partem deste grupo, as canções que passam a ser entoadas pelos demais setores dos estádios.

Além disso, o grupo participa de redes de torcidas antifascistas não apenas do Santa Cruz, mas integrado a outros clubes, como o Bahia/BA e CSA/AL, seguindo, assim, uma lógica de relações com organizadas de outros clubes, semelhante ao conjunto de alianças da Inferno Coral (Figura 63). A torcida Portão 10, assim como o Movimento Coralinas, possui uma lógica mais progressista, com maneiras de se manifestar próprias,

que envolvem o cantar durante todo o jogo, não vaiar ou ameaçar o time do Santa Cruz, mesmo que não esteja performando bem, e manter as raízes míticas populares do clube.

Apesar de todas estas torcidas organizadas que ocupam a arquibancada do escudo serem numericamente menores do que a Inferno Coral, e algumas delas destorarem politicamente nos modos de torcer com relação ao grupo citado, também estão sujeitas às normatividades em vigor nos estádios brasileiros, em que o Arruda não é exceção. Isto fica evidente na medida que as faixas que adornam os estádios passam por vistorias de policiais antes dos jogos (Figura 83).

Figura 83: Faixa da torcida Império Coral sendo vistoriada antes de partida.



Fonte: Registrado pelo autor (JAN. 2023).

Também é neste setor que a utilização de instrumentos musicais foi permitida, após a liberação para grupos organizados menores, em 2023 (SOUSA, 2023b). Sobre a volta dos instrumentos musicais, no caso do Estádio do Arruda e da torcida do Santa Cruz, o efeito desta medida passou a ser sentido apenas a partir de maio de 2023, nas partidas da Série D do Campeonato Brasileiro, e se concentrou neste setor até junho do mesmo ano, tendo, após isso, voltado à arquibancada do canal. O grupo que utiliza os instrumentos está associado à Inferno Coral. Com isso, foi possível observar partidas em

que pessoas que torcem aos moldes da Inferno Coral se encontravam para além da arquibancada da barra do canal, na arquibancada do escudo também.

Esta dinâmica criou uma reconfiguração dos espaços dos grupos organizados. A torcida Portão 10 manteve sua posição, nos limites da arquibancada do escudo para arquibancada da barra do canal, no entanto, se encontrava entre duas partes da TOIC, a parte que permaneceu na arquibancada da barra do canal, mas próxima agora da arquibancada do escudo, e a parte que se posicionou próxima aos instrumentos musicais, na centralidade da arquibancada do escudo. No ordenamento das faixas, o grupo da Torcida Portão 10 conseguiu manter suas faixas verticais, porém não pôde colocar uma faixa no guarda-corpo do setor, ocupado por faixas da TOIC. Já a Raça Coral precisou colocar suas faixas na arquibancada superior (Figura 84).

Figura 84: Torcidas na arquibancada do escudo, e faixa da Raça Coral na arquibancada superior.



Fonte: Registrado pelo autor (MAI. 2023).

Este fenômeno de reocupação de espaços nas arquibancadas do Estádio do Arruda causou uma integração das torcidas e uma efervescência mais constante durante as

partidas. Em um momento de dificuldades esportivas, as torcidas parecem estar unidas em prol de apoiar o clube. Exemplo disso é que não se percebeu a Torcida Portão 10 cantando suas próprias músicas, mas sim participando das manifestações protagonizadas pela Inferno Coral. Além disso, o setor da arquibancada do escudo pôde ser plenamente ocupado por bandeirões levantados pela TOIC, como por exemplo, o bandeirão ilustrado na Figura 60, na Arquibancada da Barra do Canal, mas que em determinadas ocasiões, pode ser desfraldado na Arquibancada do Escudo (Figura 85).

Figura 85: Bandeirão tradicionalmente levantado pela Inferno Coral na arquibancada do escudo.



Fonte: Registrado pelo autor (MAI, 2023).

Este movimento de união, entretanto, possui uma expectativa de que os atletas e o time consigam bons resultados na temporada esportiva, resultando em um acesso à divisão superior à qual o clube se encontra. Esta expectativa pode ser vista em uma faixa, que parece ser ligada a Inferno Coral, mas estava localizada na arquibancada do escudo, e expressava que conseguir o acesso é obrigação do clube (Figura 86).

Figura 86: Faixa com os dizeres “O acesso é obrigação”.



Fonte: Registrado pelo autor. (JUN. 2023).

Esta faixa segue a lógica de transmitir uma mensagem que pode ser atrelada, nesse caso, ao entendimento de depósito emocional. Ou seja, a torcida se entrega e se dedica pelo clube e espera, em troca, um retorno, a glória da vitória, o bom curso das coisas da vida, que às vitórias em campo provocam emocionalmente aos torcedores (ROSENFELD, 2014).

A realocação da bateria, mencionada anteriormente, foi vinculada informalmente à Inferno Coral e remobilizou, inegavelmente, a arquibancada do escudo. Afinal, com a presença da bateria neste setor, torcedores identificados com à Inferno Coral passaram a se posicionar no entorno dos instrumentos. Os demais grupos tiveram que se reposicionar ou se inserir nas manifestações da TOIC. Em detrimento destas mudanças na arquibancada do escudo, se percebeu que durante o período de ocupação por membros da Inferno Coral, com instrumentos musicais, houve um aumento da presença de policiais neste setor, possivelmente motivada para acompanhar pessoas vinculadas a Inferno Coral. Após estas novas espacialidades, é possível afirmar que a arquibancada do escudo se tornou, momentaneamente, o setor mais pulsante do Estádio do Arruda, com grandes

agrupamentos no entorno da bateria (Figura 87), realizando os habituais cânticos e coreografias (Figura 88).

Figura 87: Torcida no entorno da bateria na arquibancada do escudo.



Fonte: Registrado pelo autor (JUN. 2023).

Figura 88: Coreografias do torcer



Fonte: Registrado pelo autor (MAI, 2023).

Contudo, em julho de 2023, foi permitido que a bateria pudesse ser posicionada na arquibancada do canal, fazendo com que houvesse uma migração de retorno dos seguidores da Inferno Coral para esse setor, resultando em uma reocupação da arquibancada do escudo da maneira que historicamente era utilizada.

5.3. Arquibancada Superior

A arquibancada superior passou por períodos que era aberto apenas nos jogos que se tem uma expectativa de grande público, jogos decisivos para vida esportiva do clube. Porém, durante o ano de 2023, o setor foi disponibilizado em todas as partidas, contando com os ingressos mais baratos. De todo modo, quando este espaço é disponibilizado para ocupação da torcida, se observa comportamentos de torcedores não-organizados comentando entre si o andamento da partida, sem grandes manifestações coletivas originadas neste setor. No que se refere ao jogo, o espaço também possui uma perspectiva de visão de jogo muito interessante para torcedores que gostam de discutir aspectos táticos das partidas (Figura 89).

Figura 89: Visão de jogo da arquibancada superior.



Fonte: Registrado pelo autor (jun. 2023).

As manifestações coletivas parecem ocorrer como reflexos do que ocorre na arquibancada inferior. Neste sentido, se observa muitos torcedores não-organizados, que assistem as partidas comentando entre si o jogo e fazem coro as canções que são proferidas nos demais setores do estádio. Também se observa, neste setor, admiradores das torcidas organizadas – principalmente da Inferno Coral – que se localizam próximos ao guarda-corpo da arquibancada, acima de onde se localiza a TOIC na arquibancada inferior, e observam os comportamentos dos membros desta torcida para repetir. Isto também ocorre com quem se localiza no centro da arquibancada superior, que, possuindo visão das manifestações dessa torcida organizada, podem replicá-los.

Ao longo dos anos de vivência do Estádio do Arruda, foi possível observar ocasiões em que membros de organizadas, como a Inferno Coral, Império Coral e Raça Coral, ocupavam a arquibancada superior. Geralmente isto ocorria no local acima de onde o grupo se localiza na arquibancada inferior, seja no setor do escudo, seja atrás da barra do canal. A arquibancada superior foi, e ainda é, muitas vezes utilizada como um espaço a mais de manifestação destas organizadas, sobretudo, com os bandeirões (Figura 90).

Figura 90: Bandeirões espalhados por todo o estádio.



Fonte: GOMES, 2013.

Durante o andamento do Campeonato Brasileiro da Série D de 2023, em que a Inferno Coral passou a se posicionar na arquibancada do escudo, se percebeu a torcida Raça Coral se posicionando na arquibancada superior, com faixas e bandeirões (Figura 91).

Figura 91: Faixas da torcida Raça Coral na arquibancada superior.



Fonte: Registrado pelo autor (MAI. 2023).

Como pontuamos algumas vezes, há uma crise institucional no Santa Cruz que impacta não apenas na qualidade esportiva dos elencos do clube, mas também em comportamentos da torcida. Um exemplo disto é que na decorrência do duelo entre Santa Cruz x Potiguar/RN, realizado pelo Campeonato Brasileiro da Série D de 2023, em 16 julho do mesmo ano, membros de um dos núcleos de bairros da Inferno Coral optou em assistir a esta partida junto da torcida Raça Coral, por observar neste grupo, em detrimento da TOIC, mais empenho nos protestos contra a diretoria do clube. Esta união pode ser vista na figura a seguir, em que há muitas pessoas vestidas predominantemente de branco, cor que remete a Inferno Coral, nos arredores de um grupo de pessoas vestidas predominantemente de vermelho, cor padrão da Raça Coral (Figura 92).

Figura 92: Torcida Raça Coral junto com membros da Inferno Coral, próximos da faixa do grupo, na arquibancada superior.



Fonte: Registrado pelo autor (JUL. 2023).

Nesta ocasião, foi possível perceber muitas manifestações oriundas deste grupo que, por vezes, dividiam as atenções com o que era cantado pelos membros da Inferno Coral que estavam na arquibancada do canal. Em alguns momentos, as canções reproduzidas por membros da Raça Coral somados com alguns membros insatisfeitos da Inferno Coral até superavam em volume os cânticos realizados pelo corpo principal da Inferno Coral, pois eram entoadas também por pessoas que estavam próximas, tanto na arquibancada do escudo, como na arquibancada superior.

Apesar de pontuais modificações nas espacialidades da torcida, a arquibancada superior mantém uma atmosfera mais pacata, na maioria das partidas. Após a partida, entre Santa Cruz x Globo/RN, realizada em 14 de junho de 2023, válida pelo Campeonato Brasileiro da Série D, o pesquisador vivenciou uma situação que demonstra bem a percepção geral da torcida tricolor sobre a arquibancada superior. Em uma estação de

metrô, uma hora após a partida, foi possível realizar uma conversa informal com torcedores, dentre os quais havia algumas pessoas que assistiram um jogo na arquibancada superior pela primeira vez. Os mesmos constataram que o local era o melhor para assistir à partida, mas que para a agitação, para a festa, prefeririam se localizar na arquibancada do escudo, que é onde se encontra a maioria das pessoas identificadas com a Inferno Coral, após a volta da bateria.

5.4. Arquibancadas Sociais

As arquibancadas sociais do Estádio do Arruda, ou apenas sociais, é o setor oposto à arquibancada do escudo, ocupado por sócios do Santa Cruz e dependentes. Por esta localização, possui uma visão frontal do campo, muito pertinente para quem gosta de se debruçar sobre os aspectos táticos das partidas (Figura 93).

Figura 93: Perspectiva das arquibancadas sociais sobre o campo.



Fonte: Registrado pelo autor (JUL. 2023).

Diferentemente dos setores anteriormente comentados, neste setor não se percebe a presença de policiais, embora haja seguranças privados nas grades que delimitam o setor e próximos do acesso ao gramado. Se percebe com este setor uma hierarquização das

torcidas, como afirma Gil (2006), mediada por perfis socioeconômicos no Estádio do Arruda. Este espaço, no que se refere a manifestações do torcer, é um local do qual dificilmente se originam canções que alcancem o *corpus* da torcida (GIULIANOTTI, 2012). As arquibancadas sociais é um setor ocupado por pessoas que vão em família ou em grupos. Muitos torcedores assistem às partidas sentados, embora, caso o jogo esteja tenso, é possível observar as pessoas predominantemente em pé. Durante a partida, as pessoas comentam entre si o seu andamento e ações dos jogadores, gritam tentando instruir os atletas e fazem coro às canções que surgem nos demais setores do estádio.

O que há de peculiar deste setor, em detrimento dos demais, é a proximidade do banco de reservas e do acesso entre campo e vestiário dos jogadores corais, elementos que propiciam mais proximidade com atletas e treinador. Neste setor, se percebe pessoas, principalmente crianças, que procuram atenção de atletas mais valorizados, que nas movimentações dos vestiários para o campo, ou o contrário, tanto no intervalo da partida, como após o fim do jogo, buscam alguma das chamadas relíquias por Morris (1981), como por exemplo, camisas utilizadas pelos atletas.

Por outro lado, quando a partida não está seguindo um desenvolvimento satisfatório para torcida, estes torcedores podem se aproveitar de sua proximidade para ofender o treinador ou algum atleta que não os agrada, sabendo que são altas as chances de serem ouvidos. Seja durante o intervalo ou após a partida, se o resultado do jogo, o desempenho de algum atleta, ou as escolhas do treinador não estiverem à altura, haverá pessoas aglomeradas o mais próximo possível do local de acesso para os vestiários, para assédios críticos e possivelmente desrespeitosos (Figura 94).

Figura 94: Jogadores na saída para os vestiários, com torcedores assediando atletas nas arquibancadas sociais.



Fonte: Registrado pelo autor (JUL. 2023).

5.5. Cadeiras cativas/camarotes

Localizado acima das arquibancadas sociais e cabines de imprensa, o setor de cadeiras cativas possui semelhanças com o setor de arquibancadas sociais. Assim como no setor anteriormente comentado, neste também não se percebe a presença de policiais, apenas seguranças privados, localizados próximos aos camarotes e a cadeiras reservadas a figuras ilustres. No aspecto socioeconômico, é possivelmente onde se encontram os torcedores com melhores condições financeiras, sendo o setor com ingressos mais caros.

Este setor é acessado por dentro da sede, ou pela Rua das Moças – localizada no ponto 7 da Figura 39 – que também é o acesso das arquibancadas sociais. Desta maneira, quem frequenta este espaço ou as sociais não utiliza as mesmas vias de entrada e saída imediatas de que quem vai para as arquibancadas superior, da barra do canal ou do escudo, o que pode criar cenários contrastantes. Exemplo disto ocorreu após episódios de violência depois do final da partida entre Santa Cruz X Potiguar/RN, já mencionada anteriormente. Neste dia, o pesquisador, que estava nas cadeiras cativas, não testemunhou confrontos na saída do estádio, enquanto pessoas que saíram do outro lado do estádio,

após estarem nos setores mais populares, presenciaram tais conflitos, correndo riscos de integridade física.

Também se assemelha às arquibancadas sociais, do escudo e superior, no que se refere a observações do campo, contando com perspectiva frontal para o gramado. Assim como nas arquibancadas sociais, este setor dispõe de assentos para o espectador, algo que não ocorre nos demais setores. A diferença, porém, é que nos assentos do setor de cadeiras cativas há encostos, o que permite maior conforto ao torcedor. Isto possivelmente justifica o fato da maioria dos torcedores acompanharem os jogos sentados (Figura 95).

Figura 95: Torcedores no setor de cadeiras cativas.



Fonte: Registrado pelo autor (JUL. 2023).

Apenas em momentos em que o gol parece ser algo eminente ou de fato se concretiza é que a maioria dos torcedores se levantam, mesmo em duelos tensos, quando demais setores do estádio permanecem com manifestações de torcer mais vibrantes. No entanto, se observarmos em segundo plano a Figura 95, é possível encontrar torcedores que se posicionam em pé entorno do guarda-corpo do setor. Alguns torcedores também se posicionam em pé no degrau mais alto do setor. Este setor também conta com camarotes na altura do último degrau da arquibancada. Estes espaços costumam ser

ocupados por diretores, atletas e familiares, além de conselheiros e possíveis autoridades (Figura 96).

Figura 96: Cadeiras de honra e camarotes do Estádio do Arruda.



Fonte: Registrado pelo autor (JUL. 2023).

Durante as partidas, os torcedores costumam conversar entre si sobre o andamento do jogo, gritam e xingam, mesmo que estejam distantes do campo, e fazem coro a alguns cânticos que são entoados nos demais setores do estádio. De todos os setores do Estádio do Arruda, é juntamente com a arquibancada da Rua das Moças, quando esse espaço é liberado a torcida coral e conta com públicos menores, o espaço mais calmo para assistir aos jogos do Santa Cruz. Sobre este ambiente, uma torcedora com vivência em diferentes setores, faz um comparativo que exemplifica o que se está afirmando:

Eu assisti [jogo do acesso ao Campeonato Brasileiro da Série B em 2013, contra o Betim/MG] no setor que deveria ser o de visitantes, que é o portão 6, na arquibancada inferior do setor 6 [Arquibancada da Rua das Moças], só que como naquele jogo tinha muita gente, inclusive mentiram o número né [número

do público da partida]? Mentiram naquele jogo o número, eles abriram, até porque não tinha tantos torcedores do Betim, botaram a torcida do Betim lá pra cima [Cadeiras cativas], e aí o setor 6 ficou pra torcida do Santa. E no outro [primeira partida da final da Copa do Nordeste 2016 contra o Campinense/PB], eu fui pras cadeiras né? Eu acho que a diferença, não sei, eu sinto, e eu senti mais vida na arquibancada né? Você sente pulsando muito, eu acho que as cadeiras parece muito distante sabe? O fato de você tá sentado também... Não ajuda muito né? Não ajuda a você sentir essa vida, a você sentir o Arruda pulsar mesmo. Eu senti ali [Nas cadeiras cativas], porque era um jogo que tava cheio, que tinha uma expectativa muito grande, mas mesmo assim não se compara a energia, e ao sentimento, e a vibração, e a pulsação da arquibancada, as cadeiras têm essa diferença sim. É um pessoal mais contido, assim, eles até cantam, algumas músicas, até tem um apelo nesse sentido, mas tem menos vida né? (Torcedora 1, 26 anos).

Neste sentido, é possível afirmar que, de fato, o setor de Cadeiras Cativas, embora também seja um ambiente de vivência e manifestação do torcer, não demonstra ocorrer na mesma intensidade e vibração que outros setores onde o estádio “*pulsaria*”, como afirmou a torcedora. Na fala da torcedora, também percebemos que, assim como comentado anteriormente, do mesmo modo que ocorre com a arquibancada da Rua das Moças, o setor de cadeiras cativas também pode receber torcedores da equipe adversária. Quando isto ocorre, é possível observar trocas de provocações entre tricolores e torcedores rivais. Além disso, é por parte dos torcedores do Santa Cruz presentes nas arquibancadas das cadeiras cativas que surgem as primeiras iniciativas de abafar sonoramente as manifestações de torcer dos adversários presentes neste setor.

5.6. O jogo entre campo e arquibancada

Como afirmado anteriormente, ações da torcida para com o jogo se iniciam muito antes do apito inicial do árbitro, começando o torcer a ser manifestado já mesmo no caminho para o estádio. No que se refere à relação entre campo e arquibancada, foi possível observar, através das atividades empíricas, que já no aquecimento dos jogadores se inicia diálogos entre atletas e torcedores sobre o fenômeno do jogo. Com a entrada da equipe tricolor para aquecer, começam alguns cânticos com nomes de determinados atletas do Santa Cruz e, em alguns casos, até mesmo do técnico, se tiver prestígio, partindo principalmente de torcedores membros da Inferno Coral. Quando o nome de um atleta é entoado, o jogador costuma sinalizar com gestos a retribuição da manifestação favorável da torcida sobre o mesmo. Já quando os adversários entram em campo para aquecer, mas também para o início do primeiro e segundo tempos, são vaiados pela torcida tricolor.

Com o início da partida, as manifestações de torcer e os diálogos entre campo e arquibancada variam muito a cada duelo. Em muitos duelos, foi possível constatar muitos cânticos e barulhos nos primeiros minutos de jogo para apoiar a equipe para realizar um gol. Este apoio é algo que se percebe ser sentido pelos jogadores. Em momentos que os atletas sentem que o time está próximo de realizar um gol, que o adversário está pressionado, é comum vê-los gesticulando para torcida, com uma mensagem de convocação, pedindo o apoio, a participação no jogo, através dos sons.

Quando a bola é interceptada dos pés adversários em circunstâncias importantes na partida, como por exemplo, afastar uma ameaça de gol nos minutos finais para garantir uma vitória, se observou situações em que os atletas vibram em direção a torcida, como se estivessem passando uma mensagem de que estão jogando com raça, e a torcida coral costuma reagir com aplausos e vibrações. Estes pedidos e manifestações dos jogadores costumam ser correspondidos por parte da torcida, embora em alguns casos foi visto adeptos, geralmente de maneira individual, respondendo ao manifesto do atleta com críticas, caso acredite que algo está reprovável na performance individual do jogador ou da equipe.

Se, em alguns momentos, são os atletas que pedem um apoio extra das arquibancadas para criar um estado de pressão contra o adversário, também foram observadas situações nas quais vieram das arquibancadas o estímulo para que os atletas pressionem os adversários. Isto ocorre quando a equipe não está apresentando uma

performance que cause incômodo na defesa adversária. Assim, as arquibancadas, que muitas vezes estão em um volume mais baixo, aumentam o barulho para tentar estimular a equipe no jogo.

O volume e a vibração das arquibancadas parecem sim ser, no caso da torcida com o time do Santa Cruz no Estádio do Arruda, diretamente proporcional à performance em campo realizada pelos atletas. Quando o time tricolor atua com pouca intensidade de jogo e o adversário não demonstra ameaça, o jogo em campo fica pouco intenso e, por vezes, isso contagia as arquibancadas. Porém, quando a baixa intensidade tricolor ocorre simultâneo a ameaças adversárias, surge uma situação de desconforto nas arquibancadas, com torcedores gritando, proferindo críticas aos atletas.

Quando este cenário adverso culmina em um final de primeiro tempo ou da partida com um placar indesejado, a torcida costuma vaiar o time. No caso do final do primeiro tempo, há um misto de vaias e aplausos. Quando há uma compreensão coletiva de que a equipe desempenhou uma boa performance, mesmo sem conseguir um placar satisfatório, a torcida valoriza o empenho, a raça dos atletas, e os aplausos tendem a ser predominantes em relação as vaias dos mais insatisfeitos. Além disso, os aplausos parecem ser feitos para apoiar os jogadores a realizarem um segundo tempo melhor. Na volta para a segunda etapa da partida, os adeptos também costumam aplaudir os atletas, mesmo descontentes com a performance da primeira parte do jogo.

Em alguns duelos de caráter mais decisivo para o aspecto esportivo do Santa Cruz, que é delicado, foi possível observar nos minutos que antecederiam a partida, manifestações mais vibrantes e efusivas, com o objetivo de estimular os atletas para conseguirem um bom rumo para vida do clube e dos torcedores. No campo, em algumas partidas estas manifestações pareceram surtir efeito, com a equipe performando em um nível mais intenso do que partidas sem grande caráter decisivo. Contudo, se o adversário demonstra perigo ou se o resultado desejado em um duelo decisivo não parece que vai se concretizar, com o decorrer do jogo, as arquibancadas parecem ficar sobre um aspecto de tensão. Esta tensão é manifestada sobre a ausência de cânticos ou coreografias, e muitos comentários e análises nervosas entre a torcida, além de possíveis críticas a atletas que não estejam performando de maneira agradável para os torcedores.

O desconforto da torcida coral e a tensão que as arquibancadas podem transmitir em jogos decisivos pode ser compreendido no contexto esportivo em que o Santa Cruz se encontra, de incerteza sobre o futuro. Afinal, diferente de outras equipes que estão em uma alta posição no cenário esportivo, uma derrota em duelo não necessariamente significa uma ameaça sobre o futuro do clube, embora machuque. Mas para o Santa Cruz uma derrota em um duelo decisivo do Campeonato Pernambucano ou do Campeonato Brasileiro da Série D podem sim trazer ameaças ao futuro do clube.

É neste contexto de incerteza sobre o futuro do clube que foi percebido em partidas no mês de junho de 2023, protestos contra o atual presidente do clube. As motivações dos protestos, como afirmado no terceiro capítulo, se justificam pelo entendimento de torcedores que a culpa pelo fato do clube se encontrar em situação crítica esportivamente se deve a gestores atuais do Santa Cruz. Além disso, há um anseio de muitos torcedores de que o clube se torne SAF e há suspeitas de que o poder sobre isso está concentrado na figura do presidente do clube. Na prática, os protestos foram vistos com cartazes e com torcedores entregando faixas com dizeres contra o presidente coral para quem se aproximava da entrada do estádio. Estas faixas continham a imagem do mesmo caracterizada semelhante a figura de um diabo. Assim, durante a partida quando coros contra o mandatário fossem entoados, os torcedores levantariam essas faixas (Figura 97).

Figura 97: Faixa contra presidente do Sana Cruz



Fonte: Registrado pelo autor (JUN. 2023).

Durante as partidas, quando um jogador que não atua bem na perspectiva da torcida e é substituído ele pode ser vaiado pelos torcedores. Nestas situações, é possível observar outros atletas aplaudindo o atleta vaiado pela torcida, em uma demonstração de comunicação divergente entre campo e arquibancada. As vaias também podem acontecer mesmo sem substituições, quando simplesmente um jogador, que é responsabilizado pela torcida por um gol sofrido, toca na bola. Porém, caso este atleta consiga se redimir, com a participação ou realização de um gol, o mesmo pode sair da condição de desprestigiado para prestigiado em segundos. Com isso, se percebe que as flutuações de humor, às quais Damo (2020) se refere, são algo realmente presente na relação da torcida tricolor com o time, evidenciando, assim, como a variação entre prestígio e desprestígio é algo tênue no futebol. Sobre as flutuações de humor, as mesmas são percebidas por alguns torcedores, como a seguinte fala demonstra:

Nos últimos anos, vejo com uma torcida extremamente exigente, por conta dos resultados, intolerante as vezes, sem paciência, e também

com uma certa passividade por conta das más gestões, formas políticas questionáveis do até então presidente, e a torcida falta uma movimentação, falta ter um pouco mais de força para mudar esse cenário. Quando eu tô, pelo menos nos últimos jogos desse ano [2023], que eu fui, era uma torcida que não tinha essa paciência para apoiar, criticava logo no início do jogo, nos primeiros erros [dos atletas] né? O estádio se passava até a ser um ambiente negativo para o clube, pro time que tá jogando. Até quando fazia um gol, se transformava pro lado positivo, mas se o jogo se arrastava para um zero a zero, acabava sendo um cenário adverso para os próprios jogadores do Santa Cruz. (Torcedor 2, 32 anos).

Ainda sobre estas flutuações de humor, as mesmas podem ser explicadas pelo que Rosenfeld (2013) afirma sobre os torcedores compreenderem de futebol. Os torcedores fazem análises dos jogos e vão avaliar os atletas. Uma torcedora por exemplo, ao relatar sobre a importância do Estádio do Arruda para o Santa Cruz conquistar bons resultados, considera que depende de como os atletas lidam com esse ambiente:

Eu acho que depende do time, tem time, eu acho, que tem medo, assim, da torcida do Santa. Eu acho que eu já presenciei elenco do Santa Cruz que era melhor não ir, assim. Tipo, porque, eles tinham medo, assim. Eu acho que é porque, tem alguns jogadores, em algumas fases que o Santa Cruz tá, quando o Santa Cruz tá em fases mais difíceis, como agora, que vem jogadores muito pequenos, e eles não entendem a dimensão do Santa Cruz. Eu acho que, quando o time entende a dimensão do Santa Cruz, ajuda muito, porque aí, eles viram uma coisa só, time, estádio, torcida, vira uma coisa só. Só que quando a gente ver elencos que não entendem a grandiosidade do Santa Cruz, eles se assustam né? Porque realmente, você numa segunda-feira, sei lá, num sábado de tarde, numa Série D, Série B, Série C, você tá botando 60 mil [pessoas], tipo,

eles não tão acostumados com isso. Eles jogam em times que não tem essa torcida, né? Por isso que digo que essa torcida também é única, porque com o tempo, ela não se desfez, ela se uniu, assim. Então, eu acho que quando um time, entende a grandiosidade do Santa, a torcida ajuda, quando o time não entende a grandiosidade do Santa, eles têm medo. Essa grandiosidade, as vezes dá medo em alguns jogadores, dá pra perceber. (Torcedora 1, 26 anos).

Estas flutuações de humor e prestígio também puderam ser presenciadas durante a pesquisa em atletas adversários que já jogaram no Santa Cruz. Isto ocorre por meio de xingamento pela torcida desde o aquecimento até durante a partida, quando estes jogadores passavam próximo a lateral do campo e, conseqüentemente, de torcedores mais próximos do guarda-corpo da arquibancada inferior, sobretudo a do escudo, por sua localização frontal. Um exemplo deste direcionamento de ofensas por parte da torcida ocorreu com o atleta Charles, que atuou em uma partida contra o Santa Cruz em 2022, com a camisa do Retrô/PE. Este atleta foi xingado em coro por torcedores, possivelmente pelo fato de que, quando jogou pelo Santa Cruz, era muitas vezes questionado e criticado pela torcida tricolor, por ter performances oscilantes. Vê-lo, então, com a camisa adversária, em um jogo decisivo, pode ter aumentado o desprestígio que possuía quando deixou de ser atleta do Santa Cruz. Outro caso vivenciado durante as atividades empíricas ocorreu em uma partida quando o jogador Tiago Costa, defendendo a camisa do Caruaru City/PE, jogou contra o time coral. Mesmo conquistando títulos e acessos enquanto atleta tricolor, foi alvo da torcida ao estar atuando contra a equipe tricolor em duelo decisivo pelo campeonato estadual de 2022. Neste caso, mesmo aquele que possuía prestígio indiscutível, foi desprestigiado mesmo que apenas durante o decorrer da partida.

Mesmo os ídolos sendo figuras tidas como simbólicas (HUIZINGA, 2000), por vezes consideradas sagradas dentro da dimensão do clube (TOLEDO, 2020), devido à volatilidade que o futebol proporciona, podem ser ressignificados pela torcida de maneira negativa (MORRIS, 1981). O caso de um torcedor do Santa Cruz com um atleta específico, evidencia esta variação:

O Carlinhos Bala pra mim ele era, ele foi o meu maior ídolo, até então, até ele ir pra o

clube adversário, o Sport, passou depois pelo Náutico, mas ele era um, ele era o meu maior ídolo. Quando eu era adolescente, ainda jogando bola, eu tentava me espelhar nele, “não, vou tentar ser Carlinhos Bala, jogar”. Então, eu vi Carlinhos Bala antes mesmo do acesso de 2005, eu vi Carlinhos Bala antes disso, acho que 2003, 2004, eu vi ele jogando juniores no Santa né? E aí ele, pra mim ele era meu maior ídolo no clube. (Torcedor 1, 33 anos).

No que se refere, ainda, às comunicações com os adversários, foi possível observar situações em que a torcida interpretava gestos reproduzidos pelos jogadores rivais como provocações. Dentre as manifestações dos jogadores adversários ao Santa Cruz tidas como provocações, se pode citar vibrações que demonstram uma raça ou vigor contrário ao tricolor, dedo na boca, indicando que o jogador está silenciando o Estádio do Arruda, ou ainda discutir de forma aparentemente mais ríspida com algum jogador coral. Estas atitudes de atletas rivais ocorrem geralmente motivadas por impedir um ataque tricolor; conter a pressão e intensidade de time e torcida; realizar um gol que quebra com as expectativas dos adeptos do Santa Cruz; alguma rusga que o jogador adversário cria ou já possui anteriormente com algum atleta tricolor; ou ainda, alguma relação de rivalidade histórica entre o jogador rival e/ou seu clube com o Santa Cruz e sua torcida. Quando um atleta rival realiza, então, um ato de provocação, seja para a torcida tricolor, ou para jogadores corais em campo, a torcida reage com vaias, xingamentos ou cânticos ameaçadores para o jogador rival.

O árbitro da partida e os auxiliares de arbitragem, assim como os atletas corais e rivais, também está passível de ser alvo de manifestações das arquibancadas durante as partidas. A diferença entre os atores da arbitragem e jogadores, é que o árbitro e seus auxiliares não realizam gestos que parecem ser direcionados para torcida, como atletas corais e adversários podem realizar. Contudo, em algumas circunstâncias, os torcedores compreendem que seus impulsos podem influenciar a arbitragem, como por exemplo, se um jogador coral perde a posse de bola com um ato que no olhar da arquibancada é faltoso, a torcida grita de maneira estridente e em coro, algo semelhante a um “ei”, que pode ser acompanhado pela marcação da falta pelo árbitro. Quando isto ocorre, é dito que o juiz “*marcou no grito*”. Em algumas situações, estes impulsos em forma de gritos,

também podem parecer aos torcedores, que estimula o árbitro a perceber uma falta adversária, com gravidade maior do que de fato foi, o que pode gerar penalizações, como os cartões amarelo e vermelho.

Porém, ao arbitrar de maneira divergente ao modo como os torcedores tricolores acreditam ser o certo, as ações de arbitragem se tornam os atos que proporcionam as manifestações das arquibancadas, geralmente negativas, com vaias, xingamentos e ofensas em coro. Muitas vezes, esta discordância da arbitragem é meramente clubista e passional, porém há casos em que adeptos compreendem a decisão da arbitragem, demonstrando, então, insatisfação com o atleta coral que pode ter cometido uma falta ou desistiu de uma jogada, esperando a marcação de uma falta inexistente. Quando a arbitragem incomoda excessivamente em uma partida, os árbitros também podem ser vaiados na ida ao vestiário no intervalo do jogo, ou na volta para o segundo tempo. Ao final das partidas vitoriosas, os árbitros não foram visualizados como alvos de críticas da torcida presente no jogo. Isto ocorre pois, em caso de vitórias, os torcedores conseguem superar frustrações contra à arbitragem, ocorrendo críticas entre si nas concentrações finais e retornos para casa. Em partidas nas quais o Santa Cruz é derrotado por influência da arbitragem, segundo adeptos, os árbitros também serão alvos de vaias e xingamentos após os jogos.

Além de jogadores do Santa Cruz, atletas adversários e árbitro, os torcedores tricolores também interagem com outras figuras durante a partida que não estão diretamente ligadas ao jogo. Este pode ser o caso de trabalhadores do setor midiático, que por vezes podem ser interpelados para que fotografem torcedores. Também existem interações mercadológicas com comerciantes que vendem comidas e bebidas. Neste âmbito social mais amplo, também há interações com agentes públicos, como bombeiros, quando há necessidade de alguém ser socorrido, e policiais, que muitas vezes são truculentos, como já exposto.

Estes comportamentos de manifestações de sentimentos podem corroborar o que Morris (1981) afirma sobre o jogo de futebol ser um momento em que sentimentos primitivos são externalizados. Neste sentido, é interessante observar as seguintes falas de torcedores do Santa Cruz, ao explicarem o que o clube e os jogos significam:

Pra mim, o Santa Cruz é tudo, assim, tipo, o Santa Cruz representa pra mim as

melhores coisas que o esporte pode proporcionar a uma pessoa né? Por que é um lugar onde eu consigo extravasar né? É um lugar onde eu consigo me sentir viva, assim, né? Acho que tem poucas coisas, poucas situações que deixam a gente viva, né? O Santa Cruz significa pra mim, vida, que é ali, onde eu consigo todos os tipos de emoção, felicidade, tristeza, nervosismo, ansiedade, então, pra mim, o Santa Cruz significa vida. Eu me sinto viva, quando eu vejo o Santa Cruz, nesse sentido. (Torcedora 1, 26 anos).

É muito bom você ir a campo de futebol, é uma energia positiva, é uma energia, é uma torcida que tem uma massa muito boa, uma gama muito boa de torcedores, e que anima, é uma distração, é pra ser cada vez melhor, tirando essas torcidas organizadas, e essas violências a parte. Mas é muito bom futebol, é uma distração, é uma higiene mental pra quem trabalha a semana todinha ralando, quer ver alguma coisa diferente, não tem uma coisa sem igual não do que ir pra campo de futebol não. (Torcedor 3, 61 anos).

[O estádio] é minha casa né, é a minha segunda casa, é o lugar onde eu sou feliz, um lugar onde eu encontro os meus amigos, é o lugar onde eu posso e extravasar, o lugar onde eu posso soltar um palavrão. Gritar bem alto um “porra!”, ou então até chorar, de tristeza, ou então chorar de emoção. Então é um ambiente que eu me sinto seguro de extravasar meus sentimentos. (Torcedor 1, 33 anos).

Por meio destas falas, fica evidente que os jogos do Santa Cruz, assim como as partidas de futebol para Morris (1981), são tidos como momentos para extravasar sentimentos. O Estádio do Arruda teria também esta função de ambiente de lazer, onde os indivíduos externalizam sentimentos, como felicidade, tristeza, nervosismo ou ansiedade. Como a Torcedora 1, informa na fala acima, o jogo pode ser uma oportunidade

de despertar um sentimento de se estar vivo para torcida e, sendo assim, é natural pensar que a partida do clube tricolor possui esse papel de dar um sentido de vida. As expressões dos sentimentos podem ser tidas como expressões simbólicas de energias primitivas de maneira organizada, algo inerente ao futebol (ROSENFELD, 2013). Estas manifestações, segundo Rosenfeld (2013), poderiam ser, em alguns casos, destrutivas e, neste sentido, poderia se pensar em membros de torcidas organizadas que se envolvem em episódios violentos, como afirma o Torcedor 3. Neste sentido, a experiência de vivenciar o Estádio do Arruda, os jogos do Santa Cruz, pode ser tida como algo de natureza predominante emocional, de origem primitiva, como ocorreria no torcer no futebol (MORRIS, 1981) e que, agindo enquanto descarga emocional, como afirmam os torcedores nas falas acima, poderia alcançar o divino, como ocorrem em ritos para Cassirer (2007). Além disso, percebemos também associação às ideias de Cassirer nas falas acima, quando os torcedores associam o Santa Cruz, e conseqüentemente, seus jogos, como sendo algo que garante sentido de vida ao torcedor, que vivencia um sentido de comunidade durante as partidas, sentindo energias especiais, assim como ocorreria com as pessoas que vivenciam os ritos para Cassirer (*Ibidem*). Já o estádio, vira um espaço especial, de pertencimento como afirmado por Giulianotti (2012), que é simbólico, que provoca energias aos torcedores, tal qual os círculos mágicos tratados por Huizinga (2000), espaços simbólicos de aura mágica afirmados por CASSIRER (2007).

Sobre o despertar do divino ainda, é interessante perceber que as falas apresentadas acima se relacionam também ao que afirma Anatol Rosenfeld (2013), sobre o jogo ser um rito em que se busca o bom curso das coisas da vida para os torcedores e que mistura festividade e crença, como a seguinte fala ilustra:

Já fui bastante [supersticioso], já fui bastante. Inclusive diziam, meus amigos falavam que eu era pé frio, então, eu levava essa carga às vezes de “a que se eu for pro Arruda o Santa perde ou empata”, aí quando o Santa ganhava, aí eu ficava tirando onda, mas quando perdia, ficava meio que na minha mente assim: “será que eu sou pé frio mesmo? Será que a culpa é minha? Que eu não tô ajudando o Santa Cruz, mas é isso né, hoje em dia eu não sou muito [supersticioso] mais não, mas já fui. Já tentei o crucifixo, eu... camisa não, camisa eu usava qualquer uma mesmo, do Santa, sempre com a camisa do time, mas independente, mas era mais a questão da minha presença mesmo, o meu coisa era mais disso. E eu tentando quebrar a maldição. Inclusive, muitos amigos dizem que

essa maldição foi a partir de um jogo do Sport, que tava Santa Cruz x Sport no Arruda, Santa Cruz com a vantagem na Copa do Nordeste, tava com a vantagem, e eu fui pra o jogo, e aí o Sport ganhou, e eu peguei essa mazela né. Mas acredito que a mazela já foi já. (Torcedor 1, 33 anos).

No caso da realidade esportiva do Santa Cruz, em que ocorrem muitas frustrações esportivas e consequentes decepções aos depósitos emocionais (GIULIANOTTI, 2012), é possível perceber que podem ocorrer abalos quanto aos sentimentos e costumes no torcer, como a fala acima e a seguir demonstram.

Já fui mais [supersticioso], desde o ano passado [2022], eu larguei um pouco a superstição, mas já fui mais. Do ano passado pra cá, eu larguei um pouco isso. Era a camisa, sempre usava a mesma camisa, às vezes até o mesmo short, depois fiquei só com a camisa, mas de um tempo pra cá, abandonei as superstições. Porque vi que era algo completamente da minha cabeça, que não tinha nenhum fundamento lógico, e que não retratava a vitória não. (Torcedor 2, 32 anos).

Durante as partidas se percebe também muitas interações entre torcedores. Basta um chute ou um passe muito errado, na perspectiva da torcida, para que uma pessoa insatisfeita e com necessidade de desabafar se dirija para alguém, até então estranho, e critique a ação do jogador. Se há concordância de ideias, os dois torcedores poderão seguir como amigos conversando durante a partida. Sobre isto, um torcedor relata a importância dos jogos, como momento de sociabilidade:

A sensação de tá no Arruda, é muito bom, porque você ver gente que nunca viu, contagia, você conversa com uma pessoa do lado, que tá sentada abaixo ou acima de você. Até pessoas de fora mesmo, como eu já assisti um jogo no Arruda, que quando vi tava um argentino lá, torcendo pelo Santa Cruz, achei muito interessante. Eu bem mais jovem, tava lá assistindo o jogo, quando eu vi, a gente começou a falar do futebol do Santa Cruz tudinho, e a gente trocou muitas ideias, porque a energia é muito

positiva, a energia do futebol não tem coisa melhor não. (Torcedor 3, 61 anos).

Em alguns casos, pode haver divergências, que resultam até em discussões mais ríspidas. Outro ponto interessante sobre a relação da torcida entre si durante as partidas, e relativamente comum em setores como a arquibancada do escudo ou arquibancadas sociais, é a discussão entre torcedores que querem assistir aos jogos sentados e torcedores que preferem acompanhar as partidas em pé. Isto geralmente ocorre quando torcedores que se posicionam em pé durante os jogos obstruem a visão de quem está sentado nos degraus posteriores da arquibancada mais próximos. Nestas situações, os torcedores que estão em pé alegam que o jogo é para ser acompanhado dessa maneira, que o local de acompanhar partidas sentado é em casa. Por outro lado, os torcedores que querem ver os jogos sentados afirmam que pagaram ingresso e têm direito de assistir sentado. Esta discussão, embora pareça irrelevante e inconclusiva, exemplifica que há uma espécie de tradicionalidade nos ritos de torcer nos estádios, mas essas nem sempre podem ser sólidas. Outro exemplo disto ocorre nos momentos de gols. Algumas pessoas possuem o hábito de comemorar gols arremessando copos de cervejas para o alto, porém alguns torcedores não gostam de se sujarem, mesmo durante a comemoração de um gol, gerando insatisfações. Neste sentido, se observa que os jogos, possuem um caráter de ritos, que são estes encontros em comunidade (CASSIRER, 2007). No entanto, é claro que diferente de algo religioso, as práticas míticas, no caso os jogos de futebol, não possuem dogmas rígidos (CASSIRER, 1992). Além disso, estes momentos de divergências também revelam um aspecto não harmonioso nas convivências das arquibancadas e que são percebidos por um torcedor:

Quando os resultados não vão bem, como têm sido com o Santa Cruz, a tendência é que isso crie uma hostilidade entre os torcedores, uma intolerância, uma falta de paciência. Então, o pavio fica extremamente curto, um pisão que você der no pé do torcedor, já é motivo pra ter briga e confusão. E as vezes, isso já acontece dentro da arquibancada. Somando a isso, aos maus resultados, que isso já historicamente causa já essa hostilidade dos torcedores, fazem eles quebrarem cadeiras, depredarem portão,

quebrarem o patrimônio do clube.” (Torcedor 2, 32 anos).

Para Giulianotti (2012), depósitos emocionais não correspondidos poderiam estimular comportamentos violentos. De maneira geral, como o discutido ao longo desta tese, o futebol possui tendências construídas historicamente de violência, justificado, por vezes, por se tratar o futebol como uma forma de extravasar sentimentos reprimidos pelas pessoas no cotidiano. Entre momentos de socializações positivas e negativas, a fala de um torcedor parece emblemática sobre o sentido de comunidade da torcida do Santa Cruz entre si:

Pra mim [o Santa Cruz], é família, é um sentimento familiar, sem o Santa Cruz, é como a morte de um parente sabe? Se o Santa Cruz morrer, é como meu avô, como a morte do meu pai, é um sentimento que eu nunca vou deixar. Então, o meu amor pelo Santa Cruz é a mesma coisa que o amor de um ente querido, como o meu avô, como o meu pai, que já se foram. Então, pra mim, guardo na memória, desde o tempo que nasci, guardo no um peito desde o tempo eu nasci. Então pra mim, é família. Antigamente, eu até dizia que era o meu maior amor. Mas aí, eu entendo que não é o maior amor, é família, é uma relação familiar. E tenho sorte que a maioria das pessoas da minha família também são torcedores do clube, e isso faz uma paixão, um amor familiar, um amor, um carinho, familiar, é um vínculo familiar. (Torcedor 1, 33 anos).

Por meio destes relatos, se percebe que os jogos do Santa Cruz causam um efeito predominante em seus torcedores de fortalecer o sentimento de comunidade e de unir a torcida, e, neste sentido, se assemelham mais uma vez a ritos, segundo interpretações cassirerianas. São ritos que também corroboram a ideia de que massa relativamente coesa de um *corpus* de torcida (GIULIANOTTI, 2012).

No âmbito dos funcionários do clube, se percebeu que os gandulas podem ser figuras que torcedores se relacionam de maneira amistosa. Por vezes, a figura do gandula parece passível de ser interpretado como um torcedor que se localiza mais próximo do

campo. Isto porque foi vivenciado situações em que gandula comenta momentos da partida com a arquibancada. Outra figura do clube que durante as partidas pode receber a atenção da torcida é o massagista do clube, conhecido como Catatau. Este funcionário é reconhecido pela torcida como uma pessoa que está há anos no clube, em momentos bons e ruins. Além disso, ele costuma ser responsável por chamar os atletas reservas que estão aquecendo, para irem até o treinador quando o mesmo decide colocá-los em campo. Para ir até os atletas que estão aquecendo, Catatau costuma correr de maneira que chama a atenção de torcedores, que costumam vibrar com sua corrida e criam expectativa sobre quem será chamado pelo mesmo para ir a campo.

Também chama atenção nos jogos, o funcionário que se veste de mascote do Santa Cruz, a cobra coral. Durante a partida em si, não se observa o mascote como uma figura ativa. Porém, nos intervalos dos jogos é comum encontrá-lo caminhando no entorno da arquibancada inferior, sendo procurado por torcedores para tirar fotos, sobretudo, as crianças (Figura 98). Neste sentido, é possível afirmar que o mascote coral é um atrativo para os pequenos tricolores, visto que ainda não estão na idade de compreender e sentir bem do que se trata o jogo ou o próprio Santa Cruz, como ocorre com os torcedores experientes, em qualquer clube.

Figura 98: Mascote coral interagindo com torcida.



Fonte: Registrado pelo autor. (MAI. 2023).

Outro ponto interessante sobre as relações entre o campo e a arquibancada se refere às tecnologias. Atualmente, é comum observar torcedores que utilizam de aparelhos eletrônicos, sobretudo os celulares durante os jogos. Estes usos, como afirmados anteriormente, ocorrem consideravelmente motivados por provações a amigos torcedores de clubes rivais. Porém, a utilização dos aparelhos celulares pode acontecer também para registros fotográficos de momentos do jogo ou para realizar coreografias com as lanternas dos aparelhos (Figura 99).

Figura 99: Manifestação da torcida do Santa Cruz com luzes



Fonte: Registrado pelo autor. (MAI. 2023).

Através destas manifestações, se percebe que, por mais que haja uma abstração da realidade externa ao jogo, tal qual ocorre em atividades lúdicas (HUIZINGA, 2000; RAMOS, 2019), em jogos de futebol essa abstração é parcial. Afinal, mesmo havendo uma concentração predominante do torcedor nos eventos da partida, há, em momentos de euforia ou celebração, contatos com realidade externa ao jogo, por meio dos aparelhos celulares e das redes sociais, mesmo que esse contato externo seja mediado pelo que ocorre na partida.

Percebe-se também que a torcida tricolor realiza muitas manifestações sonoras, talvez por acreditarem que esse é seu papel na arquibancada, fazer festa, garantir uma alma ao clube, tal qual Hasicic (2016) acredita ser o entendimento das torcidas sobre suas atuações. Com as atuações sonoras, torcedores do Santa Cruz, independente da oposição entre organizados ou não, impactam no jogo. Os atletas sentem essas manifestações sonoras, por vezes gesticulam como se quisessem mais barulho, comprovando a importância dessas manifestações e a importância da torcida para o jogo. Sobre a

percepção de torcedores corais sobre a própria torcida do Santa Cruz, é interessante perceber as seguintes falas:

Eu gosto de uma frase, que eu vi na internet, que eu sempre digo né? A torcida do Santa Cruz é a torcida que esculhamba qualquer pesquisa, né? Tipo, é uma torcida que ela não tá na internet, tipo, não toda né? Ela é uma torcida que tá na rua, que tá no boca a boca, e que tá nas horas boas e ruins, eu acho que essa é a principal característica, tipo, a gente abraça o Santa Cruz, independente que quem tá lá, independente da situação, a gente tá lá abraçando, né? Então, eu acho que a torcida do Santa Cruz, junto com o Arruda, são os maiores patrimônios, assim, e essa junção, Arruda e torcida, ela é mágica, né? Porque, naquele momento do estádio, tipo, eu pelo menos não consigo pensar em nada, né? Eu posso tá com todos os problemas do mundo, posso tá precisando resolver uma coisa muito urgente, mas quando eu tô ali, naquela vibração, é diferente, né? Acho que tem uma energia, e acho que a torcida do Santa é diferente por isso, assim, pelo menos das outras daqui do estado, eu vejo que a torcida do Santa Cruz ela tá ali sempre, né? Eu vejo muitas camisas do Santa Cruz, mesmo quando o Santa Cruz não tá jogando, né? Então, a gente tem que se apegar muito no amor né? A gente que torce pro Santa, porque se você se apegar a títulos, e a momento, é fácil abandonar o barco, então a gente tem que se apegar ao amor que a gente sente né? A vontade de tá ali, e ao sentimento que o Santa Cruz traz. Eu acho que cada um vai ter um sentimento específico, o meu, no caso, é essa questão do amor. (Torcedora 1, 26 anos).

A torcida é maluca, é doída, completamente varrida, que é pura paixão. Porque não tem atrativo, não existe um atrativo de beleza, do “ah, o time joga bonito, ah, o

estádio é bonito, ah, tem incentivos financeiros, de compre um [ingresso] ganhe outro”, não existe isso, não existe isso. A torcida ela só é movida pela paixão mesmo, pelo amor que não é explicado, um amor que foi construído, e a partir desse amor construído, é um amor que nunca se dissolve. Você pode ouvir, que “ah o time não joga, tá de férias, e tal”, mas é um amor que você construiu, e ele meio que tá lá preso, guardado, até o momento de soltar no dia do jogo, de você gritar, “é gol, porra, é gol do Santa”. Então, a gente guarda esse sentimento, que não é um sentimento que é explicado, é uma sensação de paixão. Eu lembro o autor colombiano Gabriel Garcia Marques tem um texto chamado juramento, e aí ele fala sobre a torcida do Junior Barranquilla, e aí ele diz que como ele se tornou um torcedor, e aí, ele fala exatamente que ele se torna um torcedor, é aquele momento que se torna a pessoa mais animalesca, o ser mais animalesco, que ele diz que não é mais um ser pensante, que é um ser que é movido ao puro sentimento da paixão, ao puro sentimento do amor, e ele tá lá, ia frequentemente, de 15 em 15 dias né, o jogo em casa, o jogo fora, ele tava lá frequente, visitando o seu templo, então pra mim, é a mesma situação, a torcida do Santa Cruz ela segue dessa forma, é o momento de extravasar esse amor que fica guardado no peito por longos dias. (Torcedor 1, 33 anos).

Para acrescentar à estas falas, é interessante observar as falas de um torcedor sobre como os seus sentimentos para com o Santa Cruz:

É um amor que a gente nutre desde criança, desde pequeno, mas com certeza os recentes resultados, recentes e aí, uma aspa de [20]17 pra cá, só acumulando fracassos, desilusões, até os anos que você almejava, num intervalo de 7 anos, tiveram apenas um ou dois anos minimamente bons, que você até imaginava

que teria um sucesso. Mas, foram decepções na hora h, nas horas decisivas, mas acho que só um ano mesmo que você realmente via um time digno, um certo orgulho. (Torcedor 2, 32 anos).

Percebe-se, então, que a torcida do Santa Cruz se compreende como uma coletividade que devota ao clube amor, de maneira passional, completamente passional. Como relatado ao longo desta seção pelas falas de torcedores, o Santa Cruz possui uma posição central na vida de seus torcedores. Os jogos no Estádio do Arruda são momentos de confraternização desta comunidade, que se compreende como irracional, pois o clube não compensa o depósito emocional, segundo os torcedores. Apesar disto, quando torcedores afirmam que o clube é como família, e que faz parte de suas vidas, garantem ao Santa Cruz um caráter superior às questões ordinárias cotidianas, o tornam algo mítico, mas que também é lúdico, pois através dos jogos do clube, seriam agraciados com alegrias, ou frustrados com tristezas, e assim, o curso de suas vidas são realizados.

Com relação ao Estádio do Arruda, os torcedores do Santa Cruz carregam grande apreço por este local, como as falas seguintes informam:

Eu digo que o ambiente é sujo, o ambiente é inóspito, mas é a minha casa. É um ambiente que você diz assim, não é um ambiente pra você levar uma pessoa que você tá afim, mas é a casa sabe? É o meu segundo lugar favorito, talvez o meu primeiro lugar favorito no mundo. Eu sinto saudade, sabe? Assim, de visitar ao Arruda. Pra mim, toda vez que eu passo assim, próximo ao Arruda, me dá um sentimento de saudade muito forte porque talvez, os dias mais felizes da minha vida eu passei ali, naquele lugar. (Torcedor 1, 33 anos).

Ah, eu acho que o Arruda é o palco né? Desse show da vida, o Arruda seria o palco, porque é ali onde tudo acontece né? Tipo, pra mim, o Arruda é um pouco a materialização do que é o Santa Cruz. Porque, é o patrimônio maior do Santa Cruz, assim, além da torcida, mas a torcida muitas vezes, se materializa naquele ambiente né? Dessa forma unida, e tal. A gente

torce fora daquele ambiente, mas naquele ambiente, é como se a torcida virasse uma entidade né? Então, aquele ali é o principal patrimônio do Santa Cruz. O Arruda é o lugar onde o sonho se materializa né? O sonho e o pesadelo em alguns casos também, mas eu prefiro me apegar aos sonhos. É o palco onde os sonhos acontecem, onde os sonhos se materializam, onde as memórias são construídas né? E onde dá pra viver o Santa Cruz, assim. Eu acho que claro, eu acho que vai ter gente que vai viver o Santa Cruz fora do Arruda, mas eu me sinto mais próxima ao Santa Cruz, quando eu vivo esses momentos no Arruda. (Torcedora 1, 26 anos).

Nestas falas, se percebe mais uma vez como o Santa Cruz recebe um contorno mítico quando é tratado enquanto entidade pela torcedora. Nas duas falas, fica evidenciado a importância do Estádio do Arruda enquanto espaço simbólico mítico-lúdico. É neste espaço que os torcedores conseguem se reunir em comunidade, conseguem vibrar e se emocionar junto ao clube e seu destino esportivo, através dos jogos, O Santa Cruz, seu estádio e sua torcida se unificam, com diferenças, distinções entre setores, mas que ao mesmo tempo se aproximam de uma unificação. É neste sentido que o estádio pode ser entendido enquanto espaço que pulsa, espaço com vida, quando através do jogo, o clube se materializa nesta junção entre campo e arquibancada, com os torcedores. Além disso, quando percebemos um discurso de saudade do estádio e dos eventos que ocorrem no mesmo, verificamos como este clube e lugar enquanto lúdicos alcançariam um patamar de lúdico sagrado, segundo Huizinga (2000), ao permear a rotina das pessoas que o vivenciam.

Com base em todo o exposto neste capítulo, é possível compreender o Estádio do Arruda enquanto espaço simbólico mítico-lúdico, pois assim como ocorrem nos espaços míticos, por meio dos ritos (CASSIRER, 2007), no Estádio do Arruda, os torcedores conseguem se reunir em comunidade, conseguem manifestar sentimentos íntimos, vivenciar este espaço de maneira mais emocional do que racional. Assim como ocorre nos círculos mágico, onde o lúdico ocorre (HUIZINGA, 2000), no estádio tricolor, a torcida expressa sentimentos que permeiam suas rotinas, buscando o prazer nas vitórias do clube. Afinal, diferente de outros seguimentos do futebol, os torcedores não recebem

nenhuma conquista financeira, apenas emocional. Nas partidas de futebol do Santa Cruz, no Estádio do Arruda, assim como ocorreriam nas partidas de futebol (ROSENFELD, 2013), os torcedores do clube pernambucano traçam parte de seus destinos junto ao clube, e nesse estádio, como poderia ser previsto na relação entre torcida e estádio, se sentem em casa (GIULIANOTTI, 2012).

Nos jogos do Santa Cruz, o amor e a fidelidade são demonstrados; a emoção se manifesta acima da racionalidade; surgem de sentidos de comunidade; vivências através de cantos e coreografias são realizadas; há a construção de pertencimento com o estádio como uma casa; e há a construção de memórias. É nesta junção de fatores, descritos em falas, em relatos do pesquisador a partir de atividades de campo, e, com registros fotográficos que estão expressos neste capítulo, que se torna possível compreender o Estádio do Arruda enquanto espaço simbólico mítico e lúdico, através dos sentimentos dos torcedores por este clube que, neste espaço, por meio dos jogos, conseguem se reunir entre si, torcida, mas também, com o clube a partir do torcer, a partir das influências nas partidas. Assim, o Estádio do Arruda é espaço simbólico mítico e lúdico de reunião, de manifestação de sentimentos, de pertencimento – mesmo com adversidades estruturais – e de festa, e a seguinte fala demonstra isso:

O Santa Cruz é muito forte dentro de casa né? É muita gente sabe? É muita gente influenciando no cântico, no berro, na torcida lá na bandeira. Você vê que as pessoas elas botam a fé, a sua fé, a fé tá presente muito, e essa fé, ela é meio que é passada pra os jogadores. Muitas vezes eu vejo os jogadores falando que essa fé da torcida, esse acreditar, a torcida falando que acredita, a torcida mostrando o amor, é um incentivo. Tem jogo que devido à qualidade do clube que não tá tão boa, tem jogo que é vencido a partir da força da torcida, na garra mesmo. É bola na área, subiu, a torcida gritando, e sai o gol. Então, muitas vezes é a força da torcida que faz o clube ganhar. O clube não é nada sem a torcida. Já é um exemplo muito forte que a torcida é ela que construiu o clube né. E hoje, o clube é mantido através da torcida mesmo, é o que mantém de pé. Hoje em dia, o clube não tem mais

riquezas, a maior riqueza é sempre a torcida.
(Torcedor 1, 33 anos).

O estádio de futebol passa a ser entendido enquanto espaço simbólico mítico-lúdico e, como tal, é compreendido como um espaço de conagração de festa, disputa, e rito, alcançando uma dimensão de alta importância para as pessoas que vivenciam, acima das questões cotidianas. Através do jogo há manifestações festivas, por meio de cânticos e coreografias, que buscam contribuir para o lado que se apoia na disputa lúdica, acreditando, depositando emoções, depositando fé, como afirma o torcedor na fala acima, ao torcer. Esta disputa, por sua vez, possui consequências emocionais para a equipe que disputa e para os torcedores, impactando em suas vidas. Contudo, embora a partida de futebol seja o cerne do evento que agrega estas pessoas, o rito do jogo vai além do duelo no gramado (SAYER, 2016), abarcando desde a saída do torcedor de casa até concentrações pelas ruas, após a partida.

O vínculo emocional entre estes torcedores e os clubes, o impacto que estes torcedores recebem das partidas dos clubes que apoiam, e a fé que depositam, consagram aos clubes, nesse caso ao Santa Cruz, uma dimensão mítica, para além do lúdico. Enquanto o Estádio do Arruda se torna espaço símbolo destas dinâmicas emocionais, espaço que agrega todas estas características, sentimentos, fé, festa, disputa, comunidade e pertencimento. Quem qualifica ao estádio estas características é a torcida, através de suas vivências. O Estádio do Arruda é preenchido de pregnância simbólica (CASSIRER, 2001), através de uma perspectiva mítica, e que também é lúdica, competitiva, sendo definido enquanto espaço simbólico no presente e reforçado pelo passado e para o futuro, com memórias que constroem este simbolismo.

Considerações Finais

Com o desenvolvimento desta pesquisa, se espera ter apresentado ao leitor considerações que ajudem a compreender como através das vivências dos torcedores do Santa Cruz no Estádio do Arruda, esse local se torna um espaço simbólico mítico e lúdico. Para colaborar no exercício de entendimento deste fenômeno, realizaremos a seguir, algumas reflexões sobre o que foi elaborado ao longo desta tese.

Através de averiguação empírica apresentada no capítulo 4, foi possível perceber que a iniciação às partidas começa antes do jogo, e não termina após o fim da partida (SAYER, 2016). Os caminhos para o estádio, assim como os arredores do mesmo, são espaços nos quais há dinâmicas ritualísticas, que seguem tradições segundo os torcedores, e que funcionam para iniciar e concluir o círculo mágico (RAMOS, 2019), que nesse caso seria um rito lúdico.

Acompanhando partidas do Santa Cruz nos diversos setores do Estádio do Arruda, foi possível identificar como a torcida pode ser uma massa heterogênea, com especificidades entre setores, mas que em diversas ocasiões pode realizar manifestações que envolvem o *corpus* da torcida (GIULIANOTTI, 2012), sobretudo através dos cânticos. Os cânticos demonstram ser de fato, uma das formas mais perceptíveis do torcer (MARRA, 2010). Além disso, foi possível perceber que apesar de possuírem uma dimensão conflituosa, as torcidas organizadas, sobretudo a Inferno Coral, possuem importantes contribuições para a coletividade das manifestações do torcer. Esta importância se destaca em especial, aos círculos mágicos (HUIZINGA, 2000), de cada partida, e para a aura de espaço simbólico (CASSIRER, 2011), do Estádio do Arruda.

Com relação as percepções dos torcedores do Santa Cruz, com relação ao clube e o Estádio do Arruda, se percebeu que os jogos possuem uma importância de expressão de sentimentos, que pode ser ilustrada na afirmação de (2013, p.105): “O futebol é uma expressão simbólica de energias primitivas, até destruidoras: é sua representação organizada.”. Neste sentido, o jogo enquanto lúdico, se aproxima de um rito mítico. Afinal, nas partidas, percebemos manifestações de torcedores agindo sobre os mais íntimos desejos individuais, influenciados pela coletividade da torcida, o *corpus* da torcida, em momentos com carga emocional tão alta que despertam assim como nos ritos, algo para além do comum, como citado em uma das entrevistas, uma entidade que, nesse caso, é futebolística. No caso desta tese, esta entidade seria o Santa Cruz, sua torcida, seu estádio e seus jogadores. O estádio, conforme muitas falas dos torcedores revelam, é um

espaço de encontro com o clube, mas também com uma comunidade de torcedores, alimentando um pertencimento com o local, e um sentido de vida, que compõe esta entidade futebolística. Nisto, os jogos se aproximam dos ritos, conforme Cassirer (2007). Desta forma, se percebe que o jogo é um evento para além de lúdico, mítico. E, na verdade, ambas dimensões configurariam o espaço que recebe as partidas, o estádio, enquanto simbólico. Quanto a ludicidade, a mesma possuiria um simbolismo através da torcer “como uma expressão lúdico-simbólica de controle humano e conformação de energias irracionais.” (ROSENFELD, 2013, p.106).

A relação dos torcedores com o clube, envolve uma dimensão histórica, sendo isso evidenciado no terceiro capítulo. As memórias foram percebidas como elementos fundamentais para compreensão dos adeptos do clube sobre o mesmo. O imaginário do Santa Cruz enquanto clube de origem popular, clube do povo, de história sofredora, permeia os discursos de torcedores sobre o clube. Este imaginário é apenas um de uma série de elementos que compõem o simbolismo que a torcida envolve ao estádio. Outros elementos seriam: a percepção do estádio enquanto local possível de manifestar sentimentos; de espaço de encontros comunitários; de espaço celebrativo; de espaço onde se sente vivo e que garante sentido de vida. É através destes elementos que são míticos e lúdicos, que a pregnância simbólica (CASSIRER, 2001), do Estádio do Arruda é realizada.

Através desta tese, é possível pensar que este fenômeno, do estádio de futebol enquanto espaço simbólico mítico-lúdico, pode ser algo que também se encontre em outras realidades, em outros clubes, seus estádios e suas torcidas. Afinal, o futebol é um fenômeno sociocultural brasileiro (CAMPOS, 2009), ou seja, é vivenciado em diversas partes do país. Neste sentido, a pesquisa contribui também, para compreender que as manifestações do torcer não ocorrem apenas no âmbito do estádio de futebol, mas também nos espaços urbanos, e até mesmo em redes sociais.

Com esta pesquisa, espera alcançar com a posterioridade, não apenas futuros estudos, mas também pesquisadores para registrar e compreender outras realidades. Com isto, poderá ser possível repensar os estádios brasileiros como espaços simbólicos que mereçam uma atenção da sociedade para sua preservação e valorização, algo que de maneira ainda incipiente, já ocorre (SCHIMIDT, 2020). Ter esta atenção e valorização dos estádios é também uma maneira de cuidar de um segmento da cultura brasileira tão importante para vida de quem os vivencia.

A partir desta tese surgiram algumas discussões que evidentemente não foram aprofundadas, para não fugir da questão central da pesquisa. No entanto, é válido ressaltar as mesmas como potenciais pesquisas a serem realizadas na posterioridade. Uma primeira questão neste sentido é justamente sobre o cuidado dos estádios, tendo em vista que o Estádio do Arruda possui problemas estruturais, pensar a gestão estrutural dos estádios, é algo que pode ser averiguado na posterioridade. Nisto, é possível incluir também, a questão da acessibilidade dos estádios perante diferentes corpos, não apenas por gênero. Outra discussão, que também pode ser mais bem trabalhada em outros estudos é a respeito das torcidas organizadas, e suas complexas relações com a sociedade e o Estado. Como apresentado nesta tese, as vivências das torcidas organizadas não podem ser reduzidas a um âmbito violento e conflituoso. Primeiro porque isto ignora a dimensão festiva, e porque não cultural que estes grupos proporcionam. e segundo, por ignorar também as desigualdades sociais que muitas vezes alimentam o aspecto violento (REIS e MARTINS, 2020). Apesar disto, acreditamos que a tese não realizou uma leitura sobre fenômeno de maneira a romantizar torcidas organizadas que se envolvem em episódios violentos, pois entendemos sim que isto deve ser corrigido. No entanto, é preciso atenção quanto as maneiras de lidar com isso para não incentivar normatizações dos estádios que busquem elitizar estes espaços (GIULIANOTTI, 2012; MASCARENHAS, 2019; FERRERIA, 2020). De toda forma, este debate deve ser ampliado em uma discussão própria, pois envolve outras questões sociais, inclusive do Estado que age muitas vezes com truculência, como foi percebido nesta tese por relatos de torcedores, e registros do pesquisador.

Além de temas e abordagens que não foram explorados com profundidade, por se considerar que haveria um distanciamento do objetivo central da pesquisa, é importante ressaltar outras limitações que compuseram a pesquisa. A pandemia, assim como o calendário esportivo do Santa Cruz, reduzido sobretudo no ano de 2024 – quando não disputou nenhuma divisão do Campeonato Brasileiro, limitaram a possibilidade de jogos a serem acompanhados em atividades empíricas.

Por fim, com a conclusão deste trabalho, se espera ter contribuído com os estudos nas ciências humanas acerca do futebol, sobretudo na Geografia, ao ter realizado uma abordagem que envolvem autores, discussões e perspectivas quanto ao tema, pouco usuais. Através das abordagens metodológicas escolhidas, se utilizando das construções de autores clássicos como Cassirer e Huizinga, sem perder a perspectiva geográfica, ao

evidenciar a compreensão do espaço simbólico mítico-lúdico, é que esta tese mais colabora com a ampliação das pesquisas e do pensamento geográfico. Apesar de serem pensadores considerados antigos, a pertinência dos mesmos para Geografia se comprova neste trabalho, na medida que conseguem agregar em uma perspectiva atual e sensível, sobre a temática do futebol. Estudar sobre futebol na Geografia, é algo de alto potencial como já foi demonstrado (MASCARENHAS, 2005; 2009; CAMPOS, 2009; COSME SANTOS, 2019), afinal, é um tema que abrange várias escalas e contextos. O futebol é vivido, no Brasil, na França, na Indonésia, em todas as partes do mundo, com variações, com diversidades nas quais, a Geografia pode abarcar. Neste contexto, pesquisas com a perspectiva da nossa, agregam, ao tratarem do tema, envolvendo quem os vivencia genuinamente, com sensibilidade, considerando a importância que este fenômeno possui nas vidas das pessoas.

Referências Bibliográficas:

ALABY, R. Por que alguns torcedores brasileiros têm tanto ódio do futebol moderno? **Torcedores.com**, 26 mar. 2015. Disponível em: <https://www.torcedores.com/noticias/2015/03/por-que-alguns-torcedores-brasileiros-tem-tanto-odio-do-futebol-moderno>. Acessado em: 26 jan. 2023.

ALBUQUERQUE, K. Dia da Consciência Negra: Laceria fundou o Santa Cruz e construiu sua marca mais forte. **Blog do Torcedor**, 20 nov. 2017. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/blogs/torcedor/2017/11/20/dia-da-consciencia-negra-laceria-fundou-o-santa-cruz-e-construiu-sua-marca-mais-forte/index.html>. Acessado em: 23 ago. 2022.

ALBUQUERQUE, K. “Nasceu e viverá eternamente”: Santa Cruz chega aos 106 anos. **Jornal do Comércio**, 03 fev. 2020. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/esportes/santa-cruz/noticia/2020/02/03/nasceu-e-vivera-eternamente-santa-cruz-chega-aos-106-anos-398821.php>. Acessado em: 29 mar. 2023.

ALEXANDRE, G. Eliminado na Série D, Santa Cruz está nas mãos do Retrô para ter calendário nacional em 2024. **Esportes DP**. 23 jul. 2023. Disponível em: <https://www.esportesdp.com.br/noticias/futebol/santacruz/2023/07/eliminado-na-serie-d-santa-cruz-esta-nas-maos-do-retro-para-ter-calen.html>. Acessado em: 26 jul. 23.

ALVES, C. Com ajuda de custo e alojamento, Santa Cruz estreia primeiro time próprio no futebol feminino. **GE**, 15 fev. 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/pe/futebol/times/santa-cruz/noticia/com-ajuda-de-custo-e-alojamento-santa-cruz-estrela-primeiro-time-proprio-no-futebol-feminino.ghtml>. Acessado em: 12 jun. 2023.

ALVES, G. **História do futebol em Pernambuco**. Recife: Governo de Pernambuco, 1978.

ANDRADE NETO, J. de. Gol mil de Pelé tem versão pernambucana, contra o Santa Cruz, na Ilha do Retiro. **GE**. 30 dez. 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/pe/futebol/noticia/2022/12/30/gol-mil-de-pele-tem-versao-pernambucana-contra-o-santa-cruz-na-ilha-do-retiro.ghtml>. Acessado em: 30 dez. 2022.

ANDRADE, R. Santa Cruz no Clube dos 13? **Jornal do Comércio**, 23 abr. 2010. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/blogs/torcedor/2010/04/23/santa-cruz-no-clube-dos-13/index.html>. Acessado em: 23 jan. 2023.

ANDRADE NETO, J. de. Relação Arruda e seleção tem hat-trick de Neymar, último gol de Zico, estreia do Fenômeno e arrancada para o tetra. **GE**. 03 mar. 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/pe/futebol/noticia/2022/06/268naugurcao-arruda-e-selecao-tem-hat-trick-de-neymar-ultimo-gol-de-zico-estrela-do-fenomeno-e-arrancada-do-tetra.ghtml>. Acessado em: 06 out. 2022.

ANJOS, Luiza Aguiar dos. Gremista e depois colorada: esse torcer também é legítimo? **Ludopédio**, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://ludopedio.com.br/arquibancada/gremista-e-depois-colorada-esse-torcer-tambem-e-legitimo/>. Acesso em 10 jul. 2021.

ARAGÃO, L. Um clube pra lá de centenário. **Blog de Lenivaldo Aragão**. 03 fev. 2023. Disponível em: <https://www.blogdelenivaldoaragao.com.br/2023/02/um-clube-pra-la-de-centenario.html>. Acessado em: 10 mar. 25.

BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BACKHAUS, G. Phenomenology/Phenomenological geography. **Elsevier**, Maryland, 2009.

BALE, J. The place of 'place' in cultural studies of sports. **Progress in Human Geography**, Newcastle, v.12, n.4, 1988. p. 507-524.

BALE, J. Virtual fandoms: 'futurescapes' of football". **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, nº 10, maio 1998.

BARBOSA, A. Torcedores do Santa Cruz comemoram título com festa na sede e mergulho na piscina do clube. **Diário de Pernambuco**, 01 mai. 2016. Disponível em: https://www.pe.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/santa-cruz/2016/05/01/noticia_santa_cruz,42195/torcedores-do-santa-cruz-comemoram-titulo-com-festa-na-sede-e-mergulho-na-piscina-do-clube.shtml. Acessado em: 08 fev. 2023.

BARREIRA, G. Saiba o que é a flecha de Oxóssi, simulada por Paulinho ao comemorar gol do Brasil nas Olimpíadas de Tóquio. **G1**, 22 jul. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/07/22/saiba-o-que-e-a-flecha-de-oxossi-citada-em-comemoracao-de-gol-do-brasil-na-olimpiada.ghtml>. Acessado em: 23 ago. 2022.

BECATTINI, N. Jogos mortais: o esporte que era febre nas civilizações maia e asteca. **360meridianos**. 27 jan. 2022. Disponível em: <https://www.360meridianos.com/especial/esporte-asteca>. Acessado em: 01 set. 2022.

BLOIS, C e OLIVEIRA, R. Estádio das Laranjeiras chega aos 100 anos com orgulho do passado e temor pelo futuro. **OGLOBO esportes**, 10 mai, 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/estadio-das-laranjeiras-chega-aos-100-anos-com-orgulho-do-passado-temor-pelo-futuro-23657393>. Acessado em: 23 ago. 2022.

BUTTNER, A. Lar, horizontes de alcance e o sentido de lugar. **Geograficidade**, Rio de Janeiro, v. 5., n. 1, 2015. p. 4-19.

BEZERRA, L. Torcidas organizadas lutam contra a proibição da entrada de instrumentos nos estádios em PE. **Brasil de fato**, 21 de junho de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefatope.com.br/2022/06/21/torcidas-organizadas-lutam-contr-a-proibicao-da-entrada-de-instrumentos-nos-estadios-em-pe>. Acessado em: 16 jan. 2023.

CAMPOS, F. R. G. **Uma geografia do futebol amador**: espaços de representação do futebol amazonense a partir do "peladão". 2009. Tese (Doutorado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra; Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

CAPELO, R. O que é SAF? Entenda formato que mudou o futebol brasileiro. **GE**, 02 set. 2022. Disponível em: <https://ge.globo.c269naugurais-do-esporte/noticia/2022/09/02/o-que-e-saf-entenda-o-formato-de-clube-empresa-que-mudou-o-futebol-brasileiro.ghtml>. Acessado em 26 jan. 2023.

CARRAPITO, M. A Lei Pelé e o Clube dos 13 acabaram com o Santa, diz diretor de futebol. **GE**. 26 ago. 2008. Disponível em:

https://ge.globo.com/Esportes/Noticias/Times/Santa_Cruz/0,,MUL736622-10073,00-A+LEI+PELE+E+O+CLUBE+DOS+ACABARAM+COM+O+SANTA+DIZ+DIRETOR+DE+FUTEBOL.html#:~:text=Procurado%20pelo%20GLOBOESPORTE.COM%2C%20o,dos%20anos%20houve%20erros%20administrativos. Acessado em: 10 mar. 25

CARVALHO, J. L. de. **Terra à vista: A obra do viajante-artista John Henry Elliot e a formação da província do Paraná no segundo reinado**. Tese (Doutorado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2018.

CARVALHO, D. Torcedor morre atingido por privada arremessada de estádio em Recife. **Folha de São Paulo**, 03 de maio de 2014. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2014/05/1449052-torcedor-morre-atingido-por-privada-arremessada-de-estadio-em-recife.shtml>. Acessado em: 12 nov. 2022.

CASSIRER, E. **A filosofia das formas simbólicas: Primeira Parte – A linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CASSIRER, E. **A filosofia das formas simbólicas: Terceira Parte – Fenomenologia do conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CASSIRER, E. **Linguagem e Mito**. São Paulo: Perspectivas, 1992.

CASSIRER, E. **O mito do Estado**. São Paulo: Códex, 2007.

CASSIRER, E. **The philosophy of symbolic forms: volume two – mythical thought**. London: Oxford University Press, 1955.

CASSUCI, B. “2007 tá pago”: com caixões, faixas e até drones, torcida do Corinthians vive revanche contra o Grêmio. **GE**, 05 dez. 2021. Disponível: <https://ge.globo.com/futebol/tim270nauguraçãoes/noticia/noticias-corinthians-torcida-gremio-serie-b.ghtml>. Acessado em: 23 ago. 2022.

CAVALCANTI, M. A história se repete e o Santa Cruz, mesmo em crise, traz jogador para “sacudir” a galera. **Jornal do Comércio**, 15 dez. 2023. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/blogs/torcedor/2021/12/14921860-a-historia-se-repete-e-o-santa-cruz-mesmo-em-crise-traz-jogador-para-sacudir-a-galera.html>. Acessado em: 02. fev. 2023.

CHARLESTON, S. The British football ground as a representation of home. **Journal of environmental psychology**. V. 29. 2009. P. 144-150

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Editora da UFSC, 3 ed., Florianópolis, 2007.

COSTA, B. Orgulho dos tricolores, Arruda nasceu com apoio da torcida e aval do Rei Pelé. **Super Esportes**. 03 fev. 2014. Disponível em:

https://www.pe.superesportes.com.br/app/noticias/especiais/santa-cruz-100-anos/2014/02/03/noticia_santa100anos,28312/orgulho-dos-tricolores-arruda-nasceu-com-apoio-da-torcida-e-aval-do-rei-pele.shtml. Acessado em: 23 ago. 2022.

COSTA, M. Crise explode no Santa Cruz, que busca paz com velhos conhecidos. **Última Divisão**, 09 mai. 2023. Disponível em: <https://www.ultimadivisao.com.br/crise-explode-no-santa-cruz-que-busca-paz-com-velhos-conhecidos/#:~:text=Depois%20de%20jogar%20a%20S%C3%A9rie,pouco%20otimistas%20para%20a%20torcida>. Acessado em: 02 fev. 2023.

CORALANTIFA. Nota de repúdio. **Instagram**, 1 abr. 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CNIHnF-rH9f/>. Acessado em: 17 jan. 2023.

CORALREGGAE. Instagram, 24 set. 2022. Disponível em: https://www.instagram.com/coralreggae2015_oficial/. Acessado em: 17 jan. 2023.

CRESWELL, T. **Place: A Short Introduction**. Oxford: Blackwell, 2004.

DAHIS, R. e BARTHOLOMAY, E. A covid-19 acabou com o efeito ‘mandante’ no Brasileirão? **NEXO**, 08 mai. 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2021/A-covid-19-acabou-com-o-%E2%80%98efeito-mandante%E2%80%99-no-Brasileir%C3%A3o>. Acessado em: 23 ago. 2022.

DAMO, A. S. Futebol e antropologia. In: GIGLIO, S. S.; PRONI, M. W. (Coord.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora UNICAMP, 2020.

DRUMOND, M. Entre políticos e paredros: as relações políticas do futebol brasileiro na primeira metade do século XX. In: GIGLIO, S. S.; PRONI, M. W. (Coord.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora UNICAMP, 2020.

ELIAS, N. e DUNNING, E. **Sports: readings from a sociological perspective**. Toronto: University of Toronto Press, 2017.

ESPM. O crescimento das Barra Bravas no futebol carioca. **ESPM**, 20 mar. 2017. Disponível em: <https://jornalismorio.espm.br/portal/o-crescimento-das-barras-bravas-no-futebol-carioca/>. Acessado em: 18 jan. 2023.

ESPN. Com recorde de público, Santa Cruz conquista acesso à Série B depois de seis anos. **ESPN**, 04 nov. 2013. Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/367105_santa-cruz-conquista-acesso-a-serie-b-depois-de-seis-anos-com-recorde-de-publico. Acessado em: 24 ago. 2022.

ESQUINAFEC. Da “campanha dos tijolos” à Minicopa: a saga da construção do Arruda. **ESQUINAFEC**, 6 nov. 2020. Disponível em: <https://esquinafutebolclubes.medium.com/da-campanha-do-tijolo-%C3%A0-minicopa-a-saga-da-constru%C3%A7%C3%A3o-do-arruda-789c858e72e6>. Acessado em: 24 ago. 2022.

FERREIRA, F. da C. Estádios e arenas como lentes privilegiadas para capturar as transformações do espaço urbano. In: GIGLIO, S. S.; PRONI, M. W. (Coord.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora UNICAMP, 2020.

FIALHO, V. Grupo organizado invade CT do Santa Cruz em protesto por melhora de desempenho na Série D. **Diário de Pernambuco**, 06 mai. 2022. Disponível em: <https://www.esportesdp.com.br/noticias/futebol/santacruz/2022/05/grupo-organizado->

invade-ct-do-santa-cruz-em-protesto-por-melhora-de-de.html. Acessado em: 02 fev. 2023.

GALEANO, E. **Futebol ao sol e a sombra**. Porto Alegre: L&PM, 1995.

GASPAR, J. O retorno da paisagem à geografia: apontamentos místicos. **Finisterra**. Lisboa, V. 36, n. 72. p. 83 – 99.

G1. Vídeos mostram correria e confusão entre torcedores do Santa Cruz e PM após jogo. **G1**, 17 jul. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/inauguraçãuco/noticia/2023/07/272naugueos-mostram-correria-e-confusao-entre-torcedores-do-santa-cruz-e-hápos-jogo-no-recife.ghtml>. Acessado em: 18 jul. 2023.

GE. Torcida vai ao Arruda, canta o hino e aplaude... a troca do gramado. **GE**, 24 dez. 2008. Disponível em: http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Times/Santa_Cruz/0,,MUL934356-10073,00-TORCIDA+VAI+AO+ARRUDA+CANTA+O+HINO+E+APLAUDE+A+TROCA+D+E+GRAMADO.html. Acessado em: 27 jul. 2022.

GE. Santa Cruz 1x0 São Paulo. No embalo da torcida, Santa bate São Paulo e leva decisão para Barueri. **GE**, 30, mai. 2011a. Disponível em: <https://ge.globo.com/jogo/copa-do-brasil-2011/30-03-2011/santháruz-sao-paulo.html>. Acessado em: 10 jul. 23.

GE. Santa Cruz chega ao fim de 2011 liderando média de público no Brasil. **GE**, 08 dez. 2011b. Disponível em: <https://ge.globo.com/pe/futebol/times/santa-cruz/noticia/2011/12/santa-cruz-chega-ao-fim-de-2011-liderando-media-de-publico-no-brasil.html>. Acessado em: 24 ago. 2022.

GE. Democracia corinthiana: entenda o que foi e como se organizou o movimento contra a ditadura. **GE**, 09^ajun. 2020a. Disponível em: <https://ge.globo.com/fute272nauguraçãoorinthians/noticia/ultimas-noticias-corinthians-democracia-corinthiana-movimento-contraditadura.ghtml>. 24 jan. 2023.

GE. HD do GE: Santa x Sport em 1999 teve estreia de Mancuso, caneta histórica e Arruda superlotado. **GE**, 25 mar. 2020b. Disponível em: <https://ge.globo.com/pe/noticia/hd-do-ge-santa-x-sport-em-1999-teve-estreia-de-mancuso-caneta-historica-e-arruda-superlotado.ghtml>. Acessado em: 24 ago. 2022.

GE. Herói em 2005, Reinaldo lembra caminho turbulento até acesso do Santa Cruz: “foram dias difíceis”. **GE**, 28 mai. 2020c. Disponível em: <https://ge.globo.com/pe/futebol/times/santa-cru272naugicia/heroi-em-2005-reinaldo-lembra-caminho-turbulento-ate-acesso-do-santa-cruz-foram-dias-dificeis.ghtml>. Acessado em: 24 ago. 2022.

GE. Globo reprisa Santa Cruz e Portuguesa, pela Série B de 2005, neste domingo. **GE**, 25 mai. 2020d. Disponível em: <https://ge.globo.com/pe/futebol/times/santa-cruz/noticia/globo-reprisa-santa-cruz-e-portuguesa-pela-serie-b-de-2005-neste-domingo.ghtml>. Acessado em: 24 ago. 2022.

GE. Torcida do Corinthians faz campanha para recorde de público na arena na final do futebol feminino. **GE**, 12^aset. 2022a. Disponível em:

<https://ge.globo.com/fute273nauguraçãoorinthians/noticia/2022/09/12/torcida-do-corinthians-faz-campanha-para-recorde-de-publico-na-arena-na-final-do-brasileiro-feminino.ghtml>. Acessado em: 24 jan. 2023.

GE. Pesquisa mostra Flamengo e Corinthians como maiores torcidas do Brasil; veja o ranking. **GE**. 19 jul. 2022b. Disponível em:

<https://ge.globo.com/sp/futebol/noticia/2022/07/19/pesquisa-mostra-flamengo-e-corinthians-como-maiores-torcidas-do-brasil-veja-o-ranking.ghtml>. Acessado em: 06 out. 2022.

GERCHMANM, L. Somos azuis, pretos e brancos. Porto Alegre: AGE editora, 2 ed, 2016.

GIGLIO, S. S. A “minha preocupação era jogar futebol”: relações entre futebol e ditadura. In: GIGLIO, S. S.; PRONI, M. W. (Coord.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora UNICAMP, 2020.

GIL, A. C. O projeto na pesquisa fenomenológica. In: **Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos**. 4., 2010, Rio Claro. Anais. Disponível em:

<https://arquivo.sepq.org.br/IV-SIPEQ/Anais/>. Acessado em: 13 dez. 2024.

GIL, G. J. “Te sigo a todas partes”. *Pasión y aguante en una hinchada de fútbol de un club del interior*. **Intersecciones em antropología**, Buenos Aires, N. 7, 2006.

GIL FILHO, S. F. Geografia das formas simbólicas em Ernst Cassirer. In: BARTHEDELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia** [online]. Salvador: EDUFB; Edições L'Harmattan, 2012, pp. 47-66.

GIL FILHO, S. F. Reflexões sobre religião e mito na fenomenologia de Ernst Cassirer. **Quadranti** – Rivista Internazionale di Filosofia Contemporanea – Volume III, n. 1-2, 2020. p. 7-23.

GIULIANOTTI, R. Fanáticos, seguidores, fãs e flanares: uma taxonomia de identidades de torcedor no futebol. **Recorde: Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, Volume 5, número 1, junho de 2012.

GOMES, D. Santa Cruz inicia venda de ingressos para jogo com CRB pela Copa NE.

GE, 16 jan. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/pe/futebol/times/santa-cruz/noticia/2013/01/santa-cruz-inicia-venda-de-ingressos-para-jogo-com-crb-pela-copa-ne.html>. Acessado em: 27 jan. 2023.

GONZAGA, V. Na Zona Norte, Arruda surge como bairro após surgimento das maxabombas no Recife. **Brasil de Fato**, 14 jan. 2020. Disponível em:

<https://www.brasildefatope.com.br/2020/01/14/na-zona-norte-arruda-surge-ha-bairro-apos-surgimento-das-maxabombas-no-recife>. Acessado em: 23 ago. 2022.

G.R.T.O. Inferno Coral. **Facebook**. Disponível em:

https://www.facebook.com/GRTOINFERNOCORALOFICIAL/about/?ref=page_internal. Acessado em: 19 jan. 2023.

G.R.T.O. Inferno Coral. **Instagram**. Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/CnuIngArzyt/>. Acessado em: 06 nov. 2024.

GUSTAVO, J. Sport vence por 1x0, mas o Santa Cruz é campeão pernambucano.

Diário de Pernambuco, 15 mai. 2011. Disponível em:

https://www.pe.superesportes.com.br/app/18,103/2011/05/15/noticia_santa_cruz,9658/sport-vence-por-1-x-0-mas-o-santa-cruz-e-campao-pernambucano.shtml. Acessado em: 23 ago. 2022.

HAESBAERT, R. **Por amor aos lugares**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

HALLEY, B. M. As vilas e becos do Arruda (Recife – Brasil): nos recantos de um bairro, a maternidade de um lugar. **X EGAL (Anais)**, São Paulo, 2005.

HASICIC, G. Hinchas e identidad. Alcances y limitaciones de la ética del aguante.

Perspectivas de la Comunicación; Temuco, vol. 9, no. 2. 2016.

HOFIG, P e BRAGUETO, C. R. Considerações sobre geografia e futebol: produção do espaço urbano e apropriação do território. **Terra Plural**. Ponta Grossa, v.7, n.1. p. 79-92. 2-13.

HOLANDA, F. Crise financeira, mudanças e grupo ‘rachado’: Zé Teodoro analisa erros do Santa Cruz em 2022. **Diário de Pernambuco**, 18 ago. 2022. Disponível em:

<https://www.esportesdp.com.br/noticias/futebol/santacruz/2022/08/crise-financeira-mudancas-e-grupo-rachado-ze-teodoro-analisa-erro.html>. Acessado em 02 fev. 2023.

HOLGADO, F. L. e TONINI, I. M. As paisagens e o futebol. **Revista de geografia PPGEU UFJF**. Juiz de Fora, V.2 N°2. P. 1-10. 2012.

HOLLANDA, B. B. de e CHAIM, A. Ordem & progresso nas arquibancadas: jornalismo esportivo e a gênese das torcidas organizadas de futebol durante o regime político do estado novo (1937-1945). In: GIGLIO, S. S.; PRONI, M. W. (Coord.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora UNICAMP, 2020.

HOLLANDA, B. B. de. Torcidas, linchadas e barras: a problemática torcedora em escala continental. In: HOLLANDA, B. B. B.; AGUILAR, O. R. **Torcidas organizadas na América Latina: estudos contemporâneos**. Rio de Janeiro: 7letras, 2017.

HOLZER, W. O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para geografia contemporânea. Rio de Janeiro, **GEO-graphia** -Ano V - No 10 – 2003. p. 113-123.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, Coleção Estudos, v. 4, 2000.

JC. Alepe analisa possibilidade de discutir retorno das torcidas organizadas em Pernambuco. **JC**, 07 de dezembro de 2022. Disponível em:

<https://jc.ne10.uol.com.br/blogs/torcedor/2021/12/14918252-alepe-analisa-possibilidade-de-discutir-retorno-das-torcidas-organizadas-em-pernambuco.html>. Acessado em: 16 jan. 2023.

JUNIOR, G. Com medo de violência nos estádios, torcidas LGBT usam redes sociais como arquibancadas. **Estadão**. São Paulo, 2019. Disponível em:

<https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,com-medo-de-violencia-nos-estadios-torcidas-lgbt-usam-redes-sociais-como-arquibancadas,70003081775>. Acesso em: 16 abr. 2021.

LANCE. Barcelona bate novo recorde de público no futebol feminino. **LANCE**, 22 abr. 2022. Disponível em: <https://www.lance.com.br/futebo275nauguracional/barcelona-bate-novo-recorde-de-publico-no-futebol-feminino.html>. Acessado em: 24 jan. 2023.

LANCE. Pernambuco Imortais fecha parceria com Santa Cruz Futebol Clube. **Lance**, 26 mai. 2023. Disponível em: <https://www.lance.com.br/fu275nauguracaicano/pernambuco-imortais-fecha-parceria-com-santa-cruz-futebol-clube.html>. Acessado em: 12 jun. 2023.

LIMA, E. J. S. Da chegada à institucionalização: os primeiros passos do futebol pernambucano. **XXVI ANPUR** (anais), São Paulo, 2011.

LIMA, E. J. S. **Recife entra em campo**: história social do futebol no Recife (1905-1937). Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura Regional) – Departamento de História, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 2013.

LIMA, M. P. FIFA, COI e a censura a Jesus. **Correio Brasiliense**, 25 dez. 2020. Disponível em: <https://www.correiobra275naugure.com.br/opinioao/2020/12/4896901-fifa-coi-e-a-censura-a-jesus.html>. Acessado em: 23 ago. 2022.

LIMA, R. C. de. Os Gigantes do “Novo Nordeste” e a Minicopa de 1972. **Ludopédio**, São Paulo, v. 141, n. 33, 2021.

LINHAS, G–upo de Estudos - Mundo Dentro e Fora das 4. Estádios construídos durante a ditadura militar no Brasil e concentração urbana. **Ludopédio**, São Paulo, v. 145, n. 44, 2021.

LINCOLN, A. CharGE: Após #4 rodada, Leão feliz da vida tira onda com o Vovô. **GE**, 21 ago. 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/ce/futebol/noticia/charge-gececeara-fortaleza-vitoria-4-rodada-derrota.ghtml>. Acessado em 12 jun. 2023.

LIRA de Y. Com gol nos acréscimos, Santa Cruz vence Campinense e sai na frente na final do Nordestão. **Diário de Pernambuco**, 28 abr. 2016. Disponível em: https://www.pe.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/santa-cruz/2016/04/28/noticia_santa_cruz,42132/com-gol-nos-acrescimos-santa-cruz-vence-campinense-e-sai-na-frente-na-final-do-nordestao.shtml. Acessado em: 23 ago. 2022.

LOPES, L. Mulheres passaram 40 anos proibidas por lei de jogar futebol no Brasil. **Jornal da USP**, 13 jun. 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/mulheres-passaram-40-anos-sem-poder-jogar-futebol-no-brasil/>. Acessado em: 10 jun. 2023.

LUCCHESI, G. Com passivo de R\$ 292 milhões, presidente do Santa Cruz questiona números de balanço financeiro. **Diário de Pernambuco**, 02 mai. 2023. Disponível em: <https://www.esportesdp.com.br/noticias/futebol/santacruz/2023/05/com-passivo-de-r-292-milhoes-presidente-do-santa-cruz-questiona-numer.html>. Acessado em: 12 jun. 2023.

- LYRA, E. O tricolor Aristófanos de Andrade. **Edmar Lyra**. 16 jun. 2020. Disponível em: <https://www.edmarlyra.com/o-tricolor-aristofanes-de-andrade/>. Acessado em: 13 jan. 2023.
- MAGRI, D. Mohamed Salah, orgulho mulçumano que emociona o Egito. **El País**, 15 jun. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/11/deportes/1528737417_639625.html. Acessado em: 23 ago. 2022.
- MARANDOLA JR, E. Heidegger e o pensamento fenomenológico em geografia: sobre os modos de existência. **Geografia**. Rio Claro, v. 37, n.1. p. 81-94. 2012.
- MARINHO, M.; CORNELSEN, E. L. Quando a preparação faz a diferença: o “Planejamento México” e a Seleção Brasileira de 1970. **Ludopédio**, São Paulo, v. 131, n. 2, 2020.
- MARQUES, J. C. Esportes e os meios de comunicação no Brasil: vícios e virtudes de um matrimônio secular. In: GIGLIO, S. S.; PRONI, M. W. (Coord.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora UNICAMP, 2020.
- MARQUES, J. V.; MATTAR, T. Reinaldo, sobre ditadura militar: “fiquei muito isolado, sofrendo todo tipo de ataque”. **Superesportes**, 31 mar. 2019. Disponível em: https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/interior/2019/03/31/noticia_interior,575665/reinaldo-sobre-ditadura-militar-fiquei-muito-isolado-sofrendo.shtml. Acessado em: 24 jan. 2023.
- MARRA, P. S. O som como elemento da experiência urbana do futebol. **XXXIII Intercom** (anais), Caxias do Sul, 2010.
- MASCARENHAS, G. (2009). Várzeas, Operários e Futebol: Uma outra Geografia. Rio de Janeiro, **GEOgraphia**, 4(8), 84-92.
- MASCARENHAS, G. A geografia das copas: o Brasil urbano em 1950. In: GIGLIO, S. S.; PRONI, M. W. (Coord.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora UNICAMP, 2020.
- MASCARENHAS, G. À geografia dos esportes: uma introdução. **Revista eletrônica de geografia y ciências sociales**. Barcelona, n. 35, 1999.
- MASCARENHAS, G. A mutante dimensão espacial do futebol: Forma simbólica e identidade. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 19-20, p. 61-70, 2005.
- MASCARENHAS, G. O direito ao estádio. **Ludopédio**, São Paulo, v. 119, n. 12, 2019.
- MASCARENHAS, G. Pacificação e exclusão: o estádio de futebol na produção da cidade-espetáculo. **XVI ENANPUR** (anais), Belo Horizonte, 2015.
- MASSEY, D. Um sentido global de lugar. In: ARANTES, A. A. (Coord.). **O espaço da diferença**. Campinas: Paprius, 2000. p. 176-185.
- MATOS, J. E. de. Advogada arma plano para trazer barra-brava deportado de volta ao Brasil. **ESPN**, 10 jun. 2014. Disponível em:

http://www.espn.com.br/noticia/416915_advogada-arma-plano-para-trazer-barra-brava-deportado-de-volta-ao-brasil. Acessado em: 19 jan. 2023.

MATTOS, R. Após um ano de lei, Brasil já tem 24 clubes SAF e há previsão de expansão. **UOL**, 11 ago. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/rodrigo-mahá/2022/08/11/apos-uháano-de-lei-brasil-jhátem-24-clubes-saf-e-ha-previsao-de-expansao.htm>. Acessado em: 24 jan. 2023.

MEDEIROS, T. Santa Cruz empata com o Treze e volta à série C do Brasileiro. **GE**, 17 out. 2011. Disponível em: <http://ge.globo.com/futebol/brasileirao-serie-d/noticia/2011/10/santa-cruz-empate-com-o-treze-e-volta-serie-c.html>. Acessado em: 23 ago. 2022.

MENDIONDO, L. In: HOLLANDA, B. B. B.; AGUILAR, O. R. **Torcidas organizadas na América Latina: estudos contemporâneos**. Rio de Janeiro: 7letras, 2017.

MORRIS, Desmond. **The Soccer Tribe**. London: Cape. 1981.

MOTA, I. Ex-treinador do futebol feminino do Santa Cruz fala sobre fim do time: “não houve respeito”. **Diário de Pernambuco**, 10 set. 2022. Disponível em: <https://www.esportesdp.com.br/noticias/futebol/santacruz/2022/09/ex-treinador-do-feminino-do-santa-cruz-fala-sobre-fim-do-time-u2018n.html>. Acessado em: 24 jan. 2023.

MOTA, P. Presidente do Santa Cruz e comissão da SAF divergem sobre possíveis investidores. **Diário de Pernambuco**, 04 jan. 2023. Disponível em: <https://www.esportesdp.com.br/noticias/futebol/santacruz/2023/01/presidente-do-santa-cruz-e-comissao-da-saf-divergem-sobre-possiveis-in.html>. Acessado em: 27 jan. 2023

MOTA, A. e CARVALHO, B. Festa do Fortaleza no fim da Série A atraiu bilionário russo, diz agente. **GE**. 17 jan. 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/ce/futebol/times/fortaleza/noticia/festa-do-fortaleza-no-fim-da-serie-a-atraiu-bilionario-russo-diz-agente.ghtml>. Acessado em: 21 set. 2022.

MOVIMENTO CORALINAS. A gente enverga, mas não quebra. **Instagram**, 17 jan. 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cng8AU3LjkG/>. Acessado em: 19 jan. 2023.

NASCIMENTO, J. G. Copa União 87: o que nunca é discutido. **Ludopédio**, São Paulo, v. 132, n.61, 2020.

NETO, J. de A. Santa Cruz tem maior média de público do Pernambucano, e Sport lidera em arrecadação. **GE**. 08 abr. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/pe/futebol/campeonato-pernambucano/noticia/2024/04/08/santa-cruz-tem-maior-media-de-publico-do-pernambucano-sport-lidera-em-arrecadacao.ghtml>. Acessado em: 13 nov. 2024.

NETTO, M. N.; CAVALCANTE, S. Futebol e capitalismo global: mercadorização do esporte e a formação de uma cultura neoliberal. In: GIGLIO, S. S.; PRONI, M. W. (Coord.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora UNICAMP, 2020.

NUNES, R. Pesquisa aponta Sport como a 14ª maior torcida do Brasil; Santa é 20ª e Náutico não consta na lista. **Folha de Pernambuco**. 19 jul. 2022. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/esportes/pesquis-a-aponta-sport-como-a-14a-maior-torcida-do-brasil-santa-e/234213/>. Acessado em: 13 nov. 2024.

PADIN, G. A história por trás do Old Firm, o clássico que transcende o futebol na Escócia. **El País**, 09 set. 2016. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/09/deportes/1473453485_035376.html#:~:text=Os%20conflitos%20e%20diverg%C3%A4ncias%20n%C3%A3o,ex%2Djogador%20d o%20Celtic\)%20Maurice](https://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/09/deportes/1473453485_035376.html#:~:text=Os%20conflitos%20e%20diverg%C3%A4ncias%20n%C3%A3o,ex%2Djogador%20d o%20Celtic)%20Maurice). Acessado em: 23 ago. 2022.

PASSARELI, V. Torcidas organizadas anunciam fim das brigas após suposta ordem do PCC. **Metrópoles**, 16 fev. 2023. Disponível em: <http://www.metropoles.com/sao-paulo/torcidas-organizadahnunciam-fim-das-brigas-apos-suposta-ordem-do-pcc>. Acessado em: 12 jun. 2023.

PINHEIRO, C. L. M. “O sequestro dos estádios de futebol: a dimensão simbólica das novas arenas e a guinada antifascista transnacional nas torcidas”. **Locus: Revista de história**, 27, n.1 (2021): 338-264.

PIRES, B. O dia em que Reinaldo marcou um gol contra a ditadura. **EL PAÍS**, 04 jun. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/01/deportes/1527862375_020869.html. Acessado em: 24 jan. 2023.

PLACAR. Show de Sandy & Júnior faz Palmeiras jogar Libertadores no Pacaembu. **Placar**, 27 set. 2021. Disponível em: <https://placar.abril.com.br/placar/show-de-sandy-junior-faz-palmeiras-jogar-libertadores-no-pacaembu/>. Acessado em 28 ago. 2022.

PORTÃO 10. Cabe a nós. **Instagram**, 25 jul. 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CgdFKETuXcg/>. Acessado em: 08 fev. 2023.

PORTÃO 10. Dia Internacional contra LGBTFOBIA. **Instagram**, 17 mai. 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CdrM17DIPMT/>. 19 jan. 2023.

PRADO, M. No embalo da torcida, Santa bate São Paulo e leva decisão para Barueri. **GE**, 30 mar. 2011. Disponível em: <http://ge.globo.com/jogo/copa-do-brahá-2011/30-03-2011/santa-cruz-sao-paulo.html>. Acessado em: 23 ago. 2022.

RÁDIO JORNAL. Torcida do Sport lota setor de visitante do Arruda na final das multidões. **Twitter**, 4 mai. 2016. Disponível em: <https://twitter.com/radiojornalpe/status/728028727595151362/photo/1>. 08 fev. 2023.

RECIFE. Arruda. **Prefeitura do Recife**, S/N. Disponível em: <https://www2.recife.pe.gov.br/servico/arruda>. Acessado em: 27 jan. 2023.

REIS, H. H. B. dos e MARTINS, M. Z. Futebol, violências e a política democrática no Brasil. In: GIGLIO, S. S.; PRONI, M. W. (Coord.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora UNICAMP, 2020.

RELPH, E. **Place and Placelessness**. Londres: Pion Limited, 1976.

RELPH, E. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. de (Coord.). **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 1-32.

ROCHA, S. Torcida atravessa um século de paixão incondicional pelo Santa Cruz. **GE**, 06 fev. 2014. Disponível em: <http://ge.globo.com/pe/futebol/times/santa-cruz/noticia/2014/02/torcida-atraversa-um-seculo-de-paixao-incondicional-pelo-santa-cruz.html>. Acesso em: 11 fev. 2022.

RODRIGUES, J. Seleção do Irã jogou com padrão do Santa Cruz e virou ‘queridinha’ no Arruda. **Folha de Pernambuco**, 25 mar. 2020. Disponível em: ht279naugurww.folhape.com.br/esportes/selecao-do-ira-jogou-com-padrao-do-santa-cruz-e-virou-queridinha-no-ar/134786/. Acessado em: 23 ago. 2022.

RODRIGUES, N. **A pátria de chuteiras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

ROSENFELD, A. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectivas, 2013.

SCHIMIDT, T. Com sede tombada, São Cristóvão se junta a Fluminense, Vasco, Lusa e Bangu: "Será útil para nós". **GE**, 22 abr. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/rj/serra-lagos-nortehatebol/noticia/com-sede-tombada-sao-cristovao-se-junta-a-fluminense-vasco-e-bangu-sera-muito-util-para-nos.ghtml>. Acessado em: 27 nov. 2024

SÁ, J. Decreto-lei que proibiu a prática de futebol feminino completa 80 anos. **GE**, 14 abr. 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-feminino/noticia/decreto-lei-de-proibicao-da-pratica-do-futebol-por-mulheres-completa-80-anos.ghtml>. 17 jan. 2023.

SANTA CRUZ. Decisão se joga no Arruda. **Instagram**. 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Cg7ytarJdKC/>. Acessado em: 06 out. 2022.

SANTA CRUZ. No pátio, onde tudo começou. **Instagram**, 03 fev. 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CoN8UqfpX1s/>. Acessado em 08 fev. 2023.

SANTA CRUZ. Porque o Santa é o Santa, Os primeiros anos. **Online**. Disponível em: <http://www.santacruzpe.com.br/futebol/os-primeiros-anos/>. Acessado em: 25 ago. 2022. Online a.

SANTACRUZ. Conheça outros esportes do Santa Cruz; clube tem investido em diversas modalidades. **Online**. Disponível em: [http://www.santacruzpe.com.br/conheca-outros-esportes-do-santa-cruz-clube-tem-investido-em-diversas-modalidades/#:~:text=Atualmente%2C%20contamos%20com%20Futebol%20Feminino,em%20negocia%C3%A7%C3%B5es%20com%20jogos%20eletr%C3%B4nicos](http://www.santacruzpe.com.br/conheca-outros-esportes-do-santa-cruz-clube-tem-investido-em-diversas-modalidades/#:~:text=Atualmente%2C%20contamos%20com%20Futebol%20Feminino,em%20negocia%C3%A7%C3%B5es%20com%20jogos%20eletr%C3%B4nicos.). Acessado em: 10 jun. 2023. Online c.

SANTA CRUZ. Dois hinos, duas histórias, Online. Hinos e escudos. **Online**. Disponível em: <http://www.santacruzpe.com.br/o-clube/hinos-e-escudos/>. Acessado em: 25 ago. 2022. Online, d.

SANTOS COSME, B. U. dos **“Domingo eu vou pro Arrudão”**: Territórios da torcida do Santa Cruz F.C. nos dias de jogos no Estádio do Arruda. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Centro de Ciências e Filosofia, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2019.

SANTOS dos D. São Januário completa 93 anos: dez curiosidades e motivos para o Vasco se orgulhar de seu estádio. **Jornal o povo**, 21 abr. 2020. Disponível em: <https://jornalpovo.com.br/2020/04/21/sao-januário-completa-93-anos-dez-curiosidades-e-motivos-para-o-vasco-se-orgulhar-do-estadio/>. Acessado em: 23 ago. 2022.

SAYER, J. Football Stadia: A love of place. **Medium**, 29 fev. 2016. Disponível em: <https://medium.com/@jasonsayer/football-stadia-a-love-of-place-ccc55b1d821d> Acessado em: 28 jun. 2020.

SERPA, A. **Por uma geografia dos espaços vividos: geografia e fenomenologia**. São Paulo: Contexto, 2019.

SILVA, G. C. E. **Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983)**. 2015. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SILVA, L. O dia em que Ramon, artilheiro do Santa Cruz, ofuscou o Rei Pelé no Arruda. **Blog do Torcedor**, 25 out. 2020. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/blogs/torcedor/2020/10/25/o-dia-em-que-ramon-artilheiro-do-santa-cruz-ofuscou-o-rei-pele-no-arruda/index.html>. Acessado em: 23 ago. 2022.

SILVA, M. R. **O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais,

SILVA, M. A. S. da. **O eu, o outro e o(s) nós: a geografia das emoções à luz da filosofia das formas simbólicas de Ernst Cassirer (1874-1945) e das narrativas de pioneiros da igreja messiânica mundial**. 2019. Tese (Doutorado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

SILVA, R. F. F. da. Disputa de poder nas cidades: onde foram parar os campos de futebol de várzea? **Ludopédio**, São Paulo, v. 143, n. 29, 2021.

SILVA, S. R. da e CAMPOS, P. A. F. A experiência do torcer no (dito) “futebol moderno”. In: GIGLIO, S. S.; PRONI, M. W. (Coord.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora UNICAMP, 2020.

SOUSA, C. Banheiros, gramados e laudos: Santa Cruz se prepara “reabrir” Arruda em 2022. **GE**. 31 out. 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/pe/futebol/times/santa-cruz/noticia/2022/10/31/banheiros-gramado-e-laudossanta-cruz-se-prepara-para-reabrir-arruda-em-2023.ghtml>. Acesso em: 04 de nov. 2022.

SOUSA, C. Advogado refuta constituição de SAF no Santa Cruz centrada no executivo: "Mentira". **GE**. 10, jun. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/pe/futebol/times/santa-cruz/noticia/2023/06/10/advogado-refuta-constituicao-da-saf-no-santa-cruz-centrada-no-executivo-mentira.ghtml>. Acessado em: 12 jun. 2023. 2023b.

SOUSA, C. Pernambuco terá torcida única em clássicos e jogos do Nordeste; instrumentos musicais liberados. **GE**. 30 jan. 2023. Disponível em: <https://281nauguro.com/pe/futebol/noticia/2023/01/30/reuniao-na-fpf-determina-liberacao-dos-instrumentos-musicais-mas-veta-torcida-visitante-em-classicos.ghtml>. Acesso em: 24 de abr. 2023a.

SOUZA, A. Nelson Rodrigues: o futebol e a identidade nacional. **Offlattes**. 28 nov. 2022. Disponível em: <https://offlattes.com/archives/12722>. Acessado em: 04 jul. 2023.

SOUZA, D. A. Mitos, futebol e identidade nacional (1930-1983). In: GIGLIO, S. S.; PRONI, M. W. (Coord.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora UNICAMP, 2020.

SOUZA, F. dos S. Como surgiu o Clube dos 13: da ascensão a queda de um sonho frustrado. **Trivela**, 7 mai. 2021. Disponível em: <https://trivela.com.br/brasil/como-surgiu-o-clube-dos-13/>. Acessado em: 23 jan. 2023.

SOUZA, A. Nelson Rodrigues: o futebol e a identidade nacional. **Offlattes**. 28. nov. 2022. Disponível em: <https://offlattes.com/archives/12722>. Acessado em: 28. jun. 2023.

SOUZA, M. L. de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

SPAGGIARI, E. Futebol e antropologia. In: GIGLIO, S. S.; PRONI, M. W. (Coord.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora UNICAMP, 2020.

TEIXEIRA, R. da C. **Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas**. São Paulo: ANNABLUME, 1 ed, 2004.

TOLEDO, L. H. de Garrincha, Pelé e Maradona: o sagrado esportivizado em tempos de iconoclastia futebolística. In: GIGLIO, S. S.; PRONI, M. W. (Coord.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora UNICAMP, 2020.

TUAN, Y. F. **Topofilia: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012.

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar: a observação da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

TC CORAL. Chegada do expresso coral – Santa Cruz x Campinenses – Copa do Nordeste. **Youtube**, 28 abr. 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wBJTb4TRR8I&ab_channel=TVCoral. Acessado em: 08 fev. 2023.

UOL. Torcedor do Santa Cruz invade campo para ensinar o goleiro a defender; veja. **UOL**, 24 abr. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas->

noticias/lancepress/2022/04/24/torcedor-do-santa-cruz-invade-o-campo-para-ensinar-o-goleiro-a-defender-assista-o-video.htm?cmpid=copiaecola. Acessado em: 09 jun. 2023.

UOL. Real Madrid muda seu escudo por causa de dinheiro dos Emirados Árabes. **UOL**, 25 nov. 2014. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2014/11/25/real-madrid-muda-seu-escudo-por-dinheiro-dos-emirados-arabes.htm#:~:text=Real%20Madrid%20muda%20seu%20escudo%20por%20dinheiro%20dos%20Emirados%20%C3%81rabes,-Clube%20retirou%20a&text=A%20altera%C3%A7%C3%A3o%20relacionada%20ao%20patrocinador,quest%C3%A3o%20religiosa%20frequentemente%20gera%20conflitos>. Acessado em: 24 ago. 2022.

WALZBURIECH, D.; MARCHIORI, G. Figueirense protocola pedido de recuperação extrajudicial e corre risco de decretar falência. **GE**, 12 mar. 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/sc/futebol/times/figueirense/noticia/figueirense-protocola-pedido-de-recuperacao-judicial-em-meio-a-maior-crise-em-quase-100-anos.ghtml>. Acessado em: 24 jan. 2023.

ZANIN, L. Nelson Rodrigues e o mito do futebol. **Revista USP**, São Paulo, n.96, p.-136-144. 2013.

ZIRPOLI, C. Timbu articula lugar no Clube dos 13. **Esportes**, 14 mar. 2009. Disponível em: Acessado em: <https://blogs.diariodepernambuco.com.br/esportes/2009/03/14/timbu-quer-lugar-no-clube-dos-13/comment-page-1/>. 23 jan. 2023.

ZIRPOLI, C. 10 curiosidades sobre o Arruda, o maior estádio particular do NE há 50 anos. A casa do Santa. **Cássio Zirpoli**, 31 de mai. 2022a. Disponível em: <https://cassiozirpoli.com.br/10-curiosidades-sobrehá-arruda-o-maior-estadio-particular-do-ne-ha-50-nos-a-casa-do-santa/#:~:text=Em%201970%2C%20o%20est%C3%A1dio%20j%C3%A1,850%20mil%20pelo%20antigo%20Bandepe>. Acessado em: 23 ago. 2022.

ZIRPOLI, C. Inauguração do Arruda acabou com um carma antigo do Recife: o recorde de público. **Esportes**, 19 out. 2017. Disponível em: <https://blogs.d282nauguraçãoambuco.com.br/esportes/2017/10/19/inauguracao-do-arruda-acabou-um-carma-antigo-do-recife-o-recorde-de-publico/>. Acessado em: 23 ago. 2022.

ZIRPOLI, C. Os primeiros campos de futebol do Recife. **Esportes**, 18 mar. 2015. Disponível em: <https://blogs.diariodepernambuco.com.br/esportes/2016/05/01/santa-cruz-o-terror-do-nordeste/>. Acessado em: 23 ago. 2022.

ZIRPOLI, C. Pesquisa em PE mostra 34% de torcida para o trio de ferro e Flamengo em 3º lugar. **Cássio Zirpoli**. 12 out. 2021. Disponível em: <https://cassiozirpoli.com.br/pesquisa-em-pernambuco-aponta-3o-de-torcida-do-trio-de-ferro-e-flamengo-em-3o-lugar/>. Acessado em: 06 out. 2022.

ZIRPOLI, C. Santa Cruz, o terror do Nordeste. **Esportes**, 1 mai. 2016. Disponível em: <https://blogs.diariodepernambuco.com.br/esportes/2016/05/01/santa-cruz-o-terror-do-nordeste/>. Acessado em: 23 ago. 2022.

ZIRPOLI, C. PE Feminino chega à 20ª edição, mas com apenas 13 jogos em 2022; vale vaga no BR. **Cássio Zirpoli**, 15, out. 2022. Disponível em: <https://cassiozirpoli.com.br/pe-feminino-chega-a-20a-edicao-mas-com-apenas-13-jogos-em-2022-vale-vaga-no-br/>. Acessado em: 12 jun. 2023.

Apêndices:

Anexo 1: Entrevista torcedora 1:

Como se tornou torcedora do Santa Cruz?

(Me tornei torcedora do Santa Cruz) ... Por causa do meu pai. A minha família é bem dividida, tem uma parte que torce pro Sport, tem uma parte que torce pro Santa. O meu pai torce pro Santa, e ele sempre gostou de futebol. Então, ele nunca teve preconceito de não me inserir porque eu sou mulher, né? Pelo contrário, como na época eu era filha única, ele sempre me puxou assim, pra torcer pro Santa, ele sempre comprou camisa pra mim, quando era pequena, eu lembro. Eu lembro também, que sempre tinha bola de futebol na minha casa, então, a gente sempre jogava futebol e tudo mais, e os momentos que a gente tinha era sempre assistindo futebol né? Então, o Santa entrou na minha vida dessa forma, então foi através do meu pai, e sobrevivendo as zueiras dos meus primos, que eram do Sport.

Você costuma ir a jogos do Santa Cruz?

Sim, costumo, a primeira vez que eu fui né? Inclusive, com meu pai, isso também ajudou pra que eu fosse Santa, porque eu não lembro de detalhes do jogo, mas lembro da sensação que eu tive quando eu entrei no Arruda, né? Tipo, eu tinha 7 anos, foi em 2005. Eu não lembro qual era o time, eu lembro que o Santa ganhou de 1x0, e era um time azul. E aí, eu lembro da sensação que eu tive quando entrei. Tipo, se eu fechar o olho, eu consigo ter a visão do lugar onde eu tava né? Pode até que seja uma visão distorcida, mas é a memória que eu tenho, se eu fechar o olho, eu lembro da visão que eu tinha ao fechar o olho, sabe? E eu lembro que eu tinha aqueles álbuns de brasileiro, e eu lembro que quando eu cheguei em casa eu fui correndo anotar que o Santa Cruz tinha ganhado de 1x0. Então, foi a primeira vez que eu fui, e eu costumo ir sempre. Foi isso, me pegou de um jeito, me afetou de um jeito, me impactou de um jeito muito forte né?

Que jogos lhe marcaram no Estádio do Arruda?

Pra mim o principal, é Santa Cruz x Betim, pra mim, aquele jogo eu chorei assim. Eu chorei naquele jogo, porque eu achei que o Santa Cruz nunca mais fosse voltar para aquela situação assim. Então foi tipo, um choro de alívio, de felicidade, de sabe tipo, nossa, voltamos assim. Foi naquele jogo, com gol de Caça-Rato e tal. E eu nunca tinha visto o Arruda tão cheio. Então teve essa questão emocional também, ligada ao ambiente.

Eu nunca vi o Arruda daquele jeito, e aquele ambiente me impactou assim né? E aí, teve esse choro e tudo mais. Um outro jogo, que pra mim foi muito impactante, foi 1x1 da Copa do Nordeste né? Do primeiro jogo contra o Campinense. Aquele jogo foi diferente, porque eu vi ele das cadeiras. Um amigo do meu pai, de painho, ele deu o ingresso pra gente. Eu, painho, e minha irmã, e a gente viu das cadeiras, lá em cima. Então é uma vivência diferente, mas que foi muito marcante. Não foi como o jogo do Betim, que eu tava na arquibancada mesmo, mas foi muito marcante, porque a atmosfera, também, era muito diferente, era muito especial.

Que diferenças você percebe entre as cadeiras cativas para arquibancada?

Eu acho que a diferença, não sei, eu sinto, e eu senti mais vida, na arquibancada né? Você sente pulsando muito. Eu acho que as cadeiras parece muito distante sabe? O fato de você está sentado também, não ajuda muito né? Não ajuda muito a você sentir essa vida, a você sentir o Arruda pulsar mesmo. Eu senti ali, porque era um jogo cheio, tinha uma expectativa muito grande, mas mesmo assim, não se compara a energia, e o sentimento, e a vibração, e a pulsação da arquibancada. As cadeiras têm essa diferença assim. É um pessoal mais contido assim. Eles até cantam algumas músicas, até tem um apelo nesse sentido, mas, tem menos vida né?

Há mais algum jogo que tenha lhe marcado?

Então, eu tava pensando aqui, em alguns jogos, em algum jogo triste, eu tava pensando, mas não tem assim. Eu não consigo, deve ter tido, mas eu abstraio assim, eu acho que as memórias positivas são as melhores. Um outro jogo também marcante, impactante, foi aquele que a gente foi contra o Atlético Acreano. Porque aquele jogo ali, foi tipo, foi uma prova de amor. Eu vejo como uma prova de amor. Porque chovendo, uma segunda-feira, Recife se acabando de chuva, porque a gente sabe, quem mora em Recife sabe, choveu acabou. E eu que moro em Afogados, é um bairro que tipo, eu tava indo, e meio que não sabia se ia voltar. Porque se continuasse aquela chuva, Afogados alaga, enfim, fica um caos. Então pra mim, aquele jogo foi muito marcante, porque tipo, é um pouco o DNA da torcida do Santa né? Segunda-feira de noite, um jogo que não valia nada, tipo, era só mais um jogo, e a gente tava lá, embaixo de chuva, o jogo mal aconteceu né? foi um jogo feio, e a gente tava lá né? Então, eu acho que teve esses jogos muito impactantes, porque foram marcantes. Muita gente vai dizer que foi esse jogo do Betim, que foi o primeiro jogo do Campinense, mas esse do Atlético Acreano tem um lugar

especial no meu coração, porque tipo, é a prova de que, tamo aqui pra tudo, dos grandes aos pequenos jogos.

Que atletas marcaram?

Ah, Caça-Rato, por causa desse jogo (contra o Betim), pra mim é Grafitte e Caça-Rato, tem três na verdade, que eu diria. Grafitte né? eu não lembro da primeira vinda de Grafitte, eu só lembro dessa segunda vinda, mas pra mim, foi muito impactante, e muito marcante, porque é um cara, que quis voltar para o Santa Cruz né? Tipo, um cara que já foi ídolo, que teve uma carreira consolidada na Europa, então, tipo, esse cara escolheu voltar pra o Santa. Então, é tipo isso, é a escolha que a gente faz toda vez que assiste o jogo, toda vez que a gente tá no Arruda, a gente tá escolhendo dedicar nosso tempo, dedicar um pedaço da nossa vida, pra o Santa Cruz. E ele profissionalmente, porque ele pode profissionalmente, escolheu isso também. Então acho que me pegou muito essa questão da escolha. Porra, ele escolheu voltar, sabe, eu acho que isso tem um peso né? Ele tinha um nome, ele tinha um prestígio, ele não precisaria voltar. Ele taria muito bem, então ele teve essa escolha, e eu acho que essa escolha ela precisa ser celebrada. Da mesma forma que a gente celebra as nossas escolhas de ir pros jogos, e estar naquele momento. Eu sinto que Grafitte é um pouco torcedor assim, tipo, dos jogadores que eu vi, que eu acompanhei, talvez ele seja um dos mais, assim, torcedores, né? Só por causa dessa escolha, eu acho que ela diz muito.

O segundo (jogador que marcou), é Caça-Rato, porque as várias felicidades, eu tive muitas felicidades com Caça-Rato, é isso assim. Eu não lembro muito de antes né? Então as minhas memórias mais recentes, e as minhas memórias mais antigas, elas envolvem Caça-Rato. Esse jogo contra o Betim foi muito marcante, então, a partir dali ele ganhou um espaço especial no meu coração né? Por causa disso. E também, ele já fez várias atrocidades com o Sport né? Tipo, várias finais na ilha, eu lembro que ele causava assim. E ele é um personagem engraçado, ele é um personagem cômico. Tipo assim, pô, tu levou gol de Caça-Rato, tu foi humilhado por Caça-Rato. Se Grafitte tem essa questão de glamour, tipo, Caça-Rato tem esse apelo mais popular assim, né? Então, Grafitte tem esse aspecto mais refinado, e Caça-Rato pra mim é um ídolo mais popular assim né? Que pronto, entre Grafitte e Caça-Rato, Caça-Rato representa mais o que é o Santa, nesse aspecto do povão né? Apesar de Grafitte ser mais torcedor do que ele.

E um terceiro jogador que me impactou muito, foi João Paulo né? Porque ele me impactou, eu acho que eu só percebi que ele me impactou, depois que saiu. Primeiro porque ele era bom, ele era muito bom né? E é uma posição, que eu admiro, que é os jogadores que jogam no meio-campo, que eu acho que tem que ter uma inteligência e dinamismo, que beleza, as vezes é o atacante que faz mais gol. Sei lá, o povo tem um encanto muito grande por Gilberto, por Denis Marques, porque eram eles a cara do gol, mas tinha ali uma construção toda, que na minha opinião, passa pelo meio-campo, e que eu acho que João Paulo, ele tinha isso, sabe? E eu acho que ele tinha uma questão importante, que talvez eu não via tanto em Grafitte e Caça-Rato dessa forma, que é a questão da raça né? Tipo, ele tinha uma raça, ele tinha uma entrega, que pô, Grafitte podia ter, Caça-Rato podia ter, mas a de João Paulo era mais visceral assim. Tipo, tanto que tem uma foto icônica dele sangrando, no jogo contra o Sport. Então, eu acho que são esses três assim. Eu não tenho muitos ídolos históricos, até porque depois, foi a melhor fase que eu lembro do Santa Cruz né? Então são esses caras, que tavam ali, naquela fase.

Há mais algum episódio marcante que vivenciou no Estádio do Arruda?

Cara, eu acho que em alguns jogos-chave, assim, uma coisa que me marca muito, que me marcou. Eu não lembro especificamente qual foi o jogo, mas eu lembro que em alguns jogos-chave na campanha de acesso já do Santa Cruz da Série B pra Série A, de 2015 pra 2016. Eu lembro que era muito marcante assim, a gente saia do jogo, o pessoal saia cantando, assim, na saída, no corredor, e tal. E isso pra mim, era muito impactante, tipo, era um ambiente de que vai dar certo, vai acontecer, a gente vai conseguir. Então, essa saída, assim, era uma saída com esperança, meio que o jogo não acabava quando o juiz apitava, é tipo, a gente ainda sentia essa emoção, essa adrenalina do jogo, ainda na saída.

O que seria o Santa Cruz para você?

Pra mim o Santa Cruz... É tudo, assim. Tipo, o Santa Cruz representa pra mim as melhores coisas que o esporte pode proporcionar pra uma pessoa né? Por que é um lugar onde eu consigo extravasar né? É um lugar onde eu consigo me sentir viva, assim, né? Eu acho que tem poucas coisas, poucas situações que deixam a gente viva né? O Santa Cruz significa pra mim, vida. Que é ali onde eu consigo sentir todos os tipos de emoção, felicidade, tristeza, nervosismo, ansiedade, então, para mim o Santa Cruz significa vida. Eu me sinto viva, quando eu vejo o Santa Cruz, né? Nesse sentido.

E o Estádio do Arruda, o que significaria para você?

Ah, eu acho que o Arruda é o palco, desse show da vida assim, o Arruda seria o palco, porque é ali onde tudo acontece né? Tipo, pra mim, o Arruda é a materialização do que seria o Santa Cruz. Porque, é o patrimônio maior do Santa Cruz, além da torcida, mas a torcida muitas vezes, se materializa naquele ambiente né?, dessa forma, de uma forma unida e tal. Porque a gente torce fora daquele ambiente, mas naquele ambiente, é como se a torcida virasse uma entidade né? Então, aquele ali, é o principal patrimônio do Santa Cruz, o Arruda é o lugar onde o sonho se materializa né? O sonho e o pesadelo em alguns casos também né? Mas eu prefiro me apegar aos sonhos, é o palco onde os sonhos acontecem, onde os sonhos se materializam, onde as memórias são construídas, onde a gente, onde dá pra viver o Santa Cruz. Eu acho que claro, vai ter gente que vai viver o Santa Cruz fora do Arruda, mas eu me sinto mais próxima ao Santa Cruz, quando eu vivo esses momentos no Arruda

Como avalia a estrutura do Estádio do Arruda?

Eu avalio a estrutura precária, assim, eu acho que foi se perdendo ao longo dos anos né? Houve um descuido, que eu não sei se é um descuido, porque o patrimônio do Santa Cruz está descuidado como um todo, ou se é um descuido pelo estádio mesmo, ser antigo e tudo mais, né? Eu consigo perceber ao longo do tempo, essa diferença né? O quanto o Arruda foi se precarizando, né? em termo de a gente ver muito ferro exposto na estrutura, a gente ver os banheiros né? tipo eu que sou mulher Mesmo, a questão dos banheiros é péssima né? tem alguns movimentos que tentam fazer isso, de resgate mesmo, de uma dignidade ali, pra você usar o espaço, mas é complicado.

Como, enquanto mulher, você percebe a acessibilidade do estádio para o público feminino?

A minha experiência é mais com o Arruda, então não tenho tanto um parâmetro de comparação, mas falando do Arruda em si, não é muito acolhedor para mulher, né? Eu não digo nem por existir um machismo tão grande na arquibancada, com certeza tem, a gente escuta alguns comentários aqui, alguns comentários ali. Mas eu acho que com o tempo, vem diminuindo né? Quando eu era menor, eu ia muito com meu pai, querendo ou não, era uma proteção masculina. Só que com o tempo, enquanto adulta, eu passei a ir só. E aí, eu, a gente escuta um comentário machista aqui e ali, mas não é tão direcionado né? Eu particularmente, nunca sofri assédio. E eu acho que esse número de assédio tem

diminuído porque isso tem sido conscientizado na torcida, né? Alguns movimentos feministas na torcida do Santa Cruz têm batido muito nessa tecla, contra o assédio dentro do Arruda. Então acho que isso é importante. Agora, você não se sente acolhida pela instituição em si, quando o Arruda não oferece um banheiro digno, e a dignidade não é muito, ela não é um luxo, porque é simplesmente ter uma porta, o banheiro tá limpo, e ter uma porta, e que homens não entrem naquele espaço por exemplo né? Porque já teve casos de as vezes homens entrarem no banheiro feminino. Então, eu acho que pra gente que é mulher tem essa dificuldade muito grande nesse quesito. E eu acho que como torcedora mesmo, tem muito, a polícia maltrata muito aquela entrada do Arruda, nos últimos tempos a polícia tem maltratado demais, assim. Os torcedores em geral, e acaba sobrando muito para as mulheres e crianças né? Principalmente, porque é spray de pimenta pra lá, é cacetete pra cá. Então, também tem essa conjuntura do Estado de Pernambuco, que busca afastar a torcida do estádio. A verdade é essa, que não querem mais o torcedor dentro do estádio.

Qual a sua percepção sobre a torcida do Santa Cruz?

Eu gosto de uma frase que eu vi na internet que eu sempre digo né? Que tipo, a torcida do Santa Cruz é a torcida que esculhamba qualquer pesquisa né? Tipo, é uma torcida que ela não tá na internet, tipo, não toda, né? Ela é uma torcida que tá na rua, que tá no boca a boca, e que tá nas horas boas e ruins, eu acho que essa é a principal característica. Tipo, a gente abraça o Santa Cruz, independente de quem tá lá, independente da situação, a gente tá lá abraçando, né? Então, eu acho que a torcida do Santa Cruz junto com o Arruda são os maiores patrimônios assim. E essa junção, Arruda e torcida, ela é mágica né?, porque, naquele momento ali do estádio, tipo, eu pelo menos não consigo pensar em nada, eu posso tá com todos os problemas do mundo, eu posso tá precisando resolver uma coisa muito urgente, mas quando eu tô ali, naquela vibração, é diferente né?, eu acho que tem tipo uma energia, e acho que a torcida do Santa é diferente por isso. Assim, pelo menos das outras daqui do estado, eu vejo que a torcida do Santa Cruz, ela tá ali sempre né? Eu vejo muitas camisas do Santa Cruz, Mesmo quando o Santa Cruz não tá jogando né? então, a gente tem que se apegar muito no amor né? a gente que torce pro Santa. Porque se você se apegar a títulos e a momento, é fácil abandonar o barco. Então a gente tem que se apegar ao amor que a gente sente, tipo, a vontade de tá ali, e ao sentimento que o Santa Cruz trás, eu acho. Acho que cada um vai ter um específico, o meu no caso é essa questão do amor, assim.

Como entende a relação entre torcida e estádio, para equipe em campo?

Eu acho que depende do time, tem time eu acho, que tem medo da torcida do Santa, eu acho que já presenciei elencos do Santa Cruz que era melhor não ir, assim. Tipo, porque eles tinham medo, eu acho que é porque eles, tem alguns jogadores em algumas fases que o Santa Cruz tá, quando o Santa Cruz tá em fases mais difíceis como agora, que vem jogadores muito pequenos, e eles não entendem a dimensão do Santa Cruz, assim. Eu acho que quando o time entende a dimensão do Santa Cruz (a torcida na arquibancada) ajuda muito, porque aí eles viram uma coisa só, time, estádio, torcida, vira uma coisa só. Só que quando a gente vê elencos que não entendem a grandiosidade do Santa Cruz, eles se assustam né? Porque realmente, você numa segunda-feira, num sábado de tarde, numa Série D, Série B, Série C, você tá botando 60 mil (torcedores na arquibancada), tipo, eles não tão acostumados com isso né? Eles jogam em times que não tem essa torcida né. Por isso que eu digo também que essa torcida é única, porque com o tempo, ela não se desfez, ela se uniu assim. Então, quando um time entende a grandiosidade do Santa, a torcida ajuda, quando o time não entende a grandiosidade do Santa, eles têm medo. Essa grandiosidade as vezes dá medo em alguns jogadores, dá pra perceber.

O que acha da realidade atual do clube?

Uma merda né? Na verdade, a realidade do Santa Cruz assim, eu achei que esse ano (2024) seria, teria uma grande chance do Santa Cruz fechar assim, ou começar o processo de fechar. Porque a gente não ia jogar, só ia ter calendário até abril e tal. Eu ainda achei que iam dar um jeito de botar o Santa Cruz (no Campeonato Brasileiro da Série D de 2024), por causa dessa grandiosidade né? Eu ainda fiquei com esperança de que não, alguém vai dar algum jeitinho da gente jogar. Acabou que não deu, né? Que estamos aí, sem jogos, mas eu achei que isso poderia ter prejudicado mais, assim, no sentido de um encaminhamento pra um fechamento, pra uma situação mais fundo do poço, mas a diretoria montou uma equipe boa no começo do ano, que fez um campeonato pernambucano digno, um pouco assim, diante das condições e tal. Então, a minha realidade, agora é um pouco de expectativa, assim, de ver como é que vai ser, de realmente tentar dar uma virada né? De chave, pra fazer essa reconstrução. Mas, ao mesmo tempo que vem essa expectativa, vem o flashback de tudo que já aconteceu, de que a gente já saiu dessa situação, e voltamos pra essa situação, mas eu acho que agora, eu me sinto mais esperançosa. Primeiro, porque tá perto do Santa Cruz voltar a jogar né? e segundo, quanto mais rápido a gente entrar em campo, a gente começar os campeonatos, mais

rápido a gente pode sair dessa situação. Então, eu acredito que vai sair dessa situação, mas eu não acredito numa escalada assim, feito o Santa Cruz já fez né? Série D, Série C, Série B, Série A. Não, acho que a gente ainda vai amargurar um pouquinho na C, e futuramente voltar pra Serie B, e aí, enfim, aí fica a carga da vida, o destino do Santa Cruz, da competência de quem vai tá lá, que geralmente não é muito competente.

Considerações finais?

Ah, eu acho que é isso. Eu quero muito que o Santa Cruz continue existindo, porque é uma coisa que da mesma forma que meu pai passou pra mim, tipo, eu vou passar pros meus filhos, sabe? Não sei se eles vão gostar de futebol, se eles vão ser fanáticos por futebol, ou se eles vão se identificar com o Santa Cruz. Porque eu acho que tem muito uma questão de personalidade e identificação, se você for uma criança, um adolescente, ou até um adulto jovem, que não se identifica com o perfil da torcida, ou com esse perfil, um pouco de sofrimento né? De sofrimento, você não vai torcer pro Santa. Não adianta, pode ter pai, mãe, irmão, pode ter a família toda, que não vai gerar essa identificação que gera em mim. Acho que apresentar o Santa Cruz, vai ser uma coisa prazerosa.

Eu não falei também durante a entrevista, mas um momento marcante que eu tenho no Arruda, é porque teve um jogo que o Santa Cruz jogou contra o Botafogo, na Copa do Brasil, né? que o Santa Cruz, inclusive, teve uma época que o Santa Cruz jogou dois anos seguidos na Copa do Brasil contra o Botafogo. Mas esse jogo foi aquele que o Santa Cruz empatou 1x1 lá. Foi Santa Cruz x Botafogo, e o Santa Cruz empatou. Na volta desse jogo, eu era pequena, eu fui com a minha tia pra o aeroporto, receber os jogadores na volta. Na verdade, o Santa Cruz se classificou lá. Era a volta, eu não lembro exatamente qual foi o jogo, eu só sei que era Santa Cruz x Botafogo, e a gente conseguiu um resultado muito bom. Não lembro se foi de classificação, ou se foi de empate. Foi em 2010, pronto, ganhamos lá no Rio 3x0 não foi? 3x1 com gol de Brasão, pronto. Ai, eu fui com ela pro aeroporto, minha tia é do Sport, mas ela foi comigo lá, eu tinha 12 anos né? pra gente ver os jogadores, enfim, estar naquele momento. E aí, eu peguei uma assinatura na minha camisa Luis Eduardo, zagueiro do Santa Cruz, peguei e tal, beleza, fui pra casa. E eu acho que a camisa ficou com a minha tia, não lembro, ela lavou a camisa, e o autografo saiu, e aí, ela ficou desesperada porque ela sabe da importância que o Santa Cruz tem na minha vida né? Então, ela ficou desesperada, e aí, o que foi que ela fez, um dia, ela me pegou depois da escola, e me levou pro Arruda. Ai, quando ela me levou pro Arruda, ela contou ó, manchou a camisa, manchou não, tipo, apagou, porque não era uma caneta permanente,

mas eu falei com o pessoal aqui, a gente vai entrar pra ver o treino, e você vai pegar os autógrafos. E foi isso que aconteceu, tipo, eu entrei no campo do Arruda, eu entrei tirei foto naquele escudo, tem lá as fotos, horríveis assim, porque adolescente, pré-adolescente, eu tô horrível nas fotos, mas tem lá a gente entrou, pegou autografo de várias pessoas, vários jogadores que tavam né?, eu peguei de Luis Eduardo de novo, peguei de Natan também, e vivi o estádio né?, sentei lá no banco de reservas, só não consegui entrar no vestiário, porque, eles tavam lá trocando de roupa, enfim, então era uma coisa mais íntima deles. Mas, eu lembro disso, eu lembro que eu entrei, e peguei na grama assim, né? tipo, entrei, me abaixei, peguei na grama, e peguei no escudo também, que é símbolo ali do Arruda, que eu acho bem legal, bem interessante.

Anexo 2: Entrevista torcedor 1:

Como se tornou torcedor do Santa Cruz?

Eu digo que foi por herança, a minha aceitação né, minha inclusão como tricolor, como torcedor do Santa Cruz, foi por herança. Eu sou a terceira geração de tricolores, de dois lados da família. Então, meus avôs eram muito presentes na minha vida quando criança, e eles eram muito efusivos com o clube, na década de 90, período que eu nasci, o clube passava por um processo ainda de médio, tinha ainda um histórico recente né, de títulos, então, ainda tinha uma gama muito forte de torcida. Meus avôs, eles foram participantes né, na construção do Estádio do Arruda, na década de 60 e 70 né? A construção. Eles sentem muito orgulho de dizer que ajudara, com, levando material, indo pra jogos de tudo que era tipo. Meu avô dizia que ia pra jogo de basquete, pra jogo de juniores, então, eu sentava próximo a eles, e escultava as histórias. E isso foi fazendo, me tornando, apaixonado pelo Santa Cruz Futebol Clube, através das histórias dos meus avôs, principalmente. Do meu pai, também foi muito importante, ouvir um pouco da história dele, mas principalmente dos meus avôs.

Você costuma ir a jogos do Santa Cruz no Estádio do Arruda?

Sim, eu sou sócio do Santa Cruz, infelizmente no ano de 2024, eu não fui pra nenhum jogo, devido à problema de saúde familiar né, mas eu costumo tá presente em todos os jogos no Estádio do Arruda, e até mesmo em jogos clássicos, nos estádios vizinhos. Já fui na Ilha do Retiro, já fui na Arena (Pernambuco), já fui nos Aflitos. Eu costumo ir de ônibus, costumo ir sozinho mesmo de ônibus. E encontro amigos próximo ao entorno do Estádio. Eu costumo principalmente ficar no supermercado, o Bompreço.

Aí, eu compro algumas coisas lá dentro no supermercado, umas cervejas, uns salgadinhos, a gente consome, antes de entrar (no estádio). Lá dentro consumo pouco, água, uma coisa assim, e quando termina, a gente consome algo ali próximo, no entorno, próximo ao posto, a música, um brega, uma festa, e é isso.

Como percebe a torcida do Santa Cruz?

A torcida é uma festa né? Tem uma youtuber do Rio de Janeiro, Samanta, ela veio pra aqui, pra Pernambuco, pra Recife, ela disse que jogo do Santa Cruz parecia um carnaval fora de época. Que é uma festa, um momento de conagração entre todos, dança, algo meio bagunçado, só que faz sentido na cabeça de quem tá no meio, faz um certo sentido. Então, músicas, carro de som, na caixinha, onde for, tá lá se fazendo sucesso, sempre muito regado a bregas a funks, bregafunk, forró, um piseiro, um negócio assim, muita cerveja, muito espetinho, muito caldinho, essa mistura. E a percepção é exatamente de festa. Claro, existe momentos que o clube tá numa situação um pouco mais delicada que parece ser um pouco meio ambiente até de desespero, alguns momentos. Mas quando o clube tá em uma situação melhor, é festa o tempo todo. E, se terminar o jogo com a vitória, é garantida a festa.

Que jogos marcaram?

São vários. Meu primeiro jogo no Arruda, foi um clássico, Santa Cruz x Sport, a estreia de Mancuso, 1999. Eu nem prestei atenção no jogo, pra mim aquilo, eu era muito pequeno, eu tinha 8 anos de idade. Eu via o estádio como um coliseu, era uma guerra entre as torcidas. Eu sei que não é uma coisa bonita de se falar, mas eu via uma batalha de cânticos, de um lado, um mandava tomar no cu, o outro respondia, e era aquela batalha, com cânticos, com aquelas músicas. Eu achei aquilo muito interessante, eu vi, aquela guerra, e eu me vi como participante daquela multidão fazendo. Acho que na época era 50 a 50 a torcida dentro do estádio. Era 50% do Santa, 50% do Sport. E isso fez, eu me senti participante de um daqueles também, de um daqueles gladiadores, que tão lá, berrando, gritando pelo seu clube. Então eu nem prestei muita atenção no jogo. Eu sei que o final foi 1x1, mas pra mim aquele dia foi muito emocionante. Eu me senti um participante daquela batalha. São diversos os jogos, que pra mim foram importantes. Eu passei um hiato muito grande sem retornar ao Arruda, mas eu fui pra o acesso em 2015. Eu lembro bem um jogo também, o retorno de Grafitte, 2015, Santa Cruz x Botafogo, foi 1x0, gol de Grafitte. O jogo tava meio aguado, tava meio parado, e de repente, no final

do segundo tempo, um cruzamento, tinha muito gente, umas 50 mil pessoas, teve um cruzamento na área, e Grafitte faz o gol de cabeça. Eu sei que a torcida desceu assim, correndo, parecendo anos de 2005 né, quando tinha a avalanche do Grêmio, e aí, a torcida desceu correndo. Eu sei que eu caí por cima do vendedor de cerveja, e foi cerveja pra tudo que era lado, mas foi um momento muito interessante. Eu não esqueço nunca esse dia, foi muito importante, o retorno de um ídolo, e é um dos meus maiores ídolos no clube.

Quais outros ídolos marcaram?

O Carlinhos Bala, pra mim ele foi, ele era o meu maior ídolo até então, até ele ir pra o clube adversário, o Sport, passou depois pelo Náutico, mas ele era o meu maior ídolo. Eu quando adolescente, ainda jogando bola, eu tentava me espelhar nele, não, vou tentar ser Carlinhos Bala, jogar. Então, eu vi Carlinhos Bala antes mesmo do acesso de 2005 né? Eu vi Carlinhos Bala antes, acho que 2003, 2004, eu vi ele jogando juniores no Santa. E aí, ele pra mim, era o meu grande ídolo no clube. Rosembrick, que também tinha um estilo clássico de jogar; Marcelo Ramos, foi muito importante pra mim também, 2006, 2007; e recente, 2011 né? Os três títulos do Pernambucano, que foi muito importante, onde teve ídolos locais, como o Renatinho, como o Flávio Caça-Rato, que esse cara, eu não gostava muito dele jogando né? Mas, ele era um cara assim, quando entrava, fazia um carnaval né? E se tivesse um gol dele, aí era festa né? Festa incrível. Dênis Marques e Gilberto também foram muito importantes. Mas eu digo que o meu atual, meu maior ídolo, é Grafitte né? Grafitte pra mim acho que ainda pegou a maior história. Eu vi as duas passagens dele, que foi muito importante pra o clube. E sem falar em jogadores que eu não vi, mas eu ouvia as histórias do meu avô, do meu pai, Fumanchu, Washington, Ramon, o maior artilheiro (do Campeonato Brasileiro de 1973), então, são ídolos grandes. Nilson, o goleiro, também, que foi uma posição que eu sempre gostei muito sempre. Nilson, que pequeno eu também tentava imitar Nilson, agarrando. Tiago Cardoso, importante, são esses os meus ídolos.

Você se considera um torcedor supersticioso?

Já fui bastante, inclusive, diziam meus amigos, falavam que eu era pé frio, então, eu levava essa carga as vezes, de ah se eu for pro o Arruda, o Santa perde ou empata né? Aí quando o Santa ganhava, eu ficava tirando onda, mas quando perdia, eu ficava meio que na minha mente, será que eu sou pé frio mesmo? Será que a culpa é minha? Que eu não tô ajudando o Santa Cruz? Mas é isso né, hoje em dia, eu não sou muito mais não né?

Já fui, já tentei o crucifixo. Camisa não, camisa eu usava qualquer uma mesmo, assim, do Santa e tal, assim, sempre com uma camisa do time, mas independente, ah, essa camisa não. Mas, era mais a questão da minha presença mesmo, o meu coisa era mais disso, e eu tentando quebrar a maldição né? Inclusive, muitos amigos dizem que essa maldição foi por causa de um jogo do Sport, que tava Santa Cruz x Sport, no Arruda, Santa Cruz com a vantagem na Copa do Nordeste, e tava com a vantagem, eu fui pra o jogo, e aí o Sport ganhou, e eu peguei essa mazela né? Mas acredito que a mazela já foi já.

Como você se sente vivenciando o Estádio do Arruda?

Eu digo que o ambiente é sujo, o ambiente é inóspito, mas é a minha casa. É um ambiente que você diz assim, não é um ambiente pra você levar uma pessoa que você tá afim, mas é a casa sabe? É o meu segundo lugar favorito, talvez, o meu primeiro lugar favorito no mundo. Eu sinto saudade, sabe assim? Sem visitar o Arruda, pra mim, toda vez que eu passo próximo ao Arruda, me dá um sentimento de saudade muito forte, porque acho que talvez, os dias mais felizes da minha vida eu passei ali, naquele lugar.

Como você percebe a estrutura do Estádio do Arruda?

Ah, é nojenta né? É péssima, assim, que você vê mijo que já tem dois anos de poça lá, você senta nas arquibancadas, cheio de lodo, buraco, tinta cai descascando, uns tapumes véio feio, na frente do lugar que é bem a sede, assim, então, é um ambiente muito degradado sabe? Um ambiente que em outro momento, e eu sei devido a estudos, foi um ambiente a frente do tempo, era uma tecnologia diferente, era algo novo, era algo como exemplo, hoje em dia, o estádio não é um exemplo, o estádio hoje em dia, muitas vezes criticado como passou do tempo, alguns líderes da federação já indicam que não deveria ter jogos no Arruda, devido a sua má estrutura. Mas eu acho, que dá pra ter solução sim, esses ambientes podiam ser reformados, até mesmo com a força da torcida, o clube já tentou já, torcedores por conta própria foram ajudar. Só que, a corrupção é tão grande, a estrutura, o poder, que eles não cedem, eles têm medo de perder o poder. Isso só em pessoas que querem fazer um benefício pra o clube, mas devido ao poder ser tão forte da direção, eles deixam a desejar mesmo, a estrutura.

Como percebe a relação do estádio com a torcida?

Não acho que a condição do estádio reverbera na torcida não, inclusive é até uma forma de separação. Porque, só vai pro estádio, ali, quem tá disposto, a viver esse

momento mesmo. É um ambiente sujo, não é bom, mas você tem o amor, você tem a paixão por aquele clube que faz você ultrapassar essas barreiras do nojo, do ah, tá sujo, e você vai. E aí, pessoas que prezam muito pela questão higiênica, pela questão saudável, pelo ambiente saudável, não vai. Então, isso pra mim, divide, mas não vai fazer falta, certo? Porque, quem frequenta, já é acostumado a muito tempo.

Com relação a relação do estádio e da torcida nas partidas, o que acha?

A relação torcida-estádio é muito forte né? O mando de campo, porque o Santa Cruz é muito forte dentro de casa né? É muita gente, sabe? É muita gente influenciando no cântico, no berro, na torcida lá na bandeira, você vê que as pessoas, elas botam a fé, a sua fé tá presente muito. E essa fé, ela meio que é passada pra os jogadores, muitas vezes, eu vejo jogadores falando, que essa fé da torcida, esse acreditar, a torcida falando que acredita, a torcida mostrando amor, é um incentivo. Tem jogo, que devido a qualidade do clube, que não tá tão boa, tem jogo que é vencido a partir da força da torcida, na garra mesmo. É bola na área, subiu, a torcida gritando, e sai o gol. Então, muitas vezes é a força da torcida que faz o clube ganhar. O clube não é nada sem a torcida, esse já é um exemplo muito forte que a torcida, é ela que construiu o clube né, e hoje, o clube é mantido através da torcida, da torcida mesmo. É o que mantém a gente de pé. Hoje em dia, o clube não tem mais riquezas, a maior riqueza é sempre a torcida.

Como você percebe a torcida do Santa Cruz?

É maluca, é doída, completamente varrida, que é pura paixão, porque não tem atrativo, não existe um atrativo, de beleza, ah, o time joga bonito, ah, o estádio é bonito, ah, tem incentivos financeiros, assim, de compre um, ganhe outro, não existe isso. A torcida ela é movida só pela paixão mesmo, pelo amor que não é explicado, é um amor que foi construído. E a partir desse amor construído, é um amor que nunca se dissolve. Você pode ouvir, ah, o time não joga, tá de férias, e tal, mas é um amor que você construiu, e ele meio que tá lá preso, guardado, até o momento de soltar no dia do jogo, de você gritar, de você dizer, é gol porra, é gol do Santa. Então, a gente guarda esse sentimento, que não é um sentimento que é explicado, é uma sensação de paixão. Eu lembro o autor colombiano, Gabriel García Márquez, tem um texto chamado juramento, e aí ele fala sobre a torcida do Júnior Barranquilla, e aí ele diz como ele se tornou um torcedor. E aí, ele fala justamente que, ele se torna um torcedor naquele momento que ele se torna a pessoa mais animalesca, o ser mais animalesco, que ele diz que não é mais um ser

pensante, é um ser que é movido ao puro sentimento da paixão, do amor. E ele é frequente de quinze em quinze dias, os jogos em casa, os jogos fora, ele tava lá, frequente, visitando o seu templo. Então, pra mim, é a mesma situação, a torcida do Santa Cruz ela segue dessa forma, é o momento de extravasar esse amor, que fica guardado no peito por longos dias.

O que o Santa Cruz significa pra você?

Pra mim, é família, pra mim já, um sentimento familiar, pra mim o Santa Cruz, ele, sem o Santa Cruz, é como a morte de um parente, sabe? Se o Santa Cruz morrer, é como meu avô, como a morte do meu pai, é um sentimento que que nunca vou deixar. Então, o meu amor pelo Santa Cruz, é a mesma coisa que o amor de um ente querido, como o meu avô, como o meu pai, que já se foram. Então, pra mim, guardo na memória, desde o tempo que nasci, guardo no meu peito desde que eu nasci. Então, pra mim, é família, eu digo que antigamente, eu até dizia, que era o meu maior amor, mas aí, eu entendo que não é o maior amor, é família, é uma relação familiar. E tenho sorte que a maioria das pessoas da minha família, também são torcedoras do clube, e isso faz como uma paixão, um amor, um carinho, familiar, é um vínculo familiar, pra mim.

O que o Estádio do Arruda significa pra você?

É a minha casa né? Minha segunda casa, é o lugar onde eu sou feliz, um lugar onde encontro meus amigos, é um lugar onde eu posso extravasar, o lugar onde eu posso soltar um palavrão, gritar um bem alto, um porra, gritar, ou então até chorar, de tristeza, ou chorar de emoção mesmo. Então, é um ambiente que eu me sinto seguro de extravasar meus sentimentos.

Como percebe o momento atual do Santa Cruz?

É decadente né? É uma situação que você não vê saída do buraco. Você que está um buraco, e você que esse buraco está a muito tempo. E toda vez a gente diz, não dá pra descer mais, esse buraco, e o buraco só aumenta. Eu não vejo saídas tão repentinas, eu tenho esperanças, que exista uma saída, mas básica assim, ah, a saída é isso, a saída é a SAF, a saída é... Pra mim não é, algo tão simples, pra mim é algo que vai passar alguns anos, de pessoas que tenham vontade, de pessoas que queriam subir o Santa Cruz, porque se não tiver pessoas com vontade, pessoas com o objetivo maior subir, tirar do buraco, só vai permanecer assim. E a gente sabe que, hoje em dia, acho que todo mundo espera é

mais buraco ainda né? Então, eu tenho esperança, em subir desse buraco, mas a gente sabe que existe possibilidade de cair mais, de descer mais desse buraco, porque as pessoas que tão no governo do clube, não tem esse pensamento, o pensamento muito individualista, de enriquecer.

Poderia falar sobre o período que acompanhou a torcida organizada Inferno Coral?

Foi tipo coisa de adolescente, era coisa assim, pra mostrar que, ah, o cara é homem e tal, porque sofria muito bullying e tal né? Na escola, e aí, tinha isso, de mostrar a virilidade, mostrar a força, e todos os adolescentes tavam vivendo essa fase também. Era escola pública, na periferia. E aí, estava todo mundo vivendo essa fase de torcida organizada. E bem, finalizou, foi pouco tempo, eu tinha quinze anos, quando, eu levei uma pedrada na boca. E aí, finalizou, parei de andar com quem eu tava andando, e parei de frequentar alguns lugares que eu tava frequentando. Já visitei de novo a sede da torcida já, já fiquei no lugar da organizada, mas nada como era na fase adolescente, que na fase adolescente era pura adrenalina sabe? Não era nem tanto por ideologia, era só pela adrenalina do fazer, do cometer uns atos, e de mostrar o meu amor da forma mais violenta possível, porque era para mostrar que era homem, que era viril. Mas hoje, tenho outra visão sobre torcida organizada, que eu não tinha quando adolescente né? Eu vejo que torcida organizada vai muito além, muito além de só violência. Mas quando a adolescente era pura violência, era a adrenalina, era o estase.

Considerações finais?

A relação com o Santa Cruz é algo cíclico, pra gente obter mais torcedores, a gente precisa apresentar o clube, jogar mais, o clube jogar bem, ganhar títulos, isso vai chamar mais atenção. Eu sei que não é só isso, eu sei que tem a questão familiar, eu sei que tem o amor espontâneo, que pode aparecer. Mas, o clube precisa aparecer mais, o clube aparecer mais, mostrar mais, vai ter mais pessoas com vontade de querer ajudar, eu acho. Então, tudo é necessário, uma maior atuação, um melhor trabalho, maior dedicação, faz com que o clube cresça.

Anexo 3: Entrevista torcedor 2:

Como se tornou torcedor do Santa Cruz?

Por influência do meu pai, que me levou ao estádio pela primeira vez, em 1998.

Costuma ir a jogos?

Sempre, durante este ano (2023), fui para maioria dos jogos, só quando tinha algum compromisso, que eu não conseguia ir, mas dentro da disponibilidade, fui pra todos os jogos.

Como se sente vivenciando o Estádio do Arruda?

Sou mais agitado, gosto de cantar, gritar, gosto também de analisar o jogo. Fico, as vezes tentando procurar uma posição que consiga olhar bem o jogo, ver como é que o time joga, formular uma opinião mais crítica. Normalmente eu fico na arquibancada inferior, ou próximo do campo, ou então no local mais distante da arquibancada inferior, que eu consigo ter uma visão panorâmica do gramado. Desde 98 que eu frequento, de lá pra cá, tirando os anos de pandemia, sempre fui a jogos. Acho que não houve um ano, em que eu não fui a um jogo. Sempre tive uma frequência, alguns anos mais ou outros menos, mas sempre fui. Então, é um local que eu me identifico, desde criança, cresci, me formei, amadureci vendo jogos, então é um local que eu tenho uma afetividade né, porém, com os últimos anos, os resultados do clube, tem me amargurado um pouco, e tô perdendo o carinho e apreço que tinha antes.

Você se considera supersticioso?

Já fui mais (supersticioso), desde o ano passado (2022), eu larguei um pouco a superstição, mas já fui mais. Do ano passado pra cá, eu larguei um pouco isso. Era a camisa, sempre usava a mesma camisa, as vezes até o mesmo short, depois fiquei só com a camisa, mas de um tempo pra cá, abandonei as superstições. Porque vi que era algo completamente da minha cabeça, que não tinha nenhum fundamento lógico, e que não retratava a vitória não.

Como percebe a torcida do Santa Cruz?

Nos últimos anos, vejo com uma torcida extremamente exigente, por conta dos resultados, intolerante as vezes, sem paciência, e também com uma certa passividade por conta das más gestões, formas políticas questionáveis do até então presidente, e a torcida falta uma movimentação, falta ter um pouco mais de força para mudar esse cenário. Quando eu tô, pelo menos nos últimos jogos desse ano (2023), que eu fui, era uma torcida que não tinha essa paciência para apoiar, criticava logo no início do jogo, nos primeiros erros (dos atletas) né? Então, o estádio se passava até a ser um ambiente negativo para o

clube, pro time que tá jogando. Até quando fazia um gol, se transformava pro lado positivo, mas se o jogo se arrastava para um zero a zero, acabava sendo um cenário adverso para os próprios jogadores do Santa Cruz.

Quando os resultados não vão bem, como têm sido com o Santa Cruz, a tendência é que isso crie uma hostilidade ainda maior entre os torcedores, uma intolerância, uma falta de paciência. Então, o pavio fica extremamente curto, um pisão errado que você dá no pé do torcedor, já é motivo pra ter briga e confusão. E as vezes, isso já acontece dentro da arquibancada. Somando a isso, aos maus resultados, que isso já historicamente causa já essa hostilidade dos torcedores, fazem eles quebrarem cadeiras, depredarem portão, quebrarem o patrimônio do clube.

Como percebe a realidade do Santa Cruz?

Hoje, é uma incógnita, não tem como saber. Infelizmente, não tem como se imaginar um 2024, 2025, não tem.

Como percebe a estrutura do Arruda?

Carece de algumas reformas, mas ainda é um estádio grande, com grande capacidade, capaz de receber o público, sem riscos a saída. Mas que carece de reformas estruturais, carece de reformas de acesso, saída, o próprio acesso ao estádio, as vias públicas, a prefeitura pensar numa forma de melhor otimizar a logística dos torcedores irem ao estádio, de transporte público e com transportes particulares. Mas o estádio em si, ainda é um estádio muito grande, referência aqui no Nordeste, que carece de reformas, reformas estruturais, na escala de 0 a 10, coloco 6. Porque, se comparar (o Estádio do Arruda) às arenas modernas, realmente ele fica atrás, não tem como ter parâmetro nesse sentido, mas em termos de acolhimento do torcedor, capacidade de torcida assistir o jogo, de visibilidade, tudo isso, você consegue ir ao estádio, sentar e assistir o jogo tranquilamente. Agora, as partes internas, carecem de melhores reformas pra ter um acolhimento mais confortável. É um estádio que se chama raiz, um estádio antigo, de estrutura antiga, que foi feito reformas em cima de reformas. Não foi uma construção planejada, e as reformas completamente planejadas, como o crescimento das cidades, de certa forma até um pouco desorganizado, mas dentro das desorganizações, ele conseguiu sempre acolher bem as pessoas.

Como se sente com relação ao Santa Cruz, o que significa para você?

É um amor que a gente nutre desde criança, desde pequeno, mas com certeza os recentes resultados, recentes e aí uma aspa de 17 pra cá, só acumulando fracassos, desilusões, até os anos que você almejava, num intervalo de 7 anos, tiveram apenas um ou dois anos minimamente bons, que você até imaginava que teria um sucesso, mas foram decepções na hora h, nas horas decisivas, mas acho que só um ano mesmo que você realmente via um time digno, um certo orgulho.

Quais jogos marcaram?

Tem vários jogos marcantes, bons e ruins. O primeiro episódio mais marcante que tive no Arruda foi um clássico Santa Cruz x Sport, tinha mais de noventa mil pessoas, o jogo foi empate, me marcou pela quantidade do número de pessoas, a dificuldade pra chegar no estádio, enfim. Depois teve alguns sucessos recentes, um acesso pra primeira divisão, jogos contra times grandes, que a gente quando pequeno só via pela tv, mais pra frente outro acesso, com um time que tinha grande futebol, foi campeão pernambucano, teve um destaque no Campeonato Brasileiro da segunda divisão, tinha grandes jogadores, jogadores que eram destaques depois, quando saíram do Santa Cruz: Carlinhos Bala, Cléber, Valença – que ainda teve uma carreira curta, mas teve relevância – Andrade, Osmar – teve uma carreira relativamente boa – esses são os principais. Rosembrick, que era um grande jogador, mas não teve uma carreira, mas no Santa Cruz foi muito bem, marcou época naquele time. Depois disso, começou o declínio do time, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011 teve outra época muito boa. A década de 2011 até 2019, a primeira metade foi muito boa, porém, novamente a gente começa a entrar num declínio, acumulo de decepções, derrotas, rebaixamentos, tudo isso vai amargurando o sentimento com o time, mas todo ano quando começa o ano, se renovava a esperança, renovava aquela chance do clube se reerguer, mas nos últimos dois, três anos, as decepções foram tão grandes, e acumuladas por esse hiato de vitórias, de sucesso, acho que a torcida se encontra, no geral, muito desapegada do clube. Acaba sendo um certo desapego. Porque todo mundo tem suas vidas, seus compromissos, e antes o futebol tinha um grande destaque na sociedade. E acho que, o torcedor brasileiro, ele é muito do quando o time tá bem, ele abraça e veste, gasta dinheiro, fomenta aquele clube, mas quando ele (o time) não tá bem, ele tem uma capacidade de desapegar daquilo. E, a torcida do Santa Cruz não era assim, porém, nesse segundo período mais difícil do clube, o primeiro foi em 2007 à 2010, a torcida abraçava a cada decepção, com mais força, mas nessa segunda fase, a torcida tem deixado o clube tentar andar pelas próprias pernas, não tem tido o mesmo amor, o mesmo sentimento de

querer puxar o clube pra cima, junto também com as decisões administrativas. Acho que também isso influencia muito, se houvesse uma gestão um pouco mais limpa, acho que os torcedores teriam um pouco mais de empatia pra poder ajudar o clube.

Considerações finais?

(Na vida sem o Santa Cruz) Há um desapego geral com o esporte, deixo de acompanhar o futebol nacional, só os jogos importantes. Dá um desapego do futebol, você fica desligado do esporte. A vida sem o Santa Cruz é difícil, porque era uma rotina quando o clube tinha um calendário minimamente normal dentro do parâmetro do futebol brasileiro. Era um local onde sempre frequentávamos, eu com meus familiares, sempre frequentávamos, tava dentro da agenda da semana. Ou assistir junto dentro de casa, ou ir ao estádio. Então, acaba sendo um hiato nas agendas das nossas vidas, além de ser um local de confraternização, de estreitamento de laços, (a realidade do clube) é uma coisa triste, não deixa de ser uma coisa triste, que deixa de ter uma união familiar, fora a residência, por conta do time que não tem mais jogos, não tem mais campeonatos pra disputar, enfim, já tá há três meses sem jogar, e vai ficar mais três meses sem jogar, só em janeiro (de 2024), até lá, é um completo hiato, sem a gente saber o futuro do time, é basicamente isso, é uma ausência, uma lacuna na vida da pessoa que não tem como ser preenchida, você tenta preencher com outras atividades não relacionadas ao futebol.

Anexo 4: Entrevista torcedor 3:

Como se tornou torcedor do Santa Cruz?

Me tornei torcedor do Santa Cruz, aquela coisa, de pai pra filho, e não só de pai pra filho. Como eu morava num bairro muito próximo ao Arruda, a comunidade da Bomba do Hemetério, que é muito próximo do bairro do Arruda, que é o bairro de Água Fria, aí eu comecei a gostar de se tricolor. E uma coisa que me chamava atenção também na época, eu como desenhista, eu achava muito interessante o escudo do Santa Cruz, que era diferenciado de muitos clubes brasileiros. E se botar todos os escudos brasileiros, vai ver que tem umas coisas muito próximas uma da outra, e o Santa Cruz é muito diferenciado, e isso é uma coisa que me chamou muita atenção, e fez com que eu também torcesse pelo Santa Cruz, também pelas três cores, que eu gosto das três cores, o vermelho, preto e branco realmente entrou no sangue, na raiz, por esse motivo que me tornei (torcedor).

Costuma ir a jogos do Santa Cruz?

Costumava muito ir a jogos com meu pai, a gente sempre ia a jogos, só teve um jogo que tava doido pra ir e não consegui, que foi justamente Santa Cruz x Santos (SP), de Pelé, e o estádio tava lotado, o campo não era ainda o arrudão que é hoje, aí eu fiquei de fora. Como era tão perto, eu voltei pra casa sozinho, andando, e meu pai conseguiu entrar, mas foi muito interessante esse momento.

Como se sente no Estádio do Arruda?

É muito bom você ir a campo de futebol, é uma energia positiva, é uma energia, é uma torcida que tem uma massa muito boa, uma gama muito boa de torcedores, e que anima, é uma distração, é pra ser cada vez melhor, tirando essas torcidas organizadas, e essas violências a parte. Mas é muito bom futebol, é uma distração, é uma higiene mental pra quem trabalha a semana todinha ralando, quer ver alguma coisa diferente, não tem uma coisa sem igual não do que ir pra campo de futebol não.

A sensação de tá no Arruda, é muito bom, porque você ver gente que nunca viu, contagia, você conversa com uma pessoa do lado, que tá sentada abaixo ou acima de você. Até pessoas de fora mesmo, como eu já assisti um jogo no Arruda, que quando vi tava um argentino lá, torcendo pelo Santa Cruz, achei muito interessante. Eu bem mais jovem, tava lá assistindo o jogo, quando eu vi, a gente começou a falar do futebol do Santa Cruz tudinho, e a gente trocou muitas ideias, porque a energia é muito positiva, a energia do futebol não tem coisa melhor não.

Quais jogos considera marcante?

O que mais marcou, não lembro exatamente o ano (1975), foi Santa Cruz x Cruzeiro (MG), nós estávamos muito perto de chegar numa final de brasileiro. Foi um jogo que foi muito marcante, porque “pra variar” “fomos garfados” naquele jogo, naquele momento. Mas foi um jogo muito bom contra o Cruzeiro.

Como percebe o momento atual do clube?

É uma fase muito difícil, pra quem ver o time que o Santa Cruz foi, de revelar jogadores, como Givanildo que jogou na Seleção Brasileira, e outros como Nunes, e a gente, e fomos artilheiros do período da Série A, tínhamos o Ramon que foi uma referência, você ver aquela história todinha que o Santa Cruz passou, com tanto bons jogadores, tanta revelação boa, Ricardo Rocha, um dos últimos, Rivaldo que foi campeão

pela Seleção Brasileira, e você ver o time de hoje em dia assim é lamentável né, é lamentável, porque a gente saber que chegou no fim do poço, por questões administrativas e de desorganização. Muito ruim o cenário, para o futebol brasileiro, eu não resumo pra Pernambuco não, o futebol brasileiro, que é menos um time de uma camisa muito forte, e hoje tá nessa situação.

Como percebe a torcida do Santa Cruz?

A torcida do Santa Cruz, é uma torcida que realmente é uma torcida fiel, porque pra um time que já vem há vários anos na Série D, e até aí nos últimos jogos botar mais torcedor que muitos times de Série A, Série B nem se fala, mas da Série A? A gente se igualar com algumas torcidas de Série A, é uma coisa fantástica, muitos time gostaria de ter uma torcida feito essa, porque eu acredito que certos time se cair pra uma situação dessa do Santa Cruz, não faz o que a torcida do Santa Cruz faz, eles são muito fieis, torcedores gostam do time, têm realmente uma paixão, ser tricolor pernambucano, porque o tricolor tem vários, mas o pernambucano é um negócio de muita raça, é, de muita garra, povo que acredita mesmo nas três cores do Santa Cruz Futebol Clube.

Como compreende a estrutura do Estádio do Arruda?

O Estádio do Arruda é um dos maiores estádio brasileiro né, que é um estádio fantástico, que o clube hoje, fica até difícil falar isso porque, a gente tem uma torcida que tem um estádio desses, que é um dos maiores, e voltando ao caso, a nossa diretoria deixar fazer com que o time se acabe desse jeito, não tem nenhum respeito com a torcida, e com o monumento que é o Arruda, conhecido como Estádio José do Rego Maciel, o Arrudão. Poucos estádios têm uma sede, um campo tão bom como o do Santa Cruz. Tanto campo de várzea aí, e o Santa Cruz com um monumento daquele, e a gente sem time, é simplesmente lamentável, é lamentável ter um estádio grandioso daquele, que onde recebemos Seleções Brasileiras, e foi onde teve o maior número de torcedores, e dali a seleção rumou pra uma copa e trouxe o título, é muito triste ver hoje o Estádio do Arruda abandonado.

Considerações finais?

Eu como tricolor, desde 86 eu já tinha carteira de sócio do Santa Cruz, frequentava as dependências do Santa Cruz, o parque aquático, já ia de manhã cedo pro parque aquático depois ficava até a hora do jogo, assistia o jogo, assistir vários jogos

maravilhosos, onde o Santa Cruz enfrentou tanto time bons, e hoje tá numa situação dessa, é lamentável, um time com uma grande camisa, com uma grande torcida, com uma grande massa, ontem tem vários títulos, já bateu na trave várias vezes, bateu na trave pra ser campeão brasileiro, mas infelizmente não deu, e depois cair em decadência, simplesmente lamentável, é coisa muito triste ver um time hoje nessa situação, é uma coisa como se eu tivesse, é, de luto, por um time não tem uma série pra jogar, infelizmente eu encerro esperando que a diretoria posicione aí, tamos agora por sinal, escutei na rádio, que tamos aí no sub20 vê, um time que tá numa situação que tá o Santa Cruz, e os jogadores vão disputar essa semana uma colocação no sub20, mas você ver que é um time que tem muito amor, porque senão esses jogadores que tão lá, que são muitos eles, prata da casa, e querem levantar o Santa Cruz, enquanto a diretoria fica omissa, não dá nenhuma declaração, até esse momento não tô sabendo de declaração do que eles vão fazer com o Santa Cruz né, mas hoje mesmo assim tá lá o pessoal lutando pra o sub20 e erguer essa camisa do Santa Cruz da sub20 agora, é lamentável, eu só tenho a lamentar que com toda essa história, o Santa Cruz volte ao patamar que deveria estar.

Anexos:

Anexo 1: Parecer aprovado do Comitê de ética:

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Simbolizando o estádio pelos ritos do torcer: o caso da relação da torcida do Santa Cruz F.C. com o Estádio do Arruda

Pesquisador: Sylvio Fausto Gil Filho

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 62321722.0.0000.0214

Instituição Proponente: Universidade Federal do Paraná - Ciências Humanas e Sociais

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.671.000

Apresentação do Projeto:

APRESENTAÇÃO DO PROJETO

Não há dúvidas de que o futebol é um fenômeno altamente relevante em um contexto global, sendo assim, naturalmente associável ao espaço geográfico. Estas associações podem ser observadas sobre diferentes perspectivas, como econômicas, sociais, urbanas, ambientais e culturais. Sobre a última, se pode constatar diversas demonstrações de culturas do futebol, atreladas ao espaço geográfico, como por exemplo, ser possível pensar a relação de torcidas com o estádio, visível principalmente em dias de jogos, mas que também pode se manifestar em outras circunstâncias. Durante as partidas esportivas, há a ocorrência de diversos tipos de manifestações provocadas pelas torcidas dentro dos estádios, que revelam um envolvimento entre o público na arquibancada, e o clube, representado nas figuras de atores como jogadores, que são quem efetivamente decidem o resultado. Nestas relações, os torcedores podem ser vistos como principais representantes dos clubes, sendo considerados muitas vezes, principal patrimônio do clube. A partir disso, é viável pensar que os estádios possuam uma dimensão simbólica, com muitos significados para os torcedores, inclusive emocionais, permitindo em muitos casos, que o estádio tenha uma centralidade simbólica nas vidas de certos torcedores. Desta maneira, o estádio pode ser lido enquanto um espaço no qual os frequentadores possuem vínculos afetivos. Contudo, por ser prioritariamente um espaço esportivo, há no estádio um caráter lúdico, ou agônico, que o diferenciaria de outros tipos de espaços simbólicos. Pensando nisto, por meio da relação da

Endereço: Subsolo Setor de Ciências Sociais Aplicadas, sl SA.SSW.09, Av. Prefeito Lothário Meissner, 632- Campus
Bairro: Jardim Botânico **CEP:** 80.210-170
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3360-4344 **Fax:** (41)3360-5001 **E-mail:** cep_chs@ufpr.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS



Continuação do Parecer: 5.671.000

torcida com o estádio do clube, esta pesquisa objetiva compreender a caracterização do Estádio do Arruda enquanto espaço simbólico através das espacialidades de torcedores do Santa Cruz. Com esta pesquisa, espera-se contribuir nas reflexões acerca do futebol na geografia, principalmente sobre a perspectiva humanística, atenta aos vínculos entre pessoas e os espaços vivenciados.

HIPÓTESE:

No que se refere a hipótese, considerando que se trata de uma pesquisa fenomenológica-hermenêutica, não há hipóteses fechadas. Contudo, algumas possibilidades podem ser levantadas. A primeira possibilidade, seria que o Estádio do Arruda e seus arredores se tornam um espaço simbólico, por desempenhar o papel comum a estádios, de serem casas de seus clubes e torcedores (GIULIANOTTI, 2012), ou seja, o que tornaria esse estádio um espaço simbólico, é o fato de ser a casa do Santa Cruz e sua torcida. Outra possibilidade seria que o torna o Estádio do Arruda em uma efetiva casa do clube e de seus adeptos, é a histórica relação entre estádio-clube-torcida, que foi sendo construída ao longo dos anos, marcada por episódios como a participação popular da torcida na construção do estádio (ROCHA, 2014). Além disso, as espacialidades realizadas pelos torcedores também podem ser vistas como elementos que criam significados e reforçam vínculos entre esses sujeitos com o clube e o Estádio do Arruda. Exemplo disso, podem ser as espacialidades que ocorrem nas vivências que cada indivíduo experiencia em jogos, nos encontros com torcedores fora do estádio, antes e depois dos jogos, até o momento de participar em coautoria nas partidas de futebol, através da ação de torcer (ROSENFELD, 2013).

METODOLOGIA PROPOSTA:

O processo metodológico que conduzirá esta pesquisa envolve revisões documentais, bibliográficas e audiovisuais, acerca dos processos históricos que envolvem a relação entre a torcida do Santa Cruz e o Estádio do Arruda. Além disso, as revisões bibliográficas serão realizadas na busca por referências teóricas a respeito de conceitos que fundamentam esta pesquisa. Empiricamente, se realizarão atividades de campo focadas em realizar observações participativas e entrevistas com torcedores.

Através da observação participante (SPRADLEY, 1980), espera-se uma integração entre o pesquisador e os grupos de torcedores do Santa Cruz. Pois deste modo, espera-se vivenciar o Estádio do Arruda e seus arredores, acompanhando as atividades realizadas e a maneira como os

Endereço: Subsolo Setor de Ciências Sociais Aplicadas, sl SA.SSW.09, Av. Prefeito Lothário Meissner, 632- Campus
Bairro: Jardim Botânico **CEP:** 80.210-170
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3360-4344 **Fax:** (41)3360-5001 **E-mail:** cep_chs@ufpr.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS



Continuação do Parecer: 5.671.000

espaços nas arquibancadas são vivenciados pelos grupos de torcedores. Neste sentido, há contribuições interessantes que proporem como fatos que influenciam a experiência no estádio e as formas de apropriação do mesmo, os seguintes elementos: 1) A configuração do próprio estádio; 2) A localização do estádio no espaço urbano; 3) O acesso ao mesmo; 4) Os locais ocupados pelos torcedores; 5) Relações de gênero, classe social e idade 6) Os sujeitos envolvidos; 7) O desenvolvimento da partida; 8) As manifestações ocorridas nas arquibancadas (SILVA e CAMPOS, 2020). Evidentemente, que não é necessário seguir toda esta proposta dos autores, contudo, levar estes elementos em considerações nas observações, mas também nos diálogos com torcedores, poderá contribuir para a pesquisa.

As entrevistas, por sua vez, serão realizadas com grupos de sujeitos pertencentes a torcida do Santa Cruz em dias de jogos, de forma semiestruturada, por pautas, com registro por meio de anotações e gravações que serão posteriormente transcritas, sendo preservadas durante o período de cinco anos após o término da pesquisa. Neste sentido, se espera dialogar com torcedores que frequentam os diversos setores do estádio, bem como, membros de diferentes torcidas organizadas, torcedores simbólicos, e torcedores que trabalham no evento do jogo. As pautas gerais que serão trabalhadas são: 1) Historicidade de frequência no Estádio do Arruda; 2) Frequência nos jogos em uma temporada esportiva; 3) Pontos de preferência para espacialização dentro e fora do estádio; 4) Como o estádio e os seus arredores são vivenciados; 5) Experiências marcantes vivenciadas no estádio; 6) Percepções acerca da experiência de frequentar o estádio; 7) Importância pessoal do Santa Cruz e o Estádio do Arruda na vida dos sujeitos. Através dos dados obtidos por estas entrevistas, aliados aos resultados das observações participativas e os fundamentos teóricos e históricos obtidos nas revisões documentais, se espera poder compreender parte das percepções dos torcedores, das relações dos mesmos com o estádio e os significados que permeiam essas relações.

A escolha dos voluntários será feita a partir do método bola de neve, devido a ampla diversidade de torcedores do Santa Cruz. O método consiste na localização de informantes-chave que se adequam ao necessário para as entrevistas. Estes informantes-chave indicarão outros indivíduos a serem entrevistados com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente até o quadro de amostragem se tornar saturado (BECKER, 1993). No caso da presente pesquisa serão selecionados dois informantes-chave, buscando formar diferentes redes de contato.

Endereço: Subsolo Setor de Ciências Sociais Aplicadas, sl SA.SSW.09, Av. Prefeito Lothário Meissner, 632- Campus
Bairro: Jardim Botânico **CEP:** 80.210-170
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3360-4344 **Fax:** (41)3360-5001 **E-mail:** cep_chs@ufpr.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS



Continuação do Parecer: 5.671.000

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO GERAL:

Compreender a caracterização do Estádio do Arruda enquanto espaço simbólico através das espacialidades da torcida do Santa Cruz.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar como se formam as relações entre torcedores do Santa Cruz com o clube em questão, e o Estádio do Arruda;
- Entender de que modo o afastamento do Estádio do Arruda, durante a pandemia, impactou a relação da torcida do Santa Cruz com esse espaço;
- Observar as ocupações dos espaços realizadas pelos torcedores do Santa Cruz em dias de jogos;
- Averiguar a formação de vínculos afetivos da torcida do Santa Cruz com o Estádio do Arruda e os significados simbólicos dessa relação.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS:

Quanto aos possíveis riscos inerentes ou decorrentes da pesquisa, pode haver constrangimento em responder as perguntas na entrevista, provocando no entrevistado desconforto. As possibilidades são baixas, considerando que as pautas da entrevista não envolvem questões íntimas dos entrevistados. Como forma de amenizar, as entrevistas serão realizadas com o consentimento do entrevistado, em local e condições em que o entrevistado se sinta confortável.

BENEFÍCIOS:

Em relação aos benefícios, diretos ou indiretos, relacionados a pesquisa, não há benefício direto para os participantes. Indiretamente participantes poderão auxiliar na construção de um conhecimento acerca da relação cultural existente entre a torcida do Santa Cruz, o clube e o estádio, como um benefício para a sociedade e o conhecimento acadêmico.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O cronograma de execução foi apresentado, a coleta de dados inicia em 01/10/22 a 30/10/23 com identificação de dois informantes-chave e 20 torcedores para serem entrevistados. Foi apresentado orçamento basicamente de combustível, alimentação e ingressos do pesquisador. Os dados da presente pesquisa serão coletados durante a rotina dos torcedores, nos arredores do Estádio, porém caso ocorra tenha algum gasto fora da rotina do entrevistado, este será ressarcido integralmente de suas despesas. E terá a garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. Os critérios para encerramento da pesquisa são a colocação dos

Endereço: Subsolo Setor de Ciências Sociais Aplicadas, sl SA.SSW.09, Av. Prefeito Lothário Meissner, 632- Campus
Bairro: Jardim Botânico **CEP:** 80.210-170
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3360-4344 **Fax:** (41)3360-5001 **E-mail:** cep_chs@ufpr.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS



Continuação do Parecer: 5.671.000

entrevistados em riscos não previstos por este projeto. Ou desistência dos pesquisadores.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com a descrição do projeto, pauta da entrevista com permissão de gravação de imagem e voz, contato do pesquisador e tempo de armazenamento dos dados.

Recomendações:

Nenhuma

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado

Considerações Finais a critério do CEP:

01 - Solicitamos que sejam apresentados a este CEP, relatórios semestrais (a cada seis meses de seu parecer de aprovado) e final, sobre o andamento da pesquisa, bem como informações relativas às modificações do protocolo, cancelamento, encerramento e destino dos conhecimentos obtidos, através da Plataforma Brasil - no modo: NOTIFICAÇÃO. Demais alterações e prorrogação de prazo devem ser enviadas no modo EMENDA. Lembrando que o cronograma de execução da pesquisa deve ser atualizado no sistema Plataforma Brasil antes de enviar solicitação de prorrogação de prazo.

Emenda – ver orientações em nossa página: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/comite-de-etica-em-pesquisa-em-ciencias-humanas-e-sociais/>.

02 - Importante (Caso se aplique): Pendências de Coparticipante devem ser respondidas pelo acesso do Pesquisador principal.

Para projetos com coparticipante que também solicitam relatórios semestrais, estes relatórios devem ser enviados por Notificação, pelo login e senha do pesquisador principal no CAAE correspondente a este coparticipante, após o envio do relatório à instituição proponente.

03 - Para TCLE

Favor inserir em seu TCLE e TALEo número do CAAE e o número deste Parecer de aprovação, para que possa aplicar aos participantes de sua pesquisa, conforme decisão da Coordenação do

Endereço: Subsolo Setor de Ciências Sociais Aplicadas, sl SA.SSW.09, Av. Prefeito Lothário Meissner, 632- Campus
Bairro: Jardim Botânico **CEP:** 80.210-170
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3360-4344 **Fax:** (41)3360-5001 **E-mail:** cep_chs@ufpr.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS**



Continuação do Parecer: 5.671.000

CEP/CHS de 14 de setembro de 2022.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1958279.pdf	18/08/2022 17:18:38		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	05_Projeto_Detalhado_v2.doc	18/08/2022 17:17:35	MATHEUS SEVERO RAMOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	04_TCLE_v2.doc	18/08/2022 17:17:12	MATHEUS SEVERO RAMOS	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	08/08/2022 10:22:18	MATHEUS SEVERO RAMOS	Aceito
Outros	03_Analise_merito.pdf	26/07/2022 15:24:27	MATHEUS SEVERO RAMOS	Aceito
Outros	02_Ata_colegiado.pdf	26/07/2022 15:24:08	MATHEUS SEVERO RAMOS	Aceito
Outros	01_Carta_encaminhamento.pdf	26/07/2022 15:23:44	MATHEUS SEVERO RAMOS	Aceito
Outros	00_Checklist.pdf	26/07/2022 15:23:19	MATHEUS SEVERO RAMOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CURITIBA, 28 de Setembro de 2022

Assinado por:
LORIANE TROMBINI FRICK
(Coordenador(a))

Endereço: Subsolo Setor de Ciências Sociais Aplicadas, sl SA.SSW.09, Av. Prefeito Lothário Meissner, 632- Campus
Bairro: Jardim Botânico **CEP:** 80.210-170
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3360-4344 **Fax:** (41)3360-5001 **E-mail:** cep_chs@ufpr.br

Anexo 2: Tabela com informações sobre os entrevistados:

Idade	Gênero	Setor do Estádio de mais vivências
26 anos	Mulher	Arquibancada do Escudo
33 anos	Homem	Arquibancada do Escudo
32 anos	Homem	Arquibancada do Escudo
61 anos	Homem	Arquibancada do Escudo

Anexo 3: Tabela sobre os jogos nos quais foram realizadas atividades de campo:

Data	Partida	Campeonato	Setor acompanhado
19/03/2022	Santa Cruz 3x0 Caruaru City/PE	Campeonato Pernambucano 2022	Arquibancada do Escudo
23/04/2022	Santa Cruz 1x2 ASA/AL	Campeonato Brasileiro Série D 2022	Arquibancada da Barra da Rua das Moças
22/05/2022	Santa Cruz 2x1 CSE/AL	Campeonato Brasileiro Série D 2022	Arquibancada do Escudo
05/06/2022	Santa Cruz 1x0 Sergipe/SE	Campeonato Brasileiro Série D 2022	Arquibancada do Escudo
19/06/2022	Santa Cruz 0x2 Jacuipense/BA	Campeonato Brasileiro Série D 2022	Arquibancada do Escudo
03/07/2022	Santa Cruz 1x0 Juazeirense/BA	Campeonato Brasileiro Série D 2022	Arquibancada do Escudo
16/07/2022	Santa Cruz 1x1 Lagarto/SE	Campeonato Brasileiro Série D 2022	Arquibancada do Escudo

24/07/2022	Santa Cruz 0x0 Retrô/PE	Campeonato Brasileiro Série D 2022 – Segunda fase	Arquibancada do Escudo
07/08/2022	Santa Cruz 0x0 Tocantinópolis/TO	Campeonato Brasileiro Série D 2022 – Terceira fase	Arquibancada do Escudo
12/01/2023	Santa Cruz 1x1 Afogados/PE	Campeonato Pernambucano 2023	Arquibancada do Escudo
15/01/2023	Santa Cruz 3x3 Náutico	Campeonato Pernambucano 2023	Arquibancada do Escudo
26/01/2023	Santa Cruz 1x0 Caruaru City/-PE	Campeonato Pernambucano 2023	Arquibancada do Escudo
29/01/2023	Santa Cruz 1x1 Maguary	Campeonato Pernambucano 2023	Arquibancada do Escudo
05/03/2023	Santa Cruz 3 x1 Sampaio Corrêa/MA	Copa do Nordeste 2023	Arquibancada da Barra do Canal
25/03/2023	Santa Cruz 3x1 Central	Campeonato Pernambucano 2023	Arquibancada da Barra do Canal
08/05/2023	Santa Cruz 1x0 Iguatu/CE	Campeonato Brasileiro Série D 2023	Arquibancada do Escudo
21/05/2023	Santa Cruz 1x0 Campinense/PB	Campeonato Brasileiro Série D 2023	Arquibancada do Escudo
03/06/2023	Santa Cruz 1x0 Sousa/PB	Campeonato Brasileiro Série D 2023	Arquibancada Superior
08/06/2023	Santa Cruz 0x0 Pacajus/CE	Campeonato Brasileiro Série D 2023	Arquibancadas Sociais
14/06/2023	Santa Cruz 3x0 Globo/RN	Campeonato Brasileiro Série D 2023	Arquibancada Superior

01/07/2023	Santa Cruz 2x2 Nacional/PB	Campeonato Brasileiro Série D 2023	Arquibancadas Sociais
16/07/2023	Santa Cruz 1x1 Potiguar/RN	Campeonato Brasileiro Série D 2023	Cadeiras Cativas
11/01/2024	Santa Cruz 2x0 Maguary/PE	Campeonato Pernambucano 2024	Arquibancadas Sociais
27/01/2024	Santa Cruz 1x2 Náutico/PE	Campeonato Pernambucano 2024	Cadeiras Cativas